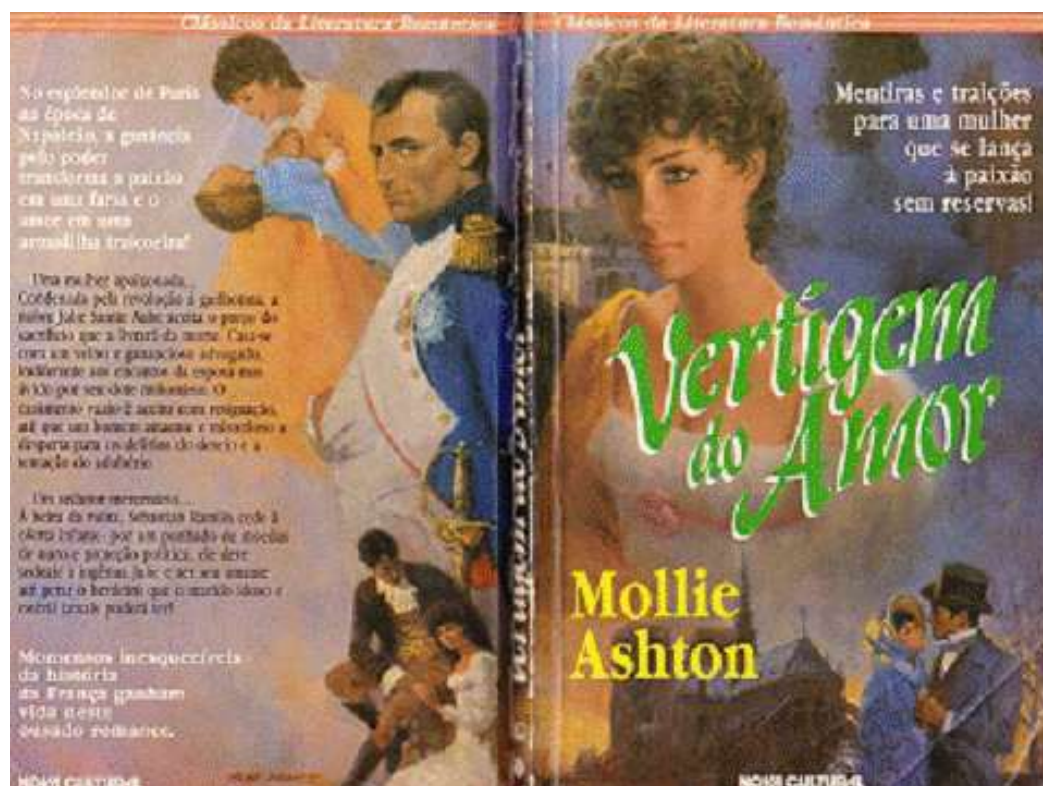


# VERTIGEM DE AMOR

Terms of surrender

*Mollie Ashton*



Uma mulher apaixonada... Condenada pela revolução à guilhotina, a nobre Julie Sainte Aube aceita o preço do sacrifício que a livrará da morte. Casa-se com um velho e ganancioso advogado, indiferente aos encantos da esposa mas ávido por seu dote milionário. O casamento vazio é aceito com resignação, até que um homem atraente e misterioso a desperta para os delírios do desejo e a tentação do adultério.

Um sedutor mercenário... À beira da ruína, Sebastian Ramlin cede à oferta infame: por um punhado de moedas de ouro e proteção política, ele deve seduzir a ingênua Julie e ser seu amante até gerar o herdeiro que o marido idoso e estéril jamais poderá ter!

Disponibilização do livro: Valeria

Digitalização: Joyce

Revisão e formatação: Ana Ribeiro





## PRÓLOGO

### Paris — Ano II da República. (Fevereiro de 1794)

Sou Marie-Louise Juliette de Sainte Aube, Julie para os amigos. Todo este horror não passa de um terrível pesadelo, é apenas um sonho mau que logo terminará. Quando eu abrir novamente os olhos, estarei segura no meu pequeno quarto em Sainte-Martine.

Ela ergueu a cabeça, oferecendo o rosto para o vento gelado e úmido que chegava até os ossos. Talvez o frio que insensibilizara as mãos descobertas e os lábios trêmulos conseguisse infiltrar-se pela capa de lã pesada e pelo vestido de cashmere, e atingisse seu coração, amortecendo o terror e o pânico.

Não podia bloquear os outros sentidos através da força de vontade com que conseguia manter os olhos fechados. Como não ouvir o estalar do chicote, o som dos cascos sobre as pedras do calçamento e principalmente os gritos de provocação e as obscenidades da plateia ávida por sangue que se aglomerava nas ruas para aumentar, com seus insultos, a degradação dos culpados de um crime ambíguo? E como não tocar a madeira áspera das hastes que rodeavam a sinistra carreta se, a cada instante, precisava agarrar-se para não cair com os frequentes solavancos? Entretanto, seria suficiente apenas o olfato para destruir suas ilusões fugazes e colocá-la diante da realidade implacável: bastava apenas abaixar a cabeça e sentir o inconfundível odor da tragédia.

Havia quarenta aristocratas na carroça que há pouco tempo usava-se para levar porcos ao matadouro. De pé, sem curvar os ombros e com a cabeça erguida em desafio, eles ocultavam o medo sob uma máscara de ódio e arrogância, mas nem a mais cara essência disfarçaria o cheiro de pavor, o perfume fétido do pânico. Por isso ela erguia o rosto em busca do vento, bem-vindo por sua frieza purificadora, e tentava fugir do inevitável repetindo um monólogo no qual lutava para acreditar.

...estou na minha cama em Sainte-Martine e logo vou acordar, livre deste trágico pesadelo. Sou Julie, Marie-Louise Juliette de Sainte Aube e o sonho mau terminará...

Então, sua última defesa foi derrubada quando a carroça parou inesperadamente. Apesar de todos os seus esforços, não conseguiu manter os olhos fechados e, ao abri-los, o pesadelo continuava a atormentá-la. Tinham chegado ao local mais trágico da cidade dominada pelo terror, e dezenas de soldados, com baionetas em riste, impediam que os desordeiros chegassem mais perto dos condenados. Nas pedras cinzentas do chão da praça desenhava-se a sombra esguia da fatídica guilhotina.

Agora só lhe restava aceitar seu destino e enfrentar a morte com dignidade. O contrato de casamento que a livraria da punição reservada aos membros da nobreza e o contrato pré-nupcial visando a preservação das extensas propriedades da família Sainte Aube não tinham sido apenas um sonho. Ela fora chamada a Paris, assinara os papéis que garantiriam sua proteção, mas o plano de seu pai falhara e de nada adiantara o esforço desesperado para salvá-la. Diante do cadafalso, tudo perdia o significado a não

ser a missa que assistira na sinistra Conciergerie e sua última comunhão antes de enfrentar o carrasco.

— Ah, eis a "madame" guilhotina — murmurou um rapaz de casaca azul-celeste. — Abençoada seja a dama sem emoção cujo abraço fatal é piedosamente rápido. Dizem que não há tempo nem para sentir dor, pois, num momento está se ouvindo os insultos dos sans-culottes e, no outro, o coro celestial dos anjos... se o seu destino for o céu...

Um grito mais alto superou o alarido da multidão.

— Claude Henri de Vincennes Chaumier, aristocrata, parasita, inimigo do povo da França!

Ao ouvir a voz do soldado que dirigira a carreta dos condenados à morte, Claude Henri virou-se para ela, com um sorriso altivo.

— Estão me chamando, mademoiselle. Tenha coragem, pois tudo terminará em poucos segundos.

Como se dançasse um fúnebre minueto, o rapaz desviou-se dos seus companheiros de infortúnio até encontrar dois soldados de uniformes imundos que o retiraram da carroça.

Incapaz de acompanhar a trágica caminhada do desconhecido à guilhotina, Julie virou a cabeça e viu, pela primeira vez, a mulher ao seu lado que, como ela, pagaria com a vida o crime de ter sangue nobre. A senhora esguia, com postura majestosa de uma verdadeira rainha, a fitava com altivez, e seus olhos azuis já não exprimiam nem esperança nem medo, refletindo apenas a indiferença da resignação. O vestido de seda verde, sujo e rasgado, realçava a peruca impecavelmente branca.

— O novo governo que se prepare para responder a sua selvageria — murmurou ela, observando a cena com seu olhar distante e conformado. — Deus ajude a França se...

O ecoar dos tambores, sobrepujando os outros ruídos, foi seguido por um silêncio total e apavorante. Então, com o estrondo brutal e inesperado de um tiro de canhão, a lâmina bateu no suporte de madeira, anunciando o cumprimento de sua missão.

Julie sentiu um grito formar-se em seu peito, mas nenhum som alcançou seus lábios além de um suspiro inaudível. A sua volta, a multidão gritava sem muito entusiasmo, até que algo despertou brados eufóricos e de nada lhe adiantou lutar contra a visão que se formava em sua mente. Sabia que, na base do cadafalso, havia um saco de estopa e o carrasco sempre retirava dali a cabeça do nobre executado para expor o troféu diante dos ávidos espectadores. A cena mórbida provocava, invariavelmente, um rugido feroz de aprovação.

O que acontecera com a França? Já não existiam decência nem humanidade em seu país?

— Marie-Louise Juliette de Sainte Aube!

Ao reconhecer seu nome, ela virou-se lentamente na direção da voz que a chamava para enfrentar o último ato da tragédia. Admirada, percebeu que recuperara a lucidez e caminhava com serenidade e passos firmes para a morte. Então era assim que tudo terminava? Sem vontade própria, como um fantoche manipulado por mãos habilidosas que a dirigiam com toda a facilidade até os guardas?

Mas, ao chegar à rampa formada pela parte traseira da carroça, Julie parou, incapaz de dar mais um passo. Fora envolvida por uma paralisante apatia que imobilizara suas pernas e a privara de raciocínio. Iria desmaiar? Talvez seu corpo, antecipando o descanso final, estivesse se libertando das forças vitais? Ela não pretendia lutar contra essa sensação de amortecimento, pois só assim conseguia dominar o terror. Logo a retiraram da carroça, mas seria arrastada porque não teria condições de caminhar sozinha até a guilhotina.

Julie perdera a noção do tempo e do espaço e custou muito a perceber que já estava há alguns minutos imóvel ouvindo ruídos incompreensíveis. Então reconheceu o

som de vozes altercadas e, aos poucos, as palavras ficaram mais claras. Forçando-se a retornar à realidade, viu que o guarda encarregado de conduzir os condenados discutia com um oficial.

— É evidente que houve um engano, cabo. Esta jovem estava por engano na Conciergerie, foi retirada de uma casa particular na ilha de St. Louis. Ela não pode ser executada porque nem sequer teve um julgamento adequado.

— Está pensando que sou idiota, cidadão tenente? Ou será que virou realista? Essa mulher é uma aristocrata nojenta, tem sangue azul nas veias e por isso não precisa de nenhum julgamento. Agora no meu país basta ser nobre para merecer a morte! Recebo todos os dias uma lista com a relação dos condenados e o nome Sainte Aube foi colocado entre os outros malditos sanguessugas do povo. Meu dever é entregá-la ao carrasco. Não há ninguém no mundo que possa livrá-la do abraço "carinhoso" de Madame Guilhotina!

— Acho que você é mesmo um idiota, cidadão cabo. Ainda que seja analfabeto, deve ter capacidade suficiente para reconhecer o selo do Tribunal Revolucionário. Ou deixa de bancar o teimoso e obedece às minhas ordens ou irá enfrentar o cidadão Robespierre para justificar o seu abuso de autoridade!

— Eu sei ler e muito bem, cidadão tenente. E, por acaso, também sei que devo obedecer apenas a meu superior imediato e não a você.

— Seu zelo merece elogio e sem dúvida acabará sendo condenado por cumprir tão bem seu dever, cidadão.

A voz plácida erguendo-se acima do clamor da multidão, com tranquila firmeza, dominou a agitação que começava a percorrer a praça.

— Apesar de suas louváveis qualidades, o cidadão tenente está agindo corretamente neste caso, pois representa o poder supremo da França... o do Tribunal Revolucionário.

O homem que interferia na discussão tinha bem mais de sessenta anos e não era um aristocrata nem um dos desordeiros atraídos pelas execuções. Suas roupas, simples e escuras mas de tecido fino e corte perfeito, demonstravam que ele pertencia à alta burguesia e possivelmente ocupava algum cargo de grande importância na Nova República revolucionária. A sua segurança refletia-se no tom de voz, calmo e ao mesmo tempo firme de alguém que jamais é contrariado.

— Liberte imediatamente esta mulher e devolva o que me pertence, cidadão cabo.  
— A voz agora revelava irritação. — Ela não se chama mais Sainte Aube, agora é a cidadã Julie Farroux, minha esposa.

## **CAPÍTULO I**

### **Paris — Ano VI da República (dezembro de 1797)**

A pequena e aprazível ilha de Saint-Louis poderia ser comparada a um oásis de tranquilidade, flutuando nas águas do Sena, alheia à agitação e aos constantes tumultos de Paris. Há mais de um século, aquele local privilegiado atraía a atenção de ricos burgueses e aristocratas como seu próprio pai, que construíram suas moradias urbanas

nas ruas à margem do rio. As casas altas, estreitas e geralmente de três andares ocultavam sob a austeridade das fachadas o luxo de seus interiores.

A maioria das mansões ao longo da ilha fora construída por arquitetos famosos como Le Vau, um dos criadores do famoso palácio de Versalhes, e Julie esforçava-se para não associar a opulência em que vivia com a tragédia da nobreza. Deliciava-se com a magnífica vista de Paris, descortinada dos quartos do terceiro andar. Das janelas no lado sul, ela avistava a margem esquerda e todo o Quartier Latin, o bairro das antigas universidades e das humildes pensões dos estudantes. Acima da copa das árvores, vislumbrava o movimentado Faubourg Saint-Jacques, e, mais ao longe, os verdes gramados dos Jardins de Luxemburgo.

Em consideração à extrema sensibilidade do marido ao frio, Julie ficara com os quartos de face norte, de frente para o quai de Bourbon. Nos dias sem nuvens, ela ficava horas apreciando a cidade que se espalhava pela margem direita do Sena. Via largas avenidas em contraste com vielas estreitas e tortuosas, espirituais torres de igrejas erguendo-se entre sórdidas tavernas, e imensas construções de pedra clara cuja imponência não conseguia ocultar as ruínas sinistras de Bastilha.

Paris, emoldurada pelos batentes das janelas e entrevista através da ligeira bruma que se erguia do Sena, aparentava ser uma bela pintura e não uma verdadeira cidade. Os diversos tons de cinza e alguns toques de verde suavizavam a realidade, e Julie preferia contemplar essa visão idealizada, ainda sem coragem de se aventurar além dos limites da ilha.

Naquela manhã, porém, não poderia ficar, como sempre, admirando a paisagem distante. A visita da costureira significava que mais uma vez seria obrigada a sair de seu refúgio para enfrentar o mundo. Claudine comparava o vestido pronto com o modelo do qual fora copiado e chamava Julie para comprovar que ela não se esquecera de nenhum detalhe.

Suspirando, ela examinou o modelo que fora escolhido pela costureira. Julie detestava aqueles vestidos de cinturas altas e decotes profundos que deixavam os seios quase nus. Que tipo de mulher ousaria apresentar-se em público praticamente despida? Sem dúvida a maioria das parisienses! Quase todas haviam adotado o novo estilo, publicado pela mais famosa revista de moda desde a época da monarquia, quando chamava-se Madame e tinha sido a publicação favorita de Maria Antonieta. A revolução não afetara o prestígio da revista agora denominada Cidadã e que continuava a ser o árbitro da elegância feminina.

Sem disfarçar a impaciência, Claudine oferecia a cópia do modelo, em musselina branca e translúcida, todo debruado com fitas de cetim para que Julie o experimentasse.

— Por favor, apresse-se se quer que eu termine este vestido para hoje à noite, pois não tenho um minuto a perder.

— Não acha que é um tecido fino demais para esta época do ano, Claudine? — Julie continuava relutante, sem mover-se para pegar o vestido que a costureira lhe estendia. — Ainda está tão frio!

— Que tolice! Não existe nenhum outro tecido que possa substituir a musselina em noites de gala, seja inverno ou verão. É evidente que você usará uma capa de peles até entrar no salão e, depois, o ambiente estará, como sempre, aquecido demais é muito cheio. Então começará o baile e garanto-lhe que, em menos de quinze minutos, irá tirar até o xale de cetim. Agora, por favor... experimente o vestido!

Lançando ainda um último olhar de dúvida para o modelo da revista, Julie começou a desabotoar o vestido simples e austero que usava para ficar em casa.

— Eu errei ao concordar com você na escolha deste vestido, Claudine. Não tenho o corpo certo para esse tipo de roupa, que exige curvas arredondadas e, principalmente, um busto exuberante demais!

— Nenhuma mulher tem essas formas provocantes, tolinha. A aparência final é a



demonstração da arte da costureira e você comprovará o que digo ao colocar o vestido. Vamos! Tire até o corpete, porque esse estilo deve ser usado em cima da pele!

Enquanto Julie se despia, Claudine examinou as curvas de sua cliente com os olhos de uma perita em formas femininas. Aquela jovem possuía o corpo ideal para o estilo do vestido que usaria: seios rijos e altos, pernas longas e esguias e uma cintura tão fina que dispensaria qualquer artifício. No entanto, como nem todas as mulheres tinham sido abençoadas pela natureza, as costureiras mais criativas usavam todo tipo de recursos para obter a silhueta exigida pela moda. Quando ela apertasse os cordões escondidos sob as fitas de cetim, logo abaixo do busto, as pequenas barbatanas, também habitualmente disfarçadas, ergueriam os seios até que transbordassem do decote.

Todos os dias Claudine agradecia a Deus por ter sido poupada pelas terríveis mudanças ocorridas com a Revolução. O mundo se transformara assustadoramente, mas a moda ainda continuava sendo seguida pelas mulheres francesas. Já não existia mais a monarquia, punia-se com a morte quem tivesse um título de nobreza e os requintes da França haviam desaparecido, eliminados pela destruição total de um estilo de vida. O calendário fora alterado e agora o ano começava em setembro, cujo nome mudara para vendemiário! A semana passara a ter dez dias e o dia de repouso era chamado de decadil.

Os revolucionários tinham executado milhares de pessoas para impor mudanças radicais, mas não haviam conseguido acabar com a mais gloriosa tradição francesa: a moda! O período de estagnação fora breve, pois as costureiras estavam novamente cheias de trabalho desde que grandes vitórias militares do general Bonaparte proporcionaram à França um motivo para celebrar. O povo se cansara de viver dias de austeridade e rigor, queriam festas e alegria.

— Pronto, cidadã! — exclamou Claudine, com uma expressão triunfante. — Vá até o espelho e veja quem tem razão!

— Você é um verdadeiro milagre! — Julie não acreditava nos próprios olhos. — Você deve ser mágica, Claudine. Transformou-me em uma mulher voluptuosa, de curvas exuberantes.

— E tem mais! — A costureira segurou a cauda do vestido e, torcendo-a ligeiramente, colocou o diáfano tecido sobre um dos braços de Julie. — Olhe agora!

Incrédula, Julie viu a saia ondulante colar-se a seu corpo, revelando a curva dos quadris e moldando suas pernas como uma segunda pele. A visão de uma mulher sensual e atraente no espelho provocou-lhe uma gargalhada de alegria e o som cristalino de seu riso espalhou-se pelo quarto.

Claudine recuou um passo para admirar sua criação, saboreando aquele momento de raro triunfo. Há mais de três anos ela fazia todos os vestidos daquela jovem e nunca a ouvira rir como agora. Aliás, também era a primeira vez que a cidadã Farroux aceitava exhibir o belo corpo que geralmente escondia sob vestidos muito severos e sem graça.

E como poderia vestir-se de outro modo, tendo por marido um velho com idade para ser seu pai... talvez até seu avô? A encantadora Julie ainda revelava inocência em seu belo rosto e não fora procurar nos braços de outro homem o prazer que sem a menor dúvida não encontrava no leito conjugal.

Claudine seria capaz de jurar que a jovem continuava fiel ao velho e antipático Farroux, mas quem sabe aquele magnífico traje despertaria nela o desejo de seduzir?

O estilo diretório fora criado para jovens de pernas esguias e busto alto, o ideal para Julie, e o tecido branco realçaria o tom de pele rosado e seus cabelos sedosos, de um castanho dourado que à luz das velas brilhariam como trigais maduros. Claudine gostaria de ver os olhares masculinos percorrerem o corpo sensual daquela jovem de rosto inocente e se fixarem no decote, fascinados com os seios rijos que, mal cobertos pela musselina translúcida, revelariam sua perfeição incomparável.

Claudine Blanchot se entregara a muitos homens e sabia o que Julie estava perdendo ao ser fiel a um marido a quem a idade roubara a potência. Se aquela jovem,

bela e tola, não encontrasse um amante, não seria por culpa daquele vestido provocante e revelador!

Napoleão retornava a Paris coberto de glória. Demonstrara sua genialidade militar conquistando metade da Itália e sua excepcional astúcia diplomática ao conseguir um tratado que garantia o domínio francês sobre todo o mar Adriático e grande parte do Mediterrâneo.

O diretório, criado pela Revolução, começara a perder o apoio popular e, a fim de recuperar seu prestígio, decidira transformar a assinatura do acordo obtido por Napoleão Bonaparte em uma grande cerimônia pública. Desde os dias áureos da fastuosa monarquia dos Bourbon, havia mais de dez anos, Paris não se revestia do esplendor festivo provocado pela chegada do vitorioso general.

Napoleão seria recebido com todas as honras pelo Conselho dos Quinhentos e dos Anciãos, que formavam a Assembleia Nacional, e pelos cinco membros do Diretório, representando o poder supremo e usando trajes da Roma Antiga. Visando acomodar o maior número possível de espectadores, a cerimônia se realizaria nos jardins de Luxemburgo, diante do imponente palácio que abrigava parte do governo revolucionário.

Guillaume Farroux partira bem cedo, mas os jardins só seriam abertos ao público após o meio-dia. Julie alugara uma carruagem para as onze horas e convidara sua amiga Anne-Marie Cassat a acompanhá-la.

— Guillaume também estará usando toga romana, Julie?

— Só os cinco membros do Diretório têm esse direito. Guillaume foi para o palácio de casaca, como seu pai.

— Mas o general irá apresentar-se em seu uniforme de gala! Você também adora os uniforme dos oficiais, com galões dourados e...

Embora sempre se distraísse com a tagarelice inconsequente de Ane-Marie, Julie espantou-se ao perceber que, pela primeira vez, a euforia daquela jovem solteira e sem problemas a contagiava, despertando seu entusiasmo. O sol brilhava, apesar do frio; a carruagem que alugara era luxuosa e estava ao lado de uma amiga alegre e da sua idade, atravessando o Sena para assistirem juntas a uma cerimônia faustuosa.

Teria finalmente superado os traumas do passado, aceitando a realidade de sua vida onde jamais existiria uma felicidade completa e sim uma serena tranquilidade?

Talvez sua resignação diante de fatos dramáticos mas imutáveis fosse apenas fruto de seu bem-estar físico e não de uma precoce maturidade. Depois de passar mais de um ano atormentada por terríveis pesadelos, com medo de fechar os olhos porque sabia que logo despertaria banhada em suor frio e sufocando um grito de pânico, ela começava a dormir bem, livre de sonhos maus ou bons. As noites repousantes devolviam-lhe o vigor da juventude e, a cada dia, sentia-se mais saudável, otimista e capaz de analisar, com lucidez, a situação em que se encontrava e suas reações íntimas diante da realidade.

Julie conseguira perdoar a personalidade enigmática do pai e aceitara sua própria indiferença à morte dele. Seria hipocrisia sofrer com a perda de alguém que vira tão poucas vezes. Durante sua infância, no castelo de Marduquesnes, convencera-se de que, por algum motivo misterioso, Charles Sainte Aube não a amava. Embora fosse sua única filha, as visitas, raras e muito breves, cessaram após sua ida para o convento de Sainte-Martine. Agora se entristecia por não tê-lo conhecido melhor, porque os últimos atos paternos demonstravam o quanto se preocupara com seu futuro. Ele a deixara protegida, e financeiramente segura, providências de valor impagável em um período em que tantos haviam perdido suas fortunas e até a vida.

As tragédias provocadas pela Revolução haviam ensinado Julie a não se lamentar por motivos pouco importantes. Charles Sainte Aube, um pai distante e indiferente, fora substituído por um marido igualmente insatisfatório. Guillaume Farroux era muito velho,



feito e nem mesmo tinha simpatia ou bom humor, mas exigia pouco dela e não a tratava com grosseria ou brutalidade. O que mais poderia desejar?

A vida roubara muito cedo as ilusões de Julie, deixando em seu lugar urna fria objetividade. Sabia que representava para Guillaume apenas uma cláusula em um contrato, mas era um item extremamente valioso por garantir a seu marido a posse das extensas propriedades da família Sainte Aube, e por esse motivo ele a respeitava.

Era um sentimento recíproco, porque Julie não ignorava que o castelo e as terras de seus ancestrais teriam caído nas mãos dos revolucionários se Guillaume não fosse um advogado brilhante e astucioso, capaz de se adaptar às mais imprevisíveis mudanças políticas. Um acordo apenas, mas que fora vantajoso para ambos: ela escapara da guilhotina através do casamento e essa união transformara o marido em um rico proprietário.

Entretanto, havia momentos, raros e de curta duração, em que os anseios da garota romântica de apenas dezenove anos suplantavam a resignação devotada de esposa, determinada a dedicar-se unicamente ao lar e ao marido idoso. Um encontro ocasional com algum jovem atraente que a fitasse com olhares ardentes despertava sonhos de amor e paixão, fantasias impossíveis mas logo dominadas sem muito esforço. Bastava lembrar-se de que fora salva a poucos passos do cadafalso para sentir-se grata por estar viva e afastar da mente ilusões passageiras.

Julie demonstrava essa gratidão ao marido dentro de suas capacidades. Fora criada para frequentar ambientes muito mais sofisticados e transformara a pequena casa de Saint-Louis em um ponto de encontro dos amigos de Guillaume. Embora já fosse uma anfitriã perfeita, ela lia todos os jornais e panfletos a fim de não envergonhar o marido diante de seus convidados, demonstrando ignorância a respeito das constantes alterações no governo revolucionário. Se a França não estivesse passando por um período tão confuso, que deixava desorientados até os mais argutos políticos, talvez conseguisse se interessar por esse assunto, apesar de preferir arte à política. No entanto, continuava tentando ser uma esposa bem informada e não desistia de suas áridas leituras.

A repentina lentidão da carruagem tirou Julie de seus devaneios a fim de verificar por que estavam quase parados. Tinham chagado à Rue de la Harpe, e essa rua era estreita demais para a multidão de pedestres e a enorme quantidade de coches particulares, de aluguel e até carroças vindas do campo. Entre as árvores, flutuavam faixas que demonstravam o entusiasmo popular diante da volta do jovem general vitorioso.

Napoleão Bonaparte se transformara em um homem famoso da noite para o dia e Guillaume, com sua habitual perspicácia, previa um futuro brilhante para esse militar que, embora nascido na Córsega, se cobrira de glórias em nome da França.

— A religião foi banida e a monarquia destruída em nosso país — dissera Guillaume ao comentar a cerimônia com que o Diretório receberia Napoleão. — O povo precisa de Deus e de um rei, ou pelo menos um líder, e esse jovem militar de personalidade forte e temperamento inflamado chegou no momento exato para se transformar em um herói. Todos anseiam por um ídolo a quem adorar!

Seu marido acertara, como sempre, a julgar por Anne-Marie, que ainda não parara de elogiar o fascinante general.

— Mamãe contou-me que ele tem apenas vinte e oito anos, e olhos negros penetrantes mas ao mesmo tempo românticos! Guillaume já o viu pessoalmente?

— Sim... uma única vez.

— E o que disse?

— Meu marido não costuma fazer comentários frívolos e você sabe disso, Anne-Marie. Ele comentou apenas que Bonaparte não é muito alto e fala com um sotaque bastante pronunciado.

— Bernard também não é muito alto e espero que sapatos de salto baixo continuem na moda, pelo menos até o dia de nosso casamento. — A expressão embevecida de Anne-Marie transformou-se ao voltar os olhos para a amiga. — Não entendo por que você se recusa a discutir comigo a noite de núpcias, Julie!

— Eu já lhe expliquei o motivo dezenas de vezes, Anne-Marie. Esse privilégio pertence a sua mãe.

— Droga! Ela não entra em detalhes, diz apenas que a primeira vez não é nada agradável, mas com o tempo irei me acostumando e talvez até acabe gostando. Isso tudo eu já sabia e sem dúvida deve ser muito bom porque todas as mulheres casadas de Paris têm amantes! Ninguém se arriscaria, voluntariamente, a enfrentar os perigos de uma ligação clandestina se não fosse algo muito excitante!

Virando o rosto para esconder o rubor, Julie começou a falar sobre outro assunto a fim de disfarçar o embaraço.

— Com efeito, Anne-Marie! Esqueceu-se de que é filha de um membro da Assembleia e devia estar preocupada com a situação do nosso país? As vitórias de Napoleão podem ser entusiasmantes, mas a situação continua muito grave. Problemas seriíssimos ameaçam a França. Ninguém sabe o que irá acontecer na próxima semana... e você fica discutindo detalhes da noite de núpcias como se fosse o assunto mais importante do momento!

— É inacreditável! — exclamou Anne-Marie, perplexa. — Acha que eu iria pensar em política quando falta menos de um mês para meu casamento? Este é realmente o assunto mais importante do mundo para mim, Julie! Seja boazinha e pare de me dar lições de moral, sim? Conte-me ao menos como foi a sua noite de núpcias.

Mais uma vez Julie foi obrigada a esconder o rosto para evitar que a amiga notasse algum sinal de sua perturbação.

— Só lhe direi que, tendo chegado a poucos passos da guilhotina, até uma desastrosa noite de núpcias seria o verdadeiro paraíso.

Inconformada com tanta falta de cooperação, Anne-Marie debruçou-se à janela da carruagem a fim de demonstrar o quanto a magoava aquela indesculpável falta de confiança. Embora soubesse que a amiga não se conformaria com mais uma de suas respostas evasivas e logo voltaria a insistir no assunto, Julie sentiu-se feliz por poder usufruir alguns minutos de abençoado silêncio. Aliviada com o acesso de mau humor de Anne-Marie, ela aproveitou para verificar sua aparência. Estavam prestes a chegar aos jardins de Luxemburgo. Então, ao alisar as luvas, sentiu a rigidez da aliança sob o tecido fino e pensou no verdadeiro significado daquele aro de ouro simples mas que simbolizava um relacionamento extremamente complexo.

Quem sabe se no futuro sentiria que podia abrir seu coração? Talvez algum dia, depois do casamento da jovem amiga, quando a amizade entre as duas se aprofundasse, ela revelasse seu segredo. Por enquanto, tinha de guardar para si mesma sua história, esperando o medo terminar e a serenidade se instalar definitivamente em seu coração.

## CAPÍTULO II

### Londres — Dezembro de 1797

A viela, estreita e sombria, passava despercebida pelos transeuntes que percorriam a ampla e luxuosa Park Lane em suas imponentes carruagens. Entre as requintadas mansões de muros altos e grades reluzentes, a antiga e quase esquecida passagem só era procurada por quem apreciava o lado pitoresco de Londres e preferia chegar ao velho "Shephead's Market" da maneira tradicional.

Depois de longos meses no mar, confinado ao convés do veleiro, Sebastian sentia um enorme prazer em caminhar e, como sempre, seu primeiro passeio pela cidade o levava ao antigo mercado dos pastores.

Havia muitos anos aquele local já não reunia os pastores com seus rebanhos, e apenas o nome permanecera. A cidade crescia sem respeitar tradições e o amplo espaço coberto de capim muito verde onde os animais pastavam antes de ser vendidos reduzia-se a uma pequena praça à qual se chegava apenas através da estreita viela. Embora já não se vissem mais carneiros, o comércio continuava ativo nas lojas em torno do pátio de paralelepípedos ocupado pelos feirantes que também ofereciam suas mercadorias. Sebastian adorava passear entre as bancas de frutas e verduras. Durante as viagens, passavam-se semanas em pleno mar entre um porto e outro, obrigando todos a se conformarem com a enjoativa dieta de repolho e nabo em conserva. Assim, sempre que retornava a Londres, ele passava pelo menos uma tarde admirando o verde brilhante dos salsões arrumados com capricho e formando pirâmides perfeitas, sentindo o cheiro doce dos rubros tomates e comprando mais pêras e maçãs do que conseguiria comer e que provavelmente acabaria distribuindo entre as crianças do mercado.

Naquela tarde fria de inverno, seu prazer foi suplantado pela perturbação provocada pelo excesso de mendigos e pálidas mulheres que recolhiam legumes e frutas deterioradas. Ele passara meses longe de Inglaterra, mas agora percebia como a guerra que se prolongava em toda a Europa estava afetando seu país.

Sem lembrar-se de que sua situação financeira exigia austeridade nos gastos, Sebastian começou a distribuir moedas para crianças, velhos e em pouco tempo esvaziou os bolsos de seu sobretudo. A miséria daquelas pobres criaturas, nitidamente famintas, despertava nele uma generosidade excessiva, como se fosse possível eliminar sozinho as desigualdades sociais do mundo.

Enquanto caminhava para seu clube, em Berkeley Square, a expressão de Sebastian refletia a intensa euforia provocada por seu gesto. Talvez fosse insignificante, apenas uma gota de água no oceano, mas, para quem odiava a pobreza como ele, o mais banal dos triunfos significava uma conquista.

— Sempre existirão pobres e ricos, filho — insistia Domenico, preocupado com um idealismo que considerava radical demais. — Seja sempre caridoso, mas não pense que conseguirá mudar o mundo e... por favor, não se arruine tentando alterar o inalterável.

Sebastian reconhecia a sabedoria dos conselhos de Domenico, mas nem sempre conseguia controlar seus impulsos. Fora generoso demais justamente num momento em que devia estar contando cada centavo! Durante dez anos, lutara para colocar uma

grande distância entre ele e a pobreza que tanto odiava. Conseguira uma vida farta e considerava-se bem perto de atingir seu objetivo de riqueza e luxo, quando a última viagem o levava de volta à estaca zero.

Toda a Europa estava em guerra e as alianças entre os países mudaram num piscar de olhos, transformando o comércio marítimo num empreendimento em que as grandes perdas materiais se igualavam aos perigos físicos. Já não se podia calcular com precisão os lucros porque ocorriam alterações imprevisíveis e drásticas a todo momento. As tarifas alfandegárias aumentavam absurdamente, de um dia para outro. Frequentemente, levavam-se cargas preciosas para portos de menor importância para fugir dos impostos exorbitantes, mas restava o problema de pagar o frete das mercadorias, além das incontáveis semanas perdidas em alguma enseada remota para evitar as frotas de navios inimigos.

Sebastian calculara que, com essa última viagem, poderia se tornar o único proprietário do Celestine. A situação política da Europa frustrara seus planos e precisaria vender sua parte, equivalente a um terço do belo navio, a fim de pagar a tripulação, reservando uma quantia mínima para comprar as mercadorias com as quais tentaria recuperar as perdas. Ele entrou no Bensons Gentlemen's Club disposto a distrair-se e não pensar na manhã seguinte, quando seria obrigado a enfrentar Cecil, os credores e o gerente do Lloyd's Bank.

Uma hora mais tarde, Sebastian sentiu as esperanças renascerem. Ganhara cinco guinéus numa partida de gamão, uma quantia irrisória, mas talvez o sinal de que sua sorte mudara. Não se considerava ingênuo a ponto de procurar no jogo a solução de seus problemas, porém jamais se esqueceria de que conseguira seu primeiro capital em uma mesa de roleta.

Agora devia agir como um cavalheiro, oferecendo ao parceiro de jogo um conhaque e a oportunidade de uma nova partida, onde ele pudesse recuperar as perdas. Esse comportamento polido exigiu um certo esforço de Sebastian, que não simpatizara com o francês de expressão arrogante com quem jogara e que, para surpresa sua, pertencia à alta nobreza da França.

O marquês de Sainte Aube não demonstrava a angústia e o sofrimento marcados nos rostos dos aristocratas franceses que se haviam refugiado na Inglaterra, sem dinheiro ou esperanças de retornar a sua terra natal. Com trajes extravagantes e luxuosos, coberto de jóias e extremamente à vontade, ele dava a impressão de ter vindo para Londres para satisfazer um capricho e não porque fugira de uma sangrenta revolução.

— Antes de minha última viagem, conheci muitos compatriotas seus. — Embora o considerasse antipático, Sebastian ficara intrigado com a atitude do marquês. — Agora já não encontrei tantos e ouvi dizer que uma grande parte deles retornou à França. O seu caso é uma exceção?

— Sem dúvida, rapaz. Considero-me inteligente demais para agir como esses tolos que voltaram à França na hora errada. Só retornar quando a dinastia dos Bourbon for restaurada e tivermos um novo rei no trono.

— Acha mesmo que existe essa possibilidade?

— Tenho certeza absoluta. E, enquanto espero, não preciso preocupar-me com minhas propriedades ou minha fortuna. Deixei tudo em boas mãos, portanto, o meu futuro está garantido mesmo se eu for obrigado a permanecer aqui em Londres pelo resto da vida.

O espanto e a curiosidade de Sebastian aumentaram diante daquela declaração. No entanto, evitou insistir no assunto para não agir com vulgaridade, intrometendo-se na vida particular de um desconhecido.

— Eu gostaria que todos esses problemas políticos se solucionassem depressa. A guerra está me arruinando!

— Qual é a sua ocupação, rapaz?

— Dedico-me ao comércio marítimo. Pelo menos até voltar desta última viagem, eu diria que essa era minha profissão. Agora já não sei mais.

— Terras, rapaz! — exclamou o marquês com um sorriso de satisfação. — Lembre-se disso e, quando lhe sobrar algum dinheiro nas mãos, invista em terras. Seu futuro estará garantido.

— É um conselho bastante estranho, principalmente vindo de um francês que deve ter sofrido grandes perdas com a Revolução. Suas propriedades não foram confiscadas como a de todos os nobres?

— Ah! Eu não tenho queixas a esse respeito, nenhuma queixa mesmo! Casei minha filha com um homem cuja posição na nova República impedirá que as propriedades dos Sainte Aube sejam focadas.

— Talvez ele as possa defender agora, mas não é uma garantia definitiva. Quantos governos caíram desde o início da República? Três em três anos! Senti na carne a instabilidade política de seu país porque, quando conseguia fazer um acordo com algum encarregado do comércio marítimo, ele perdia o emprego e geralmente também a cabeça.

O francês inclinou-se sobre a mesa numa atitude conspiradora, quase sufocando Sebastian com seu perfume forte e muito adocicado.

— Governos tomam o poder e são derrubados... mas há homens que sobrevivem a todas as sublevações políticas, e meu genro é desse tipo. Eu o escolhi com muito cuidado, sabe? Ele está tão seguro hoje como quando servia lealmente a Luiz XVI. Creio que foi abençoado com o dom mais útil a qualquer político, a capacidade de permanecer à sombra, aparentemente pouco importante e sem deixar que os demais notem o seu poder quase infinito.

Sebastian tentou, sem sucesso, interromper as confissões do marquês, que não notou nada, cego pela vaidade. Ele não escondia seu orgulho por ter elaborado planos tão perfeitos, criando uma teia diabólica e traiçoeira.

O marquês de Sainte Aube tinha apenas uma filha pela qual nunca se interessara. Após perder a esposa, que morrera de parto, ele entregara o bebê a uma enfermeira e mais tarde a uma sucessão de governantas. A menina invariavelmente passava as férias na Inglaterra, na casa da avó materna e, durante todos esses anos, vira o pai no máximo três vezes.

No auge do período do Terror, o marquês fugira para Londres, deixando a filha, então com dezesseis anos, num convento no vale de Loire. Ele já estava a salvo do outro lado do canal da Mancha, quando seu mensageiro foi procurá-la, exigindo que se dirigisse imediatamente até Paris onde assinaria um contrato de casamento através do qual a jovem salvaria o pai da guilhotina e, ao mesmo tempo, preservaria as propriedades da família Sainte Aube. O noivo era um advogado com uma posição de destaque na Comuna revolucionária.

Com diabólica astúcia, Charles Sainte Aube levou a filha a acreditar que a encontraria em Paris para então ser informada do último desejo paterno, um pedido feito diante da terrível guilhotina, poucas horas antes de sua chegada à cidade. Ela deveria cumprir o contrato de casamento para honrar a palavra do pai morto, mas que, sem a menor consideração pelos sentimentos da jovem, vivia luxuosamente em Londres.

Sebastian custou a perceber que aquela trama de mentiras e traições visava chocar a pobre garota, obrigando-a a se curvar ao último pedido paterno. O plano tivera sucesso absoluto; a jovem se casara sob a falsa impressão de que, antes de morrer, o pai se preocupara em salvá-la.

— Se essa República de opereta triunfar definitivamente, continuarei a viver em Londres, recebendo, como sempre, um terço da renda proveniente de minhas propriedades. Entretanto, se os Bourbon reconquistarem o trono, eu voltarei para reclamar minhas terras que, graças ao meu genro, não foram divididas entre os malditos camponeses revolucionários.

A dificuldade que Sebastian sentia em acreditar naquele relato monstruoso desapareceu diante de expressão de ganância e vaidade do marquês. Charles Sainte Aube esperava elogios pela autoria de planos tão brilhantes e não notou que despertara apenas ódio e repulsa.

— Sua filha é muito corajosa — murmurou Sebastian, controlando com esforço o desejo de punir aquele homem sem escrúpulos. — Tem fibra e dignidade.

— Minha filha é muito obediente. Tem boa educação e docilidade, só isso! O único obstáculo a meus planos seria se ela desse um herdeiro ao marido, mas as chances são muito remotas...

O marquês parou de falar, à espera de uma inevitável pergunta e, diante do silêncio de Sebastian, continuou a vangloriar-se.

— Disse-lhe que as chances são remotas porque meu genro já se casou duas vezes e nunca gerou nenhum filho. Agora está com quase setenta anos, o que praticamente reduz ainda mais a possibilidade de vir a ser pai! Espero que a minha experiência de vida o tenha convencido da vantagem de investir seu capital em terras, mesmo nas fases mais críticas da história dos países, rapaz. Sempre é possível preservá-las, desde que se tenha inteligência para protegê-las da cobiça alheia!

Para Sebastian, seria preciso ambição desmesurada e falta de escrúpulos, não inteligência! Dominando sua revolta, ele decidiu afastar-se logo daquele homem que só lhe provocava repulsa.

— Lembrarei de seus conselhos, mas só depois que a guerra acabar, senhor. Agora a situação não está nada fácil.

— Talvez eu possa ajudá-lo, rapaz. Na verdade, creio que podemos nos auxiliar mutuamente.

Embora lhe custasse muito estabelecer qualquer laço com um homem que só merecia desprezo, Sebastian não estava em condições de agir com seu habitual idealismo. Atitudes nobres e sensibilidades excessivas não podiam ser levadas em conta por pessoas à beira da falência, como ele. Talvez aquela criatura desprezível não tivesse uma única característica louvável em sua personalidade, mas sem dúvida possuía uma mente arguta e capaz de tirar lucro da mínima oportunidade a seu alcance.

Lutando contra os escrúpulos e a vergonha, Sebastian admitiu que estava em péssimas condições financeiras e não se comprometeria só por ouvir a proposta do francês. Sempre haveria a possibilidade de recusar e nunca mais encontrá-lo, caso a oferta fosse ultrajante demais.

Durante a nova partida de gamão sugerida por Charles Sainte Aube, ele deixou que o francês recuperasse os cinco guinéus. Enquanto disfarçava seu mal-estar, ouvia atentamente os detalhes de uma missão que só aceitaria se o ajudasse a melhorar sua situação financeira sem transformar-se num crápula.

Enquanto esperava que o membro do Conselho Nacional o atendesse, Sebastian postou-se à janela da antecâmara para admirar a renovação dos jardins das Tulherias.

Quatro anos atrás, quando não chegavam alimentos dos campos devastados pela Revolução e a fome rondava Paris, os canteiros das Tulherias tinham sido arrasados para se transformarem em uma extensa plantação de batatas e nabos. Agora já não havia sinais desse período difícil e os magníficos canteiros refletiam novamente a beleza que os celebrizara na época mais faustuosa da monarquia. Carruagens reluzentes percorriam os amplos boulevards que ladeavam o imenso jardim coberto de grama verde, flores multicoloridas e recortado por aléias de cascalho branco, onde mulheres elegantes passeavam com seus cãesinhos de estimação.

Era difícil acreditar que essa cidade, novamente luxuosa e requintada, fosse a mesma Paris dominada pelo terror, onde o sangue dos nobres executados corria pelas

ruas malcuidadas e o povo não tinha nem pão para matar sua fome. No entanto, bastaria olhar para a saída do jardim das Tulherias e se veria a infame praça da Revolução. E até mesmo esse lugar de funesta memória já não trazia marcas dos dias trágicos; em lugar da ameaçadora guilhotina, um vendedor de castanhas oferecia seus produtos, rodeado por pombos, símbolos da paz.

As modificações ocorriam com mais lentidão na vida da cidade do que dos homens. Se custava-lhe crer que a capital da França fora varrida por um furacão de violência e retornara à serenidade em quatro anos, também achava extremamente difícil acreditar numa mudança tão radical em menos de dez dias. Ele, Sebastian Ramlin, estava em Paris a fim de cumprir um acordo feito com um homem que encontrara apenas uma vez e pelo qual sentira uma antipatia instantânea.

Sua missão consistia em conseguir uma entrevista com um dos ocupados membros da Assembleia Nacional, o deputado Farroux, a quem entregaria uma carta de apresentação escrita pelo marquês. Em troca desse favor que talvez o ajudasse a resolver seus problemas profissionais, deveria apenas pedir notícias da filha de Sainte Aube. Sebastian não tinha dúvida alguma de que no coração daquele homem ganancioso e sem escrúpulos não existia nenhum sentimento nobre, muito menos amor paternal!

Desde o início, ficara bem claro o absoluto desinteresse do marquês pela saúde ou felicidade da jovem. Sua preocupação limitava-se à ameaça representada por um possível herdeiro para as terras dos Sainte Aube. Ele afirmara possuir motivos, inteiramente pessoais e fortes, para perpetuar aquela farsa, continuando a ser considerado morto pela filha. A fim de resguardar esse segredo, obrigou Sebastian a jurar que não violaria sua confiança e jamais revelaria a verdade, mesmo se encontrasse a sra. Farroux, ainda enlutada pela trágica perda do pai.

Sem notar a relutância de Sebastian em comprometer-se a manter aquela mentira cruel, Sainte Aube começou a discorrer sobre as tradições relativas ao direito de herança e porque era crucial que sua filha não desse um herdeiro ao marido.

Seria bastante difícil captar todas as complexidades das leis francesas, caso Sebastian estivesse seguindo com atenção as explicações do marquês, o que só conseguiria se dominasse a revolta e a vergonha. Ele considerava o raciocínio do diabólico francês uma prova de ganância e imoralidade tão monstruosa quanto a rede de mentiras e traições em que envolvera a filha. Também sentia nojo de si mesmo por não ter recusado uma proposta que ia contra todos os seus princípios. Infelizmente, sua péssima situação financeira não lhe permitia o luxo de repudiar ofertas vantajosas.

Se os corretores de seguros do Lloyd's não tivessem sido tão implacáveis, se existisse uma possibilidade, ainda que remota, de conseguir salvar parte das somas investidas por comerciantes honestos, ele mandaria aquele marquês repulsivo para o inferno. Seu sócio, Edward Cecil, e seu agente estavam em Londres, procurando desesperadamente encontrar uma saída honrosa para o problema, mas Sebastian perdera as esperanças. Embora se julgasse obrigado a tentar todos os recursos possíveis para evitar sua ruína e pagar, ao menos, o capital referente às mercadorias perdidas naquela desastrosa viagem, não conseguia livrar-se de uma sensação de aviltamento, de ter traído seus ideais, como um Judas, por um punhado de moedas!

A longa espera terminou quando o taciturno e lacônico secretário, que o conduzira até a antecâmara, retornou para avisá-lo de que finalmente seria recebido pelo cidadão Farroux.

Talvez a sala de espera, ampla e bem iluminada pelas largas janelas que se abriam para o jardim das Tulherias provocasse a sensação de que o escritório particular de Farroux era ainda menor e mais sombrio. Estantes de madeira escura e sobrecarregadas com livros velhos e pastas empilhadas a esmo cobriam todas as paredes, bloqueando a entrada da luz. Apenas a luxuosa escrivaninha de mogno esculpido, reluzente e, sem dúvida, feita por algum dos magníficos artífices da monarquia atestava a importância do



deputado, embora destoasse do cubículo austero e de uma simplicidade quase monástica.

Aliás, aquela peça preciosa e imponente também não combinava com seu ocupante. O homem que se ergueu à entrada de Sebastian retratava com fidelidade o seu ambiente de trabalho e possivelmente seu temperamento. Os cabelos ralos e brancos, a pele muito enrugada e os ombros curvados seriam apenas marcas inevitáveis da idade se o rosto severo não refletisse uma evidente aridez sentimental, confirmada pela falta de calor humano em seu olhar. Os três casamentos de Guillaume Farroux não tinham modificado sua aparência ascética, típica de um solteirão empedernido que preferia seus livros à companhia feminina. Ele dava a impressão de ter nascido para ser um funcionário detalhista, exigente e que dirige até sua vida íntima em função das palavras da lei. Um homem sem emoções, senso de humor ou qualquer tipo de afeição e cuja única paixão seria sempre o mundo estéril dos documentos legais.

— O que deseja de mim, cidadão Ramlin? — perguntou Farroux, enquanto colocava a carta de apresentação do marquês em uma gaveta da escrivaninha.

— Permissão para exercer meu comércio no Mediterrâneo sem impedimentos, através de licenças especiais que pudessem eliminar os problemas atuais.

Farroux pediu informações mais precisas, ouvindo atentamente Sebastian discorrer sobre suas atividades de marinheiro e comerciante.

— Agora as chaves que abrem os portos mais importantes da Itália foram entregues à França por seu vitorioso general e, portanto, devo recorrer à República Francesa, concorda?

— O general Bonaparte nasceu na Córsega.

— Mas é oficial do Exército francês.

Enchendo-se de paciência, Sebastian preparou-se para enfrentar um longo e entediante debate com Farroux, que, como a maioria de seus colegas de profissão, demonstrava uma obsessão por detalhes secundários. No entanto, estava disposto a suportar horas de monotonia com irrepreensível polidez para atingir seu objetivo.

— O meu departamento não tem nenhuma ligação com a emissão de permissões para comércio marítimo ou problemas como impostos alfandegários, cidadão Ramlin.

Sebastian já ouvira aquelas palavras tantas vezes que podia prever qual seria a próxima observação de Farroux.

— Entretanto... sempre existem caminhos, geralmente difíceis e perigosos. Talvez eu pudesse pesquisar esse assunto e até tentar... desde que...

O silêncio de Farroux foi tão eloquente como se ele tivesse estendido a mão à espera de um suborno. Esse tipo de situação também não surpreendia Sebastian, que apressou-se a demonstrar seu desejo de cooperar.

— Os custos não importam, cidadão Farroux. Se eu tiver certeza de que meu navio poderá trafegar sem perigo pelo Mediterrâneo, conseguirei a quantia necessária para garantir o livre comércio.

— Não se trata de dinheiro ou de uma permissão oficial, cidadão. É mais uma questão de...

Farroux calou-se abruptamente e olhou para Sebastian como se o visse pela primeira vez como um ser humano diferente dos habituais frequentadores de seu escritório, que só vinham pedir favores.

— Onde mora quando não está no mar, cidadão Ramlin?

— Tenho um apartamento em Londres, mas considero a casa de meu tutor, na Cornualha, como sendo um verdadeiro lar.

— E quanto tempo pretende ficar em Paris?

— Até que minha missão tenha sucesso ou quando não for mais possível ignorar o fracasso definitivo.

— Qual é seu relacionamento com Charles Sainte Aube? Acostumado a não

subestimar os inimigos, Sebastian tentou imaginar onde aquela raposa velha pretendia chegar com aquelas perguntas sem nenhum sentido. Se ao menos soubesse qual a resposta que Farroux queria ouvir, ele a daria, mas só lhe restava dizer a verdade, pois não conseguira decifrar as misteriosas intenções daquele homem de mente arguta.

— Eu mal o conheço, cidadão. Encontrei-o apenas uma vez num clube em Londres, e jogamos duas partidas de gamão. Passamos duas horas juntos e nunca mais o vi.

— Estranho! — Os olhos de Farroux refletiam uma indisfarçável desconfiança. — Sainte Aube não costuma receber algo muito precioso de volta. O que você se comprometeu a fazer para ele em troca dessa carta de apresentação?

— Levar-lhe notícias da filha, mais nada.

— Então... volte dentro de três dias — disse Farroux, após alguns instantes de silêncio. — Meu secretário o informará sobre o horário e, enquanto isso, considerarei seu assunto. Adeus.

Dez dias depois, Sebastian preparava-se para ir, pela quarta vez, ao palácio das Tulherias. As três entrevistas anteriores com o astuto Farroux não haviam passado de um desperdício de tempo e paciência, pois o velho advogado apenas rodeara o assunto, sem fornecer-lhe nenhuma informação além das habituais esperanças vagas e indefinidas. A insistente repetição de evasivas insinuações veladas passara dos limites e ele decidira que, após esta tarde, não retornaria ao escritório daquele pilantra.

Sebastian não tinha dúvidas de que Farroux iria pedir-lhe um preço muito alto. O suborno poderia ser uma fantástica quantia em dinheiro ou a sua participação em um esquema de espionagem para fortalecer o domínio da França na Europa. Ele estava acostumado a funcionários corruptos e faria tudo para conseguir a soma que lhe fosse imposta, mas jamais se tornaria um espião. À repulsa que lhe causava a traição de seu próprio país, acrescentava-se um outra impossibilidade: não sabia fingir! Embora considerasse sua falta de dissimulação uma falha e não uma qualidade, não pretendia nem mesmo discutir esse assunto que violaria seus princípios morais.

À medida que se aproximava do palácio, aumentava a convicção de Sebastian sobre as más intenções de Farroux e seu mau humor também se avolumava. Ele atravessou o jardim com passos firmes, decidido a encerrar de uma vez por todas aqueles encontros que não produziram nenhum resultado positivo. Era a última visita que faria à velha raposa e dirigiria a discussão sem deixar a astucioso advogado envolvê-lo com argumentos irrefutáveis mas falsos!

— Com o devido respeito a sua posição como deputado do Conselho Nacional, sinto-me no direito de protestar contra o tratamento que recebi de sua parte, cidadão Farroux — disse ele, recusando sentar-se. — Não vim a este escritório suplicar por favores gratuitos. Minha profissão consiste em transportar e vender mercadorias e o comércio é tão importante para a França como o livre acesso aos portos franceses é vital para mim. Ofereci-me para pagar qualquer preço por uma permissão oficial e só recebi negativas. No entanto, após cada recusa, o senhor afirma que poderá indicar-me um caminho, a facilitar meu acesso às autoridades competentes. Perdi três tardes ouvindo suas hipóteses vagas, promessas indefinidas e explicações incoerentes. Agora... seja tão claro quanto eu fui há dez dias e diga exatamente o que quer. Não pretendo continuar brincando de gato e rato por mais tempo.

— Acha que eu não percebi a sua impaciência, cidadão Ramlin? — O sorriso de Farroux refletia um profundo desdém. — Talvez, quando souber a delicadeza do problema que irei lhe expor, compreenda o motivo de minha reticência.

Sebastian controlou o impulso de deixar Farroux falando sozinho e sair da sala, demonstrando que não pretendia mesmo ouvir mais nenhuma explicação evasiva. No entanto, devia a si mesmo e a seus sócios uma última tentativa de recuperar suas

fortunas.

— Pode falar... Sou todo ouvidos, cidadão.

— Conforme já lhe disse, não depende de mim a emissão de permissões oficiais. O comércio marítimo e os assuntos estrangeiros são controlados por outro departamento e, pelo que sei, esse tipo de licença comercial está suspenso. No entanto, tenho bastante influência dentro do Ministério do Exterior e poderia conseguir-lhe algumas facilidades, concessões parciais, mas que lhe abriam algumas rotas marítimas e, caso o acordo for mutuamente satisfatório, também permitirão um substancial aumento no número de portos a seu alcance...

— Se esse "acordo satisfatório" significa que eu devo agir como um espião para a República... não desperdice seu fôlego!

— Não se trata disso, cidadão Ramlin.

— Então, o que quer de mim? — explodiu Sebastian, sem notar o constrangimento de Farroux. — Diga logo!

— É um assunto muito delicado e você...

— Eu já não tenho mais tempo a perder com rodeios e "delicadezas".

Em uma questão de segundos, os ombros de Farroux se curvaram ainda mais e o astucioso advogado, alerta e invencível em uma discussão, transformou-se em um velho alquebrado com uma expressão exausta e derrotada.

— Eu gostaria que você... — Ele engoliu em seco, nitidamente angustiado e lutando para criar coragem e concluir seu pedido. — Bem... eu quero que você seduza minha esposa.

## CAPÍTULO III

As noites parisienses, célebres por seu brilho, começavam a recuperar o esplendor e a alegria perdidos durante os anos austeros e amargos do período revolucionário. As belas mansões abriam novamente suas portas, para celebrar as vitórias de Napoleão com festas luxuosas, e os teatros voltavam a apresentar produções também luxuosas e sem lições de moral destinadas a educar o público.

Julie adorava música e procurava não perder nenhuma oportunidade de usufruir esse prazer, um dos poucos em sua vida sem grandes distrações. Como Guillaume estava sempre preso a algum compromisso inadiável, ela acostumara-se a frequentar o teatro acompanhada pela família Cassat, evitando assim a humilhação de chegar sozinha a um lugar público.

Naquela noite, porém, a conversa inconsequente de Justine Cassat e os apartes cômicos de seu marido, Laurant, não conseguiam provocar os habituais sorrisos de Julie. Ela só não alugara sua própria carruagem para não magoá-los, recusando um convite que sempre aceitara com entusiasmo, mas estava tendo sérias dificuldades para disfarçar uma crescente depressão.

Inevitavelmente, seu estado de espírito foi notado por todos e Bernard Seurat, o noivo de Anne-Marie, tentou incluí-la na conversa geral.

— Você ainda não disse uma palavra esta noite, Julie. Nossa conversa está muito desinteressante?

— Não, é claro! Apenas distraí-me pensando na ópera que iremos assistir esta noite. É a primeira vez que *CosíFan Tutte* será apresentada em Paris e, como adorei *Don Giovanni*...

A falante Justine Cassat, que acabara de ser informada sobre a genialidade de Mozart, interrompeu-a para repetir os comentários de suas amigas a respeito da nova peça do brilhante compositor e Julie, aliviada, deixou-a falar à vontade.

Como uma noite podia mudar tanto a vida de uma mulher tão equilibrada como ela se julgava ser? Sentia que, desde a recepção de Talleyrand, seus olhos tinham se aberto e, repentinamente, via apenas casais apaixonados a sua volta. Bernard e Anne-Marie, jovens namorados nas ruas e nos parques, todo o mundo celebrava o amor!

Dia após dia sua inquietação se intensificava e, embora não acreditasse que todas as mulheres casadas de Paris ocupavam o tempo livre traindo os maridos, como dizia Anne-Marie, não conseguia afastar esse pensamento de sua mente. Ela estava com vinte anos e perdia os melhores anos da juventude fechada em casa. Sua vida continuaria sendo uma imutável sucessão de horas vazias, acabando por transformá-la em uma mulher amarga e insensível?

E por que não se preocupara antes com essa possibilidade? Por que só agora sentia essa carência, uma ânsia de viver plenamente, se há dez dias não considerava esse aspecto nem sequer importante? Tinha tudo o que desejava: uma casa confortável, alternava os poucos deveres domésticos com atividades sociais que começavam a se intensificar e, acima de tudo, uma vida segura, ao abrigo de perigos.

Então, de um momento para o outro, a segurança passara a simbolizar monotonia, a serenidade e o conforto de sentir-se protegida já não lhe bastavam. Imaginava um futuro árido, anos de tédio e depressão, sem amor, filhos ou qualquer relacionamento afetivo, e admitia que apenas gratidão não seria suficiente para preencher o resto de seus dias.

A placidez e a resignação, atitudes que lhe haviam custado tantos esforços para adquirir, tinham sido esquecidas em apenas uma noite. Se ao menos pudesse recuar no tempo ou esquecer aquela festa!

A frequência com que a recepção na casa de Talleyrand voltava-lhe à mente começava a desesperar Julie. Nos últimos dias, não conseguia se concentrar em nada, lembrando a beleza do salão iluminado por centenas de velas, a elegância dos convidados com trajes luxuosos e cobertos de jóias, as delícias culinárias apresentadas em baixelas de prata...

Antes de sair de casa, Julie tentou controlar uma alegria inexplicável que só podia ser uma prova de sua falta de personalidade. Sem dúvida, deixara-se influenciar pelos elogios da costureira e pela ânsia de Anne-Marie em conhecer o tão falado general Bonaparte. Talvez tivesse sido mesmo o vestido revelador e sensual ou o ambiente sofisticado daquela recepção de gala e até um efeito retardado da cerimônia matinal onde avistara Napoleão entre seus oficiais sendo homenageado pelo Diretório. Quantas vezes tentara descobrir o motivo da mudança em seu temperamento sempre tão controlado? Ainda não encontrara uma resposta satisfatória para explicar a euforia crescente, uma sensação de ansiosa expectativa que não sentia desde criança.

Julie não se desapontou. A noite de festa revelou-se ainda mais excitante do que pressentira e ela adorou a música dos violinos, a alegria arrebatadora do baile, as conversas estimulantes e a atenção lisonjeira dos homens. Mas o momento mais glorioso foi a breve conversa a sós com o general!

Ela já sabia, através das informações de Guillaume, que, apesar da baixa estatura, Bonaparte possuía uma presença marcante, irradiava vigor e era amado pelos soldados e oficiais pela sua coragem ímpar. Entretanto, ninguém lhe falara no homem atraente e nada a preparara para o impacto provocado pelos traços másculos ou por seu encanto envolvente e irresistível. Nunca lera ou ouvira comentários sobre o fascínio de Napoleão e não poderia prever o poder hipnótico daqueles olhos fascinantes, capazes de desvendar

os segredos da alma.

Não, não era verdade! Anne-Marie mencionara olhos negros e penetrantes, mas enganara-se redondamente. Julie nunca vira um azul tão intenso que as espessas pestanas pretas tornavam ainda mais escuro. Também não imaginara que um homem pudesse concentrar todas as suas emoções num olhar, envolvendo a mulher a quem se dirigia em uma teia de encantamento e magia. Desarmada pela surpresa, só percebeu tarde demais que se derreteria em sorrisos sedutores e gestos provocantes. Sem dúvida, perdera a cabeça e não porque ele estivesse agindo como um conquistador.

— A esposa de meu irmão Joseph também chama-se Julie. Ela é uma criatura tão encantadora que, depois de conhecê-la, esse nome sempre simbolizará beleza e doçura para mim.

Na verdade, o comentário dele fora banal, uma observação sem intenções de conquista e típica da conversa superficial dos salões, mas Julie sentira-se orgulhosa por estar partilhando um detalhe da vida familiar de Napoleão Bonaparte.

— Eu ia casar-me com Désirée, a irmã de Julie, se Josephine não tivesse roubado meu coração antes do noivado.

— Será uma grande honra conhecer sua esposa, general.

— Ela está vindo da Itália por um caminho mais longo, por isso ainda não chegou. Eu insisti que fizesse esse trajeto porque, apesar de ser demorado, é bem seguro. Assim, precisarei esperar alguns dias para recebê-la em Paris.

A voz dele refletia um desejo tão intenso que Julie sentiu inveja daquela mulher. A ânsia de Napoleão em rever a esposa teve o efeito de uma luz dissipando as trevas, para revelar a glória de uma paixão.

Aquela noite afetou Julie profundamente. Ela chegara à festa acreditando em sua capacidade de viver um casamento que não passava de uma farsa e voltara para casa alarmada e com medo do futuro. Por falta de oportunidade, não avaliara antes o poder da atração entre um homem e uma mulher, nem a sua fraqueza diante dessa emoção incontrolável. Entrava em pânico ao constatar que sentia-se vulnerável e não teria forças para lutar contra essa sensação arrebatadora. Perdia o sono ao pensar que algum dia talvez fosse envolvida por desejos intensos e não conseguisse resistir.

Julie estava casada havia três anos e sempre confiara no poder de sua mente sobre seu coração, acreditando que possuía a força necessária para manter a razão dominando os sentimentos. Subitamente, sentia-se carente e, com esforço sobre-humano disfarçava as frustrações, representando diante de todos o papel de esposa realizada, feliz e satisfeita com suas obrigações domésticas e conjugais.

Mais uma vez, ela se revoltava com as ciladas que a vida lhe preparara. Em menos de cinco minutos, o tom de voz, o brilho no olhar e a expressão apaixonada de um homem a haviam feito sentir, com uma empatia assustadora, as emoções de um grande amor. Nesse mesmo espaço de tempo, tão breve mas tão intenso, perdeu a capacidade de agradecer a Deus pelas bênçãos que recebera. Segurança, conforto, proteção, respeito e uma serena e tranquila aceitação tinham se transformado em meras palavras vazias.

A educação de Julie Sainte Aube fora a de uma aristocrata refinada que não deveria jamais revelar em público os conflitos de sua alma. Ela tentava recuperar o controle das emoções quando, para seu alívio, a carruagem parou.

O local onde ficava o teatro havia se transformado em um dos passeios favoritos dos parisienses, que só agora podiam usufruir a beleza daquela praça rodeada por construções luxuosas. Os jardins do palácio Royal, um retângulo circundado por imponentes plátanos, era delimitado, em três de seus lados, por arcadas de pedra cinzenta. Através dos arcos de proporções perfeitas viam-se canteiros e fontes, enquanto se admiravam as lojas requintadas, os cafés sofisticados e casas de jogo sempre repletas de frequentadores elegantes e ruidosos.

A família Cassat e Julie atravessaram a praça, iluminada por uma infinidade de lâmpões, para chegar ao teatro, uma construção em estilo grego com imponentes colunas de mármore. Ao entrarem no saguão, ela forçou-se a sorrir para os amigos que só veria novamente durante o intervalo. Sozinha em seu camarote, conseguiria dominar sua ansiedade e, quando voltasse a encontrá-los, estaria agindo com a habitual polidez. Mas o imprevisível acontecera: Guillaume estava a sua espera.

— Que surpresa agradável — murmurou Julie, controlando-se com muito esforço. — Será a primeira vez que teremos o prazer de assistir a um espetáculo juntos.

— Sinto muito, mas só ficarei até o final do primeiro ato, querida. Deixei meu secretário terminando de redigir alguns documentos e devo voltar ao escritório para assiná-los, pois precisam ser enviados para a Vendéia ainda hoje. Terá que voltar para casa com os Cassat...

A música abafou as desculpas de Guillaume e Julie, alarmada, percebeu que realmente pouco se importava em ter a companhia do marido.

O garçom do Café Mireille controlou sua indignação ao conduzir o rapaz insistente até uma das mesas ao ar livre. Só mesmo um louco, ainda que muito bem agasalhado, preferiria expor-se ao frio do inverno quando podia beber confortavelmente aquecido no salão.

Talvez o sobretudo com uma ampla gola de pele fosse insuficiente para mantê-lo aquecido se as árvores da praça do palácio Royal não formassem uma barreira contra os ventos gelados, mas Sebastian seria capaz de enfrentar qualquer desconforto para usufruir a abençoada solidão. Uma sensação de calma pairava sobre o jardim, onde um solitário violinista tocava uma melodia popular. Fora ele, só se viam cadeiras vazias e alguns passantes que se apressavam a fim de não se atrasarem para os seus compromissos. Se ele entrasse no café, teria de dividir sua mesa, falar com alguém e não se sentia com disposição de participar de uma conversa.

Seus conhecimentos do idioma francês, satisfatórios para que se entendesse com funcionários da alfândega e portuários, tinham passado por testes severos nos últimos dias... como também a sua paciência. Na verdade, os conceitos de ética e moral em que baseara sua vida haviam sido questionados e ele ainda não se recuperara do abalo sofrido.

"Quero que você seduza minha esposa." Por que não saía da sala no instante em que ouvira aquelas palavras? Repetira dezenas de vezes cada frase de sua inacreditável conversa com Farroux e estava convencido de que cometera um grave erro ao continuar ouvindo o velho advogado. Velho, mas muito, muito esperto! A incredulidade e o sério problema de entender o francês falado muito rapidamente haviam contribuído para que Sebastian custasse a compreender a chocante verdade. Agora que tivera tempo para pensar, não sabia se a trágica ironia da situação devia provocar-lhe riso ou lágrimas! Seria bem pago para garantir a um homem que sua filha jamais seria mãe e recompensado por outro se lhe engravidasse a esposa!

Estaria tendo um pesadelo ou realmente entrara despreparado em um ninho de víboras? Descobrira a existência de um mundo estranho e imoral, onde os pais consideram os filhos apenas como peças em seus jogos diabólicos e maridos ofereciam o corpo de suas esposas para que um estranho o usasse até gerar uma criança por dinheiro, Sebastian não queria participar dessa sociedade corrupta e preferia julgar o que ouvira como sendo uma brincadeira de mau gosto. Se ele levasse a sério a absurda proposta do velho, seria difícil resistir à tentação, pois significaria a salvação de muitas pessoas. Confuso, esforçava-se por relembrar seu último encontro com Farroux, renovando a onda de repugnância que sentira.

Só um tolo ignoraria a predominância dos casamentos de conveniência nas classes abastadas em todos os países da Europa. Mas quem acreditaria em sedução por conveniência! Antes mesmo de entender as palavras de Farroux, sua intuição o alertara para encerrar aquela conversa absurda. Chegara a dar alguns passos em direção à porta e então a voz suplicante de um velho pedindo desesperadamente ajuda, o impediu de partir. Nunca, em sua vida, subestimarão tanto os poderes de persuasão de um homem!

— Minha esposa é muito jovem, bonita e com os apetites naturais do vigor de sua idade, presa a um casamento estéril, sem amor e cuja única esperança será ficar viúva enquanto ainda puder atrair um homem. E essa pobre criança talvez só se livre de mim quando já não puder gerar um filho! Ela leva uma vida árida, desprovida de ilusões, fantasias ou sonhos românticos, não tem nenhuma das alegrias que enriquecem a existência das mulheres. Pense em minha oferta como um ato de bondade.

A experiência ensinara Sebastian a reconhecer um argumento convincente mas falso e a detestar hipocrisia. A pretensa preocupação com a felicidade da esposa servia apenas para disfarçar o egoísmo de Farroux e, apesar de desprezá-lo, ele continuou ouvindo-o porque também se acostumara a pensar em primeiro lugar em si mesmo.

— Se ao menos você concordasse em vê-la, perceberia que não estou lhe propondo uma tarefa penosa. Ela é linda e, quando ficar grávida, todo meu poder e minha influência estarão a seu dispor. Eu juro!

O choque impedia Sebastian de encontrar as palavras certas para responder àquela proposta imoral.

— Por que não encara a situação que estou lhe proponho como uma transação comercial? Minha influência política em troca de sua virilidade? Não o estou pressionando para que me dê uma resposta imediata, cidadão. Só desejo que a veja e depois decida. Não entendo sua expressão de choque e ultraje. É um crime pedir-lhe que olhe para minha esposa?

— Não pensou... nela? — explodiu Sebastian, perplexo diante de tanto cinismo. — Disse-me que é bem jovem e levou sempre uma vida protegida das maldades do mundo. Como reagirá ao ser tratada como uma égua, usada por um garanhão com o único intuito de procriar? Acredita mesmo que sua esposa aceitará essa situação humilhante e depravada?

— Ela não concordaria em hipótese alguma... se soubesse do acordo, cidadão. Minha esposa é obediente e dócil, mas tem fibra e não se curva facilmente. Sendo decente e sensível, ficaria profundamente ofendida e creio até que se revoltaria caso desconfiasse de nossas intenções.

— Em primeiro lugar... as intenções são suas, Farroux. Em segundo, nem os seus rebuscados rodeios conseguem dourar esta pílula amarga! Ela ficaria repugnada e com ódio de nós dois, certo?

— É verdade. Julie jamais poderá suspeitar que nós planejamos cada detalhe de sua sedução. Mas por que uma jovem ingênua e romântica não iria acreditar no amor que o destino coloca em seu caminho? Afinal, vivemos em Paris, a cidade dos amantes, onde encontros fortuitos levam a grandes paixões. E eu posso lhe jurar que, embora ela mesma não o saiba, está madura para um relacionamento passionai. Na verdade, fiquei tão abismado com sua fidelidade que tentei compreender os motivos dela. Só posso atribuir essa atitude a sua pouca idade, um excesso de inocência e talvez a louvável capacidade de reconhecer a importância de minha posição no governo, que lhe provoca um certo receio de arriscar-se, prejudicando uma vida bastante satisfatória.

— Neste caso, agradeça a Deus por ter uma esposa virtuosa e incorruptível, senhor. É evidente que meus esforços para seduzi-la seriam um desperdício de tempo e, em vista disso, estamos discutindo inutilmente.

Mais uma vez Sebastian encaminhou-se para a porta sem pressentir que Farroux também se erguera, num salto, agarrando-lhe o braço com uma força surpreendente para

um velho frágil.

— Com os diabos, rapaz! Ela é jovem, saudável, uma mulher de vinte anos e em pleno desabrochar da sensualidade. Olhe para mim e depois para si mesmo... Ninguém é incorruptível e garanto que você sabe disso muito bem!

As últimas palavras de Farroux acertaram o alvo, com precisão. A meta de Sebastian sempre fora construir um império marítimo e conseguira aproximar-se de seu objetivo justamente porque constatar que até a mais incorruptível das pessoas esquecia convenientemente essa virtude dependendo das circunstâncias. Afinal, todo homem tem seu preço, bastava descobrir o que o compraria. E talvez o adultério não fosse tão grave quanto outras traições cometidas por dinheiro. Afinal, ele já se envolvera com várias mulheres casadas sem nunca sentir-se culpado ou com remorsos.

Então, por que essa relutância, a sensação de aviltamento e o nojo de si mesmo? Não conseguia superar a repulsa que a proposta de Farroux despertara nele. Teria alcançado um limite que sua integridade o impedia de transpor?

Seus relacionamentos amorosos sempre haviam sido passionais, nascendo de uma atração genuína, e ardentes enquanto durava a ligação. Como fingir sentimentos tão íntimos diante de uma mulher que jamais vira e pela qual nada sentia? Sebastian foi obrigado a reconsiderar sua análise, pois, apesar de não conhecer a sra. Farroux, ela lhe provocava uma emoção intensa: a piedade.

— Não — disse ele finalmente rompendo um longo silêncio. — Nunca me considere um puritano ou um moralista, mas tenho escrúpulos e dignidade. Sua proposta é ofensiva demais, Farroux.

O velho frágil começou a andar em volta de Sebastian, agora com a expressão severa e os passos firmes de um juiz da inquisição.

— Você é um verdadeiro exemplo de pureza, rapaz. Nunca cometeu adultério, nunca levou mulher alguma a trair o marido, não é?

— Eu não disse isso, Farroux. Sem dúvida tive amantes casadas, mulheres entediadas que procuravam aliviar a monotonia de suas vidas e...

— Logicamente sempre às escondidas do marido! É simplesmente o fato de ter a minha permissão para me enganar com minha esposa que ofende a sua sensibilidade, rapaz?

Sebastian sabia que, mesmo se tivesse maior fluência no idioma francês, nunca venceria uma discussão com aquele advogado astuto, ainda mais estando tão confuso diante de seus próprios sentimentos.

— Eu não teria escrúpulo algum em traí-lo, Farroux. No entanto, sentiria vergonha de cometer uma traição desse tipo com sua esposa, uma jovem inocente que acredita no amor. Só os ditames do coração justificam um romance, ilícito ou não.

— Ora! Não venha me dar lições sobre a ética do adultério, rapaz! Ditames do coração... que tolice ridícula! Você não é casado nem noivo, portanto está livre para pensar em minha oferta. Veja minha esposa e depois decida-se... Se sua resposta for afirmativa, uma ordem de pagamento na quantia de quatro mil luíses de ouro deverá ajudá-lo a pacificar seus credores por algum tempo. Mas lembre-se de que a verdadeira recompensa lhe será entregue quando Julie engravidar. Então... juro-lhe que as rotas marítimas mais lucrativas estarão à sua espera, de portas abertas!

Sebastian só percebeu quanto tempo perdera lembrando a última entrevista com Farroux ao notar que o café esvaziara completamente e um grupo de casais elegantes corria para o teatro. A ópera iria começar dentro de alguns segundos e ele estava com um ingresso no bolso de seu sobretudo. Por que não conseguia levantar-se da mesa e cruzar os poucos metros que o separavam das escadarias iluminadas? Teria perdido o espírito de aventura, transformando-se inesperadamente num tímido sem iniciativa?

Nunca, em toda a sua vida, fora envolvido por uma premonição tão forte, um presságio funesto que o impedia de mover-se e cruzar a praça. Intuíra que um encontro



com a esposa de Farroux poderia trazer consequências trágicas. A convivência com o mar e a natureza, caprichosos e imprevisíveis, o ensinara a confiar em seus instintos e sentia que o destino lhe preparava uma cilada fatal. Como escapar dessa ameaça indefinida que o esperava dentro daquele teatro? Correria maior perigo aceitando ou recusando a proposta de um velho cínico e sem escrúpulos? Por que esse medo inexplicável se a solução era tão simples?

Bastaria entrar no teatro e olhar para o primeiro camarote à direita do palco para ver madame Farroux. Então, dependeria apenas dele a escolha de ir embora assim que as luzes se apagassem ou ficar até o intervalo, quando a encontraria desacompanhada. O astuto advogado o informara que assistiria só o primeiro ato da ópera e retornaria ao escritório, deixando-a convenientemente sozinha. Não assumira compromisso algum além de observar de longe a inocente jovem e, no entanto, continuava paralisado por uma apreensão misteriosa, como se aquela decisão fosse uma questão de vida ou morte!

A praça do palácio Royal começava a ficar deserta. Apenas alguns retardatários cruzavam os jardins, correndo para não perder o início do espetáculo. Furioso com sua repentina covardia, Sebastian forçou-se a agir. Levantando-se da mesa, caminhou com passos firmes até as escadarias do teatro, repetindo, mentalmente, os mesmos argumentos das últimas horas. Iria apenas ver madame Farroux e um olhar não significava um compromisso. Nem mesmo um advogado hábil e mal-intencionado poderia obrigá-lo a participar de um acordo indecente se ele decidisse não ser cúmplice de um plano que considerava imoral.

Mas, se já admitira que não aceitaria a proposta... por que entrar no teatro?

Possivelmente todo o teatro notou a chegada do rapaz, que foi conduzido à segunda fileira quando a orquestra terminava de tocar a abertura da ópera, poucos segundos antes de as luzes se apagarem.

Naquela noite, a única paixão na vida de Julie, a música, não teve o efeito desejado de envolvê-la em sua magia, transportando-a para um mundo sem problemas ou inquietações. Desconfiada e nervosa com a presença inesperada do marido, não conseguia concentrar-se no tema da ópera, por isso também notou a entrada do retardatário. Inicialmente, prestou atenção no rapaz, que se sentara bem perto de seu camarote, porque chegara sozinho e não havia nenhum outro homem desacompanhado no teatro. Então as luzes se apagaram, ocultando de Guillaume o rubor de seu rosto, provocado pelo impacto que a figura máscula e atraente provocara nela.

— Você conhece aquele rapaz? — perguntou Julie ao marido, depois que as luzes se acenderam no fim do primeiro ato. — Ele já olhou para o nosso camarote várias vezes.

— Nunca o vi antes. Sem dúvida, prefere olhar para você porque a acha mais atraente do que a prima-donna e não posso censurar-lhe o bom gosto, querida. — Guillaume levantou-se, sorrindo despreocupadamente. — Tenho de ir embora, mas a acompanharei até o camarote dos Cassat antes de partir. Vamos?

— Eu gostaria de caminhar um pouco. Irei com você até o saguão e depois me reunirei a eles.

— Tem certeza, Julie? O saguão está muito cheio...

Julie vivera muito tempo dominada por um medo irracional e incontrolável de lugares cheios. A segurança e a serenidade de seu casamento haviam afastado de sua vida esse pânico paralisante e a evidente preocupação do marido com seu bem-estar provocaram nela uma onda de remorsos. Enquanto cruzavam o saguão, admitiu que, embora Guillaume não fosse o príncipe encantado das jovens sonhadoras nem o herói fascinante dos romances de amor, era um homem bom, solícito e atencioso. Quantas mulheres poderiam dizer o mesmo de seus esposos?

Arrependida, Julie despediu-se do marido com um beijo mais carinhoso do que de costume e começou a retornar ao corredor dos camarotes, decidida a não ver os defeitos de seu casamento. Ela caminhava entre os grupos que criticavam a ópera e os garçons

carregando bandejas com taças de champanha sem prestar atenção em nada, pensando apenas na injustiça cometida contra o bondoso Guillaume.

Subitamente, sentiu algo frio cair sobre seu braço e, ao olhar a luva, viu uma enorme mancha rubra.

— Mil perdões, madame! Derrubei licor de cassis em sua luva e temo que a mancha seja permanente. Vou encontrar uma toalha e...

O rapaz que chegara atrasado e chamara sua atenção estava agora segurando-lhe o braço e puxando-a para o fundo do saguão. Embora desconfiasse que o acidente fora proposital, Julie não conseguiu reagir em tempo e impedi-lo de afastá-la da multidão. Estava fascinada ao ver de perto o rosto bronzeado e viril que admirara a distância. Então notou a dificuldade com que ele se expressava em francês e, acreditando em suas boas intenções, tentou ajudá-lo falando em inglês.

— Graças a Deus! — exclamou ele, aliviado por não ter de explicar a situação ao garçom. — Meu vocabulário em francês é muito limitado e gostaria de ajudá-la a limpar a luva, mas jamais conseguiria me expressar corretamente. O que posso fazer para me redimir...

— Por favor, não se preocupe, cavalheiro. Basta ajudar-me a abrir o fecho da pulseira para que eu possa tirar a luva.

— Meu nome é Sebastian Ramlin, madame.

— E o meu é Julie Farroux. Prazer em conhecê-lo, sr. Ramlin.

— Duvido muito, madame. — Ele sorriu enquanto retirava o bracelete de ônix do braço de Julie. — Só acreditarei que está falando a verdade se me der o nome de seu fornecedor de luvas. Quero substituir a que estraguei...

— Não há necessidade de preocupar-se com algo tão insignificante, sr. Ramlin. — A insistência do rapaz que continuava segurando seu braço começou a inquietar Julie. — Preciso ir...

— Então eu a acompanharei até seu camarote, pois devo insistir em saber o nome de seu fornecedor para encomendar um novo par de luvas e onde ele terá de entregá-las.

— Costumo comprá-las no Baton Frères, mas eles não fazem entregas.

— Então eu as levarei pessoalmente.

— Sou uma mulher casada, sr. Ramlin — declarou Julie, agora certa de que o acidente fora proposital. — Não costumo receber visitas masculinas.

— Pois deve ser a única mulher em Paris com esse costume medieval, madame. Posso compreender que seu marido tenha ciúme de uma esposa tão linda, mas...

— Nunca lhe dei motivos para sentir ciúme de mim, senhor. — A voz de Julie era cortante. — E creio que alguém informou-o mal sobre as mulheres parisienses.

— Mais uma vez, perdoe-me, madame. Sei que a ofendi, mas não foi intencional e imploro-lhe para apagar minhas palavras em sua mente. Eu pretendia apenas sugerir que me apresentasse a seu marido. Então eu lhe explicaria este desastre e pediria permissão para ir a sua casa a fim de entregar-lhe um novo par de luvas. Entretanto, já cometi gafes demais para uma noite só, por isso... se me der seu endereço, enviarei o pacote por um mensageiro.

O arrependimento e a ansiedade na voz de Sebastian Ramlin soaram tão sinceros aos ouvidos de Julie que sentiu remorsos por tê-lo tratado com tanta severidade. Afinal, o pobre rapaz não lhe fizera nenhuma proposta indecorosa e ela já repudiara avanços mais ousados com um sorriso e sem ressentimentos nem atitudes de donzela ofendida!

— Este é o camarote dos Cassat, sr. Ramlin. — Ela sorria gentilmente ao lhe entregar um de seus cartões. — Ficarei com eles. Meu marido teve de voltar ao trabalho e não poderei apresentá-lo como me pediu. No entanto, reconheço que reagi com excessiva severidade a sua oferta atenciosa. Pode levar as luvas a minha casa, por volta das três da tarde.

— Agradeço-lhe muito, madame Farroux. — Ele beijou-lhe a mão antes de afastar-

se com um sorriso nos lábios.

Julie entrou no camarote, evitando olhar para Anne-Marie, mas, mal as luzes se apagaram, a curiosa jovem encostou-se nela. Quando as vozes do quarteto se elevaram, veio a pergunta inevitável:

— Quem era?

— Quem era quem, Anne-Marie? — replicou ela, provocando sua jovem amiga.

— Não se faça de desentendida, Julie! É evidente que estou falando daquele homem maravilhoso com quem você ficou conversando no corredor. As cortinas do camarote estavam mal fechadas e foi impossível desviar os olhos de alguém tão fascinante! Vamos! Quem é ele?

— Ele não é ninguém, minha cara. Trata-se simplesmente de um desconhecido que derrubou licor de cassis em minha luva e vai enviar-me um par novo para substituí-las.

Graças à voz aguda da prima-donna, o exagerado suspiro de Anne-Marie não foi ouvido pelos outros ocupantes do camarote.

— Ah! Que excitante! Um homem lindo e...

— Não há nada de excitante em uma luva melada de licor, querida. — Julie segurou delicadamente o rosto de sua jovem amiga, forçando-a a olhar para a frente. — Concentre sua atenção no palco, pois é lá que está se desenrolando uma história romântica, não no corredor. Você não passa de uma noiva apaixonada, seus olhos vêem apenas amor e, para isso, é melhor assistir essa ópera. O que aconteceu comigo foi apenas um acidente desconfortável para mim e caro para aquele desconhecido sem modos.

Julie agradeceu a escuridão que impedia a família Cassat de notar seu rosto enrubescido. Tentara transmitir a Anne-Marie uma calma que não sentia e precisaria se recuperar até o final da ópera, quando voltaria com eles para casa. E como controlar o tumulto de emoções provocado por aquele encontro perturbador?

Seguindo o conselho que dera à amiga, Julie tentou prestar atenção na ópera, mas só via um rosto moreno e sedutor sorrindo para ela.

## CAPÍTULO IV

As venezianas fechadas impediam a entrada da luz e, embora os ruídos indicassem que já amanhecera, o quarto continuava na penumbra típica das manhãs cinzentas do inverno em Paris.

Sonolenta e sem forças para abrir os olhos, Julie esticou o braço procurando Ton-Ton. O cãozinho já não estava mais em sua cama e, se Babette viera buscá-lo para o passeio matinal, devia ser bem mais tarde do que imaginava. Então ouviu as vozes das criadas e, sempre responsável, sentiu-se chamada pelo dever, embora seu único desejo fosse continuar dormindo. Acostumara-se a levantar muito cedo mesmo depois de passar noites sem fechar os olhos por causa de seus terríveis pesadelos, mas, desta vez, fora Sebastian Ramlin quem a mantivera acordada até quase de madrugada.

Na segurança de seu quarto, a solidão e o escuro permitiam que Julie se entregasse a um prazer perigoso demais para ser revelado diante de olhares curiosos: admirar cada

detalhe daquele homem sedutor sem esconder o quanto ele a fascinara. O encontro fora muito breve e só agora podia avaliar o impacto da beleza máscula de Sebastian Ramlin.

Olhos brilhantes e expressivos, de um azul quase negro, o tom misterioso e profundo do mar nas noites sem lua. O queixo forte, de um adulto com desejos potentes em contraste com os cabelos escuros e encaracolados que lhe davam um ar de poeta rebelde. O sorriso espontâneo, onde a alegria pura, quase a de um menino romântico, se mesclava à sensualidade que também emanava de seu corpo másculo. Os trajes elegantes e sofisticados não ocultavam o vigor dos músculos rijos, assim como o comportamento discreto e contido de um inglês que controla suas emoções não conseguia apagar o brilho de sua pele dourada pelo sol, sugerindo o temperamento ardente e fogoso dos homens de sangue quente das margens do mar Mediterrâneo.

Julie nunca encontrara um homem tão atraente e deu-se ao luxo de recordar cada momento daquele encontro, uma lembrança preciosa e que guardaria para sempre na memória. Então, à medida que as horas passavam e não encontrava forças para afastá-lo de seus pensamentos, começou a se desesperar. Sentira o impacto do fascínio de Napoleão, vislumbrando em sua voz e em seu olhar a potência do desejo e a força da paixão, mas essa sensação não se comparava ao descontrole emocional despertado por Sebastian. O que estaria acontecendo com ela? Teria perdido o orgulho e a dignidade, transformando-se em uma mulher dominada pelos apetites da carne, incapaz de resistir à sedução dos incontáveis conquistadores inescrupulosos, em busca de uma aventura rápida e sem compromissos?

Só o sono lhe devolveria a serenidade, dando repouso a sua mente e paz ao seu coração, mas não conseguia fechar os olhos sem ver Sebastian Ramlin e sentir as mesmas emoções perturbadoras. A aurora começava a clarear o céu de Paris, quando ela foi até a cozinha e pegou Ton-Ton em sua cesta. Abraçada ao cãozinho, pôde enfim adormecer minutos antes do raiar do sol.

As horas de insônia agora exigiam que ela pagasse o seu preço. Mal conseguia manter os olhos abertos e só resistiu ao sono porque vozes altercadas soavam à porta do quarto.

— A cidadã está dormindo. Não posso...

— Pois é hora de acordar! Deixe de agir como se fosse a mãe de Julie, Babette! Você cumpriu seu dever e prometo-lhe que ela não a culpará porque eu a acordei.

Anne-Marie entrou no quarto com a impetuosidade de um vendaval e, sem olhar para Julie, abriu todas as janelas, deixando que o sol iluminasse o aposento.

— Acorde logo, dorminhoca! Já passa do meio-dia! Além disso, só posso ficar pouco tempo e temos muito a conversar. Vá buscar um café com leite para sua patroa, Babette. Espere! É melhor só café e bem forte, porque ela mal consegue abrir os olhos.

A cama de Julie cedeu ao peso de Anne-Marie que se sentou ao lado dela, encarando-a com uma expressão maliciosa.

— Você é mesmo malandra! — murmurou ela, depois da saída de Babette. — Estava tudo programado, não é verdade? Avisou-o que nós iríamos trazê-la para casa, ele veio buscá-la mais tarde e só a trouxe de volta um pouco antes de os criados despertarem. Despediu-se com um beijo ardente antes de partir? É tão maravilhoso e romântico, querida!

— Você ficou maluca? — Julie não conteve o riso diante das fantasias da amiga, mais ousadas do que as suas. — Sobre o que está falando?

— Você sabe muito bem, Julie! Eu vi aquele homem fascinante a seu lado e agora entendo por que mal abriu a boca no percurso até o teatro. Estava sonhando com o encontro e só a censuro por não ter partilhado comigo a sua maravilhosa aventura. Não confia em mim? Sou sua amiga e jamais trairia o seu segredo, vamos, admita logo a verdade que tenho notícias importantes a lhe dar.

— Não há nada para admitir, Anne-Marie. Eu não menti ontem. Aquele homem

derrubou licor na minha luva e irá enviar-me um outro par. — Julie notou a impaciência da amiga. — Só posso partilhar com você minha opinião a respeito da aparência dele... É realmente um homem muito sedutor e perdi a hora porque fiquei acordada pensando nisso. Agora... qual é a notícia tão importante que não podia esperar nem mais um minuto?

— Bem... já não sei se você merece ouvi-la. — Anne-Marie não escondia seu desapontamento. — Mas, como vim até aqui, não vou perder a viagem, não é? Pois saiba que Mireille, a irmã de Bernard, ficou muito amiga de Hortense de Beauharnais, a filha de Josephine, esposa do general Bonaparte. As duas são colegas de escola e...

— Céus! Você disse que passa do meio-dia? — exclamou Julie, subitamente desperta. — É muito tarde!

— Quer prestar atenção em mim? Logo seremos convidadas pelos Bonaparte e então os convidaremos...

— Por favor, Anne-Marie. Perdi toda a manhã e...

— E ele vem vê-la à tarde? — Anne-Marie voltou a insistir. — Para trazer suas novas luvas, não é? Pois voltarei ainda hoje para saber de todos os detalhes.

Antes que Julie pudesse protestar, a amiga saiu do quarto tão rapidamente quanto chegara.

O trânsito congestionado da Rue Saint Honoré, sempre difícil nas proximidades do Louvre, aumentou o mal-estar de Sebastian. Se não estivesse ainda distante da ilha de Saint-Louis, ele teria descido da carruagem que cheirava a mofo e tabaco para percorrer o resto do caminho a pé. No entanto, o impulso incontrolável de esticar as pernas, como se os músculos se movessem por vontade própria, as câibras e os arrepios semelhantes aos da febre alta não eram causados pela falta de espaço ou de exercício.

Sebastian reconhecia os mesmos sintomas de excessiva tensão que já sentira algumas vezes em pleno mar, mas nunca em terra firme. Esse fenômeno ocorria quando tempestades violentas e prolongadas os desviavam centenas de quilômetros das rotas previstas, quando navegavam em águas sob o domínio de algum país hostil ou ao entrar em algum porto com a maré baixa demais. Os perigos rotineiros e constantes das viagens não tinham mais o poder de afetá-lo e a situação precisava ser realmente alarmante para provocar essas sensações perturbadoras.

E agora não existiam motivos válidos que justificassem seu nervosismo excessivo! Farroux queria apenas uma resposta e logo a receberia: uma categórica negativa! Desde o início, sabia que jamais concordaria em participar daquele acordo imoral, e fora irresponsável em desperdiçar o seu tempo e o do maquiavélico advogado, adiando desnecessariamente a recusa definitiva. Agira com a inconsciência de um adolescente sem juízo, indo ao teatro para conhecer a jovem e agravara seu comportamento imaturo ao provocar um acidente só para vê-la de perto. Luvas estragadas podiam ser substituídas por novas, mas sua honestidade não tinha preço e suborno algum compraria seus princípios morais.

Essas atitudes comprometedoras não significavam uma fraqueza diante da tentação ou da ganância como Farroux devia estar imaginando. Seu grande erro fora ceder à curiosidade pois, se a houvesse reprimido, não se encontraria agora em uma situação delicada. Vira Julie e se fascinara com o encanto ingênuo daquela jovem que, em outras circunstâncias, faria o impossível para conquistar. Na noite anterior, a força da atração os envolvera e ele esquecera, por alguns momentos mágicos, o motivo que provocara aquele encontro.

A imoralidade de seduzir uma mulher por dinheiro transformava-se em um ato criminoso no caso de Julie. Depois de encontrá-la, Sebastian passara a noite em claro,

procurando uma solução para o seu dilema, sem encontrar nenhuma saída honrosa. Não seria capaz de agir como um canalha, conquistando-a em troca de um punhado de moedas e muito menos de macular sua pureza com revelações destrutivas. "Seu marido ofereceu-me uma tentadora quantia para que eu a engravidasse, madame Farroux. Mas, ao conhecê-la, senti o desejo de possuí-la apenas para que nós dois descobríssemos juntos o prazer e a paixão." Ele teria coragem de olhar-se no espelho sabendo que destruíra as ilusões de uma jovem ingênua com suas palavras brutais?

Sebastian detestava pessoas hesitantes e temerosas. Sempre enfrentara os problemas e os desafios com determinação, jamais recuando diante de qualquer aventura ou resolução, por mais ousada que fosse, e nunca se arrependera de ser audacioso, mesmo quando arriscava a própria vida. Por que essa súbita e inexplicável incapacidade de tomar uma decisão? Desde o início, ficara bem claro que só havia uma atitude possível: quando as vantagens de uma oferta são insuficientes para compensar os riscos ou aplacar a consciência, a única saída é recusá-la e recuar. Ainda lhe restava tempo para agir com a costumeira firmeza. Bastaria contratar um mensageiro para entregar as luvas a Julie, avisar Farroux de sua impossibilidade de aceitar aquela proposta vergonhosa e pegar o primeiro navio de volta a Dover.

Então, por que não pedia ao cocheiro que parasse antes de cruzarem o Sena? Sebastian queria ver Julie mais uma vez e justificava essa atitude perigosa imaginando que talvez a luz do dia a transformasse em uma mulher igual às outras e ele pudesse partir conformado com a frustração de seus desejos. Reconhecia que, mais uma vez, comportava-se com a imaturidade de um adolescente fascinado por um rosto bonito e incapaz de afastar da mente a deusa de seus sonhos românticos. No entanto, sentia-se no direito de usufruir algumas horas de fantasia antes de enfrentar os problemas insolúveis que o esperavam na Inglaterra.

A carta de Percy Maine, seu agente em Londres, tinha destruído suas últimas esperanças. Apesar dos esforços desesperados, Percy fora obrigado a vender a parte de Sebastian para os outros dois sócios do Celestine a fim de pagar a tripulação do barco, mas ao menos conseguira um contrato com a Companhia de Navegação do Caribe. Na próxima viagem, ele seria o capitão de um dos navios dessa empresa, que crescia a olhos vistos, e receberia quinhentos guinéus de salário mais dois por cento dos lucros... caso houvesse algum!

Sebastian preferiria ser o capitão do Celestine e viajar pelo Mediterrâneo, onde o comércio era mais lucrativo, embora muito arriscado. Entretanto, o barco que fora seu estava nos estaleiros, só ficando em condições de navegar no início de abril, e seria impossível manter seu crédito aberto por tanto tempo. Os quinhentos guinéus de salário da Companhia do Caribe representavam uma parcela irrisória diante do total de sua dívida. O pior é que Cecil investira uma quantia bastante superior à dele e sentia-se responsável pela inevitável ruína do sócio, que também era um grande amigo.

Subitamente, Sebastian sentiu que estava à beira do abismo e, por egoísmo, arrastaria consigo amigos e funcionários para a mais desastrosa das situações, a ruína total! Tinha chegado a um ponto em sua vida em que já não havia lugar para escrúpulos e não podia continuar preso a sentimentos nobres mas abstratos como honra e idealismos juvenis.

Recebera uma proposta imoral mas lucrativa e esse acordo envolvia uma tarefa vergonhosa mas agradável, portanto, uma recusa significava duas perdas desnecessárias. Bastaria seduzir uma mulher linda para escapar da prisão que seria seu destino quando pusesse os pés em Londres. E, se conseguisse engravidá-la, as rotas do Mediterrâneo lhe seriam abertas, proporcionando-lhe lucros que superariam todos os seus sonhos de riqueza.

"Se jogar fora essa oportunidade enviada pelos deuses porque prefere ser galante... você é um idiota e merece passar a vida na prisão, Sebastian Ramlin!"

Quando Julie saiu do quarto, aborrecida por ter acordado tarde, soube por Babette que o marido passara a manhã no escritório, onde pretendia permanecer trabalhando durante toda a tarde. Ele nunca ficava em casa e sua inexplicável presença justamente naquele dia exigia que fosse informado sobre os acontecimentos da noite anterior, a fim de justificar a visita de Sebastian Ramlin. A reação de Guillaume ao ouvir seu relato deixou-a bem mais tranquila, pois transformava um episódio inquietante em um fato absolutamente banal.

— Não há motivos para preocupar-se, querida. O rapaz foi muito gentil ao insistir em substituir as luvas que estragou e você não poderia impedi-lo de vir a nossa casa para entregá-las sem ser grosseira. — Ele ergueu os olhos do papel, mas não soltou a caneta. — Ofereça-lhe um chá ou uma bebida para demonstrar que não guardou nenhum ressentimento.

Voltando a escrever, Guillaume deixou claro que a conversa terminara. Um assunto tão insignificante não merecia sua atenção por mais tempo. Julie sentiu-se uma perfeita idiota por ter interrompido desnecessariamente o trabalho do marido e pelas horas de sono que perdera. Transformara um incidente corriqueiro no prelúdio de uma traição conjugal que jamais se realizaria. A Inglaterra e a França continuavam em guerra e os poucos ingleses que vinham a Paris nunca ficavam muito tempo na cidade. Sem dúvida, interpretara mal a atitude de Sebastian, vendo intenções de conquista onde só havia gentileza, mas, se o possível romance não fosse apenas produto de sua imaginação, também não seria perigoso por falta de oportunidade. Dentro de um ou dois dias, ele partiria e não voltariam a se encontrar.

Ela estava no sótão, cujas clarabóias proporcionavam a luminosidade ideal para a pintura de suas aquarelas, quando Babette veio avisá-la de que conduziria o sr. Ramlin ao salão. Julie desceu as escadas com deliberada lentidão, disposta a retratar a graça serena de uma esposa feliz e realizada que deseja apenas partilhar com suas visitas o ambiente harmonioso de seu lar.

— Boa tarde, madame. — Sorrindo, Sebastian entregou-lhe um pacote. — São suas luvas e espero que agora possa perdoar minha falta de modos.

— Como vai, sr. Ramlin? É claro que já o desculpei... Acidentes desse tipo acontecem...

A serenidade de Julie evaporou-se diante do impacto causado pela presença muito próxima de Sebastian. Não podia imaginar que, à luz do dia, ele fosse ainda mais atraente. A iluminação natural realçava o tom dourado de sua pele, os dentes ficavam ainda mais alvos e acentuava o azul de seus olhos brilhantes.

— Posso lhe oferecer um chá ou um licor, sr. Ramlin?

— Não, muito obrigado. Apesar de ter sido criado na Inglaterra, não gosto de chá e ainda menos de licores.

— Mas... não era um licor de cassis que o senhor estava bebendo... ontem à noite?

Antes de terminar a frase, Julie arrependeu-se de ter feito aquela pergunta, que provocou um sorriso malicioso. Sebastian estaria rindo de si mesmo ou gozando dela?

— Não estava bebendo, madame. Apenas derrubando! Ignorando o olhar desafiante de Sebastian, Julie decidiu fugir daquela conversa perigosa, mas perdera a calma e a capacidade de raciocinar. Não sabia sobre o que falar e foi ele quem rompeu o silêncio tenso, tentando explicar o assunto como se não tivesse sido suficientemente claro.

— Não escolhi a bebida pensando no gosto e sim na cor... e no estrago que provocaria ao ser derrubado. Eu queria conhecê-la a qualquer custo.

— Pois conseguiu, sr. Ramlin. — Ela não teve forças para resistir ao sorriso contagiante de Sebastian e desistiu de repreendê-lo pela ousadia.

— Mas não a enganei, certo? Sem dúvida percebeu imediatamente que o acidente foi proposital.

— No primeiro momento cheguei a desconfiar, porém seu tom de voz demonstrava um pesar tão convincente que me senti culpada por suspeitar de sua honestidade. — Ela não sorria mais quando o fitou com um olhar sério. — A sua franqueza exige que eu lhe retribua na mesma moeda, sr. Ramlin. Sem dúvida, já ouviu uma infinidade de histórias sobre o comportamento bastante libertino das parisienses, solteiras ou casadas. Talvez não passe de exagero, talvez seja verdade, mas devo avisar-lhe de que considero sagrados os laços do casamento. Se estava em busca de uma aventura, errou ao aproximar-se de mim e será melhor procurar outra mulher. É um homem muito atraente e tenho certeza de que a encontrará sem a menor dificuldade.

A reação de Sebastian foi inesperada e perturbadora. Sem demonstrar arrependimento, pedir desculpas ou sentir-se embaraçado com o silêncio, permaneceu calado e imóvel, fitando-a com um olhar firme e um sorriso nos lábios. Certa de que ele iria embora depois de ouvir suas palavras duras, Julie suportou aquela situação constrangedora até perder o controle do nervosismo crescente.

— Embora sua atenção seja lisonjeira, não costumo envolver-me em romances ilícitos, sr. Ramlin. Sou uma mulher bem casada, feliz com minha vida conjugal, mas não estou expulsando-o desta casa onde sempre o receberemos... como amigo. Agora que a situação entre nós não permitirá qualquer mal-entendido, sinto-me segura o suficiente para convidá-lo a tomar um café.

— Agradeço-lhe sua gentileza, mas preciso ir embora, madame. Acho melhor voltar para o meu quarto, onde ninguém verá o desespero que sua rejeição provocou em mim! Ou talvez seja mais poético caminhar em direção ao Sena e mergulhar em suas águas turvas... como fazem os amorosos sem esperanças.

Julie não conteve o riso diante do tom exageradamente dramático de Sebastian, mas, para sua surpresa, também não resistiu ao impulso inexplicável de segurar o braço dele, impedindo-o de sair.

— Espere! Costumo dar um passeio com meu cãozinho no fim da tarde e aproveitarei para ir até a ponte em sua companhia.

Minutos depois, eles cruzaram o pátio interno da casa com o cãozinho preso à guia e demonstrando seu contentamento diante de um passeio inesperado.

— Veio comigo porque ficou com medo que eu me atirasse no rio, madame?

— É claro que não! — Ela sorriu maliciosamente. — Não me considero idiota a ponto de acreditar em suas tolices. Eu queria apenas aproveitar a rara oportunidade de falar inglês.

— Nasceu na Inglaterra?

— Mamãe nasceu em Surrey e, como morreu ao me dar à luz, eu viajava todas as férias para ficar com minha família materna. A grande felicidade de minha infância era passar o verão com vovó. Terminou quando me casei.

— Terminou a infância... ou a felicidade?

— Eu estava me referindo aos verões em companhia de minha avó.

Sebastian não precisava de uma resposta para saber que o casamento por obrigação destruíra a felicidade e pusera fim à infância de Julie.

— Gosta de ópera, sr. Ramlin? — perguntou ela, ansiosa por evitar aquele assunto.

— Detesto! Só gosto dos intervalos.

— Realmente a que vimos ontem foi péssima... excetuando-se o seu desempenho, é claro. Está desperdiçando um grande talento.

— Não creio. Afinal, todos nós representamos vários papéis na vida. — Ela a fitou, à espera de que seu comentário provocasse uma resposta sincera. — Concorde que somos atores sempre no palco?

— Nem todos, sr. Ramlin. Eu não saberia fingir e não disfarço o que realmente sou.



— Uma esposa que se sente feliz porque se mantém fiel?

— Plenamente feliz.

Os dois caminharam ao longo do cais, calados mas sentindo que o silêncio entre eles não significava distância ou constrangimento. Ton-Ton queria correr e puxava a guia, obrigando Julie a acompanhá-lo. Deixando-a afastar-se alguns passos, Sebastian aproveitou para olhá-la à vontade.

Uma mulher esguia, correndo pelas pedras do cais com seu cãozinho. Ninguém acreditaria que aquela garota, quase menina, estivesse casada há três anos com um velho que perdera a capacidade de sentir qualquer emoção. Sebastian pressentia que a jovem de aparência serena escondia a alegria travessa de uma criança, conservando intocadas a inocência e a pureza da infância. Assustou-se ao perceber que não desejava apenas o corpo esbelto de Julie, mas ansiava também por descobrir os segredos de seu coração e os mistérios de sua alma.

— Ama seu marido, madame Farroux?

— Mas é claro que sim! — Embora acreditasse em suas palavras, ela quis que Sebastian a entendesse melhor. — Imagino que você esteja se referindo a um sentimento romântico, mas existem muitos tipos de amor e não preciso desse tipo de fantasia para sentir gratidão, lealdade e respeito por Guillaume. Depois de ter perdido meu pai, ele é marido, amigo e o parente que me restou.

Sebastian tocou-lhe o ombro, forçando Julie a interromper a caminhada. O desafio em seu olhar fora substituído por uma outra emoção, um sentimento cuja perturbadora intensidade a inquietava e ela preferia ignorar.

— Não se esqueceu de mencionar que ele também é seu amante? Por Deus, madame! É jovem demais para resignar-se a um casamento desprovido de sentimentos românticos. Não se pode sentir feliz, conformando-se a passar o resto de seus dias sem amor!

— Não me considero conformada e sim abençoada por um sentimento muito intenso ao qual devo minha vida. Cheguei a poucos passos da guilhotina e não imagina a felicidade que sinto por ainda estar viva, sr. Ramlin. Se meu pai e Guillaume não unissem seus esforços, eu não teria sobrevivido aos massacres do período do Terror. Foi o amor desses dois homens que me salvou e não um romantismo poético.

Sebastian ia contestar esse argumento, insistindo que um casamento não podia basear-se apenas em gratidão, quando ouviu o grito desesperado de Julie. A guia de Ton-Ton escapara das mãos dela e o cãozinho corria, cruzando a rua, bem na frente de uma carruagem que vinha velozmente na direção do animal.

Sem pensar, Julie precipitou-se atrás de Ton-Ton. Mas Sebastian, conseguindo alcançá-la antes que ela chegasse ao meio da rua, empurrou-a de volta para a calçada. Então saltou sobre o cãozinho, agarrando-o segundos antes de os cavalos passarem sem diminuir a velocidade.

Julie correu para a poça de lama para onde Sebastian rolava com o cãozinho nos braços. Ele continuava deitado no chão e Ton-Ton debatia-se em seus braços. Entregando-lhe a guia, ergueu-se com dificuldade mas sorrindo.

— Sr. Ramlin! — Ela chocou-se com as roupas rasgadas e cobertas de lama. — Eu sinto muito... está ferido?

— Não... — murmurou Sebastian, que tentava recuperar a firmeza das pernas. — Acho que estou bem.

— Peça-lhe desculpas por ter sido tão descuidada, deixando Ton-Ton escapar e seguindo-o sem pensar no perigo. Mas... Esse cãozinho significa tanto para mim que agi por um impulso e acabei provocando o seu acidente.

Vendo suas roupas sujas de lama e rasgadas de cima abaixo, ele imaginou de que modo voltaria para seu quarto na hospedaria. Não podia atravessar o centro requintado de Paris vestido como um mendigo e muito menos tomar um dos coches de aluguel.

Nenhum cocheiro com o juízo perfeito aceitaria um passageiro esfarrapado e tão imundo que sujaria todo o interior da carruagem.

— Tem certeza de que não se machucou, sr. Ramlin? Sinto-me tão culpada por seu acidente e... suas roupas ficaram...

— Inutilizadas como a sua luva que estraguei provocando o seu acidente, não é? Se estamos competindo... acho que terei o primeiro lugar...

Julie percebeu que o corpo dele começara a oscilar, mas não o alcançou em tempo de segurá-lo. Sebastian desmaiou, caindo novamente sobre a poça de lama.

## CAPÍTULO V

Um cheiro muito forte e desagradável obrigou-o a abrir os olhos e o esforço provocou uma dor intensa. Tinha a exata sensação de que sua cabeça se desprendera do corpo e flutuava.

— Por favor, sr. Ramlin. Não feche novamente os olhos. Acorde...

Sebastian conhecia aquela voz de algum lugar e o som melodioso deu-lhe forças para tentar manter os olhos abertos. Aos poucos, as três cabeças que oscilavam diante dele adquiriram maior nitidez, mas não reconhecia ninguém.

— Sou o dr. La Salle — disse uma das pessoas, aproximando-se. — Você levou um coice na cabeça, mas, por sorte, foi atingido muito superficialmente. Enfaixei o local ferido e, embora não seja grave, é importante manter-se acordado e não se mover durante alguns dias. Está na casa da família Farroux e eles cuidarão de tudo, seguindo minhas instruções. Agora vamos testar seus reflexos... Olhe para o meu dedo...

Mecanicamente, Sebastian obedecia às ordens, ainda sem entender o que estava acontecendo. Então, com a rapidez de um raio, recuperou a consciência e sentiu a dor brutal que o impedia de mover a cabeça. Lembrou-se do acidente e reconheceu o velho advogado Farroux e sua jovem esposa.

— Meu caro rapaz! Você nos deixou extremamente preocupados! Foi um susto horrível.

A voz melíflua de Farroux o impedia de lembrar outros detalhes de seu acidente e aumentava sua dor de cabeça. Por que não se calava?

— Minha esposa contou-me que você arriscou-se heroicamente para salvar aquele cãozinho malandro sem pensar em sua própria vida. Temos uma dívida de gratidão a lhe pagar e insisto em que permaneça conosco até recuperar-se do trauma sofrido. Este quarto é seu... Na verdade, considere sua a nossa casa e não hesite em pedir o que for necessário para seu conforto. O médico voltará amanhã para examiná-lo, mas não ficará sozinho. Eu o deixarei aos cuidados de Julie, minha eficiente e dedicada esposa.

Quando teve certeza de que estava sozinho com Julie, ele tentou sentar-se na cama, mas a dor foi intensa demais.

— Faça um esforço para continuar deitado por mais alguns minutos. Vou buscar um remédio que aliviará a dor e quem sabe conseguirá sentar-se.

O líquido, amargo demais, provocou-lhe náuseas, mas, em poucos segundos, Sebastian sentiu que a dor intensa começava a ceder e sua visão se clareava. Agora

conseguia ver o quarto, com paredes forradas de tecido floral, a mesa-de-cabeceira com um abajur de cúpula de seda dourada, ao lado da cama em que ele fora colocado, e o brilho rubro de uma lareira a sua frente. Ousando mover-se, tocou a cabeça coberta por bandagens e percebeu que usava apenas uma camiseta e ceroulas. Procurando a sua volta, não enxergou suas roupas.

— Há quanto tempo estou neste quarto?

— Menos de uma hora. — Julie sentou-se na cama e segurou as mãos dele, fitando-o com um olhar de compaixão. — Durante esse período, você esteve inconsciente e o médico disse que é o efeito costumeiro de quem sofre uma concussão occipital.

— Uma... O que é isso?

— Uma pancada na cabeça que costuma provocar desmaios profundos e, graças a Deus, apenas temporários. — Ela cobriu o rosto angustiado e muito pálido com as mãos trêmulas. — Nunca me senti tão desesperada... Se você morresse, eu seria culpada, e estive muito perto da morte, Sebastian!

Embaraçada com a perda de controle, Julie levantou-se da cama, recuando até a cômoda onde estavam os remédios, no outro extremo do quarto.

— Por favor, desculpe-me, sr. Ramlin.

Sebastian reconheceu o medicamento que Julie lhe dera pelos efeitos agradáveis. Só podia ser láudano, e ele sentia a sensação de leveza e euforia provocadas pelo ópio usado em grande quantidade nesse remédio.

— Nada de senhor! Prefiro ser chamado de Sebastian e, pelo que ouvi dizer, já não se usam títulos ou tratamentos diferenciais depois da Revolução. É verdade ou será que ouvi histórias falsas a esse respeito?

— Sim, mas...

— Também prefiro que você fique sentada ao meu lado na cama. Não tenha medo de aproximar-se porque não me sinto em condições de tomar qualquer atitude ousada... pelo menos por enquanto. Além disso, esqueceu-se do que disse o seu marido? Não devo hesitar em pedir o que for necessário para o meu conforto e sua presença é essencial porque não consigo vê-la a essa distância. E se me esforçar, a cabeça começará a doer.

— Está bem. Eu irei se parar de se mexer tanto!

Julie foi ativar o fogo da lareira antes de aproximar-se e quando sentou-se na cama seu rosto recuperara o tom rosado.

— Ah! Então você queria ficar perto de mim!

— Que tolice! Por que tirou essa conclusão absurda?

— Pelo prazer refletido em seu rosto.

— O que vê em meu rosto é um alívio descomunal, sr. Ramlin! Já não tenho dúvidas de que o acidente não afetou sua ousadia nem sua irreverência. Em resumo, continua o mesmo!

Sebastian nunca a vira tão de perto e a claridade dourada do abajur iluminava o rosto que o fitava de frente. Julie não tinha a beleza lânguida e artificial das mulheres que passavam por sua vida com uma rapidez excessiva. Os cabelos, brilhantes e sedosos, caíam com simplicidade sobre as costas, presos por uma singela fita de veludo azul. Desprovidos de qualquer realce, os olhos muito grandes e cor de mel refletiam a inocência de uma jovem que não aprendera a usar as armas da sofisticação para acentuar seus dotes naturais. Intuitivamente, sabia que ela não estava acostumada a atrair a atenção dos homens com observações picantes e aquela resposta fora o primeiro comentário provocante que ousara fazer em toda a sua vida. Essa certeza despertava-lhe uma inebriante sensação de triunfo.

— Onde foram parar minhas roupas? — perguntou ele, depois de saborear por alguns minutos o prazer provocado pela ousadia reveladora de Julie.

— Estão sendo lavadas pelos criados. Infelizmente o seu sobretudo de lã não tem

mais conserto e só será possível salvar a gola de pele. Amanhã o enviaremos ao alfaiate de meu marido, que fará um outro idêntico.

— É espantoso! — Ele sorriu, provocando-a deliberadamente. — Nosso relacionamento continua girando em torno de peças do vestuário... uma coincidência dispendiosa mas bastante significativa. Não acha que os deuses estão nos avisando para aproveitar a situação e dispensá-las por completo?

Notando o rubor irradiar-se pelo rosto de Julie, Sebastian arrependeu-se de ter feito aquele comentário que poderia ser considerado ofensivo. Mas, para sua surpresa, ela reagiu contra a timidez e o enfrentou com uma resposta à altura.

— Seria muita pretensão atribuir a encenação teatral que arruinou minhas luvas a um desígnio divino. Você foi o único responsável, pois arquitetou o acidente e... começo a pensar se, por acaso, também não planejou...

— Por Deus! Planejei o quê?

— Bem, o herói ferido e a dedicada enfermeira são personagens que aparecem em dezenas de romances. É um par amoroso clássico e sempre se apaixonam no final do livro. Não terá imaginado também essa situação... de comprometedor proximidade?

— Juro que sou inocente! Se imaginasse a dor que sinto na cabeça, não seria tão maldosa a ponto de sugerir essa barbaridade. Além disso, nunca leio romances.

A penumbra aconchegante do quarto, o calor da lareira e o alívio por não sentir mais a cabeça latejar provocava-lhe uma sensação de profundo bem-estar.

— Agora que mencionou essa situação romântica, percebo inúmeras possibilidades excitantes em nosso caso. O que acha de aproveitarmos uma oportunidade única?

— Se continuar me provocando com insinuações maliciosas, eu renuncio a ser sua enfermeira e enviarei um dos criados para lhe fazer companhia.

Julie estava levantando-se para ir embora quando Sebastian segurou-lhe o pulso.

— Por favor, não me abandone. As palavras saem de minha boca sem que eu possa censurá-las e não deve considerar-me responsável, pois deu-me ópio para aliviar a dor e essa droga retira todas as inibições. No entanto, o meu coração sabe que preciso de você bem perto.

Ainda relutante, Julie voltou a sentar-se na cama. A distância entre eles não era grande, mas Sebastian sentia que um abismo ainda os separava. Talvez conseguisse ultrapassá-lo, mas no momento queria apenas dormir.

O dr. La Salle voltou na manhã seguinte para visitar o paciente e, depois de examiná-lo, permitiu que tomasse um banho. Sebastian insistira demais e o médico acabou concordando, desde que Victor Benoit, o valete de Guillaume, permanecesse ao lado dele o tempo todo. Quando Julie viu o criado sair, apressou-se a entrar no quarto.

— Bom dia! Está se sentindo melhor hoje?

— Pelo menos mais limpo. O roupão de veludo que seu marido me emprestou é muito confortável e Victor colocou a cadeira perto da janela porque eu queria ar fresco. — As palavras de Sebastian desmentiam sua expressão de impaciência. — Continuo ficando tonto quando me levanto e creio que seja por causa do remédio. Decidi que não vou mais tomá-lo.

— Essa tontura não é efeito do remédio e sim da pancada que levou na cabeça. Foi por isso que o dr. La Salle exigiu a presença de Victor durante o seu banho. Ele disse que você precisa permanecer deitado e só deverá levantar-se quando não se sentir mais tonto. Não há motivos para preocupação e esse mal-estar passará dentro de dois ou três dias.

— Mas eu não posso ficar aqui tanto tempo!

— Tome o chocolate que lhe trouxe enquanto está quente. — Ela sorria enquanto dava-lhe ordens, como se falasse com uma criança. — Deixe de agitar-se

desnecessariamente. Afinal, três dias passam logo, não é uma eternidade!

E, no entanto, o tempo se imobilizou para Julie, que perdeu a noção do passar das horas e já não se lembrava do período anterior à chegada de Sebastian. Victor ajudava-o a tomar banho e vestir-se, mas era ela que cuidava de todos os outros detalhes.

Desde as primeiras horas da manhã, ia ficar com Sebastian, e mesmo depois de vê-lo dormindo profundamente, drogado pelo remédio, ainda levantava-se várias vezes durante a noite para verificar se ele precisava de algo. Durante o dia, lia-lhe todos os jornais, jogava xadrez ou damas, sem sair nem para as refeições que Babette levava para o quarto e Julie servia. Mas as tardes eram longas e o confinamento forçado provocava uma intimidade inevitável, despertando-lhe o desejo de falarem sobre si mesmos.

Sebastian foi o primeiro a contar os detalhes de sua vida. Ele nascera na Itália onde, ainda bebê, perdera os pais durante uma epidemia de tifo. Seu guardião, o monsenhor Domenico Tramonte o recebera, por ser um parente distante, pouco antes de partir para a Inglaterra em uma missão do Vaticano. Encantado com a Cornualha, o religioso decidiu não retornar a seu país e criara seu pupilo como um verdadeiro garoto inglês, que só deixara de frequentar as tradicionais escolas públicas quando fora para um seminário de jesuítas na França.

— Domenico acalentava o sonho de me ver abraçar o sacerdócio e eu era uma criança bastante dócil. — Sebastian moveu mecanicamente a peça no tabuleiro de xadrez, sem prestar a menor atenção no jogo. — Mas não fiquei muito tempo no seminário em Douai porque descobri bem depressa que não possuía o temperamento adequado para uma vida de pobreza e castidade. Eu queria ser marinheiro, mas precisava da permissão do meu tutor para embarcar porque ainda não tinha dezesseis anos. Apesar de preocupado com os perigos do mar, ele concordou e, em nove anos de trabalho duro, consegui chegar a capitão e dedicar-me, por conta própria, ao comércio marítimo.

Embora ele estivesse imobilizado por ataduras e preso a uma cama, Julie sentia a vitalidade e a energia de Sebastian. Bastava olhá-lo para reconhecer um homem com desejos potentes, impulsionado pela atração por uma vida de aventura... um homem muito diferente de Guillaume Farroux.

— Você deve ter herdado essa vontade de vencer de seu pai, não?

— Não tenho a menor ideia, porque sei muito pouco sobre meus pais. Aliás, a única informação concreta é que ambos nasceram em Génova. Cansei de fazer perguntas a esse respeito a Domenico e acabei percebendo que o assunto o perturbava demais. Suspeito de que ele seja meu verdadeiro pai, mas dificilmente ele me revelará se sou ou não o resultado de alguma aventura de sua juventude.

A tarde caía e os últimos raios de sol iluminavam o rosto de Sebastian. À luz dourada do crepúsculo, os olhos brilhantes de malícia e o sorriso despreocupado sugeriam a imagem de um corsário ousado, confiante em sua bravura e feliz ao enfrentar situações arriscadas.

— Domenico fez voto de castidade, portanto jamais poderia confessar a verdade, pelo menos a mim. Entretanto, quando estamos sozinhos, eu o chamo de pai, e acho que ele gosta disso. — A voz de Sebastian revelava uma profunda ternura. — Fui criado como um filho e, com o tempo, perdi a necessidade de saber se em nossas veias corre realmente o mesmo sangue. Hoje eu considero a nossa ligação afetiva profunda e insubstituível, muito mais importante do que um mero laço de parentesco.

— Deve ser penoso não saber nada sobre os pais — murmurou Julie, comovida. — Eu também não conheci mamãe, mas, através de minha avó, sempre a senti muito próxima de mim. Vi seus retratos, contaram-me suas travessuras de menina, seus sucessos de jovem debutante, enfim, tenho a impressão de que a presença materna sempre me acompanhou e continuará comigo por toda a vida. Na verdade, ela é uma pessoa muito mais real do que meu pai, de quem pouco me lembro. Guardo apenas

recordações vagas, apesar de tê-lo perdido só há três anos, no auge do período do Terror.

— E por que essas lembranças são poucas e vagas?

A ternura na voz de Sebastian perturbou Julie. Sentia-se, ao mesmo tempo, emocionada com essa demonstração de afeto e com um medo indefinido. No entanto, queria viver plenamente aqueles momentos de preciosa intimidade. Só pensaria nos perigos dessa aproximação inquietante se a situação se agravasse, e em três dias não seria possível que isso acontecesse.

— Eu não saberia dizer quantas vezes papai esteve no castelo de Marduquesnes durante minha infância. Levei uma vida solitária, entregue a enfermeiras, babás e depois a governantas. Lembro-me apenas de uma visita provocada pela necessidade de comunicar pessoalmente sua decisão de internar-me no convento de Sainte-Martine des Anges. Quando o período escolar terminava, começavam as férias, sempre na Inglaterra com vovó, e vice-versa. Essa indiferença chocante para uma criança levou-me a acreditar que ele não me amava ou, por algum motivo incompreensível para mim, não suportava minha presença.

As tristes lembranças da infância tinham transfigurado o rosto de Julie, mas, ao prosseguir, um sorriso afastou a expressão melancólica.

— Agora sei que papai me amava e sempre se preocupou comigo. Talvez não se julgasse à altura da tarefa de educar uma filha sem a ajuda da mãe, talvez se considerasse uma influência má por causa da vida que levava. Depois da morte de mamãe, ele teve inúmeras amantes, mas nunca casou-se com nenhuma. Acho que todo o seu amor foi dedicado à esposa tão cedo perdida e a mim... porque morreu para me salvar.

A fantasia de Julie, que transformara um canalha em um herói, enfureceu Sebastian. Com um gesto rápido, ele segurou a mão delicada que mudava uma peça no tabuleiro, prendendo-a entre as suas.

— Só uma criatura anormal e emocionalmente deformada não amaria uma filha como você, Julie. Se eu fosse seu pai, jamais esqueceria cada gesto e cada palavra da criança, adivinharia todos os desejos da adolescente e acho que sofreria muito quando a visse partir para férias longe de mim. Não sei como reagiria se tivesse de perdê-la para sempre.

A tentativa de Julie para soltar a mão alertou Sebastian que, em sua exaltação, a apertara demais. Relutante, ele rompeu o contato e recostou-se nos travesseiros, pálido e transtornado.

— É sua vez de jogar — murmurou Julie, preocupada com a expressão estranha no rosto de Sebastian. — Ou será que se cansou demais e prefere parar?

— Perdi a concentração. — Ele forçou-se a sorrir. — Fiquei pensando em como agiria se fosse seu pai e cheguei à conclusão de que meu método daria péssimos resultados. Iria mimá-la demais, satisfazendo todos os seus caprichos e hoje teria ao meu lado uma mulher cheia de vontades, autoritária e arrogante, em vez da jovem meiga e doce que é incapaz de atitudes imperiosas.

— Então tive muita sorte.

Sem fitá-lo, Julie começou a recolher as peças para guardá-las em uma caixa de marfim e ébano. Ela continuou a movimentar-se pelo quarto, reunindo copos e xícaras, enchendo a garrafa de cristal da mesa-de-cabeceira até que finalmente aproximou-se de Sebastian. Já estava com a bandeja nas mãos, prestes a dizer boa noite, quando ergueu o rosto, revelando um sorriso perturbador.

— Não se trata realmente de sorte. Você é moço demais e, em hipótese alguma, teria idade para ser meu pai.

— Graças a Deus! Eu prefiro que o nosso relacionamento seja bem diferente...

— Boa noite, Sebastian.

O tom de voz severo e o olhar de censura não o convenceram. O tinir dos copos de cristal na bandeja demonstravam que as mãos de Julie tremiam, portanto, ela se afetara com suas palavras.

— Boa noite, Julie... — Ele sorriu maliciosamente. — Sonhe comigo!

Na manhã seguinte, Sebastian declarou que precisava de exercício e acabaria enlouquecendo se continuasse fechado entre quatro paredes.

— Mas o dr. La Salle insistiu na necessidade de repouso. Você teria de ficar na cama sem se levantar até amanhã, pelo menos.

— Por Deus, tenha dó de mim! — suplicou ele com uma careta de desespero. — Sem dúvida o seu médico adora ficar deitado, mas eu não estou acostumado a uma vida sedentária. Além disso, a cama deixa de ser um lugar de descanso e sugere atividades pouco repousantes quando a vejo perto de mim. Você é linda demais para provocar os efeitos de um calmante em qualquer homem.

— Então talvez eu deva pedir a Victor que lhe faça companhia. Assim a sua convalescença será bem mais... repousante!

— Não estou sugerindo que eu precise dar a volta na ilha correndo, Julie. Quero só ir até o jardim. E já descansei demais, não preciso da entorpecente presença daquele homem que se move com a lentidão de uma tartaruga! Preciso apenas de um pouco de ar puro, exercícios e uma companhia estimulante que desperte minhas energias vitais... algo além da capacidade do anestesiante Victor Benoit.

Julie não encontrou argumentos para recusar aquele pedido. Ainda faltava uma hora para o almoço e o sol brilhava no pequeno jardim dos fundos da casa. Apenas exigiu que Sebastian vestisse o sobretudo de Guillaume, apertado mas muito quente, e concordasse em apoiar-se no braço dela, além de não discutir sobre a hora de parar o exercício.

Os dois percorreram lentamente o diminuto retângulo rodeado por altos muros, refazendo várias vezes o mesmo percurso sob os galhos nus das cerejeiras. Logo Julie percebeu que o sol e o ar puro renovavam suas energias e, cedendo à euforia provocada também pela proximidade de Sebastian, começou a contar-lhe suas travessuras nas férias de verão em Clarendon, as excentricidades e o carinho da avó. Subitamente, sentia um desejo incontável de partilhar com ele os momentos alegres de sua adolescência, entre as amigas inglesas e com as companheiras de escola em Sainte-Martine des Anges.

Atento e participante, Sebastian a estimulava a reviver a alegria das recordações do passado que guardara apenas para si. E Julie abriu seu coração, tentando não pensar que aquele homem, quase um estranho, se transformaria em um confidente. Em menos de três dias, ele a conheceria muito mais a fundo do que Guillaume, com quem convivia há três anos!

Essa revelação inquietou-a tanto que decidiu encerrar aquele passeio em torno dos muros do jardim. Entretanto, nenhum dos dois escondia a relutância de voltar para dentro de casa. O dia estava limpo, com o céu muito claro e, embora o inverno continuasse frio, o sol cálido aquecera as pedras do pátio, e eles sentaram-se nos degraus em frente das portas de veneziana do salão.

— O médico deve vir amanhã e certamente ficará surpreso com sua rápida recuperação. — Ela surpreendeu-se ao ouvir o tom melancólico de sua voz. — Talvez até o considere apto para partir...

— E tudo graças a você, Julie. Só sinto que atrapalhei sua vida... Foi um período de monotonia, ficou presa em casa, sem diversões...

— Monotonia? — ela o interrompeu, dando uma gargalhada. — Sei que você não é o único, mas tem uma ideia totalmente distorcida sobre a vida das parisienses. Não estou me referindo às jovens solteiras que precisam ir a festas e cuidar de sua vida social ou

não encontrarão um marido. As mulheres casadas quase não saem de casa, excetuando-se raras idas ao teatro ou quando precisam comparecer a alguns eventuais acontecimentos públicos em função de compromissos profissionais dos maridos. Seus dias são sempre ocupados pelas tarefas domésticas e o tempo que lhes resta costuma ser preenchido por algum passatempo útil como costura e bordados ou inútil como o meu, a pintura. Você foi uma inesperada interrupção nessa rotina. É agradável ouvir alguém que conhece o mundo todo. Conte-me mais sobre suas viagens.

Apoiando-se sobre os cotovelos, Sebastian reclinou-se sobre os degraus de pedra e, com os olhos fixos no céu, acima dos galhos das cerejeiras, falou sobre o povo exótico que vivia nas ilhas do Sul do Pacífico. Julie o ouvia, encantada e sem saber se sentia mais prazer por ouvir a voz grave contando-lhe aventuras fantásticas ou pela proximidade de um homem que a fascinava.

Aquela tarde de dezembro, uma das mais belas, continuava cálida, mas Julie sentiu o frio envolvê-la. Eram provavelmente as últimas horas em que teria Sebastian ao seu lado.

Na manhã do quarto dia, o dr. La Salle declarou, como Julie previra, que Sebastian já podia retomar suas atividades habituais. A estada na casa dos Farroux terminara e, logo após a saída do médico, ele pediu para falar com Guillaume.

— Meu marido foi enviado para a província da Vendéia pelo ministro do Interior — explicou Julie. — Ele ficou muito aborrecido por não estar aqui quando você fosse partir e pediu-me que lhe transmitisse suas despedidas e votos de uma boa viagem de volta à Inglaterra. Como saiu hoje de madrugada, Guillaume não quis perturbar seu sono.

— Eu só queria agradecer-lhe a generosa hospitalidade.

— Darei seu recado a ele. Deixou um envelope com seus documentos, chaves, dinheiro, enfim, tudo que encontrou em seus bolsos. Também deu ordens para que preparassem nossa carruagem a fim de conduzi-lo a seus alojamentos. Está a sua espera no pátio.

— Você virá comigo?

— Sem dúvida. Pretendo acompanhá-lo até constatar que não sentirá mais tonturas depois de andar de carruagem e subir escadas.

Se ele vislumbrou a verdade disfarçada pelo tom descontraído de suas palavras ou percebeu que Julie queria adiar o momento da separação, poupou-a do embaraço demonstrando aceitar aquela explicação pouco convincente. Ambos sabiam que já não haveria nenhum problema. Sebastian estava em pleno vigor e seria capaz de qualquer esforço físico sem necessidade de ajuda. Usando um sobretudo idêntico ao estragado no acidente, voltara a ser o mesmo homem e nada indicaria que sofrera uma concussão.

Julie observava-o, procurando algum sinal que diferenciasse o Sebastian de hoje daquele que conhecera quatro dias atrás. Um rapaz viera entregar-lhe as luvas que manchara no teatro, o mesmo que preparava-se para ir embora naquele momento. No entanto, apesar da aparência idêntica, havia ocorrido uma mudança radical. O estranho se transformara em um amigo. Em poucos dias, algumas dezenas de horas, haviam partilhado recordações, experiências, suas vidas e até sonhos. Descobrira que ele detestava ostras e nabos, adorava música e, embora fosse desafinado, recusava-se a admitir a falta de melodia. Ela aprendera a apreciar cada uma das expressões que se alternavam na fisionomia sempre em mutação, da serenidade tranquila do sono à vibração da alegria, da ternura contida ao desejo indisfarçável. Reconhecia as mudanças sutis e reveladoras no tom de sua voz.

Descobrira tantas minúcias e todas a encantavam. Também sabia que ele a desejava muito e bastaria um gesto ou um olhar de encorajamento para... Transtornada, Julie lutou para sufocar a ânsia de trilhar um caminho proibido, antes de perder as últimas



forças para resistir. Sua mente teria de controlar as fantasias ou seria melhor não acompanhá-lo, expondo-se à proximidade inevitável dentro da carruagem.

A caminho, ela o incentivou a falar sobre seus planos para os próximos dias. Sebastian concluíra os negócios que o haviam trazido à França e pretendia partir o mais rápido possível para Londres. Depois de arrumar a mala e pagar o hospedeiro, tomaria a primeira carruagem que se dirigisse para Calais. Os detalhes da partida muito próxima eram tão simples que o assunto logo se esgotou. Calando-se, Julie pensou na única pergunta que ansiava fazer e jamais ousaria formular.

Como se despediria de Sebastian? O mais apropriado seria dar-lhe um beijo no rosto, a maneira correta de dizer adeus a um velho amigo. Mas, no fundo de sua alma, reconhecia que se atormentava ao imaginar se suportaria com brio a inevitável separação. Forçava-se a desviar o rumo de seus pensamentos, evitando compreender a origem de sua angústia porque temia descobrir a verdade sobre seus sentimentos. Só admitia que não conseguiria voltar à vida vazia de sempre, frustrando-se dia após dia com o fracasso das tentativas vãs de recuperar a vibração e o estímulo do período muito breve vivido ao lado dele.

E por que torturar-se se não existia nenhuma ligação a ser rompida, exceto em sua imaginação? A rápida passagem de Sebastian em sua vida fora um episódio agradável, um período em que quebrara a rotina monótona de seus dias. Os dois haviam se distraído juntos sem aprofundar um relacionamento que ambos prefeririam evitar, porque o adultério sempre provoca sofrimento.

— Falou comigo, Julie?

— Não... sim, é claro! — Ela assustou-se diante da possibilidade de ter pensado em voz alta. — Estava imaginando sua viagem entre Calais e Dover. Nesta época do ano, a travessia do canal da Mancha costuma ser terrível.

— Mas felizmente é muito curta e não me causará problemas.

— Sem dúvida... Você está acostumado a mares muito mais agitados, não é? Eu me esqueci e...

A parada repentina da carruagem salvou-a de uma situação constrangedora. Estava à beira das lágrimas e não conseguiria continuar falando sem revelar seu descontrole.

Em sua primeira viagem a Paris, ele procurara uma hospedaria de bom nível e próxima do centro comercial. O Relais Granache ficava no lugar ideal, atrás de La Madeleine e o ponto de partida dos coches que se dirigiam a Calais. Dos quartos de Sebastian, no terceiro andar, avistavam-se os telhados de ardósia e as cúpulas das igrejas, e Julie, que o acompanhara, sob o pretexto de ajudá-lo a arrumar as malas, dirigiu-se à janela, encantada com a vista.

— Eu passei três dias sendo mimado por você, Julie. Agora sente-se. Vou pedir um chá e quero que fique quietinha enquanto arrumo tudo sozinho.

O tom de voz de Sebastian mudara, revelando polidez formal como se, involuntariamente, a avisasse de que já começava a existir distância entre os dois. Então ele a deixou na sala e o breve afastamento provocou uma incontrolável angústia em Julie. Apenas alguns metros, os separavam, mas a sensação de perda prenunciava o quanto sofreria quando o perdesse de vista para sempre.

Angustiado, procurou sufocar a depressão, examinando os detalhes da saleta, que refletia a frieza impessoal de alojamentos provisórios adequados apenas para visitas rápidas.

Cerrando os punhos, Julie lutou para não sofrer ao admitir que Sebastian morava na Inglaterra, pertencia a um outro mundo e vivia uma realidade sem lugar para fantasias e só o veria em Paris por poucos dias no intervalo de viagens que duravam muitos meses. Não queria apaixonar-se. Jamais o teria e também não podia entregar-se a um sentimento proibido. Recusava-se a agir como uma adolescente sem juízo, perdendo o coração para um homem que em poucas horas desapareceria de sua vida, deixando-a

com o gosto amargo do pecado e a dor do abandono em seu coração.

O garoto que veio trazer-lhe o chá tinha acabado de colocar a bandeja sobre a mesa quando Sebastian saiu do quarto, já com roupas de viagem.

— A que horas sai o próximo coche para Calais, garoto?

— Bem... o último foi há quarenta minutos, mas ao meio-dia parte um coche que vai até Beauvais, onde chega no final da tarde. Lá o senhor pode pegar um outro e estará em Calais antes do anoitecer, porque é muito perto. Ou então espera o de amanhã, que sai bem cedinho, às sete horas. O que devo fazer? Reservar um lugar no expresso de hoje ou no de amanhã?

Sebastian voltou-se para Julie, fitando-a como se a decisão dependesse dela.

— Amanhã... — respondeu ela sem hesitação. Esperando pela saída do menino, a quem dera uma gorjeta, Sebastian aproximou-se da cadeira de Julie e segurou-lhe as mãos.

— Obrigado...

Só ao ouvir a voz rouca de emoção, Julie compreendeu o que significara a própria resposta. Por que não pensara antes de falar? Não tivera nenhuma intenção oculta ao pedir-lhe que partisse só na manhã seguinte e se comprometera através de uma única palavra. Descontrolada, tentou disfarçar o nervosismo, justificando sua atitude.

— Minha carruagem está a nossa espera e teremos o resto do dia para visitar Paris. Sei que já veio muitas vezes para cá, mas sempre a negócios. Gostaria de mostrar-lhe lugares diferentes e...

Colocando o dedo sobre os lábios de Julie, ele impediu-a de continuar falando. Com gestos lentos, soltou as fitas do singelo chapéu de palha branca e jogou-o sobre o sofá. Então tocou os cabelos sedosos, o rosto delicado, até alcançar a boca rosada e trêmula.

— Já vi tudo que me interessa em Paris e a essência da beleza desta cidade está agora em meu quarto...

Seus lábios se tocaram levemente e Julie assustou-se com a onda de desejo que a envolveu. A intensidade de suas sensações provocou-lhe um pânico incontável. Chegara o momento da decisão e suas forças minguavam ante a atração que sentia por Sebastian. O bom senso a abandonara por completo.

O beijo foi inevitável. A carícia possessiva arrastou Julie para um mundo desconhecido, onde só existia o prazer. Ela sentiu um desejo irreprimível, como se até aquele momento tivesse sido uma mulher incompleta, que agora precisava unir-se àquele homem ou não sobreviveria. Ansiava por uma entrega completa, em que dois corpos se transformariam em apenas um e as almas se fundiriam para sempre, inseparáveis.

Quando sentiu que os braços de Sebastian já não mais a envolviam, Julie achou que o mundo fora privado de luz e calor.

— Vou dispensar o seu cocheiro — murmurou ele. — Amanhã eu mesmo a levarei para casa, amor.

Sebastian apressou-se em dispensar o cocheiro dos Farroux, que, feliz por ter o resto do dia livre, evitou fazer perguntas. Depois, foi em busca do hospedeiro.

— Talvez eu precise ficar mais um ou dois dias em Paris e gostaria de continuar no mesmo quarto. E também lhe agradeceria se cancelasse minha passagem no coche para Calais.

— É claro que pode ficar, sr. Ramlin. Afinal, o quarto está pago por dez dias. Espero que já esteja recuperado do acidente...

— Quem pagou o quarto? — interrompeu Sebastian, surpreso. — E quando?

— Ora! O seu mensageiro veio trazer-me o dinheiro há quatro dias e nos contou o que havia acontecido. Minha mulher e eu ficamos preocupados.

— Bem... Agora estou ótimo e agradeço-lhe por ter mantido o quarto a minha disposição.

Indiferente ao hospedeiro que continuava a falar, Sebastian subiu as escadas,

lutando contra uma desagradável sensação de ter sido enganado. Não queria transformar-se em um fantoche nas mãos de Farroux e ainda não lhe dera nenhuma resposta a respeito do acordo. No entanto, aquele velho diabólico se antecipara, enredando-o em sua teia. Repugnava-o a ideia de seduzir uma mulher no quarto que o próprio marido pagara!

A irritação deu lugar à perplexidade no instante em que pisou na saleta. Julie estava parada junto à janela e, embora se virasse ao ouvir a porta se abrindo, evitou olhá-lo. Sebastian não entendia aquela frieza repentina. Não a forçara a vir, fora acompanhado por livre e espontânea vontade e ela poderia ter ido embora ou evitado o beijo, se não o desejasse.

A hesitação de Julie significava uma autodefesa contra seus sentimentos. Tinham passado três dias juntos e percebera por gestos e olhares a paixão que acabara extravasando quando se abandonara num beijo como se nele sorvesse a própria vida. Aquela jovem doce precisava de amor como as flores precisam de sol. Desprovida de artifícios, demonstrara claramente seu desejo. No entanto, continuava a resistir. Sebastian se perguntava onde estava o homem que não se lembrava de ter fracassado antes em suas conquistas?

Subitamente tímido, aproximou-se de Julie, e mais uma vez surpreendeu-se com sua pureza. Casada há três anos com um velho indiferente, hesitava em quebrar os votos sagrados do casamento. A infidelidade conjugal tão comum entre as outras mulheres ainda representava um grave pecado para a inocente sra. Farroux! Enquanto as senhoras de Paris trocavam de amantes como quem muda de roupa, existia uma, ainda relutando em dar o primeiro passo para aceitar o adultério.

— Posso tirar sua capa, Julie? — murmurou ele, percebendo que precisaria ajudá-la a aceitar a quebra de seus princípios. — O quarto está bem quente e...

Atônito, Sebastian viu-a recuar, negando seu pedido com um gesto de cabeça. Incapaz de tomar uma decisão, ele não insistiu, apenas continuou fitando-a com um olhar confuso.

Julie, por sua vez, não esperava por essa reação passiva. Contudo, sentia-se aliviada por Sebastian não pressioná-la. Tivera tempo para pensar e a realidade a atingira com o impacto de uma agressão física. O relacionamento entre eles não passaria de uma conquista rápida, alguns momentos de prazer e depois a separação inevitável. E não aceitava servir de divertimento para um viajante no intervalo de suas viagens.

Por que não se enchia de coragem e partia de uma vez? No silêncio da saleta, ouvia-se apenas o barulho da chuva caindo nos telhados de zinco. Determinando-se a agir, Julie apanhou o chapéu e caminhou em direção à porta. Três dias de convivência, um beijo e perdera o coração, a capacidade de sentir-se novamente feliz e de aproveitar os raros momentos de alegria. Era possível que uma pessoa se tornasse tão indispensável a outra em tão curto espaço de tempo?

Tinha de ir embora. Seria mais angustiante perdê-lo depois de uma entrega completa. Se não resistisse ao desejo de amá-lo, começaria a viver em função de possíveis reencontros ou, pior ainda, corria o risco de amargar a humilhação de ter-se doado tanto para o encantamento durar apenas um dia.

A cada minuto que passava, suas forças enfraqueciam. Tinha de sair dali imediatamente, antes que rompesse em pranto. Correu para a porta, voltando-se para olhá-lo pela última vez antes de sair. Pela primeira vez na vida um homem tocava fundo sua alma e queria gravar a sua imagem para sempre na memória.

## CAPÍTULO VI

As longas caminhadas matinais nunca tinham sido uma necessidade penosa, provocada por falta de dinheiro, nem um esforço obrigatório, determinado pelos médicos que insistiam na importância desse exercício salutar. Guillaume Farroux descia de sua carruagem sempre na mesma esquina da Rue Saint-Antoine e ia a pé até o escritório, pensando apenas no bem-estar espiritual. Esse hábito fora adquirido durante a juventude, quando descobrira o prazer de atravessar o centro vital da fascinante metrópole de um dos países mais desenvolvidos da Terra. Em cada passo desse passeio em pleno coração de Paris, renovava-se a sensação de orgulho ao relembrar o árduo caminho percorrido para realizar seu sonho: atingir uma alta posição numa das cidades mais poderosas do mundo.

Ao correr dos anos, repetia o mesmo trajeto, sempre passando diante do Café Duels, ponto de encontro dos membros da Assembleia que o frequentavam principalmente na hora das refeições. Ainda era muito cedo e apenas Paul Voisin, o primeiro secretário de Barras, estava sentado junto à janela tomando café da manhã. Guillaume o cumprimentou com um sorriso e, contrariando o hábito de entrar para uma breve conversa, continuou seu caminho. Aquele pobre homem estava com os dias contados e, como costuma acontecer nas altas esferas do poder, nem sequer desconfiava que não tardaria a perder seu cargo influente.

Toda Paris já vira Barras acompanhado por uma loira sensual, cujo irmão mais novo, ambicioso e determinado a aproveitar os momentos de glória da irmã, cobiçava o cargo de Voisin. Guillaume calculava que, em menos de uma semana, o mais poderoso dos cinco membros do Diretório, fascinado pela nova amante, "promoveria" seu secretário. Sem dúvida o "convenceria" a aceitar um posto mais alto no Departamento de Pesos e Medidas, enviando-o para alguma província perdida no interior da França. As "justificativas" também não variavam: o futuro do país dependia de homens capazes de convencer o povo sobre a importância de centralização do poder.

Que desperdício de talento e capacidade! Uma perda cujo significado Barras não realizava porque não lhe ocorria que as qualidades das quais tanto se vangloriava também poderiam ser consideradas dispensáveis. Por quanto tempo ainda sobreviveria até que surgisse alguém com força e ambição superiores às dele? Um mês, um ano ou apenas algumas semanas? Não importava. Inevitavelmente o mais poderoso e influente membro do Diretório perderia o papel de caçador para se transformar em caça. Voisin acabaria devorado por um predador feroz e inescrupuloso, que não hesitaria diante de nada em sua afeição de glória e prestígio.

A autoridade ostensiva unida à vaidade combinava com o temperamento explosivo e dominador. Faltava-lhe a sutileza necessária para contornar os obstáculos, a astúcia de prever as ciladas e, principalmente, o comportamento discreto que passa despercebido e garante a permanência no poder.

Guillaume sempre preferira e procurara assumir uma postura cautelosa, sabendo que são necessários dons especiais e muito raros para obter a força invisível e poderosa que possuía no governo. Bem no início de sua carreira, reconheceu em Talleyrand o exemplo perfeito desse conjunto de qualidades. E, como o homem em quem se inspirava, ele também não fora destruído com a queda da monarquia, nos dois massacres

indiscriminados durante o reino do Terror ou nos três golpes de Estado sucessivos, eventos que sempre provocavam mudanças radicais.

Se a sobrevivência dos dois podia ser atribuída a uma habilidade inata e comum, o contraste de suas origens demonstrava que os dons de nascença precisam de aperfeiçoamento constante ao longo dos anos. O célebre ministro do Interior nascera em berço de ouro, pertencia à nobreza e, apesar do sangue azul é da grande fortuna, conseguira manter-se no poder enquanto milhares de nobres perdiam a cabeça. Guillaume não contara com as vantagens de uma boa educação, vivera modestamente e não lhe coubera herança alguma além de uma inteligência ainda sem polimento. Entretanto, ele continuaria sendo apenas mais um dos membros da quinta geração de uma linha de humildes advogados provincianos, se sua ânsia de poder não o levasse a apurar as armas que recebera da natureza. Fora o único a deixar o interior, decidido a triunfar em Paris e o primeiro a escapar da servidão quase medieval que prendia seus familiares e os habitantes da vila aos senhores de Marduquesnes.

Nada em sua vida acontecera por acaso. Devotara-se, obsessivamente, a conquistar o poder com a mesma tenacidade com que os outros homens dedicam-se a acumular vastas fortunas ou a seduzir o maior número possível de mulheres. A autoridade advinda pelo uso de uma coroa, galões militares ou togas ministeriais nunca o atraíram porque, desde o início, percebera a fragilidade desse prestígio. Sempre desejara o poder verdadeiro, cuja flexibilidade permite contornar todo tipo de circunstâncias e explorá-las em proveito próprio.

Guillaume comparava essa força máxima com uma corrente subterrânea, invisível e muito profunda que representava o sangue de uma nação e, por sua potência, sempre indestrutível. Cada passo dessa escalada significava uma vitória pessoal de paciência, de avaliações sagazes e de um estudo, que se estenderia por toda vida, do comportamento dos seres humanos. O reino do Terror havia sido o teste supremo e ele superara o pior dos obstáculos. Agora o castelo do Marduquesnes lhe pertencia, com todo o vilarejo, plantações, pastos e dois terços de seus rendimentos, bastante substanciais. Tinha tudo o que sempre desejara, menos um herdeiro.

Casara-se com a filha do marquês de Sainte Aube, certo que a jovem e impetuosa esposa não se manteria fiel por muito tempo e, quando ela o avisasse da chegada próxima de um filho gerado pelo amante, lhe revelaria por que aceitara aquele casamento. Através de Juliette, conseguiria apoderar-se de Marduquesnes e precisava de um herdeiro, portanto daria seu nome à criança sem preocupar-se por não ser o verdadeiro pai. No entanto, já se haviam passado três anos de ansiosa espera sem qualquer sinal de adultério. Para um homem com a idade de Guillaume, o tempo corria velozmente e cada dia perdido diminuía suas chances de vencer.

Agora era fácil perceber que seu grande erro fora não esclarecer, desde o início, as suas intenções, mas também reconhecia a inutilidade de ter sido objetivo com uma criatura chocada demais para compreender até um raciocínio ao alcance de qualquer criança. Resignara-se a esperar, imaginando que, ao sentir-se segura, ela não resistiria às necessidades naturais de seu físico jovem. Bela e sexualmente insatisfeita, Juliette levava uma vida confortável e sem preocupações, rodeada de criados que se ocupavam com os afazeres domésticos, deixando-lhe muito tempo livre. Em uma cidade como Paris, onde a liberdade dos costumes chegava à libertinagem, logo a tentação surgiria no caminho de sua esposa que, rodeada por uma sociedade ávida por prazer, não resistiria.

Ele não contara com a retidão dos princípios morais de Juliette, que se mantivera casta e absolutamente fiel ao marido durante três anos. Aliás, ninguém poderia prever esse comportamento virtuoso na filha de Charles Sainte Aube, um homem promíscuo, incapaz de resistir à luxúria e famoso em Paris por participar de orgias escandalosas. Guillaume teria consumado o casamento se já não houvesse desistido, após duas uniões infrutíferas, de realizar o sonho da paternidade. Resignara-se a sua evidente esterilidade

e, diante da impossibilidade de gerar um filho legítimo, deixava de existir o único motivo que o levaria a possuir a jovem esposa.

Há muito tempo os prazeres do sexo já não atraíam Guillaume como os prazeres da mente. Na verdade, ele sempre considerara os desejos carnavais muito menos excitantes do que a emoção embriagadora de manipular a vida dos seres humanos. Agora atingira uma idade que só a sensação de poder absoluto sobre o destino alheio o satisfazia plenamente.

Mas, para alcançar esse prazer inigualável, ele ainda precisava de um herdeiro. Pouco se importava com laços reais de parentesco porque, mesmo se não tivessem o mesmo sangue, essa criança seria o filho gerado por sua mente. Ao dar-lhe seu nome, provaria legalmente a legitimidade do fruto de sua união com uma aristocrata de sangue azul. Então provaria a extensão de seu poder e a superioridade de sua inteligência, invalidando a cláusula que exigia a restituição de Marduquesnes ao marquês de Sainte Aube, caso Guillaume Farroux morresse sem descendentes.

Então, Sebastian Ramlin surgira em seu caminho, um inesperado presente do destino que caíra em suas mãos quando começava a perder as esperanças. Atraente, viril e ambicioso, o enviado de Sainte Aube encaixava-se perfeitamente em seus planos. Além disso, o rapaz vivia na Inglaterra e, depois de permanecer em Paris o tempo necessário para completar sua tarefa, retornaria para seu país, desaparecendo para sempre da vida dos Farroux.

Infelizmente, como todos os planos, o seu desdém também tinha falhas. Apesar de considerar-se quase infalível em suas manipulações e um profundo conhecedor da psicologia humana, Guillaume reconhecia a força de circunstâncias inesperadas. Talvez Ramlin, aparentemente um homem a quem todas as mulheres se entregavam, não conseguisse conquistar a sua esposa. Se Julie demorasse para engravidar e o aventureiro inglês não pudesse ficar na França mais do que os vinte dias previstos, talvez se passassem muitos meses antes de o rapaz retornar a Paris. A essa altura, Ramlin já deveria ter recebido os quatro mil luises que lhe deixara. Entretanto, os inevitáveis riscos de fracasso não o preocupavam, porque essa quantia não o tornaria mais pobre e renderia um lucro incalculável, caso saísse vitorioso desse jogo!

Ele saía por dois dias, embora soubesse que sua ausência não precipitaria os acontecimentos. A irritante obsessão de Julie pela santidade do matrimônio a impedia de entregar-se a um amante na própria casa e na presença do marido. Partira pretextando uma viagem de trabalho porque a solidão do interior o ajudaria a planejar o próximo passo para envolver a esposa em sua bem tramada teia, agora que já não tinha dúvidas da cooperação de Ramlin.

O que concorreria para o sucesso de uma sedução? Os dois aspectos essenciais eram tempo e privacidade: horas de convivência despreocupada logo aumentariam a intimidade, despertando o ardor do desejo que só se consumiria em um ambiente onde os amantes não teriam medo de ser surpreendidos em flagrante adultério. Para a maioria das mulheres, a agitação de Paris não impedia o florescer de romances ilícitos, mas Julie ainda não aprendera a dissimular e precisava ser conduzida à infidelidade.

Marduquesnes... o cenário ideal para a consumação de um romance! A distância de Paris e a simplicidade rústica dos criados que nasciam e morriam nos vilarejos da região garantiriam a privacidade necessária. As colinas suaves e cobertas de relva verde do alto das quais viam-se apenas os prados floridos, que se estendiam a perder de vista, provocavam uma sensação de isolamento. Os desejos viriam à tona sob a proteção dos bosques sombreados.

Então Guillaume percebeu que lembrava uma paisagem de verão e estavam em dezembro! Só um motivo grave e de extrema urgência levaria um marido a pedir que a esposa deixasse Paris no auge da temporada para exilar-se no campo em pleno inverno. Ele ainda não sabia como iria convencê-la, mas agora nada o faria mudar de ideia.

Sentiria o mais intenso dos prazeres se o herdeiro de Marduquesnes fosse concebido no próprio castelo!

A reação inicial de Sebastian diante da partida repentina e inexplicável de Julie foi de choque. Ele ficou sem ação, incapaz de imaginar algum artifício para detê-la e atônito com sua incapacidade de mover-se ou encontrar um argumento que a convencesse ao menos a explicar aquela súbita mudança de atitude. Também não previra que fosse sentir emoções tão intensas e quase assustadoras. Compreenderia uma sensação de fracasso ou a frustração de um desejo potente, mas não esperara ser dominado pela ternura, vergonha e culpa nem pelo conflito alarmante desses sentimentos, que o impedia de pensar racionalmente.

Não podia admitir que Julie desaparecesse de sua vida naquele momento. Mas... que deveria fazer para recuperá-la?

Sobre a cama estava o envelope que ela lhe entregara naquela manhã, depois de recebê-lo das mãos do marido. Ao abri-lo, encontrou a chave do alojamento, o dinheiro encontrado nos bolsos de seu sobretudo e uma ordem bancária, que pagaria ao portador a soma de quatro mil luses.

Sebastian estremeceu ao pensar no que aconteceria se, algum dia, Julie descobrisse aquela traição infame. Ela o odiaria por seduzi-la por dinheiro e desprezaria o marido por pagar a um homem para que a possuísse até engravidá-la. Mas esses sentimentos, apesar de violentos, não se comparariam à revolta contra dois homens capazes de calcular o preço pelo uso de seu corpo, concordando em degradá-la por uma quantia tão ínfima.

A honra de uma mulher não tinha preço, porém a soma oferecida por Farroux lhe permitiria pagar a maioria de suas dívidas e o salvaria da falência.

Mas valeria a pena aceitar o dinheiro e gravar para sempre em sua alma a marca da vergonha e da desonra?

A sensação de aviltamento foi tão grande que foi até a lareira disposto a queimar a prova de sua sordidez, mas no momento de entregá-lo às chamas, recuou. A destruição daquele papel não passava de um gesto simbólico. Ao eliminar uma mera evidência não se desfaria o acordo. Só voltaria a ser um homem honrado, de consciência limpa e livre para procurar Julie com dignidade, se o rasgasse diante de Farroux.

Desesperado, Sebastian convenceu-se de que não existia nenhuma solução para o seu problema. Se repudiasse o acordo, estaria rejeitando também a cooperação de Farroux. Aquele velho diabólico usaria as armas a seu dispor para impedi-lo de rever Julie e só um tolo não reconheceria a extensão do poder que aquele insignificante advogado tinha em suas mãos enrugadas mas cruéis. Ele não hesitaria em arruiná-lo, armando obstáculos que poderiam proibi-lo de se aproximar de todos os portos sob o domínio da França.

Entretanto, o efeito mais desastroso de sua recusa seria a previsível reação de Farroux. Determinado a conseguir um filho, não desistiria de encontrar um amante para Julie. Sentia náuseas ao pensar em um homem, talvez mais inescrupuloso do que ele, seduzindo aquela jovem ingênua motivado apenas pelo ganho material. Sebastian reconhecia ter sido dissimulado e falso, mas não mentira ao confessar o quanto a queria nem se enganara ao constatar que o desejo era mútuo.

Então, por que Julie não permanecera na saleta esperando pelo momento glorioso de cederem à paixão? A decisão fora alterada durante os poucos minutos em que ficara sozinha. Algo acontecera naquele breve período! Não poderia ser o conteúdo da carta porque, quando retornara, o selo continuava intacto e só fora aberto após a saída dela.

Subitamente Sebastian compreendeu por que comportava-se como um adolescente inseguro, sofrendo as primeiras decepções amorosas: estava se apaixonando por ela!

Sua vida se transformara em um labirinto sem saída, sua mente, sempre tão racional, perdera a lucidez diante de dúvidas insolúveis. Só lhe restava uma certeza: tinha de encontrá-la, precisava revê-la. E, no entanto, se ele a procurasse agora, não seria mais o mesmo homem daquela manhã porque os quatro mil luíses que o deixavam mais rico também o tornavam mais vil. Queria sentir-se digno do amor de Julie e, ao confessar seu crime e seu arrependimento, recuperaria o respeito próprio e mereceria aquela mulher sem maldade ou malícia. Ao mesmo tempo em que ansiava por corrigir seus erros, previa o resultado funesto de sua sinceridade. A verdade a chocaria demais e não podia perdê-la!

A ansiedade e o desespero acabariam enlouquecendo-o. Seus pensamentos giravam, num círculo vicioso, em busca de uma saída inexistente. Sebastian não fechava os olhos a seus defeitos nem exagerava suas qualidades. Até nas situações mais críticas mantinha a lucidez necessária para admitir suas culpas. Ele mesmo criara um dilema para o qual não havia solução e entrara, sem que o forçassem, em uma armadilha. Nenhuma opção evitaria o desastre, nenhuma tentativa amenizaria a punição...

À beira de uma crise de nervos, Sebastian decidiu sair. Alugou uma carruagem e, sob a chuva fina e um céu sombrio, percorreu Paris durante horas, sem um destino certo. Depois de passar pelas avenidas amplas, o desorientado cocheiro afastou-se do centro, enveredando pelas vielas estreitas a que a luz de um entardecer de inverno dava um ar de tétrica miséria. Sebastian retornou molhado, exausto e ainda mais tenso. Só depois de uma noite de insônia conseguiu decidir-se. Iria procurar Julie porque tinha direito, ao menos, de saber por que ela o abandonara!

Anne-Marie já mudara tantas vezes de posição na poltrona, tentando controlar a impaciência, que logo não suportaria mais ser apenas uma espectadora. Sentada de frente para a cômoda, via Julie retirar pilhas de roupas das gavetas e jogá-las sobre a cama, onde iam se amontoando até deslizarem para o chão. Sua amiga, sempre tão eficiente, decidira separar pessoalmente as roupas que pretendia levar, mas, na verdade, estava transformando o quarto numa confusão caótica! Por que não deixara Babette arrumar as malas, como sempre fazia e com perfeição? O mais importante porém era saber por que aquela tola concordara em viajar para Mardukesnes em pleno inverno!

— Não me conformo com essa falta de consideração! Como Guillaume pôde pedir-lhe esse sacrifício absurdo?

— É evidente que ele precisa de mim em Mardukesnes; Começando a separar os xales de lã, Julie evitou olhar para Anne-Marie a fim de evitar explicações. A amiga sabia o quanto lhe desagradava a arrumação de malas. Mas, naquele momento de sua vida, sentia-se extremamente aliviada e feliz por ter encontrado uma ocupação que a distraísse do peso de seus pensamentos e por encontrar um motivo válido para sair de Paris.

Na tarde anterior, Julie voltara para casa, completamente descontrolada. Em uma questão de segundos, o complexo de culpa e os remorsos angustiantes por ter chegado tão perto de trair seus princípios morais, davam lugar a um arrependimento profundo por sua falta de coragem de entregar-se ao amor. Jamais voltaria a ser envolvida pelos braços fortes de Sebastian!

Depois do jantar, quando Guillaume mencionara sua preocupação com alguns problemas ocorridos em Mardukesnes, ela percebeu que se afastar de Paris seria a solução ideal para seus problemas. Oferecera-se para ir e, por ignorar os motivos, Anne-Marie considerava essa viagem uma imposição ultrajante.

— O que poderia ser tão importante no interior para justificar sua ausência justamente no auge da temporada de inverno em Paris? O irmão de Guillaume sempre resolveu todos os problemas de Mardukesnes e não ficou incapaz da noite para o dia!



Você vai perder nosso jantar...

— Não faz mal, Anne-Marie. Eu irei ao próximo.

— Não faz mal? — A jovem colocou as mãos na cintura sem disfarçar sua fúria. — A convidada de honra será Hortense de Beauharnais e provavelmente virá acompanhada pelo padraсто, que, caso tenha esquecido, é o general Bonaparte. Ele está se sentindo muito solitário, pois a esposa ainda não chegou da Itália e por isso mamãe irá oferecer um jantar muito íntimo. Ainda acha que... não faz mal!

— Existe um problema que precisa ser resolvido, Anne-Marie. No último relatório sobre nossos rebanhos, os números não conferiram e Guillaume está preocupado com o irmão, que tem sofrido algumas crises de falta de memória, e talvez não possa continuar cuidando da contabilidade. De qualquer forma, um proprietário ausente sempre prejudica o bom andamento das atividades em suas terras e, como o trabalho impede que meu marido vá até Marduquesnes verificar a situação, eu acho falta de consideração recusar-lhe minha ajuda. Agora entende que não é uma questão de escolha?

— Continuo achando que é uma questão... de policial Considero um crime Guillaume enviá-la para o interior agora, Julie! — De súbito, Anne-Marie parou de andar pelo quarto e deteve-se diante da amiga, encarando-a com firmeza. — Preocupo-me porque irá perder as melhores festas da temporada, mas não esqueci do detalhe mais importante! Não poderá encontrar... acidentalmente aquele homem fascinante, o sedutor moreno que estraga suas luvas para ter o prazer de substituí-las. Estive muito ocupada decidindo os últimos detalhes do meu casamento e não tive tempo para perguntar-lhe. Como está progredindo o seu romance?

Julie virou o rosto rapidamente a fim de esconder da amiga o pranto que não conseguiria mais conter. Para disfarçar o movimento súbito, fingiu ocupar-se com os trajes de montaria, escolhendo o verde e o azul.

Pressentindo algo estranho no comportamento da amiga, Anne-Marie aproximou-se parando ao lado de Julie, que começou a espalhar as roupas sobre a cama. Precisava ocupar-se ou não resistiria ao desejo desesperado de partilhar seu segredo.

— Ah, minha querida amiga. O que está acontecendo com você?

A doçura na voz de Anne-Marie foi a gota d'água. Julie queria sentir-se confortada e desabafar sua tristeza, mas o pranto convulsivo impediu-a de falar. Sentindo que a amiga a envolvia num abraço carinhoso, chorou até esgotar suas lágrimas.

— Pronto, chega de tristezas, querida. Se você quer ficar em Paris, eu mesma tomarei as providências e ninguém a obrigará a partir. Falarei com Guillaume porque, evidentemente, o idiota do seu marido nem pensou no sacrifício que está exigindo de uma esposa dócil e meiga demais para contrariá-lo.

Afastando os braços da amiga, Julie começou a enxugar o rosto molhado enquanto tentava explicar-se melhor.

— Eu pouco me importo em sair de Paris! Não suporto é pensar que Sebastian irá partir para sempre. Oh, Anne-Marie... eu lutei com todas as minhas forças, não queria que isso acontecesse. Então aconteceu o acidente e, durante os três dias que passou em minha casa, ficávamos o tempo todos juntos. Foi involuntário, mas criou-se uma intimidade entre nós, intensa demais para um período tão breve de convivência. Nunca pensei que fosse sofrer assim com a ausência dele e agora nunca mais o verei e... eu o amo tanto!

— Meu Deus! Ele despertou sua paixão e quebrou seu coração... em apenas três dias?

— Sim... não... é inacreditável, mas...

Com frases entrecortadas pelos soluços, Julie contou toda a sua desventura a Anne-Marie que, depois de ouvi-la, não demonstrou nenhuma simpatia pelo sofrimento da amiga.

— Não seja tão infantil, Julie. Talvez tenha encontrado o grande amor da sua vida, a

gloriosa paixão com que todas as mulheres sonham. Não pode virar as costas e, sem uma única explicação, desprezar essa preciosa descoberta! Seria muito melhor se ele não precisasse partir, mas a distância não é motivo suficiente para que se destrua um sentimento. Você conseguirá sobreviver a separações, procurando distrair-se enquanto sonha com a volta dele.

— Ainda não me entendeu, Anne-Marie. Já foi difícil depois de um único beijo. Se nos tornássemos amantes, se eu me acostumassem o tê-lo por algum tempo e deixasse os sentimentos dominarem meu coração, seria impossível viver sem ele. Tomei a decisão mais certa, e vou lutar para esquecê-lo. Cada dia custará muito a passar, mas rezarei para que meu tormento não dure para sempre.

Anne-Marie preparava-se para continuar a luta quando as duas se calaram ao ouvirem a voz de Babette, que batia à porta.

— O sr. Ramlin veio visitá-la, cidadã. Como disse que precisava falar-lhe de algo muito urgente, conduzi-o até o salão. Ele está a sua espera.

O primeiro impulso de Julie foi correr ao encontro de Sebastian e jogar-se em seus braços. Então, lutou para controlar o desejo do coração.

— Avise-o de que não posso recebê-lo, Babette.

— Lógico que a cidadã irá recebê-lo, Babette. Diga-lhe apenas para que espere alguns minutos, sim? — Aproximando-se de Julie, Anne-Marie sussurrou: — Por favor, não negue meu único pedido, querida. Não o mande embora de sua casa sem vê-lo pela última vez. Ao menos vá despedir-se dele, desejá-lo uma boa viagem.

Babette permanecia parada ao lado da porta, confusa diante das ordens contraditórias. Então Julie confirmou as palavras de Anne-Marie. Quando a criada saiu do quarto, ela agarrou as mãos da amiga.

— Eu só o verei se você estiver ao meu lado, Anne-Marie.

— Ah... Quero conhecer esse homem e nunca recusaria um pedido seu, mas... não agora, Julie. Vocês dois têm de conversar a sós. Precisam de privacidade.

— Não! Seria um perigo. Tem de ir comigo ou...

— Está bem, eu vou, embora ache sua atitude uma tolice. Pela idade, seu marido se adaptaria bem melhor ao papel de avô. Até um cego veria que seu casamento não passa de um contrato comercial. E, apesar disso, você se recusa a receber um homem capaz de dar-lhe alegria, realização e felicidade... tudo que falta em sua vida. Por que complica tanto as coisas, Julie? Por que não aceita essa emoção tão bonita?

— Porque não quero sofrer, Anne-Marie. Eu sei que um relacionamento entre nós só me trará amargura.

— Bobagem! Se a solidão for muita... encontre um outro amante para distraí-la durante as longas separações.

— Você perdeu a cabeça, Anne-Marie! — Apesar do nervosismo, Julie não conteve o riso. — Se pretende agir de acordo com os conselhos que me dá, tenho pena do pobre Bernard.

— Deixe Bernard por minha conta e concentre-se em seu homem, madame! Vamos logo!

— Não sei por que permito que você me dê ordens.

— Ah, é muito simples! — interrompeu Anne-Marie. — Eu estou apenas empurrando-a na direção que deseja ir, Julie. Desse modo, você poderá convencer-se de que pretendia agir com toda a decência mas foi brutalmente forçada por sua amiga.

— Está insinuando que eu seja hipócrita ou puritana?

— Ora! Você quis saber e eu expliquei. Quanto a sua última pergunta, só existe uma resposta. Se a carapuça lhe serve, é só vesti-la, cidadã Perfeição!

Sem dar tempo para que Julie se defendesse, Anne-Marie forçou-a a entrar no salão.

— Bom dia, sr. Ramlin. A sua visita é uma surpresa agradável e chegou em tempo

de conhecer minha melhor amiga, Anne-Marie Cassat.

Apesar do esforço para manter o controle de suas emoções, Julie notou a palidez de Sebastian. Pelas olheiras profundas, deduziu que ele também não dormira naquela noite.

— Pensei que já tivesse partido para Calais, sr. Ramlin.

— Realmente eu já devia estar em Londres, mas alguns imprevistos impediram minha partida. Vim dizer-lhe... — Ele olhou para Anne-Marie, sem disfarçar a angústia e voltou a falar com Julie — ...que permanecerei mais alguns dias em Paris e queria muito ter uma conversa particular, mas...

— Eu não poderia mesmo ficar nem mais um minuto, sr. Ramlin. Foi um prazer conhecê-lo e espero encontrá-lo novamente. Por favor, perdoe minha pressa, mas tenho um compromisso e já estou atrasada. — Beijou Julie e cochichou: — Não se esqueça de minhas palavras.

Após a saída de Anne-Marie, os dois permaneceram imóveis e calados, até que Sebastian, encarando Julie com um olhar penetrante, rompeu o silêncio.

— Por quê?

— Eu precisava me proteger.

— De mim? Nunca pensei que a ameaçasse.

— É uma ameaça apaixonar-se por um homem que passará alguns dias e depois ficará longe durante longos meses. É uma ameaça condenar-me a uma vida de sofrimento e dor causados por ausências intermináveis e desejos que serão realizados muito raramente.

— Como eu poderia partir hoje, depois do que houve entre nós?

— Não houve nada além de um beijo, sr. Ramlin.

— Não foi apenas isso! Acha que não senti seu coração bater tão fortemente quanto o meu? É capaz de negar que seu beijo revelava desejo e prometia uma paixão sem limites?

Tomando o silêncio dela, por concordância, Sebastian aproximou-se, abrindo os braços para envolvê-la num abraço.

— Ah, Julie querida.

— Na verdade... — ela recuou, evitando qualquer contato —, não fará a menor diferença se o senhor vai ou não ficar em Paris por dias ou mesmo por semanas. Quem está de partida sou eu e deixarei a cidade amanhã cedo. Tenho de ir para nossa propriedade no interior.

Julie não imaginava que suas palavras fossem provocar uma reação tão violenta. Sebastian empalideceu e seus olhos revelavam angústia.

— O seu marido é um membro da Assembleia e não posso acreditar que ele vá sair de Paris justamente agora. As Câmaras foram reunidas e estão iniciando os trabalhos para...

— Meu marido não irá — ela o interrompeu, preocupada com a insistência de Sebastian. — É evidente que ele não poderia deixar Paris em um período de intenso trabalho. Eu viajarei sozinha.

— E por quanto tempo?

— Não tenho a menor ideia, sr. Ramlin. — Julie lutava para não perder o autocontrole e continuar agindo com a frieza de uma mulher acostumada a tomar decisões sem a ajuda do marido. — Surgiram alguns problemas que exigem minha presença em Marduquesnes e não posso saber quando serão resolvidos. Talvez eu fique alguns dias ou várias semanas.

— Então deixe-me acompanhá-la. Quero ir com você.

— Não! — Em pânico, Julie tentou soltar as mãos que Sebastian prendera nas suas. — É impossível e...

— Você pode abandonar as tentações de Paris e desaparecer da minha vida, mas nunca conseguirá fugir da realidade, Julie. Sempre será uma mulher, uma jovem madura

para o amor e pronta para se entregar à paixão. Também não escapará da verdade sobre o seu casamento sem nenhum sentimento. E eu a desejo tanto! Sei que, além de uma mente racional e determinada a preservar uma vida segura e protegida de ameaças, tem um coração. Não o ignore, Julie. Disse que precisava proteger-se das mágoas e compreendo seu medo de sofrer. No entanto, se se esconder do mundo procurando proteção, deixará de viver.

— Só eu tenho o direito de decidir sobre a minha vida!

Sebastian silenciou-a com um beijo. Ela resistiu por alguns segundos e então a doçura dos lábios que se tocavam roubou-lhe as forças. Então Julie soube que já era tarde demais para pensar em uma vida sem amor. A prudência que a mantivera pura e intocada a abandonava velozmente, como uma nuvem pelo vento impetuoso do desejo. As muralhas erguidas para protegê-la dos ataques sucessivos de um mundo cruel também ruíam, frágeis demais para conter as emoções que venciam todos os obstáculos.

Uma nova mulher surgia, livre da prisão que ela mesma construía. Ousada e corajosa, Julie decidiu não mais desperdiçar nem um minuto de felicidade. O futuro talvez lhe reservasse sofrimento por causa deste gesto, mas não pensaria nisso naquele momento. Subitamente desejava usufruir todas as emoções, vibrar com cada nuance do amor e da paixão e viver a intensa alegria do momento presente.

— Deixe-me ir com você, Julie — murmurou Sebastian, sentindo-a corresponder à paixão.

Desta vez o silêncio foi a resposta e um beijo confirmou o desejo de partirem juntos numa aventura que os levaria a um mundo de sonho.

## CAPÍTULO VII

Os planos de viagem foram alterados na última hora, a fim de preservar um segredo. Ninguém na casa dos Farroux poderia saber que Sebastian iria com Julie para Marduquesnes e, para isso, ela dispensou a companhia de Babette e decidiu não usar a carruagem do marido.

Quando Guillaume concordou, sem discussões, sobre a impropriedade de uma mulher casada viajar sozinha em um coche de aluguel, Julie assustou-se. Então, lembrou-se de que o marido estava sobrecarregado de trabalho e grato demais por contar com a ajuda dela para contestar suas resoluções. A facilidade com que tudo se resolvia conformou seus pensamentos: o destino lhes abrira as portas da felicidade e nada alteraria o inevitável. A presença de Sebastian a seu lado durante os dias de viagem em direção ao sul a convenceram de que não errara ao tomar aquela decisão. A cada quilômetro que se afastavam de Paris, sua convicção de ter agido corretamente igualava-se à certeza de estar iniciando uma nova vida de felicidade.

A necessidade de comportar-se como se tivessem se conhecido ao entrar no coche os impedia de revelarem diante dos outros passageiros o desejo de se tocarem. Na primeira parada em Etampes, o albergue já não tinha quartos livres e Julie foi obrigada a partilhar um cubículo minúsculo com mais duas mulheres. Mas, na manhã seguinte, ao iniciarem a última etapa da viagem, sabiam que à noite estariam em Marduquesnes e em

suas mentes só havia lugar para um pensamento: o inebriante momento de ficarem a sós.

Como os viajantes nunca chegavam a Marduquesnes antes da meia-noite, quando os criados do castelo já haviam se retirado, o pavilhão de hóspedes, pequeno mas aconchegante, era sempre conservado em condições de receber os visitantes com as camas feitas e troncos ao lado da lareira.

A primeira providência de Sebastian foi acender o fogo. Começara a nevar e a saleta do pavilhão, muito fria, demoraria a esquentar. Percebendo a tensão de Julie, ofereceu-lhe o conhaque que carregava consigo em um frasco de prata. A bebida, além de aquecê-la, acalmaria seu nervosismo. Ela jamais tomara nenhuma bebida alcoólica além de vinho e estremeceu ao dar o primeiro gole.

Sebastian observava-a, preocupado. Ela tremia, apesar de vestir uma pesada capa de lã.

— Está com muito frio? Ou será...

— Deve haver um aquecedor por aqui — ela o interrompeu, falando de outro assunto para disfarçar seu embaraço. — Talvez não encontremos carvão, mas...

— Não precisaremos de aquecedores, querida. Beba mais um gole de conhaque. Embora o gosto não a agrade, garanto-lhe que se sentirá melhor. — Tomando-a nos braços, mergulhou o rosto nos cabelos sedosos. — Eu gostaria de amá-la esta noite, mas o cansaço da viagem e o frio...

— Seus braços me aquecem, Sebastian. Não quero esperar mais.

Surpresa com o própria ousadia, Julie deixou-se conduzir para o quarto, ansiosa por desvendar os mistérios do amor.

Mas, quando as mãos de Sebastian, trêmulas e ávidas, começaram a desabotoar seu vestido, Julie sentiu medo e uma incontável timidez. No dormitório do convento de Sainte-Martine, ela e suas companheiras tinham discutido noites a fio sobre a atração entre os dois sexos e tentado imaginar como seria uma noite de núpcias.

No entanto, as conversas que julgara tão excitantes e informativas não a haviam preparado para a realidade. Em poucos segundos ficaria nua diante de um homem e uma intensa vergonha de expor seu corpo a impedia de saborear o prazer do momento. Sebastian já possuía outras mulheres e iria compará-la com amantes experientes e, sem dúvida, muito mais sedutoras.

Então ele soltou o laço que fechava o corpete de seda e finalmente desnudou os seios de Julie. Tocou-os com mãos trêmulas, a respiração entrecortada.

— Se soubesse há quanto tempo eu sonho com este momento, querida. Passei noites imaginando seu corpo, adivinhando como seria delicioso sentir sua pele. É tão macia...

O medo e a timidez de Julie deram lugar ao orgulho de despertar prazer num homem. Estremeceu de desejo quando as mãos, morenas e fortes, deslizaram sobre seu peito. Jamais tocada, cada carícia era uma revelação. Ao sentir os lábios ávidos sugarem seus mamilos, não conteve um grito de inesperada volúpia. Envolvida por sensações inebriantes, ansiava pela entrega total.

Mas Sebastian não tinha pressa, queria saborear todos os instantes daquele prelúdio antes de possuí-la. Com exasperante lentidão, ele acariciou o corpo que se oferecia para o amor, despertando uma paixão incontável em Julie.

— Ah... Julie você me enlouquece, querida — murmurou ele, sabendo que não poderia adiar mais a consumação do desejo.

— Sebastian, eu te quero, eu te quero...

Ela sonhara noites, sem fim com esta experiência. Quando Sebastian deitou-se sobre ela, nu e agressivamente viril, sentiu uma forte emoção... e medo. Pensou em avisá-lo sobre sua inexperiência, mas o receio desvaneceu e só conseguiu gemer e pedir que a tornasse sua.

Sebastian não se conteve mais. Queria mergulhar no corpo macio que se arqueava

de encontro ao seu, movendo-se ao sabor da vontade selvagem da entrega. Afastou as coxas macias e penetrou-a com um movimento rápido. Ele não esperava encontrar nenhuma barreira nem ouvir um grito de dor e imobilizou-se, perplexo.

— Meu Deus, Julie! Por que não me disse...

— Não pare! Eu te desejo, Sebastian... quero ser sua.

— Mas... você nunca...

— Por favor, não pare!

A excitação suplantou o breve momento de dor. Julie sentiu-se tomada por sensações violentas, até conhecer o delírio do instante de máximo prazer.

— Por quê, Julie? — ele quis saber, pouco depois, enquanto descansavam, abraçados. — Por que não me contou que era virgem?

— Eu tive vergonha.

— Mas o seu marido... ele nem tentou?

— Nunca me tocou, Sebastian. Talvez tenha algum problema, não sei.

Os corpos nus e unidos sob as cobertas já não guardavam mais seus segredos e agora ela queria abrir o coração para partilhar todas suas emoções.

— Que coisa estranha, Julie. Guillaume é impotente ou...

— Ou um pederasta?

— Com efeito! — Rindo, Sebastian abraçou-a com mais força. — A minha tímida virgem conhece tudo sobre o comportamento anormal dos homens.

— É claro que sim! A inexperiência não significa ignorância. Sempre fui uma esposa fiel, mas sei...

— Você não é esposa de ninguém, Julie! O casamento não foi consumado, portanto não é válido.

— Existe um contrato legal, assinado e oficializado em um cartório.

— Nada altera a realidade. Você era virgem e é possível que eu a tenha machucado.

— Não. Na verdade foi uma experiência bastante agradável.

— Agradável? Que resposta decepcionante!

— Foi maravilhoso, querido. Foi delicioso.

Sebastian ainda não se recuperara da surpresa de ter possuído uma virgem e já se espantava novamente ao descobrir que a tímida Julie escondia uma sensualidade intensa. Olhando para aquele rosto desprovido de artifícios, ele via apenas pureza e ingenuidade. Jamais poderia supor aquela capacidade de abandono a uma paixão desenfreada.

O desejo renascia, mas Sebastian hesitava em possuí-la outra vez naquela noite. Julie percebeu sua preocupação, abriu-lhe os braços e ofereceu-lhe os lábios.

*“Marduquesnes — Ano VI da República  
(23 de dezembro de 1797)*

*Caro Guillaume,*

*Estou lhe escrevendo para avisá-lo de que cheguei a Marduquesnes sem problemas durante a longa e tediosa viagem. Tudo correu bem e, por sorte, cheguei antes de uma violenta nevasca que impediu o trânsito em todas as estradas da região. O castelo, rodeado por um manto de neve, apesar de isolado, provoca uma sensação de paz.*

*Hoje cedo, mandei selar Bijou e fui até a casa de seu irmão Joseph. Depois de falar com ele, tomei outras providências e sinto-me orgulhosa de comunicar-lhe que eu consegui elucidar o mistério!*

*O inverno não causou grandes perdas nos rebanhos e temos aproximadamente dois*

*mil carneiros. Conversei com cada um dos pastores e verifiquei que o número está correto. Então voltei a falar com Joseph e descobri que o seu secretário ficou resfriado e não veio trabalhar por dois dias. Você conhece seu irmão e sabe como ele é impaciente! Resolveu terminar tudo por conta própria, mas, embora sua mente continue lúcida, nota-se uma crescente fragilidade física. O reumatismo nas mãos aumentou muito, tornando sua letra quase indecifrável e por isso os números do último relatório não conferiam.*

*Preferi deixar que você, como irmão, se encarregue de abordar o assunto de contratar um capataz mais jovem para cuidar de Marduquesnes. Joseph continua percorrendo a propriedade de ponta a ponta todos os dias, mas esse esforço está esgotando suas poucas energias. Apesar de não ter tocado nesse problema, insisti que fosse para Menoyes, onde as águas lhe farão muito bem. Ele não queria partir durante minha estada, mas convenci-o de que ficarei muito bem e adoro a solidão do castelo. Só voltarei a Paris quando receber a resposta desta carta e não haja mais motivos para permanecer aqui.*

*Auvergne contratou três moças no vilarejo para ajudá-la e garanto-lhe que estou plenamente feliz em meu quarto, sentada diante da lareira lendo um bom livro. Não sinto falta da agitação de Paris e não considero um sacrifício ficar em Marduquesnes e sim um grande prazer.*

*Desejando-lhe paz e serenidade sua obediente esposa".*

Colocando a carta no envelope, Julie suspirou aliviada por ter cumprido uma obrigação inevitável. Omitir a verdade não era mentir e não se sentia culpada de correr para os braços de Sebastian que a esperava no quarto ao lado do seu. E, enquanto esperasse a carta do marido, viveria dias e noites de paixão.

Pela primeira vez na vida, descobria a felicidade de ser amada e não renunciaria a ela. Mesmo que no futuro viesse a sofrer.

Mas a alegria do presente a impedia de temer as consequências de seus atos. Sentia-se forte, corajosa, capaz de enfrentar as adversidades e vencê-las. Começava a aprender a contornar obstáculos, como quando apresentara Sebastian aos caseiros do castelo. Com uma rapidez, quase naturalmente, dissera tratar-se de um arquiteto americano.

— Pretendemos modernizar Marduquesnes no próximo verão — dissera ao casal Riette. — O sr. Ramlin veio agora para conhecer o castelo e planejar as reformas necessárias.

A expressão de Sebastian permanecera impassível durante a apresentação, mas, ao ficarem sozinhos, demonstrou seu espanto:

— Por que disse que eu era americano?

— Seria falta de patriotismo contratar um inglês, não acha? Afinal, a França e a Inglaterra estão em guerra.

— Ontem à noite não nos comportamos como inimigos, Julie.

— E espero que isso nunca ocorra, querido. Agora... pegue o seu sobretudo.

— Vamos sair agora! Ainda está nevando.

— Quero mostrar-lhe o castelo e só esta ala é aquecida. Afinal, os arquitetos precisam trabalhar para receber seus salários.

— É mesmo? E como pretende me pagar? Envolvendo-se em uma capa de lã grossa, Julie o encarou, sorrindo.

— Pensei que já tivéssemos chegado a um acordo. Já recebeu a primeira parcela do pagamento e prometo que receberá as outras.

Sebastian riu, depois fingiu incredulidade.

— Meu Deus! Onde está aquela mulher austera que passou três dias ao lado da minha cama e não quis partilhá-la comigo?

— Eu não a convidei. Ela teria sido uma péssima companhia!

Seguindo Julie pelos corredores do castelo, Sebastian surpreendia-se com o encanto daquela jovem que se transformara por completo. Seria ele a causa da mudança radical? Ou o afastamento de Paris lhe permitira deixar para trás também a postura deliberadamente severa e o retraimento provocado por um casamento que exigia mentiras e constante dissimulação?

Ele se sentira atraído pela jovem e virtuosa esposa, mas a mulher passional e sedutora o fascinava perigosamente. Envolvido pela magia dessa Julie que se revelava agora diante de seus olhos, precisava controlar seus sentimentos ou acabaria confessando-lhe toda a verdade!

— Espere, Julie! — gritou ele, ao perceber que se atrasara. — Se entrar em um desses corredores e me deixar sozinho, nunca mais encontrarei o caminho de volta.

— Então se apresse. Temos quilômetros a percorrer!

O castelo de Marduquesnes, situado em uma curva do rio Loire ao sul de Orléans, tinha sido há mais de trezentos anos apenas uma reforçada mas rústica fortaleza construída pela família Sainte Aube para defesa de sua extensa propriedade. Ainda existiam vestígios das centenárias muralhas de pedra em torno das quais a construção fora se expandindo. Com o passar dos anos, e o suceder de gerações, ergueram-se novas alas, torres e escadas secretas e criou-se um verdadeiro labirinto. Não havia plantas que localizassem todos os aposentos.

Vinte minutos depois de terem começado a visita, Sebastian já havia perdido a noção de onde estava ou para onde ia.

— Seria mais fácil encontrar o caminho para as índias do que achar o caminho de volta, Julie.

— É compreensível, Sebastian. Esta parte do castelo, uma das mais antigas, deixou de ser usada há cerca de vinte anos. — Ela levou-o até um quarto vazio, de onde se via um pequeno pátio, coberto de neve. — Uma das minhas antepassadas criou um lindo roseiral entre estes muros de pedra. Quando mamãe descobriu o lugar, então em ruínas, decidiu restaurá-lo. Ela não viveu o tempo suficiente para completar seu projeto e, depois de sua morte, papai mandou trancar esta ala do castelo para sempre. Enquanto percorriam corredores sinuosos, Julie voltou ao passado, revivendo experiências da infância.

— Tive dois irmãos dos quais pouco me lembro. Eram mais velhos e eu estava com quase quatro anos quando ambos morreram de sarampo. Nunca entendi por que não sobreviveram e eu sim. Papai também se revoltou com isso. Foi quando deixou de vir a Marduquesnes, abandonando-me aos cuidados de babás e governantas.

A voz de Julie, já melancólica, revelava agora uma grande tristeza.

— Me senti culpada por continuar viva. Fui uma criança saudável, nunca ficava doente... e acabei me convencendo de que eu era a responsável pela morte dos meus irmãos, e papai me culpava por essa tragédia. Com o tempo, esse sentimento foi diminuindo, mas sempre soube que uma simples menina nunca poderia ocupar o lugar de um filho homem. Papai jamais se conformaria de não ter um herdeiro e, portanto, me odiava.

Abrindo uma porta secreta, atrás de um arco, Julie começou a descer uma escada em caracol. Ela o esperou no último degrau, com um sorriso triste.

— Agora reconheço minha infantilidade. Papai nunca veio me visitar porque eu o lembrava da esposa. Somos muito parecidas e preferia não me encontrar para não sofrer. Mamãe foi a única mulher que ele amou. Infelizmente, só o entendi tarde demais e desperdicei muitos anos acreditando que não era amada.

Por uma rota incompreensível para Sebastian, eles tinham voltado aos salões de recepção no segundo andar do castelo. Julie conduziu-o até a imensa sala de banquetes para mostrar-lhe os quadros.



— Aqui estão os meus ancestrais — disse ela, mas continuou a andar, só parando diante de uma imensa tela.

O pintor reproduzira com excessiva bondade uma versão mais jovem do cavalheiro que Sebastian conhecera no seu clube em Londres. Ele sentiu um alívio inexplicável ao constatar que Julie não herdara nenhum traço paterno e procurou, em vão, por um retrato da mãe. Em todas as paredes do salão só havia lugar para os homens da família Sainte Aube, uma homenagem a sete gerações sucessivas com poder, fortuna e tradições gloriosas que só a Revolução conseguira destruir.

Sebastian não se impressionava com o poder, mas sentiu a força do elo interligando os membros de uma família com tradições tão antigas. Tentou imaginar qual a sensação de possuir raízes firmemente presas a um passado comum a todos. Conhecer a origem significava ter nas mãos um tesouro precioso, a chave que abre portas inacessíveis. Dinheiro e recomendações de homens ilustres ou poderosos jamais poderiam substituir essa bênção. Entretanto, logo superou a inveja. Deteve-se novamente em Charles Sainte Aube. Nenhum privilégio compensava o fato de ser parente daquele canalha!

Então, viu Julie diante do retrato, fitando o pai com um misto de adoração e tristeza. Sebastian chegou a dar um passo, disposto a arrancá-la dali, gritando-lhe para não desperdiçar lágrimas por um homem traiçoeiro e cruel. Precisava dizer-lhe que Charles Sainte Aube estava vivo e sacrificara a vida e a felicidade dela só para garantir suas propriedades e sua pele!

Num esforço sobre-humano, conteve a ânsia de revelar-lhe a verdade. Já não suportava a ideia de tolerar as mentiras entre eles. Mas como arriscar-se a ser sincero, agora? Envolvera-se demais e não queria magoá-la. A punição pelo pacto feito com o demônio seria a torturante angústia que o transtornava só ao pensar no choque de Julie diante das revelações infames.

— É seu pai? — murmurou ele, puxando-a pelo braço a fim de afastá-la dali.

— Eu só descobri tarde demais o quanto papai me amava. — O rosto de Julie estava molhado pelas lágrimas. — Já não havia tempo para retribuir...

Descontrolada, ela jogou-se nos braços de Sebastian e chorou até desabafar a angústia.

— Eu te amo muito, Sebastian. Preciso saber se você também me ama, mas quero que me diga agora, enquanto nós dois estamos vivos e podemos expressar nossos sentimentos. Depois será impossível.

— É Lógico que eu te amo, Julie. Adoro você.

Em um momento como aquele, Sebastian diria tudo o que Julie desejasse ouvir, movido pela compaixão. Na verdade, jamais se negara a declarar seu amor, mesmo quando não o considerava verdadeiro, a nenhuma de suas amantes. Tivera muitos relacionamentos intensos, alimentados pela afeição e desejo. Entretanto, ao ouvir suas próprias palavras ecoando na sala vazia, admitiu que o coração não se mantivera indiferente como nas outras vezes.

Subitamente, ele sentiu o impacto assustador da verdade. Não atendera ao pedido de Julie para agradá-la, não agira por compaixão nem fizera uma declaração casual, provocada pela emoção do momento, e que rapidamente seria esquecida.

— Eu te amo mais do que minha própria vida, Julie — afirmou com sinceridade pela primeira vez, não mentindo a uma mulher sobre seus sentimentos.

Aquele noite se tornaria inesquecível para eles. A união de seus corpos e a serena paz da saciedade se alternavam, até que a paixão exaltada cedesse à ternura.

— Quantas mulheres você teve, Sebastian?

— O passado se foi, amor. Além disso, nenhuma delas deixou marcas em minha vida.

— Eu não quis fazer comparações. Só senti vontade de saber mais sobre você, conhecê-lo melhor.

— Três — murmurou Sebastian, contrafeito.

— Então, eu sou a quarta?

— Você não é uma amante, é minha noiva. Ainda não consigo acreditar nesse milagre.

— Milagre?!

— Depois de três anos de um casamento não consumado, eu recebi a dádiva de ser o primeiro homem em sua vida. E muitos devem tê-lo desejado, Julie. Estava esperando por mim ou tinha decidido manter-se virgem para sempre?

— Eu não planejei nada. — Segura nos braços de Sebastian, Julie não teve medo de falar sobre os terrores que tentara sufocar e só vinham à tona durante seus pesadelos. — Na minha vida não havia lugar para planos a longo prazo. Crianças não têm esse hábito.

Julie ainda não completara dezesseis anos e vivia protegida no Convento de Sainte-Martine, rodeada por garotas iguais a ela. Na verdade, muito poucas ainda permaneciam na França, porque a maioria partira com os pais para a Áustria, Suíça, Inglaterra, qualquer país em que ser aristocrata não implicava em sentença de morte.

Uma noite, quando ela já estava dormindo, vieram acordá-la para encontrar o mensageiro enviado por seu pai. O homem, coberto de poeira e à beira do colapso, mal abriu a boca, entregando-lhe um contrato de casamento. Julie tinha de assiná-lo e partir imediatamente, mas não para a Inglaterra, como fora combinado. Deveria ir para Paris, onde o marquês a esperava. Pedia-lhe que fizesse aquela viagem perigosa porque sua presença resolveria um problema de extrema urgência e gravidade.

Paris, a cidade onde se iniciara o reino do Terror! As freiras de Sainte-Martine protestaram e fizeram o impossível para impedi-la de partir. Mas Julie pressentia que o pai corria perigo, e só obedecendo às ordens dele conseguiria ajudá-lo.

— Eu teria deixado o convento de qualquer forma. O privilégio de ser chamada por meu pai me levaria a enfrentar qualquer perigo. Queria ficar com ele e, quanto mais arriscada fosse a jornada, melhor lhe provaria minha coragem.

Foram cinco dias de viagem até Paris e a ausência de tumultos provocou uma falsa sensação de segurança em Julie. Mesmo a porta Saint-Denis, ponto de agitadas manifestações populares, estava tranquila. Então, entrou na casa que os Sainte Aube possuíam na cidade.

— Havia um guarda revolucionário a minha espera e quando perguntei sobre meu pai, disse-me que eu iria para onde ele já havia ido. Só descobri o significado de suas palavras quando levou-me para a saída dos fundos e vi uma carroça cheia de prisioneiros.

O corpo de Julie tremia convulsivamente e Sebastian não sabia como acalmá-la.

— Por favor, não continue, Julie. As recordações a perturbam e agora tudo terminou.

Embora quisesse convencê-la a não prosseguir, ele sentia que Julie precisava falar, e só traduzindo seu pavor em palavras se livraria dos fantasmas do passado. Segurando-a com firmeza, tentou transmitir-lhe seu amor.

— Eu não podia raciocinar, estava completamente esgotada depois de viajar cinco dias sem dormir. Achei que meu pai tinha sido preso e que iria encontrá-lo na Conciergerie. Então ouvi alguém dizer que nos conduziam para a guilhotina e não consegui acreditar. Fiquei repetindo para mim mesma que tudo não passava de um sonho e só abri os olhos para a realidade quando a carroça parou. As execuções começaram e lembro-me muito vagamente de meus companheiros. Um rapaz falou sobre a bênção de uma morte rápida e resignei-me ao meu destino.

Julie parou, a fim de recuperar o fôlego, e sentiu Sebastian enxugar-lhe as lágrimas, que não percebera terem corrido de seus olhos.

— Perdi a noção da sequência dos acontecimentos. Esperava o momento de ser levada para a guilhotina, rezando para que a morte fosse mesmo rápida e sem dor, como

o rapaz me afirmara. Embora eu tenha me mantido em pé e andando, era como se estivesse desacordada. Só voltei a tomar conhecimento do que acontecia quando percebi uma movimentação estranha e fui parar numa carruagem. Um homem, mais velho que minha avó, sentou-se a meu lado e disse ser meu marido. Voltei novamente para um lugar onde não existia sofrimento e recuperei outra vez a consciência em uma casa. Descobri mais tarde que era meu lar, eu estava na ilha de Saint-Louis.

Sebastian notou que a tensão de Julie atingira o limite máximo e rezou para ter forças e não revelar a verdade, quando ela lhe contasse o final de sua desventura.

— Eu já havia passado por muitos choques, então veio o último e o pior de todos. Meu pai fora executado dois dias antes de minha chegada a Paris. Levei meses tendo crises de pânico e, quando recuperei a sanidade, só pensava na consumação do casamento. Nem imagina o meu alívio ao saber que meu marido não pretendia exigir seus direitos. Senti uma gratidão infinita pelo homem que me salvou a vida, me ofereceu sua proteção sem pedir nada em troca e jurei ser a melhor das mulheres: dócil, dedicada e fiel. Faria de tudo para que ele se orgulhasse de mim, a esposa perfeita... fora do quarto conjugal. Agora entende minha relutância em traí-lo? Guillaume representava minha segurança. Além disso, vivi num convento e sempre me contavam sobre a intolerável promiscuidade de certas mulheres. Eu tive a sorte de continuar viva e isso me fazia esquecer de outras coisas. Do amor... Profundamente comovido com o sofrimento de Julie, Sebastian não encontrou nenhuma palavra que tivesse o poder de apagar o trágico passado. Só podia ouvi-la, mantendo-a ali, aquecida em seus braços.

Um raio de sol, infiltrando-se pela fresta da janela entreaberta, despertou Sebastian. Já passava do meio-dia e Julie continuava dormindo. Seus movimentos perturbaram-lhe o sono e tendo se lembrado de algo importante, mal continha a impaciência, desejando que ela despertasse logo.

— Bom dia, dorminhoca — murmurou Sebastian, cansado de esperar. — Abra depressa os olhos e me diga se sabe que dia é hoje.

Espreguiçando-se, Julie tocou o rosto dele, numa leve carícia, e sorriu feliz.

— Bem... eu pretendia esquecer que existem calendários, mas, como ontem foi o segundo dia de Nivoso, hoje só pode ser o terceiro.

— Só aqui na França, querida. Você se transformou em uma verdadeira republicana, não? Esqueceu-se que dia é hoje para o resto do mundo cristão?

— Meu Deus! — Subitamente alerta, ela sentou-se na cama, irradiando alegria. — É véspera de Natal! Como poderia lembrar-me, Sebastian? Há quatro anos não se permite que os franceses celebrem essa data. Sei que muitos continuam seguindo as tradições antigas, mas meu marido é membro da Assembleia e eu, esposa de um representante do governo, devo ajudá-lo a dar um bom exemplo de obediência às novas leis. Nós temos outras comemorações... — Ela começou a contar nos dedos — O festival da Razão, o festival da Igualdade, o festival do Supremo Ser, a cerimônia de homenagem à Árvore da Liberdade...

— Chega, por favor! — Ele fez uma careta de tédio. — Você gostaria de celebrar o Natal deste ano?

— Oh, eu adoraria! — Julie estava exultante. — Não acredito que seja possível sentir-me tão... ah, nem sei dizer como me sinto.

— Sabe que estaremos cometendo uma traição ao Estado, não?

— Uma terrível traição! — Sem conter o entusiasmo, ela abraçou-o efusivamente. — Na verdade, trata-se apenas de um desvio deliberado para contornar regras absurdas. Como nossa paixão e todas as expressões de beleza e alegria, o Natal foi banido da sociedade republicana, mas continua existindo por que representa um desafio secreto à repressão.

A primeira providência para que pudessem celebrar o Natal foi dispensar os criados, dando-lhes uma inesperada folga. E o dia especial culminou ao assistirem à missa da

meia-noite em uma capela escondida entre as vielas mais estreitas do bairro antigo de Orléans. Sebastian e Julie retornaram ao castelo em uma rústica charrete, felizes demais para se perturbarem com os solavancos provocados pelo péssimo estado das estradas.

— Muito obrigada, amor! — exclamou Julie, quando avistaram Marduquesnes rodeado pela neve prateada sob a luz do luar. — Foi o Natal mais maravilhoso de toda a minha vida. Eu já não me lembrava como eram lindas as canções natalinas e fiquei em paz comigo mesma ao ouvir aquelas palavras reconfortantes. Às vezes penso onde estaria agora e como viveria se a Revolução não tivesse destruído meu mundo, esse mundo que reencontrei naquela igreja singela. Certamente eu não seria madame Farroux e...

— E também não estaria agora a meu lado. — Assustado com suas palavras, Sebastian apressou-se a continuar. — Eu nunca a teria conhecido se não vivesse em Paris e gostasse de ir ao teatro.

— Ah! Isso não é verdade! Nós teríamos nos encontrado de qualquer modo. O destino decidiu cruzar nossos caminhos, não foi fruto do acaso, Sebastian.

— Foi fruto de... — Em pânico, ele calou-se e disfarçou sua perda de controle. — Fruto de tudo o que aconteceu antes de nosso encontro.

O sorriso de Julie irradiava sua alegria.

— Então agora conseguirei encarar tudo o que me aconteceu como bem-vindo, querido. Se acredita que as tragédias da minha vida levaram-me a encontrá-lo, agradeço a Deus por todo o medo e o sofrimento dos últimos anos.

Encostando a cabeça no ombro dele, Julie jurou a si mesma que nunca mais pensaria em seu passado, porque a presença de Sebastian em sua vida justificava cada segundo dos dias sombrios em que ainda não conhecera o amor. Também não sofreria por antecipação, imaginando os problemas ainda distantes do futuro, nem permitiria que nenhuma lembrança triste ou alguma dúvida sobre a duração de sua felicidade viesse estragar a perfeição do momento presente.

Aquele Natal jamais seria esquecido e, se tivesse sorte, passaria a véspera do Ano-Novo também ao lado de Sebastian. As estradas continuavam bloqueadas pela neve e sua carta demoraria dias até chegar a Paris. Sem dúvida, a resposta de Guillaume, avisando-a que já não havia necessidade de continuar exilada em Marduquesnes, também não viria tão cedo. Ela não conseguia imaginar um presente mais precioso do que comemorar 1798 nos braços de seu amor.

## CAPÍTULO VIII

### Floriscombe — Cornualha (Maio de 1798)

A carta chegara há uma semana. Todas as manhãs, monsenhor Domenico Tremonte a retirava do envelope, relendo-a ainda mais uma vez, sempre com a mesma alegria.

Sebastian estaria em casa antes do anoitecer! Após quase dois anos de ausência, o filho pródigo voltara para visitá-los e, nos últimos sete dias, ninguém se ocupara com nada a não ser com os preparativos para recebê-lo. A sra. Jenkins passara a semana

arrumando o quarto dele, o que poderia fazer em apenas uma tarde, e retirara da despensa os últimos vidros de sua deliciosa geléia de framboesas para servir com o pernil de carneiro.

O aroma apetitoso do prato predileto de Sebastian já se espalhara pela casa e Domenico sorriu ao lembrar da indignação da sra. Jenkins quando lhe sugerira que fizesse um pernil de vitela. Ele quisera apenas provocá-la, sem perceber que, inconscientemente, associara a chegada de seu pupilo à volta do filho pródigo.

Depois de reconhecer os tortuosos caminhos de sua mente, Domenico preparou-se para policiar seus comentários, evitando qualquer alusão a essa parábola. Realmente, uma ausência tão longa provocaria brincadeiras, mesmo se fossem desprovidas de malícia, mas ele queria demonstrar que seu amor não dependia da presença física e continuava muito intenso, embora o tempo passasse com muita lentidão nos períodos de espera entre as visitas.

Precisava expressar, sem palavras, a extensão de sua felicidade em recebê-lo e saborear cada minuto dos três preciosos dias ao lado de Sebastian.

Ainda faltavam algumas horas para o tão ansiado reencontro, mas a expectativa ansiosa impedia Domenico de concentrar-se. Desmarcara todos os compromissos daquele dia e, sentado à escrivaninha de mogno polido como um espelho, observava o jardineiro que cuidava do canteiro de petúnias. Sua mente voltou ao passado, revendo dar seus primeiros passos titubeantes entre as flores.

Nem sempre os homens conseguem enxergar a mão de Deus alterando o rumo de suas vidas. Domenico também ficara em dúvida, sem saber se aquele momento significava uma manifestação dos desígnios divinos. Trinta anos tinham sido mais do que suficientes para contemplar e finalmente compreender a verdade.

Em dias distantes, Domenico Tremonte não pensava em culpar-se por seus pecados, reconhecendo que tinha ambições mundanas, orgulho e cedia às tentações da carne. Monsenhor com apenas trinta e cinco anos, um fato bastante raro, seu trabalho na Cúria o colocava em uma posição de destaque, e essa celebridade prematura obrigava-o a agir com extrema discricção ao desrespeitar as leis da Igreja. Sua fama crescente prenunciava uma carreira brilhante e sussurrava-se nos corredores do Vaticano que uma arquidiocese, rica e bem localizada, lhe seria entregue muito em breve. Diante de perspectivas tão sedutoras, era compreensível sua relutância em pensar na pesada responsabilidade de aceitar a tutela de uma criança, ainda que fosse seu afilhado de batismo. Logo ele teria a glória de ser arcebispo e um bebê só prejudicaria seu sucesso atual e seus planos para o futuro.

— Não existe a menor possibilidade de que eu me encarregue de criar esta criança pessoalmente — dissera Domenico à mãe. — Entretanto, tomarei as providências necessárias para encontrar o lugar ideal.

Naquele momento, o menino mais velho, subindo em um cômoda, chamou a atenção da mãe, que colocou o bebê nos braços de Domenico e correu para impedir o inevitável tombo do outro filho. Foi um gesto sem premeditação, provocado pelo instinto maternal de proteger sua prole.

Domenico já perdera a conta das crianças que carregara, por alguns minutos, durante o sacramento do batismo. Acostumado a tomar nos braços aquelas trouxinhas com camadas de roupas envolvendo minúsculos seres humanos, não previra que fosse ter uma sensação diferente ao segurar aquele recém-nascido. Inexplicavelmente, sentira o apelo mudo do bebê adormecido, e essa emoção alterou o rumo de sua vida.

Domenico ainda se surpreendia com a profundidade das mudanças ocorridas a partir do momento em que tomara a decisão de ser o guardião daquela criança. Desde o dia em que assumira essa responsabilidade, não quebrara mais seus votos de sacerdote, sua carreira em ascensão fora interrompida e ele não se sentira privado por perder uma vida rica em glórias e prazeres discretos. Afinal, quantas vezes Deus concedia a um padre o

raro presente de usufruir a felicidade incomparável de criar um filho?

Sem pensar mais nas invejáveis vantagens de uma arquidiocese, ele implorou por uma posição humilde, onde poderia servir a Deus sem alarde. Suplicou que o enviassem para alguma obscura e remota aldeia, talvez na primitiva Calábria, onde um padre criando um menino órfão seria considerado apenas um sinal de excentricidade e não de aberração sexual.

A Cúria porém tinha suas próprias leis e códigos morais muito rígidos. Como a Igreja poderia prestar-se à indignidade de afastar, sem qualquer motivo válido, um religioso que se destacara em seu serviço? E como perder um monsenhor, de inteligência brilhante, excepcional talento para a diplomacia e fluente em cinco idiomas? A reação à decisão de Domenico foi violenta e usaram-se todos os argumentos possíveis para impedi-lo de cometer aquela loucura. Chegaram a implorar que ele tirasse férias a fim de recuperar uma súbita perda de sanidade e então aceitar a possibilidade de enviar a criança para um dos numerosos orfanatos criados pelo Vaticano justamente para esses casos. Sem dúvida, Deus reservava missões muito mais importantes para o monsenhor Tremonte!

Mas li piccolo não era um "caso". Domenico pensava apenas em uma alma que precisava de amor, agora sem nenhum interesse por missões gloriosas. Haveria algo mais importante aos olhos de Deus do que a vida humana? Entretanto, ele conhecia demais o intrincado mecanismo da Cúria e sabia até que ponto devia insistir ou quando precisava ceder.

Finalmente, chegou-se a um acordo. Domenico foi enviado para a Inglaterra, onde representaria a jurisdição de Roma para uma desamparada minoria de fiéis. Essa solução não comprometia a Cúria, embora estivesse muito próxima de uma situação inaceitável, pois o cargo, embora digno de um monsenhor, perdia a importância em um país com menos de sessenta mil católicos. Encarregado de supervisionar os condados ao sul de Londres, ele precisaria apenas encorajar os poucos e exaustos padres que percorriam longas distâncias para servir as paróquias longínquas e, ocasionalmente, orientar seminaristas ou dar raras palestras.

Depois de anos levando um vida agitada, Domenico tinha agora muito tempo livre para ocupar-se com o menino. Toda a dedicação e o zelo que outrora devotaria para sua ascensão pessoal na hierarquia da Cúria, tomou uma nova forma e foi dirigida para a criança sob seus cuidados. Cada dia lhe trouxera os habituais problemas paternos com pequenas dificuldades a superar e grandes alegrias que se transformariam em preciosas lembranças, como il piccolo aprendendo a andar entre as petúnias.

O jardineiro estava terminando de retirar as folhas secas dos canteiros quando o coração de Domenico disparou ao ouvir o som de passos sobre o cascalho. Da janela, avistou um homem alto e de ombros largos e entristeceu-se ao pensar que não poderia mais chamá-lo de piccolo. Então seus olhares se cruzaram e, diante do sorriso de Sebastian, viu que o filho de seu coração continuava com uma alma de menino.

— Pai! — exclamou Sebastian, envolvendo Domenico num abraço efusivo.

— Mio piccolo Sebastiano! Passou muito tempo no mar e esqueceu-se como se orientar em terra firme? Foi por isso que demorou tanto a encontrar o caminho de casa?

A primeira noite de Sebastian em suas visitas a Floriscombe acabou se transformando em um ritual que os anos não haviam alterado. A sra. Jenkins preparava um verdadeiro banquete e partilhava com os dois o jantar festivo, depois do qual ele distribuía os presentes que sempre trazia de suas viagens.

A alegria do reencontro prolongava a refeição e a entrega das lembranças também consumia algumas horas de saudações e agradecimentos: Apesar da animação de Domenico, Sebastian assustou-se ao perceber o extremo cansaço provocado pela interminável comemoração. Dois anos havia sido uma ausência longa demais!

Em sua última visita, Domenico acabara de completar sessenta anos e exibia a energia de um homem ainda cheio de vigor. Agora, a vasta cabeleira branca acentuava a

magreza do rosto, onde haviam surgido uma infinidade de rugas. A batina de seda, sempre bem cortada e impecável, estava larga demais e, em vez de transmitir a ideia do poder espiritual de um monsenhor, sugeria extrema fragilidade.

E por que o jardineiro fora encarregado de cuidar das petúnias? Aqueles canteiros sempre tinham sido um privilégio exclusivo do Monsenhor, que proibira os criados de tocarem neles. Ainda menino, Sebastian se convencera de que aquelas flores possuíam algum profundo e incompreensível significado religioso, talvez como o mistério da Santíssima Trindade. E a presença de uma outra pessoa no território particular de Domenico o obrigava a pensar que os anos passavam e ninguém escapava da velhice. Entretanto, essa realidade o deprimia porque precisava da sabedoria e dos conselhos desse homem que lhe dera tanto amor. Precisava do apoio dele agora, mas pressentia que nunca se conformaria em viver sem sua ajuda.

— Está bem de saúde, pai? — perguntou ele, quando os dois se isolaram na biblioteca para tomar um conhaque. — Achei-o abatido e um pouco mais magro.

— Estou me sentindo muito bem, rapaz! Dê graças a Deus se chegar a minha idade com tanta saúde e em condições tão boas.

— Bem... vi Penworth cuidando das petúnias e...

— Existe alguma lei que me obrigue a ficar com dor nas costas durante toda a primavera? — Domenico sorriu, aspirando o aroma do conhaque. — Na verdade, não pude cuidar das petúnias porque meu trabalho aumentou muito. Conventos e seminários estão sendo reabertos para acomodar os franceses católicos que emigraram durante a Revolução. E agora que os Estados papais foram ocupados por franceses ateus, tenho viajado mais, a fim de reforçar a autoridade papal com minha presença. Não leu minhas cartas?

À espera de uma resposta, Domenico fitou Sebastian, recordando alegrias do passado.

— Lembra-se de quando me perguntou se era preciso ser padre para tocar nas petúnias?

— Lógico que sim!

— Mas logo descobriu que eu tinha mentido, não?

Os dois se entreolharam, lembrando os tempos felizes, dias de alegria e inocência. Sebastian sentia saudade da época em que se esforçava para cumprir os mandamentos divinos e já não sabia quando desistira até de tentar.

— Sou um homem velho, Sebastiano. — Foi Domenico que rompeu o longo silêncio. — Não tenho do que me queixar se Deus me chamar para o outro mundo, mas ainda me resta algum tempo. Creio que será suficiente para ouvir seus problemas, pois não está preocupado apenas com minha saúde. O que o angustia tanto, filho?

— É tão fácil de perceber, pai?

— Eu o conheço bem demais.

— Pois meus rivais nos negócios me consideram um mestre do blefe e raramente descobrem...

— Não perca tempo, Sebastiano. Disse-lhe que me restava pouco tempo e talvez não seja suficiente.

— Por favor, não brinque com um assunto tão sério, pai. Domenico ergueu as mãos, num gesto que sempre indicara seu desejo de saber a verdade para ajudar Sebastiano, sem censurá-lo por algum erro cometido. Essa atitude despertava tantas lembranças!

Uma vidraça quebrada e a bola ao lado da janela. "Vieni Sebastian." Domenico sempre o chamara para longas conversas em que ele lhe ensinara a enfrentar a realidade com coragem, fossem quais fossem os problemas.

— Basta! — A voz de Domenico interrompeu o devaneio de Sebastian. — Chega de rodear o assunto e conte tudo antes que o problema acabe sufocando-o.

— Eu estou apaixonado.

— Ótimo! Como nunca será padre, é melhor casar-se logo, figlio. Ela é católica? Bem, não importa, você tem minha bênção. Mas... por que essa expressão de aborrecimento? Devia estar feliz.

— Ela é casada, mas trata-se de uma união vazia.

Desta vez Domenico ergueu as mãos num eloquente gesto de recusa. Não queria ouvir mais.

— Não posso ser seu confessor, Sebastiano. Eu não manteria a suficiente distância espiritual para não me envolver. Procure o padre Hennessy porque...

— Quero apenas que me ouça, pai. Não estou procurando a absolvição espiritual, depois de rezar dez novenas e jurar que não pecarei mais. Preciso de ajuda para encontrar um solução prática!

— Então fale...

— Minha última viagem foi um desastre. Voltei para a Inglaterra cheio de problemas e só por isso não vim visitá-lo antes. Fiquei em Londres, correndo atrás de financiadores, agentes de seguros e tentando salvar o investimento de meus sócios. Então encontrei um francês que se ofereceu para me ajudar. Ele tinha contatos influentes em Paris e o mais importante de todos era seu genro. É uma história quase inacreditável...

Só havia brasas na lareira quando Sebastian contou que deixara Julie em Orléans, de onde voltaria sozinha para Paris, e ele seguira na direção oposta, para retornar à Inglaterra.

— Tenho a impressão de que realmente não nos separamos. O atraso nos reparos do Celestine foi uma bênção, pois nos correspondemos diariamente. Apesar do prejuízo que essa demora irá causar, eu só pensava nas cartas de Julie e no período das viagens, quando ficarei sem meios de me comunicar. Não consigo tirá-la do coração ou da mente, pai.

— Por acaso engravidou-a?

— Não sei, mas não acredito nessa possibilidade. Ela teria me contado em uma de suas cartas.

A expressão de Domenico, despida de qualquer sinal de censura ou crítica, demonstrava apenas sua intensa concentração. Após um longo silêncio, tocou afetuosamente a mão de Sebastian e suspirou.

— Devolva o dinheiro, figlio. Esse casamento pode ser anulado e vocês encontrarão meios para viver sem a ajuda de Farroux. Eu não sou pobre e me entristece que não tenha me procurado para ajudá-lo. Além disso, há o fundo deixado por seus pais.

Apesar dos problemas, Sebastian sorriu ao ouvi-lo falar sobre aquele fundo mítico. Sem dúvida, não existia, e Domenico estava lhe oferecendo seu próprio dinheiro.

— Farroux tem muita influência no governo e a Igreja está fraca demais na França, pai. Ele impediria facilmente um anulamento e mesmo um divórcio. Mas, antes disso, revelará a Julie toda a verdade sobre mim.

— Pois terá de impedi-lo! Ela não deve saber de nada por intermédio do marido. Você contará tudo!

— Não fará a menor diferença. Nos dois casos eu a perderei.

— É um risco que precisa enfrentar, Sebastiano.

— Não se trata de um risco e sim de uma certeza absoluta, pai. Eu brinquei com os sentimentos de Julie, seduzi-a por motivos pessoais e egoístas, visando salvar a minha pele. Como a convenceria de que agora a amo de verdade? Como pedir-lhe que abandone um marido rico para unir-se a um homem à beira da falência e sem futuro?

— Você a seduziu apenas pelo ganho material?

— Bem... Eu a desejava fisicamente. Na verdade, era um sentimento mútuo, mas esqueci-me de tudo em Mardouquesnes. Estava envolvido demais para lembrar-me de Farroux.

— Imagino que sim, figlio. Talvez esse desejo mútuo termine naturalmente. Essa



jovem, que deve ser bonita, tem um marido velho, impotente e sua avidez por conseguir um herdeiro irá encorajar a infidelidade da esposa. Sem dúvida, surgirão outros homens atraentes e dispostos a aceitar um acordo tão lucrativo e, como você passará meses no mar...

— Não suporto sequer pensar nessa possibilidade, pai!

— Ah, Sebastiano! Assuma a atitude que tomou e pense seriamente nessa possibilidade. Já decidiu que não fará nada e, embora, não concorde, também não o condeno. Talvez eu agisse assim na sua idade, mas nunca fui um jovem sem dissimulação como você e por isso seu sofrimento será maior. Os toscanos costumam dizer que quem tempera a comida com fel, não pode se queixar que o gosto está amargo". Mas, felizmente, existem assuntos mais fáceis de resolver, figlio. Tive um lucro inesperado com a lã de meus carneiros. Quanto precisa para saldar sua dívida?

O jardim das Tulherias teria ficado mais lindo ou seriam seus olhos que se haviam aberto para admirar a perfeição do mundo? Depois de voltar de Mardiquesnes, Julie encontrara uma cidade fascinante, muito diferente do retrato esmaecido que via das janelas de seu quarto. Paris nunca fora tão maravilhosa e excitante! Ela adorara a festa de casamento de Anne-Marie e não recusara nenhum dos numerosos convites para reuniões sociais. Também descobrira a vibração dos sentidos, encantando-se com o ruído das carruagens passando velozmente por sobre as pedras irregulares, com o aroma das tulipas em seu minúsculo jardim, o gosto incomparável das framboesas silvestres, a maciez e o colorido das sedas que escolhia para seus novos vestidos. Tudo significava beleza, tudo seria relatado em suas longas e minuciosas cartas que ocupavam as horas mais importantes de seus dias.

Três meses haviam se passado desde que se despedira de Sebastian em Orléans, mas a promessa de um breve retorno a mantinha feliz. Não precisava saber quando ele voltaria, pois recebia diariamente um presente de valor inestimável: cartas que reafirmavam a mais gloriosa das emoções, a certeza de ser amada. Algumas frases chegavam a provocar-lhe lágrimas de alegria. "Não importa para onde eu for, sei que a terei comigo porque você é parte de mim e nossos corações estão unidos para sempre." A emoção de ler declarações de um amor infinito a tranquilizavam e davam-lhe forças para esperar indefinidamente.

Naquela manhã, Julie iria comparecer a um dos já famosos desjejuns oferecidos pela cidadã Bonaparte em sua encantadora casa da Rue de la Victoire, um convite que Anne-Marie se esforçara ao máximo para conseguir.

— Na verdade, eles ainda continuam em lua-de-mel, Julie. Três dias após o casamento, o general teve de partir para conquistar a Itália e Josephine foi para Milão encontrar-se com ele, mas não puderam ficar muito tempo juntos. Agora que estão em Paris, evitam os compromissos sociais para usufruírem a intimidade de recém-casados. Como Hortense e Mireille são amigas íntimas, eu sabia que logo seríamos convidadas.

Paris abrira seu coração para Marie-Joseph-Rose Bonaparte. Ao encontrá-la, Julie compreendeu o motivo dessa recepção amorosa. Intimidada, cumprimentara sua anfitriã, usando o tratamento habitual e a chamara de cidadã Bonaparte.

— Ai! Vamos dispensar esse modo horrível de tratar as pessoas; madame Farroux. Sou uma creole da Martinica e nós detestamos formalidades. — Impulsivamente, ela segurou as mãos de Julie. — Céus! Você é linda e encantadora demais para ser "madame"! Posso chamá-la de Julie como faz Anne-Marie?

— Com todo o prazer, madame.

— Ótimo! E você me chamará pelo nome que meu marido prefere, Josephine. Agora vamos para a mesa, pois quero que experimentem uma típica refeição da Martinica.

A sala de refeições, decorada em tons de amarelo, ficava ainda mais alegre iluminada pelo sol que entrava através das portas de veneziana. Josephine sentou-se em uma ponta da mesa e sua amiga, Theresia, no outro extremo. Julie já ouvira falar da

beleza excepcional dessa mulher, mas, embora todos a considerassem irresistível, não possuía o encanto e a graça da exuberante esposa de Napoleão.

Enquanto as convidadas provavam pratos exóticos como compota de goiaba e geléia de manga, Josephine as distraía com histórias divertidas sobre suas aventuras em Milão, mas principalmente sobre a família Bonaparte.

— Meu primeiro encontro com Pauline só pode ser descrito como um verdadeiro desastre. Ela viajou até Milão apenas para visitar seu irmão predileto e, infelizmente, Napoleão partiu para resolver um problema sério e precisei recebê-la sozinha. Eu estava com saudade de Hortense e fiquei feliz com a visita de uma linda garota de dezesseis anos. Mas... foi um caso de ódio à primeira vista, e a impertinente jovem nem sequer disfarçou o quanto me detestava. Senti um alívio infinito quando soube de seu casamento com o general LeClerc e não pensei que a situação fosse piorar muito antes de melhorar... Eu ainda não tinha conhecido o resto da família!

Josephine deu uma gargalhada e piscou maliciosamente para Theresia, que tentava controlar a vontade de rir.

— Podem achar divertido porque eu também prefiro rir a chorar! A família inteira veio de Marselha a fim de assistir o casamento de Pauline e... imaginem só a coincidência! Novamente, foi um caso de ódio à primeira vista, só que desta vez todos me odiaram! Se eu tivesse pensado antes sobre esse assunto não ficaria tão chocada e seria capaz até de desculpá-los. Os Bonaparte não se conformavam com o casamento de seu adorado Nabullione com uma viúva, sem dinheiro e com dois filhos, quando poderia escolher uma esposa entre as mais lindas e ricas jovens de vários países. Quanto à madame Letizia, ela nem esperou me conhecer para sentir um ódio profundo, que aumentou muito diante das demonstrações de carinho de seu querido filho.

— Mamãe a chama de Letizia, a Terrível — murmurou Hortense, num tom alto o suficiente para que todos a ouvissem.

— Não seja indiscreta, filhota! — zombou Josephine sem se perturbar. — Bonaparte piorou ainda mais a situação agindo como um moleque travesso. Não soltava minha mão, beijava-me e tocava constantemente meus cabelos só para provocar a mãe. Estava disposto a deixar bem claro que a opinião dela não tinha a menor importância e não mudaria seus sentimentos por mim. É lógico que essa atitude transformou a reunião familiar em uma verdadeira batalha! Os filhotinhos daquela feroz lutadora precisavam defendê-la e, ao mesmo tempo, não ousavam desafiar o poderoso irmão. Louis tentou assumir o papel de pacificador, sem muito entusiasmo, e acabou desistindo de enfrentar duas criaturas fortes demais para as suas energias.

Interrompendo-se apenas para responder ao criado, que viera perguntar-lhe se desejavam mais café, Josephine reiniciou seu relato logo após a saída dele.

— Vocês nem imaginam o meu alívio ao vê-los prontos para deixar Milão. Precisei esforçar-me ao máximo para não demonstrar a minha enorme satisfação por ficar livre daquela família que só sabia me odiar. Então, duas horas depois da partida deles, dei uma festa surpresa e só Napoleão foi informado do motivo dessa comemoração. Agora sinto-me outra mulher, tenho amigas em quem posso confiar e que gostam de mim. Os Bonaparte não me suportam, mas meu marido me adora, e a mãe dele, felizmente, mora longe de Paris.

Com a mesma rapidez com que começara a falar sobre os Bonaparte, Josephine mudou de assunto.

— Acho que já entediei vocês com meus lamentos intermináveis. Gostariam de conhecer o resto da casa e ver as reformas que mandei fazer? Todos os cômodos foram redecorados!

Paris batizara aquela rua de Rue de la Victoire para celebrar as vitórias de Napoleão, e Josephine também quis homenageá-lo, transformando a casa em um lar digno de um grande general. Julie não perdera uma única palavra da conversa nem os

detalhes da decoração, já formulando em sua mente a carta que escreveria para Sebastian, tão logo se fechasse em seu quarto.

*“Eu não tenho ideia de onde o general vai de manhã, mas ele chegou quando Josephine nos conduzia de volta ao salão. Ao ouvir o ruído da carruagem, nossa anfitriã nos abandonou e correu para recebê-lo no terraço. Foi impossível não presenciar o abraço dos dois e eu fiquei envergonhada por causa das duas garotas! Depois de beijá-la, Napoleão mergulhou o rosto nos seios quase totalmente expostos pelo decote exagerado, enquanto lhe acariciava as nádegas cobertas apenas pela fina gaze do vestido. Você nem imagina que situação embaraçosa!*

*Então ele percebeu que não estavam sozinhos e, cumprimentando-nos com um sorriso cordial, dirigiu-se o mais rapidamente possível para seu escritório. Nenhuma de nós teve dúvidas de que precisávamos ir logo embora. Todos sabem que Napoleão não quer desperdiçar nem um minuto de intimidade ao lado de Josephine, e eu o compreendo muito bem. São obrigados a suportar frequentes separações e os momentos partilhados significam um tesouro precioso demais para ser perdido na companhia de outras pessoas.*

*Eu agiria do mesmo modo se você estivesse a meu lado, querido. Sentiria ciúme de cada segundo que perdesse sem poder ficar nos seus braços. Mas, enquanto espero essa felicidade única, encontro-me com você por intermédio de nossas cartas, que mantêm vivo o nosso amor.*

*Sua apaixonada amante Julie.”*

## CAPÍTULO IX

A casa de campo da família Cassat ficava a menos de uma hora de Paris, no sossegado vilarejo de Croissy. A proximidade da grande metrópole não afetara os hábitos tranquilos dos moradores, que continuavam levando uma vida típica das cidades perdidas no interior da França. Se o acesso não fosse fácil, permitindo que Julie a visitasse com frequência, Anne-Marie teria morrido de tédio durante os meses de gravidez.

Depois de ter perdido dois bebês antes do terceiro mês de gravidez, Anne-Marie cedeu às ordens do médico, resignando-se a passar seis meses de repouso absoluto. A inatividade física e a irritação de estar longe de sua adorada Paris acabaram provocando-lhe uma melancolia profunda, e quando Bernard percebeu que a esposa ia entrar em depressão, apelou para Julie. As visitas quinzenais se intensificaram, e ela ia três vezes por semana alegrar a amiga, levando-lhe seus doces prediletos, encontrados apenas em uma confeitaria do Faubourg Saint-Honoré, os últimos romances que ambas compravam na livraria da rue Parnelle e principalmente os mais recentes boatos.

Agora, o bebê já completara três semanas e Julie foi visitar Anne-Marie, certa de que a encontraria contando nos dedos quantos dias faltavam para o término daquele exílio e esperando ansiosamente o momento de retornar à agitação social de Paris. Para sua surpresa, a maternidade serenara a amiga.

— Estou passando esse óleo nos seios para evitar estrias — explicou Anne-Marie, ao notar o espanto de Julie. — É uma receita de Josephine, que a herdou de sua avó.

— Mas tem um cheiro terrível! Parece peixe!

— Pois pouco me importa, Julie. Também não vou enfaixar os seios para secar o leite porque Josephine disse que a pressão deixa a pele flácida. Sinto-me muito feliz com Bernard, mas ela me afirmou que nenhuma mulher conserva o marido ou consegue amantes se perder as formas!

— E você segue todos os conselhos de Josephine?

— Lógico! Ela teve dois filhos e não se vê uma única estria em seus seios, que, aliás, ela adora mostrar usando aqueles vestidos com decotes escandalosos.

— Admita que ela está bem mais comedida agora, Anne-Marie. Como primeira-dama, tem assumido uma postura discreta e austera.

— Você vive em Paris e deve ter ouvido mais rumores do que eu — murmurou Anne-Marie, excitada. — Acha que nossa amiga Josephine acabará sendo a rainha da França?

— Ouvi todo tipo de boatos, mas você sabe que basta um comentário e os rumores se alastram. Eu realmente não sei o que pensar...

A situação mudara muito. A carreira vertiginosa de Napoleão teria causado essas transformações ou a instabilidade do país favorecera sua ascensão? Com uma surpreendente rapidez, o herói de guerra passara a controlar todo o Exército e logo atingira a invejável posição de chefe de Estado. E, agora, se os rumores fossem verdadeiros, ele aspirava ser coroado rei da França, estabelecendo a linhagem real dos Bonaparte. Os títulos de nobreza estavam sendo usados abertamente e abandonara-se o tratamento de "cidadão" junto com o calendário revolucionário. Só nos documentos oficiais do governo ainda persistia a criação do poeta Fabre, D'Eglantine, romântica mas confusa, iniciando o ano em setembro, chamado de Vendemiário, nome romano, como os dados aos demais meses.

A França, que sofrera amargamente os efeitos da Revolução e da guerra, descobrira as satisfações da prosperidade quando, após o golpe de 18 Brumário, Napoleão passara a ser Primeiro Cônsul da República. Através de um plebiscito, o povo demonstrou o quanto idolatrava seu novo herói, concordando em transformar esse posto em um cargo vitalício. E "madame" Bonaparte também recebera seu quinhão de apoio popular, escapando ilesa de um terrível escândalo que poderia destruir sua reputação e até o prestígio do marido.

Durante a campanha do Egito, Josephine traiu o marido com um amante mais jovem..A gravidade da situação exigia atitudes drásticas e Napoleão decidiu divorciar-se da esposa adúltera, mas, ainda apaixonado, cedeu às suas súplicas e pedidos de perdão entremeados por crises de pranto desesperado. Realmente, as atitudes sociais e privadas de Josephine se modificaram e a vida do casal passou a ser um exemplo de retidão e decoro. Ela só recebia em sua casa um reduzido grupo de amigos íntimos, que se adequavam aos padrões de comportamento exigidos pela posição do marido. Julie e Anne-Marie ainda pertenciam a esse limitado círculo de amizades, mas continuariam a ter esse privilégio quando existisse uma corte e um reino na França?

Julie pensava nesse assunto, mas não chegara a mencioná-lo, pois Josephine se antecipara.

— Nem pense em interromper nossa amizade por uma imposição da corte, Julie. Eu jamais serei rainha — dissera ela, disfarçando a ansiedade. — Um rei precisa de uma esposa com sangue nobre e jovem o suficiente para dar-lhe muitos herdeiros. Se Napoleão realizar esse sonho, pedirá o divórcio e só Deus sabe o quanto teimo rezado para que a França não aceite novamente a monarquia.

— Existem muitos que se opõem a essa ideia, como era de se esperar. — A voz sonolenta de Anne-Marie interrompeu o devaneio da amiga. — Essas pessoas dizem que Napoleão ambiciona o poder absoluto e é um homem perigoso demais, apesar de ter restaurado a prosperidade e a honra da França. O que acha dele, Julie?

Hesitante, Julie tentou analisar mais racionalmente a personalidade complexa de

Napoleão. Um homem brilhante, com qualidades excepcionais e paixões intensas poderia ser também perigoso por desejar um poder supremo?

— É muito difícil de saber, Anne-Marie. Admirei sua capacidade de perdoar Josephine, depois que ela o traiu com o capitão Charles.

Céus! A pobre mulher ficou sem marido um ano e meio! — exclamou Anne-Marie, indignada. — Que esposa parisiense não procuraria um amante?

— Só que Napoleão não é francês, esqueceu-se disso? Nasceu na Córsega e lá alguns homens são capazes de matar a esposa se forem traídos. Ele a ama apaixonadamente e deve ter sofrido muito, pois Josephine nem se deu ao trabalho de agir com discrição. Imagine como o pobre homem se sentiu ao receber a notícia no distante Egito e justamente no momento em que sua esquadra estava sendo dizimada!

— Você jamais agiria assim com Sebastian, não é verdade?

A pergunta de Anne-Marie levou Julie para muito longe daquele quarto. Revivendo a felicidade que sentia durante as breves visitas de Sebastian, reconheceu que sua paixão por aquele homem resistiria a qualquer tentação. Jamais o trairia.

— Eu não poderia, Anne-Marie. Amo-o demais...

Ela demorara tanto para responder que Anne-Marie adormecera. Livre da curiosidade maliciosa da amiga, Julie foi até a janela ver os esguios pinheiros que dançavam ao vento com a graça de crianças que, embora crescidas, ainda gostavam de brincadeiras infantis.

Aquela imagem simbólica retratava a sua vida quando conhecera Sebastian. Com um corpo de mulher, continuava a refugiar-se em seu mundo de criança e resistira ao amor por medo de desrespeitar as noções de moral aprendidas na infância. Sofrera tanto até superar o terrível complexo de culpa e a vergonha que a simples ideia do adultério provocava nela! Agora, amadurecida, dava-se conta de que Guillaume tentara empurrá-la para os braços de um amante, desde que se casaram. Só mesmo a sua ignorância de criança ingênua a impedira de ver as intenções do marido, óbvias demais!

Julie realizara o maior sonho de Guillaume ao entregar-lhe a posse de Marduquesnes, mas o presente não fora completo, pois não lhe dera o ansiado herdeiro. Assim, o marido se desdobrara em esforços para rodeá-la de rapazes atraentes, incentivando-a a divertir-se e enfatizando a necessidade de usufruir sua liberdade de mulher casada como lhe aprouvesse, "desde que fosse discreta". Embora nunca tivesse colocado em palavras, ficara bem clara a sua intenção: queria vê-la grávida e isso só seria possível se arrumasse um amante. Então ele reclamaria para si a paternidade da criança, que seria legalmente o seu filho. Guillaume já saberia que Sebastian era seu amante e não haveria outro? Se ele tivesse descoberto o adultério e também a fidelidade ao seu único amor, devia estar decepcionado e com ódio. Nos últimos quatro anos, os encontros amorosos haviam sido muito breves e Julie não engravidara. A situação permanecia sem solução e chegava às raias do absurdo. O marido aceitava a traição, mas, inconformado com os resultados, rodeava a esposa de homens, proporcionando-lhe todas as oportunidades de ceder à tentação.

— Já nem me lembro da pergunta que lhe fiz, Julie — murmurou Anne-Marie, sem perceber que adormecera. — Deve ter sido sobre Sebastian, não? Quando ele voltará a Paris?

— É difícil saber, mas creio que virá no próximo mês. Então poderemos ir ao Tivoli para ler nosso futuro.

— Se houver tempo! Com efeito, Julie! Você é mesmo uma tonta por não ter um outro amante que a distraia no longos meses de ausência. O seu adorado Sebastian chega em Paris com a rapidez de um furacão e parte com a mesma velocidade. Então só lhe resta suportar Guillaume, que deve ser muito insatisfatório na cama comparado a seu fascinante corsário!

— Sebastian não é um corsário, Anne-Marie. Dedicar-se ao comércio marítimo, uma

atividade legal mas que exige meses de ausência.

Ela aprendera a satisfazer-se com as raras e rápidas visitas, pois a intensidade do prazer compensava a brevidade do reencontro. Então restavam-lhe as cartas, que, embora chegassem irregularmente, mantinham vivo o clima de intimidade. O amor não se esgotava, nem se transformava em um hábito porque nunca havia tempo suficiente para saciar a paixão. Mas era difícil contentar-se com tão pouco! Sebastian despertara a sensualidade de Julie e, nas longas semanas de solidão e ansiedade, seu corpo se rebelava contra uma castidade forçada. E se não bastasse a urgência de seus desejos, Guillaume continuava apresentando-a a homens atraentes e insistindo que só lhe pedia "discrição".

A situação de Julie propiciava investidas masculinas. Sempre acompanhada por um velho com idade para ser seu avô, ela inspirava vulnerabilidade, desproteção. Ansiosos por seduzi-la, alguns rapazes não poderiam imaginar que ela havia se entregado de corpo e alma a um homem, o único capaz de fazê-la feliz. Sebastian jamais mentira ou a enganara e ela não macularia esse relacionamento precioso em troca de alguns momentos de prazer físico.

— Quando eu resolver "distrair-me" com outro homem, prometo-lhe que será a primeira a saber, Anne-Marie! Mas, por enquanto...

A criada, entrando no quarto para levar-lhes um lanche, impediu que as duas continuassem a falar sobre aquele assunto. Vendo que Anne-Marie não pretendia levantar-se da cama, Julie começou a servir o chá, seus pensamentos voltados para Sebastian. Onde estaria naquele momento? Pensaria nele a bordo do Celestine.

Ninguém protestou quando Sebastian se ofereceu para fazer o turno que se iniciava à meia-noite. Aquele período era longo e, quando tudo corria bem, esgotante e monótono. Mas ele não conseguia dormir e preferia passar as horas de insônia respirando ar puro a ficar trancado no camarote, torturando-se com a impossibilidade de solucionar seu dilema.

Depois de percorrer o convés dezenas de vezes, verificando e voltando a checar os mínimos detalhes, ele apoiava-se à amurada e esperava pela angústia que se repetia todas as noites. Nunca poderia partilhar com a mulher amada a beleza daquele céu estrelado, refletindo-se no mar. Ele a enganara vergonhosamente, não merecia o amor de Julie. Às vezes, aproveitava a solidão absoluta e o silêncio para dizer em voz alta a verdade que ainda não tivera coragem de revelar a ela.

"Julie, meu único amor... você continuará me amando depois de saber o crime que cometi? Eu fiz um acordo com seu marido antes mesmo de conhecê-la..."

O vento carregava suas palavras para longe. Então, lembrava-se da paixão que sentia ao tomá-la nos braços, de como seriam breves os momentos de felicidade e apavorava-se. Revendo o rosto sem malícia, o olhar confiante e cheio de admiração, Sebastian admitia sua covardia.

Por Deus, ele precisava falar!

Talvez, após o primeiro instante de choque e a inevitável separação, eles se reconcilhassem. Mas pressentia que jamais seria amado com a mesma intensidade nem com tanta espontaneidade. A mentira pesava como uma âncora presa a seus pés e o arrastaria para o fundo do mar. Não havia salvação!

Em um contraste chocante com as angústias de sua vida amorosa, a sorte nos negócios voltara com todo o vigor. Nos círculos ligados ao comércio marítimo em Londres, só se falava do clíper Celestine e da sua rapidez espantosa. Após quatro viagens extremamente lucrativas, já não havia lugar para carga de outros comerciantes nos porões do navio, ocupados agora pelas mercadorias pertencentes a Sebastian e Cecil.

A sorte excessiva para furar o bloqueio da armada francesa provocava desconfianças em Sebastian. Ele suspeitava de que estava sendo ajudado por alguém, mas logo excluiu Farroux de sua lista. Aquele velho diabólico não tinha tanta influência e nunca pagaria uma mercadoria antes de recebê-la. Fizera um acordo em que se propunha a ajudá-lo, quando Julie engravidasse, e isso não acontecera.

Ele ansiava por ter um filho com Julie e, ao mesmo tempo, se apavorava com essa possibilidade. Se ela engravidasse, cometeria mais um ato desonroso. Além disso, preferia morrer a entregar a criança ao maldito Farroux! E, ainda, a gravidez o forçaria a revelar a verdade e perderia a mulher amada e o fruto de seu amor.

Quantas ironias em sua vida! Ele e Cecil tinham ficado tão ricos que haviam comprado o Celestine e mais dois barcos. Em breve, não acompanharia mais as viagens, permanecendo em um escritório ou até pararia de trabalhar. Atingira seu objetivo apenas para descobrir que seria incompleto sem Julie.

Se ao menos Farroux morresse! Com sua morte, os problemas deixariam de existir.

Enquanto esperava alguma solução inesperada, Sebastian enriquecia sempre mais. Comprara uma mansão em Park Lane e uma propriedade rural próxima à floresta de Epping. Sua fortuna crescia, apesar da guerra entre a Inglaterra e a França. Napoleão conseguira dominar ou aliar-se a outros países da Europa, mas o seu país e o de Julie continuavam em feroz conflito.

## CAPÍTULO X

### Palácio das Tulherias Abril — 1802

A opulenta penteadeira de mogno esculpido e espelhos magníficos fora construída para induzir as mulheres a passarem horas cuidando de sua aparência. Sem dúvida, Letizia Bonaparte não se deixava influenciar por esse tipo de ociosidade, pois penteava seus longos cabelos, ainda negros, com gestos rápidos, um hábito herdado da mãe, que também considerava um grave pecado desperdiçar comida e tempo.

Encostado a uma cômoda, Luciano observava a mãe, sem nenhuma expressão em seu rosto controlado.

— Não entendo você, mamãe. Josephine não lhe enviou a própria criada de quarto para servi-la durante sua estada no palácio?

Letizia mordeu o lábio para não descarregar sua raiva sobre o filho. Criada de quarto? Sinônimo de preguiça e maus hábitos! Ela criara cinco filhos em sua casa da Via Malerba só com três ajudantes.

— Ela mandou uma criatura com ar insolente que sugeriu pentear-me na moda... com cachos à la grècque! A idiota ia transformar minha cabeça em um ninho de vespas, como a de sua patroa! É inacreditável! Olhe para esta sala, Luciano!

O aposento, amplo e muito claro, pertencia ao apartamento de hóspedes mais luxuoso do palácio das Tulherias. Os magníficos móveis, uma cortesia póstuma da falecida Maria Antonieta, eram verdadeiras obras-primas, mas a anfitriã dera seu toque pessoal à decoração. Josephine quisera recepcionar a sogra com o máximo de gentileza e espalhara oferendas de paz em todos os lugares disponíveis: flores, frutas e amêndoas

confeitadas enchiam vasilhas de cristal, prata e porcelana, além dos chocolates prediletos de Letizia.

— O que esperava, mamãe? Uma pensão barata? Está em um palácio que pertenceu aos Bourbon.

— Pois pensei que estivesse num bordel! Essa mulher imagina que irá me conquistar com sua prodigalidade, na minha opinião um desperdício criminoso. Nunca conseguirá comprar seu direito de entrar na família Bonaparte! Nunca, Luciano! Nunca a aceitarei e não admito essa besteira de primeira-dama. Porque iludiu Nabullione, arrastando-o até o cartório, e agarrou duas testemunhas que passavam pela rua, não é a esposa de meu filho. Continua sendo a prostituta que sempre foi!

O casamento fora legal, mas Luciano não estava disposto a provocar ainda mais a cólera materna. Limitou-se a sorrir, sem expressar sua opinião.

— Seis anos com uma prostituta ainda não foram suficientes? Com gestos ainda mais rápidos, Letizia prendeu os cabelos num coque severo, cobrindo-o com uma rede de seda trançada.

— E, como se não bastasse, obriga toda a família a sofrer por causa dela. Forçou o próprio irmão a casar-se com a filha dessa criatura imoral. E a pobre Carolina? Teve de quebrar a cabeça com problemas ridículos na escola dessa... madame "Camponi!"

— Madame Campan, mamãe.

— Não importa o nome! A pobrezinha foi obrigada a vir só porque a filha da vagabunda frequentava essa escola. E pode me dizer para quê, Luciano? Será que pretendia transformar sua irmãzinha em uma prostituta francesa?

— Por Deus, mamãe! — Luciano suspirou, desanimado com a obstinação materna. — Foi ótimo que "Caro" aprendesse ao menos a ler e a escrever antes de se casar. Papai não gostaria de ouvi-la falar assim.

Mais uma vez, Letizia evitou responder ao filho. Como dizer-lhe que o pai traía a Córsega e manchava o nome da família Bonaparte? Nabu poderia restaurar-lhes a honra, se não tivesse escolhido como esposa uma prostituta.

— Nunca pensei que o mais brilhante de meus filhos pudesse ser manipulado como um perfeito idiota. — Letizia não conseguia conter a raiva. — Mas garanto-lhe que esta farsa logo terminará, você vai ver! Se pretende ser o rei da França, terá de tomar alguma providência a respeito dessa mulher. Além disso, ela já deve estar perto dos quarenta anos e não conseguirá mantê-lo porque só possui uma arma... a perícia na cama!

Levantando-se da penteadeira, Letizia retirou o roupão, e para surpresa de Luciano, já estava usando o habitual vestido preto, abotoado até o pescoço. O único detalhe colorido era o xale azul que sempre colocava sobre os ombros.

— Nós a tiramos da Córsega, mamãe. Quando conseguiremos que tire esses vestidos pretos?

— Quando Nabullione se casar!

— Vou avisar que você não quer mais participar dos jantares oficiais. Poderia pedir que lhe tragam a refeição no quarto e assim não será obrigada a olhar para Josephine. O que acha da minha ideia? Anime-se, mamãe. Logo estará em sua própria casa e nós iremos partilhar a sua mesa.

— Essa casa já devia estar pronta há cinco semanas. — Aquele assunto provocou um sorriso alegre em Letizia. — Irei até lá ainda hoje, para descobrir por que um simples papel de parede leva séculos para ser colocado.

— Ótima ideia, mamãe. Eu a acompanharia com prazer se ainda tivesse tempo, mas o Comitê se reunirá em menos de uma hora e preciso conversar com Nabu em particular.

— Então, o que está fazendo aqui, Luciano? Não desperdice seu tempo comigo e vá para junto de seu irmão. Ele precisa de você.

— Eu apenas vim dar-lhe bom dia, mamãe.

Luciano sempre apreciara a companhia da mãe, mas, desde que chegara ao palácio



das Tulherias, onde era forçada a suportar a proximidade de Josephine, ela se transformara em uma verdadeira megera! Viera vê-la naquela manhã apenas para ocupar seu tempo livre, pois encontrara Napoleão ainda na cama com aquela mulher imoral. Inclinando-se para beijar o rosto de Letizia, preparou-se para procurar novamente o irmão, que já devia estar no escritório e... sozinho!

— O seu desjejum chegou, mamãe — gritou ele da porta, que abriu para a graciosa criada.

— Bom dia, madame. — A jovem colocou a bandeja sobre a mesa e então entregou um cartão a Letizia. — O general Diderot veio visitá-la e está a espera de uma resposta no vestíbulo.

Atônita, Letizia pegou o cartão que a criada lhe entregava. "General Jean-Paul Bertrand Diderot". Então ele estava vivo?

Trinta anos tinham se passado! Embora raramente pensasse naquela época de sua vida, jamais se esqueceria de nenhum detalhe. Dias de rebelião e ardor, quando fogo corria em suas veias e ela trancara a porta do quarto e expulsara Cario de sua cama.

Ela ainda tinha só dois filhos. Giuseppe com dois anos e o bebê, Nabullione, tentando andar aos oito meses. Brincava com os filhos, chamando-os de "meus homenzinhos", mas decidira que seriam os únicos em sua vida.

As vozes do passado ainda ecoavam.

— Amorosa mia, por favor! Chega de brincadeiras, eu lhe imploro! Quero dormir em nossa cama, abra a porta, sim?

— Então acha que são brincadeiras? Você nós traiu, Cario. Entregou seus filhos aos inimigos, os franceses. Nossos antepassados não poderão mais repousar em paz.

— Esqueça os antepassados, Letizia. Os franceses venceram e até Paoli admitiu a derrota. Como posso continuar lutando sozinho? Já correu sangue demais, chega! Gostaria de passar mais uma gravidez escondida nas montanhas e vendo os corsos ser despedaçados pelos canhões inimigos? Por Deus! É preciso viver, não morrer.

— Não haverá mais nenhuma gravidez, Cario. Poupe fôlego e me deixe em paz. Não partilharei meu leito com um traidor.

Apesar de casada havia mais de quatro anos, só naquele momento descobrira a extensão de sua força. Estava com vinte anos, uma mulher madura, com dois filhos que defenderia até a morte. Seu marido, com vinte e quatro anos, continuava um menino. O general Paoli fugira para a Inglaterra, de onde retornaria para libertar a Córsega da escravidão. Mas Cario se rendera aos franceses, entregara suas armas, renunciando à luta. Eles o haviam recompensado com um cargo no governo colonial. Ela jamais o perdoaria.

Todas as manhãs, o marido saía para o escritório sentindo-se um homem importante. Todas as manhãs, a esposa o via como um feitor de escravos. À noite, ele voltava para casa e, quando beijava os filhos, ela sentia náuseas. Após duas semanas dominando o ódio, partira com os dois meninos e a babá e fora refugiar-se na casa de seus primos, Udolpho e Anna-Bettina.

"Lógico que pode ficar conosco, Tizzi. Entretanto, está magoando seu marido, porque ele quer apenas sobreviver. E agradeça a Deus pelo marido que tem. Alguns matariam a esposa que agisse assim", recordou-se Letizia das palavras da prima.

— Madame? Madame Bonaparte?

A voz, muito distante, custou a trazer Letizia de volta para o presente. Como se despertasse de um sonho, viu que a criada colocara o desjejum na mesa junto à janela e esperava uma resposta.

— O que devo dizer ao general, madame? Irá recebê-lo ou prefere tomar seu desjejum antes? Eu coloquei um lugar a mais, caso pretenda convidá-lo e...

Letizia não sentia vontade de ver um homem que trinta anos haviam transformado em um velho, um estranho irreconhecível. No entanto, Jean-Paul Diderot fora, de certo

modo, a causa de sua reconciliação com Cario, e devia-lhe ao menos consideração.

— Mande-o entrar. Eu o receberei por alguns minutos.

Aquele homem ainda chamava sua atenção pela presença marcante, porém não era o mesmo que conhecera. Os cabelos estavam completamente brancos, ele mancava e as rugas em seu rosto confirmavam a passagem de muitos anos dedicados à dura vida militar.

— Foi muito gentil em receber-me, Maria Letizia. Involuntariamente, os lábios dela se curvaram num sorriso.

Esquecera-se de que Jean-Paul a chamava assim.

— Fui apenas curiosa, Jean-Paul. Queria saber por que *você* desejava que *eu* o recebesse. A mesa está posta, vamos tomar um café.

Ele sentou-se à frente de Letizia, que não pôde evitar o encontro de olhares. Para disfarçar o embaraço, ocupou-se em servi-lo.

— Fiquei sabendo que você estava em Paris e procurando uma casa, Maria Letizia. Não está mais em Ajaccio, onde todos se conhecem, e irá precisar de amigos.

— Ajaccio pertence ao passado. Sem dúvida, você ouviu tudo sobre aquela campanha defastrosa, não? Meu filho tentou libertar a ilha e os corsos se voltaram contra o seu salvador. Só idiotas acostumam-se à escravidão, mas nunca perdem o desejo de vingar-se. Fomos informados de que nossa casa seria atacada e, por sorte, escapamos vivos.

— Foi só o filho que planejou a campanha? — Ele a provocou, sorrindo maliciosamente. — A mãe não estava por detrás de tudo?

— Não seja tolo, Jean-Paul. — Letizia aceitou a ironia com bom humor. — Eu era uma viúva de quarenta e três anos, três filhos e um menino ainda por criar. Nabu e Giuseppe conseguiram nos tirar da ilha e nos levaram para Marselha. Como já lhe disse, tudo isso pertence ao passado, não piso na Córsega há mais de nove anos.

— Eu nunca soube que você estivesse em Marselha.

— E por que deveria saber? A vida dos Bonaparte ainda não aparecia na primeira página do *Moniteur*. — Notando a expressão de genuíno pesar no rosto dele, Letizia deu um sorriso amargo. — Não se preocupe, a falha não foi sua, Jean-Paul. Na verdade, você não gostaria de ouvir qualquer notícia nossa durante esse período. Minhas filhas tiveram de trabalhar como lavadeiras para podermos pagar o aluguel de um pardieiro, e eu comecei a costurar para fora. A sobrevivência passou a ser mais importante do que a soberania da Córsega.

— Maria *chérie*. — Num gesto impulsivo, ele segurou-lhe a mão. — Se eu soubesse, poderia ter ajudado.

Soltando a mão presa entre as de Jean-Paul, ela cortou uma fatia de pão e, depois de cobri-la com o forte queijo de cabra, típico do sul da Itália, fez uma careta de desprezo.

— Jean-Paul *chéri*! Eu sobrevivi durante trinta e dois anos sem sua ajuda e a metade deles sem a de Cario.

— Você continua a mesma mulher indomável e impetuosa que conheci! — Exclamou ele, sem disfarçar a admiração. — Mal posso acreditar que tantos anos tenham se passado e estejamos de novo frente a frente.

— Pois eu acredito na passagem do tempo, embora você também não tenha mudado. — Ela riu, agora alegre com o diálogo estimulante. — Conheci um jovem tolo e agora revejo um velho tolo!

O sorriso de Jean-Paul transformou sua fisionomia. Os dentes ainda muito brancos brilhavam no rosto moreno e a imagem do jovem capitão que conhecera na Córsega sobrepôs-se à do velho, suavizando as marcas da idade. Ele ainda reagia às suas provocações com uma expressão desafiante, mas sem demonstrar se sentia-se ou não ofendido, um hábito exasperante que sempre perturbava Letizia.

— Então viveu em Marselha e agora irá morar em Paris. Napoleão está

transformando os Di Buonaparte em uma típica família francesa, chérie.

— Ah, engana-se... chérie. — Ela imitou o tom de Jean-Paul. — Ele está transformando a França em uma colônia da Córsega!

Novamente os dois riram, partilhando a ironia que ambos apreciavam, e depois se calaram, usufruindo em silêncio aquela situação insólita.

— Quando Cario morreu?

— Há dezessete anos. Ele sofria do estômago e morreu jovem, antes de completar quarenta anos.

— É tempo demais para suportar o peso da viuvez. Perdi minha esposa há dois anos e os dias custam muito a passar. — Ele olhou para a bengala a seu lado. — O ferimento em minha perna forçou-me a abandonar a vida militar, destruindo meu sonho de morrer em um campo de batalha. Agora só me resta a sorte, indigna para um soldado, de morrer na cama, e infelizmente tenho uma saúde perfeita.

— Infelizmente? Qualquer homem da sua idade se consideraria abençoado por Deus!

— Meus filhos se casaram e todos triunfaram em suas profissões. — Ele levantou-se da mesa e foi até a janela, apoiando-se na bengala. — Esta perna pôs um fim ao único trabalho que me dá prazer. Ainda me ocupo cuidando das rosas do meu jardim e escrevendo minhas memórias, mas não é suficiente para preencher uma vida. Quero uma esposa a meu lado, para partilhar comigo as alegrias e os aborrecimentos de cada dia.

Subitamente o entusiasmo de Letizia deu lugar à habitual descrença nos seres humanos. Aquele homem não queria esposa alguma e sim um cargo no Exército de Napoleão. Fora galante e gentil apenas porque sabia que o filho jamais negava os pedidos da mãe, exceto livrar-se daquela mulher imoral. Por alguns instantes ela se deixara iludir, vivendo uma fantasia ridícula para uma velha... e além de velha, idiota!

— Não tenho intenções de casar-me de novo, Jean-Paul. Eu não aceitaria nem o seu pedido de casamento mas... permitirei que me acompanhe até minha nova casa. Gostaria de ir?

— Claro que sim.

— Fica na Place Poivre, próxima a Les Halles.

— O endereço ideal para uma mulher com o seu temperamento, Maria Letizia.

Disfarçando um sorriso, ela deduziu que o comentário fora elogioso. Jean-Paul sempre gostara de comidas apimentadas e de sua personalidade picante.

O cocheiro os esperava na imponente carruagem que Josephine colocara à disposição da sogra. Apesar de preferir a morte a admitir qualquer gentileza daquela mulher imoral, Letizia logo reconheceu a sorte de estar confortavelmente sentada em macios bancos de veludo e protegida do clima instável de Paris. Mal haviam percorrido alguns quarteirões quando o trânsito já congestionado parou por completo. Uma carroça tombara sobre a Pont-Neuf e bloqueara a passagem que só seria reaberta depois de retirarem os destroços do veículo despedaçado. A chuva aumentara e o vento frio agitava as sempre plácidas águas do rio Sena.

— Vamos ficar horas presos nesse congestionamento.

Diderot estava satisfeito com aquele atraso providencial. O interior da carruagem, aquecido e confortável, era o lugar ideal para conversar com Letizia e não se importaria se ficassem ali pelo resto do dia.

— Os invernos de Paris são terríveis. Imagino como você deve sentir falta dos limoeiros perfumados que cobrem as colinas ensolaradas da Córsega.

— É que você nunca viu o inverno na Córsega, meu caro! — declarou Letizia, mas em seus pensamentos relembrava um verão especial, o verão nas montanhas douradas.

Ela sentia-se uma intrusa na casa dos primos, a única ainda revoltada contra a dominação da Córsega no seio de uma família que já aceitara a presença dos franceses na ilha e se curvava a sua autoridade.

Quando toda a cidade parava, na hora da sesta, ela saía em uma charrete e cruzava as ruas desertas até alcançar o sopé das montanhas. Quando o cavalo já não suportava subir as íngremes encostas, prendia-o à sombra de uma árvore e continuava seu passeio a pé. Por trilhas estreitas e quase ocultas pela vegetação, chegava finalmente aos bosques de pinheiros do Monte Rotondo.

Ali ela se acomodava para contemplar os picos das montanhas mais altas, torres de pedra nua onde as águias faziam seus ninhos e tão inacessíveis que lhes haviam servido de refúgio durante a invasão da ilha pelos franceses. Preocupado com a segurança da esposa e do filho Giuseppe, Cario montara um acampamento entre as escarpas para protegê-los do inimigo.

Naqueles dias gloriosos, Cario não se preocupava com a própria segurança, e sobreviver era menos importante do que lutar pela liberdade de seu país. Ele pertencia ao grupo de heróis que jurara morrer pela Córsega, e o general Paoli o considerara um dos mais nobres e corajosos defensores da soberania corsa. Letizia também ouvira as palavras do célebre líder e seus olhos sempre se enchiam de lágrimas ao recordar a época mais feliz de sua vida.

La Resistenza! Nunca seu amor por Cario fora mais ardente, nunca se orgulhara tanto do marido. Quando sentavam-se ao redor da fogueira, com Giuseppe adormecido nos braços do pai, ela declarava sua paixão enquanto sentia Nabullione mover-se em seu ventre. Aquele filho, ainda por nascer, estaria absorvendo a altivez do guerreiro que preferia morrer a ser derrotado, a coragem da mulher isolada nas gélidas montanhas e ávida por dar sua parcela de luta e sofrimento pela liberdade de seu país? Seria um bravo ou um vencido?

Agora, orgulho se transformara em vergonha. O herói de seus anos de inocência perdera o brio e preferia aceitar uma realidade insuportável, desistindo de um futuro de liberdade. Agora Cario só lhe despertava desprezo!

A repulsa pelo marido, em vez de ser superada, aumentava, e o capitão Diderot fora o responsável pela manutenção de seu ódio por Cario.

Udolpho convidara o oficial francês a se hospedar em sua casa, enquanto os alojamentos que lhe haviam sido destinados ainda não estavam em condições de ser usados. Para Letizia, aquela presença incômoda representava todo o Exército de ocupação e o evitava como o inimigo traiçoeiro que massacrara seu povo. Infelizmente, a casa de seus primos era pequena demais e ela não podia ficar de manhã até a noite nos pinheirais do Monte Rotondo. Alguns encontros eram inevitáveis e o jantar tinha de ser partilhado com o odiado capitão.

— Seu marido tem perguntado muito sobre você — comentara Diderot, durante um dos desconfortáveis jantares. — Devo dizer-lhe que está bem?

— Camilla leva as crianças diariamente para visitar o pai. Ela pode dar-lhe notícias minhas.

— Cario sente saudade, sofre com sua ausência. E madame? Passa as tardes sozinha nas colinas, não é verdade? Creio que não deve estar em paz com sua consciência.

— Como ousa? Não lhe basta ter escravizado a Córsega, roubado nossa liberdade e destruído nosso orgulho? Ainda se intromete na intimidade de nossas vidas e, em especial, da minha! — Rubra de cólera, Letizia o enfrentava como se só agora pudesse participar pessoalmente das batalhas contra o inimigo. — Cario enviou-o para interceder a seu favor, para suplicar em nome dele? Então devem ser grandes amigos, pois um marido brioso jamais confessa os segredos conjugais a um estranho!

O tom desdenhoso de Letizia, sempre presente, não afetava o capitão Diderot, que mantinha um permanente e imperturbável sorriso nos lábios.

— Udolpho também é um grande amigo meu. Como tolera permanecer na casa de um homem que aceita a presença dos franceses e recusa-se a partilhar o teto de seu

marido se o considera culpado desse mesmo crime?

— Udolpho não é o pai dos meus filhos.

Letizia não avaliara a persistência de Diderot, nem seu dom inato para a diplomacia. Ainda continuava sem saber se os sorrisos frequentes significavam um temperamento alegre ou revelavam apenas a vaidade de exibir seus belos dentes, muito brancos e perfeitos!

— Seu marido é um bom advogado e um excelente administrador, madame. Se existirem outros homens com essa capacidade e bom senso, a Córsega poderá se autogovernar sem interferências da França, uma situação bem semelhante a de um país livre. Infelizmente, os corsos têm um temperamento explosivo e são poucos que, como Cario, mantêm-se frios e racionais. Ele compreendeu com rapidez que o povo será poupado se houver cooperação e boa vontade entre nós.

Udolpho e Anna-Bettina não ousavam abrir a boca nem erguiam os olhos, fixos nos pratos. Só os dois discutiam, Letizia enraivecida e Diderot sorridente, um comportamento contrastante que jamais se alterava.

— Tente enxergar ao menos um palmo adiante de seu altivo nariz italiano, signora Buonaparte. A guerra acabou, é hora de aceitar a paz. Agora começa o trabalho digno de reconstruir a harmonia e a prosperidade de sua querida Córsega.

— A liberdade é que acabou, é hora de sofrer as amarguras da derrota. Agora começa o martírio da escravidão! — gritou Letizia, descontrolada, e saiu da sala de refeições, batendo a porta com violência.

Aquela discussão, que levava Letizia a explosões de cólera enquanto Diderot se mantinha imperturbável, repetia-se todas as noites. Ela sempre dava a última palavra, mas seu oponente jamais desistia. Testemunhas mudas, Udolpho e Anna-Bettina pediam a Deus que os dois não se agredissem fisicamente!

Em uma das tardes passadas no isolamento sereno da natureza, Letizia preparou-se para enfrentar uma possível situação desagradável ao ouvir um ruído muito próximo de seu refúgio. Estava colocando um ramo de flores silvestres diante de um pequeno santuário entre as rochas, quando o capitão surgiu inesperadamente a seu lado.

— Rezando pela alma dos heróis mortos, signora! Apesar da expressão de Diderot não revelar ironia ou desafio,

Letizia enfureceu-se por ter demonstrado diante dele uma reação de pânico incontrolável.

— Exatamente, capitão. E também pelo advento de novos heróis que venham quebrar nossos grilhões.

— O segundo advento do Salvador. — Ele colocou as mãos sobre o coração e baixou a cabeça. — Palavras dignas de uma cristã que acredita na intervenção divina.

O sarcasmo de Diderot provocou tal fúria que Letizia ergueu o braço para agredi-lo. Então foi obrigada a controlar-se ao vê-lo ajoelhar-se diante do santuário e, em silêncio, fazer uma prece. Essa atitude, inegavelmente sincera, descontrolou-a mais do que a zombaria imaginária. Sentiu-se frustrada e, subitamente, percebeu o quanto apreciava as discussões estimulantes com o capitão.

A partir daquela tarde, surpreendia-se procurando por ele entre as árvores e caminhava mais lentamente, certa de que logo seria alcançada. Sentiu raiva de si mesma ao admitir que se decepcionava se algum compromisso o impedia de vir. O verão chegava ao auge quando se tornaram amantes, e o sol estival aqueceu uma paixão inesperada e sem futuro.

Letizia já não amava com a ingenuidade doce da juventude e não sentia pelo amante a mesma emoção terna e por vezes dolorosa que dedicara ao marido. A paixão nascera do vigor de sua sensualidade, do desejo de punir a traição de Cario, e o prazer da vingança unido à volúpia desenfreada a levaram a um delírio jamais atingido no leito conjugal. Em setembro, Diderot foi chamado de volta à França e o romance ilícito gastara

as energias que ela devotara ao ódio. Voltou para Cario, que a recebeu chorando de alegria.

A casa na Place Poivre cheirava a tinta fresca, cola e serragem.

Letizia conduziu Diderot através dos cômodos vazios, passando sobre rolos de papel de parede, latas de cola e lascas de madeira que cobriam quase todo o chão. Obrigada a erguer a saia para não sujá-la de serragem, censurou-se por sua ridícula vaidade de velha que, aos cinquenta anos, comparava seus tornozelos aos da filha, orgulhando-se de serem tão esguios quanto os de uma jovem. Para distrair os pensamentos, começou a examinar todos os detalhes a procura de sinais de uma trabalho malfeito.

Depois de exigir que o marceneiro refizesse os batentes de uma porta mal encaixada e com aparas visíveis, ela decidiu inspecionar o andar superior. Sempre seguida por Diderot, que se mantinha sorridente mas em silêncio, verificou a limpeza precária dos três primeiros quartos. Quando chegou ao último, menor mas com amplas janelas de frente para Les Halles, perdeu o controle.

— Maledetto! Cansei de dizer que precisavam tirar este lixo daqui.

Letizia se referia a uma cama estreita com a cabeceira de cobre e coberta por uma manta de lã desfiada e suja.

— Eles garantiram que a limpeza estaria terminada há dois dias e ainda nem começaram. Vou exigir que...

— Espere! — Diderot segurou-lhe as mãos pouco antes de Letizia sair do quarto. — Nós nunca fizemos amor numa cama...

— E pretende usar este... lixo? — Ela arrancou a manta que ocultava um colchão velho e embolorado. — Acha digno de duas figuras ilustres como nós, general Diderot?

Arrancando a manta das mãos de Letizia, ele a envolveu em seus braços.

— É inacreditável, Maria Letizia — murmurou ele, com um sorriso malicioso. — Sua pele ainda brilha quando você enrubesce.

— Não tente enganar uma nativa da Córsega, Diderot. Além de a tarefa ser praticamente impossível, não combina com sua personalidade, que nunca foi dissimulada. Se deseja que eu peça algum favor a Nabu, como um cargo no Exército ou algo semelhante, não perca tempo com rodeios e fale logo!

— Não desejo nada de seu filho, Maria Letizia. Será que é tão difícil acreditar em mim?

— Então o que quer?

— Apenas o privilégio de sua amizade e... se Deus me ajudar, a felicidade de tê-la por esposa. Não acha que esses anos de solidão são suficientes?

Afastando-se dele, Letizia aproximou-se da janela. Talvez Diderot não estivesse mentindo...

— Você teve outros amantes? Não, eu peço-lhe que ignore essa pergunta desnecessária. É evidente que fui o único pecado de sua vida, não é verdade? E ainda está se penitenciando por seu erro? Você sempre foi uma mulher radical e amei-a por sua coragem, pela ousadia sem limites, pelo ardor de todo... se me permitisse partilhar seus dias.

— O casamento foi feito para jovens cheios de ilusões, Diderot. Estamos velhos demais e é melhor dedicarmos nossos últimos anos aos filhos. Sinto-me satisfeita em ser apenas mãe.

— Não aceito essa desculpa... — Ele envolveu o rosto de Letizia com as mãos. — Leio os jornais porque o que não me falta é tempo. O seu caçula, Jerome, já está com dezoito anos e entrou para a Guarda Consular, portanto passou a ser responsabilidade de Napoleão, não mais sua. Os outros se casaram e vivem em algum canto da Europa, onde o irmão decidiu que lhe seriam mais úteis. Portanto, a satisfação de cuidar deles não

existe...

Letizia finalmente viu a solidão no rosto de Diderot e então acreditou em suas palavras.

— Pela primeira vez na vida, você não dará a última palavra em uma discussão, Maria Letizia. Eu até aceitarei sua decisão de não se casar comigo, mas peço-lhe que seja honesta. Não existe nenhum filho que ainda precise de seus cuidados.

— Ah, existe sim, Jean-Paul. — Ela ouviu, com surpresa, uma calma inesperada em sua própria voz. — Você quer mesmo honestidade? Pois eu satisfarei seu pedido. Não tenho oito filhos... sou mãe de nove...

A súbita desapareção da beligerante Letizia dando lugar a uma mulher de melancólica serenidade assustou Diderot.

— Nove? Mas eu sei... Qual deles não conheci?

— O nosso filho, Jean-Paul.

## CAPÍTULO XI

### Londres (Março de 1802)

A árdua passagem pelo sinistro cabo Horn, alarmante até para velhos lobos do mar, despertava em um marinheiro de primeira viagem a sensação de estar tendo um pesadelo. A união e a solidariedade da tripulação, nascidas nos momentos de perigo, raramente persistiam quando se reiniciava a tediosa rotina, e só em casos muito especiais evoluíam para uma amizade duradoura. Sebastian acabara de completar dezoito anos e já era um marujo experiente quando conheceu Edward Cecil, com vinte e quatro anos, ainda um novato engajando-se pela primeira vez e precisando de alguém que lhe desse apoio e segurança. Sua educação não o preparara para as atribulações dos longos meses sem avistar terra firme, comendo apenas carne defumada, nabos em salmoura e suportando as brincadeiras rudes dos companheiros.

A vida do terceiro filho de um conde, sem grandes posses, oferecia perspectivas bastante limitadas, e Cecil diminuiu esses horizontes já muito restritos ao declarar sua falta de vocação para seguir uma carreira na Igreja ou no Exército, as opções habituais em casos como o dele. Aos vinte e um anos, em mais um ato de rebeldia, ignorou os insistentes apelos familiares, recusando-se a casar com uma viúva muito rica mais disposta a qualquer despesa para lançá-lo na política.

Talvez por revolta ou por mera irresponsabilidade, Cecil forneceu à família o motivo que de precisavam para se livrar dos sucessivos problemas causados por ele. Casou-se com uma atriz, de teatro burlesco, que assumira o inconcebível nome de Flora

Fauna Passion. Provavelmente muito aliviado, o pai o deserdou, rompendo os laços que os uniam e, em consequência, a "apaixonada" esposa apressou-se a imitar o bom exemplo paterno e abandonou-o sem a menor explicação.

Desprovido de qualquer ligação familiar ou afetiva, Cecil descobriu a liberdade e um talento, que só então viera à tona, para sobreviver e construir uma vida diferente. Enquanto os credores vasculhavam Londres a sua procura, ele escapou do pagamento de dívidas embarcando no primeiro navio que partia da Inglaterra. Embora percebesse de imediato que não tinha nascido para ser marinheiro, esforçara-se ao máximo para adquirir

uma profissão, e, quando associou-se a Sebastian em pequenos negócios, descobriu sua habilidade invejável para o comércio.

Durante doze anos, os dois uniram seus talentos e energias para acumular um pequeno capital que lhes permitisse se estabelecerem por conta própria. Juntos, eles trabalharam duro, pouparam centavos, ganharam dinheiro e perderam tudo por várias vezes. Dois anos antes da virada do século, a sorte finalmente os ajudou na compra do *Celestine* e em uma empresa dedicada ao comércio marítimo.

Nos meios financeiros de Londres, a abertura da Petúnia — Companhia Mercantil foi claramente ridicularizada. No entanto, com Cecil cuidando das transações na Inglaterra e Sebastian encarregando-se do comércio marítimo com os demais países da Europa, o nome maroto da empresa passou a ser um símbolo de sucesso e merecedor de profundo respeito. Com o advento da paz e a posse de mais três navios além do *Celestine*, a fortuna sempre crescente dos dois amigos incentivou-os a se aventurarem mais uma vez, ampliando as atividades, em especial no lucrativo ramo de seguros marítimos.

Os dois sócios não sofreram, como outros, a indignidade de serem considerados mercenários que tinham se aproveitado da guerra para enriquecer. Na verdade, só receberam elogios e aplausos por seus heróicos esforços para aliviar as privações sofridas pelo povo inglês durante os perigosos anos de guerra. A consagração final foi a indicação de Sebastian para o cargo de Consultor Civil em assuntos relativos ao mar Mediterrâneo junto à Marinha britânica, com a remuneração de duas mil libras por ano. Essa quantia, insignificante se comparada a seus fabulosos lucros, não tinha a menor importância diante da suprema honra de ser convidado a assessorar os lordes do Almirantado. Sebastian nunca almejava esse tipo de honrarias, mas Cecil não disfarçava o quanto se impressionava com o privilégio de ver seu amigo entre os homens mais ilustres da nação. Sem a menor vontade de disfarçar a vaidade, ele reservou uma sala no Cheshire Cheese para comemorar essa ocasião memorável, e ambos foram para o restaurante logo após a cerimônia de posse do cargo, ainda com os trajes formais exigidos para esse tipo de recepção de gala.

— Você hoje é um outro homem, Sebastian Ramlin! — declarou Cecil, vaidoso com as casacas bem cortadas que ambos usavam. — Eu o conheci com um boné de lã desfiada, calça remendada e um impermeável pavoroso! Agora estou diante de um verdadeiro lorde! Aliás, nós dois acabaremos recebendo essa honra... Lorde Cecil e lorde Ramlin!

— Talvez você seja indicado, mas eu nunca ouvi falar de um lorde inglês que tenha nascido na Itália.

— Esse detalhe é secundário e essa honra ainda é um glória futura. Acho bem mais importante que nós dois pensemos em casamento. Nossas fortunas aumentam dia a dia e seremos milionários aos quarenta anos. É preciso ter um herdeiro e logo.

— Quarenta anos? Eu pretendo ficar milionário bem antes dessa data. Daqui, dois anos você chega lá, mas, para mim, ainda faltam oito!

— Desista dela, Seb. — Cecil segurou o braço amigo, fitando-o com preocupação. — Aquela raposa velha pode durar mais vinte anos e você continua fugindo da realidade. Nunca o vi tão indeciso e incapaz de tomar decisões como nesse seu romance absurdo! Ou enfrenta os riscos e conta a verdade a Julie ou esquece do assunto e procura outra mulher, meu caro! Lizzie Carlsmare já deixou bem claro que está à espera do menor sinal para jogar-se em seus braços. Além de linda, vai herdar uma fortuna fabulosa.

Sebastian arrepentia-se de haver contado ao amigo seu relacionamento com Julie, mas não pudera evitar uma explicação que justificasse seu comportamento estranho. Mal o navio aportava em Londres, ele corria para Dover, a fim de tomar o primeiro barco para a França. No início, Cecil se preocupava com essas viagens frequentes em plena guerra, mas logo começara a desconfiar de um motivo suspeito para essas visitas a Paris, e achava melhor esclarecer o assunto.



— Por que não disse logo que se tratava de uma mulher, Seb? — dissera o amigo, nitidamente aliviado. — Pode contar com minha ajuda!

Infelizmente, ele também acabara revelando os detalhes sórdidos da história e Cecil, cansado de esperar por uma atitude decisiva, insistia em jogá-lo nos braços de outras mulheres.

— Quem quer casar é você, Ned! Por que não tenta sua sorte com Lizzie Carlsmare?

— Porque seria perda de tempo. Ela quer você e não me dará atenção enquanto não receber um convite para o seu casamento com outra mulher.

— Abra os olhos, Ned! O homem ideal para ela é você, com olhos azuis e cabelos loiros, linhagem ilustre e mais dinheiro do que a soma das fortunas de todos os membros da família Cecil! Lizzie gosta de flertar, mas jamais aceitaria casar-se com um órfão, católico e de origem italiana.

— Mas a filha de um marquês o aceitaria, apesar desses defeitos. Foi isso o que quis dizer, Seb? Pois quem precisa abrir os olhos é você, amigo. Ainda não nasceu a mulher capaz de desprezar um homem bonito, rico e agora assessor do lorde Nelson! E qual delas...

Cansado daquela discussão inútil, Sebastian não prestou mais atenção nas palavras do amigo, pensando que dentro de poucas horas partiria para Dover. Pretendia tomar o primeiro barco da manhã para chegar mais cedo em Paris porque já não via Julie há quase cinco meses. Seu devaneio foi interrompido por um dos frequentadores que saíram de uma das alcovas para chamar o garçom. O forte sotaque francês também desviou a atenção de Ned do monólogo iniciado havia quase dez minutos.

— Mas... é Robert! — espantou-se Cecil, virando-se para Sebastian a fim de explicarlhe o motivo de sua surpresa. — Esse homem é um dos muitos aristocratas que perderam tudo, menos a vida, com a Revolução e fugiram para a Inglaterra sem um centavo no bolso. Conheci o pobre coitado em uma loja de tecidos onde ele trabalhava como ajudante de alfaiate, imagine! A situação deve ter melhorado ou ele não estaria em um restaurante caro. Curioso, Cecil cumprimentou-o com um sorriso e o francês não perdeu tempo em vir até a mesa deles. Suas roupas, fora de moda e com alguns remendos visíveis, ainda relevavam a excelente qualidade do tecido e o luxo de uma época para sempre perdida.

— Edward, mon cher ami! — Ele irradiava alegria. — É um prazer encontrá-lo justamente hoje.

Erguendo-se para cumprimentá-lo, Cecil assustou-se ao ser abraçado efusivamente. Quando conseguiu livrar-se daquela embaraçosa manifestação de cordialidade, apresentou-o a Sebastian.

— Este é Robert de Chaumaille, conde de Seligne.

— Quero que partilhem conosco ao menos uma taça de champanhe, mes amis! Estamos de partida para a França!

Seria impossível recusar o convite de Chaumaille. Os dois amigos o seguiram até uma das alcovas, onde um grupo de homens e mulheres, já a caminho da embriaguez total, celebrava o retorno ao lar. Ninguém ouviu as apresentações, sobrepujadas por risadas, gritos de alegria e canções francesas tradicionais. Ned já esquecera o francês rudimentar que o haviam forçado a aprender na infância e não entendeu uma só palavra, saindo da saleta na mais completa ignorância dos fatos. Sebastian também tivera dificuldade para seguir a conversa rápida daquelas pessoas inebriadas pelo vinho e pela felicidade, mas conseguiu, ao menos, compreender o motivo da comemoração.

Havia uma lista negra composta por milhares de sobrenomes aristocratas que tinham sido considerados pelos revolucionários como emigres e inimigos da pátria, para os quais a volta à França significaria a morte. Napoleão Bonaparte decidira conceder uma anistia e alguns nomes foram "apagados", o que significava um perdão incondicional.

Essas pessoas, abençoadas pelo destino, poderiam retornar a seu país, gozando dos direitos dos cidadãos comuns, e lhes seria devolvida ao menos uma parte das propriedades que a Revolução confiscara.

Sebastian recebeu explicações mais elucidativas na manhã seguinte, quando reencontrou os Chaumaille no mesmo barco que o levaria até Calais. O conde passou a viagem dormindo em uma das poltronas do salão, refazendo-se da ressaca provocada pelos excessos da noite anterior. A condessa de Seligne, porém, mal continha sufi euforia e precisava partilhar com alguém o entusiasmo que a impedia de afastar-se do convés, tal a ansiedade de avistar a costa da França. Quando reconheceu o convidado do marido, apoiou-se no braço dele e, enquanto caminhavam de uma ponta a outra do navio, contou-lhe todos os detalhes em inglês.

— Napoleão Bonaparte "apagou" poucos nomes da lista negra e só conhecemos quatro famílias, além da nossa, que moravam em Londres e receberam permissão para voltar às suas terras. Por força das circunstâncias, ficamos muito amigos, embora tivéssemos nos encontrado raras vezes na França. Na verdade, o exílio une as pessoas, e faremos o possível para não perder esse contato. Os escolhidos foram os Saint Fleury, os Valère, os Baudret e Sainte Aube, mas nenhum de nós sabe o motivo da escolha.

— A senhora disse... Sainte Aube? — com esforço para controlar-se, Sebastian interrompeu a falante condessa.

— Ah, você o conheceu? Então concordará comigo que foi uma terrível tragédia, monsieur! O pobre homem viveu uma alegria muito breve!

Que ironia do destino! Charles Sainte Aube engasgara-se com uma espinha de peixe, morrendo menos de duas horas depois de ter recebido o tão ansiado documento oficial que lhe permitia regressar à França.

Sebastian ainda não pensara nos efeitos que aquela morte provocaria, lembrando-se do único encontro com o Marquês de Sainte Aube, enquanto a carruagem avançava pela estrada poeirenta em direção a Paris. Após tê-lo visto apenas uma vez no seu clube, evitara aquele homem que lhe despertara uma insuperável repulsa, cumprindo sua parte no trato através de um bilhete.

"Caro senhor, Seu genro recebeu-me em Paris graças a sua carta de apresentação, que volto a lhe agradecer. Pelas informações que recebi de Farroux, sua filha goza de excelente saúde e, até o momento em que lhe escrevo esta mensagem, não teve filhos."

Depois de deixar a mensagem no Benson's, Sebastian não voltara mais ao clube, disposto a qualquer sacrifício para não encontrar o marquês.

Essa morte súbita não significava nada para Julie, que chorara pela perda do pai oito anos antes de o fato realmente acontecer. Mas Farroux abençoaria o destino que afastara o último empecilho para a posse absoluta de Mardukesnes. Como Sainte Aube não pudesse contestar o acordo prévio, a propriedade estava livre para passar às mãos de um herdeiro e aquele velho astuto não se conformaria mais em esperar. Sem dúvida, a concepção de um filho seria encarada com maior urgência e ele não teria a mesma tolerância diante das visitas ocasionais e de breve duração que ainda não haviam produzido o resultado desejado.

O sucesso profissional, gratificante mas absorvente, impedira Sebastian de encontrar Julie por quase cinco meses. As cartas de Paris continuavam a chegar regularmente e ele notara uma alteração sutil, talvez apenas fruto de sua imaginação, indicando um início de desinteresse em comunicar-se com um homem sempre distante. No entanto, existiam motivos para suas suspeitas. Durante esse período de ausência, a Europa passara por grandes transformações. Após anos de guerra, a paz voltara a reinar, trazendo prosperidade e permitindo uma vida mais festiva. Os aristocratas retornavam para a França, restaurando velhos costumes. E Sainte Aube morrera.

Alguma mudança importante também poderia ter alterado a vida de Julie, que preferira não mencioná-la por meio de uma carta, e essa suspeita inquietante crescia a

cada dia.

Os comentários de Cecil sobre sua indecisão perturbaram Sebastian. Em assuntos práticos, mostrava-se corajoso, capaz de arriscar-se ao maior dos perigos sem pensar nas consequências. Mas, diante da ânsia mais premente de seu coração, sentia-se fraco e temeroso. Vivera quatro anos de hesitação e angústia, sempre desejando a mesma mulher e sempre fugindo do risco que correria se a quisesse em sua vida. O amor roubara-lhe as forças, a capacidade de lutar? Se a perdesse, estaria pagando o preço de sua covardia.

As possibilidades, incontáveis e todas terríveis, avolumavam-se em sua mente a tal ponto que chegou a Paris sem esperanças. Durante a viagem, convencera-se de que Julie não mais o receberia com seu olhar amoroso e os braços abertos para a paixão, porque Farroux já a expusera à sedução de um aproveitador. Talvez até já carregasse no ventre o filho de um outro homem.

Depois de deixar a bagagem no recém-inaugurado Hotel de la Concorde, apressou-se em procurar Farroux, mas preferia encontrá-lo em seu escritório no Hotel de Ville. Queria enfrentá-lo em um ambiente seguro, onde poderia perder o tempo necessário para convencê-lo de que ainda existiam possibilidades de cumprir o acordo. Precisava ganhar tempo e pensar em uma maneira de escapar com Julie das garras daquele maldito velho. A única ideia que lhe ocorria era levá-la para longe de Paris e da sombra sinistra do marido e, em um lugar sereno, descobriria as palavras certas para revelar-lhe a verdade.

Após a primeira entrevista com Farroux, Sebastian nunca mais fora a seu escritório, e perdeu toda a manhã tentando saber para onde o velho advogado fora transferido, pois já não se encontrava mais no Hotel de Ville. Finalmente, conseguiu a informação de que deveria procurá-lo no palácio de Luxembourg, na outra margem do Sena.

A importância de Farroux crescera e agora ele pertencia ao grupo de legistas encarregados de redigir a nova constituição da França. Três secretários de aparência imponente e atitudes protetoras avisaram Sebastian de que o ilustre jurista raramente tinha tempo livre. Após mais uma manhã de resoluta persistência e quase cinco horas de espera, foi informado de que seria recebido, mas apenas por cinco minutos.

Sebastian entrou na sala confiante de que não precisaria de mais tempo para convencê-lo. Preparara-se bem a fim de expor racionalmente sua proposta, com argumentos sólidos para contestar as possíveis objeções que Farroux colocaria à realização de seus planos. Ele não perdeu a determinação ao ser recebido quase com grosseria. Aquela atitude era uma deliberada demonstração de que nada além do interesse mútuo os unia, e essa aliança material ainda não se concretizara.

— Não tenho a menor ideia do que ainda pode querer de mim — disse Farroux, dispensando as saudações. — Aparentemente, você atingiu seus objetivos, superando as dificuldades que motivaram nossa associação. Mas a minha parte no acordo não foi realizada, pois conseguiu apenas aumentar a relutância de minha esposa em aceitar um amante que possa engravidá-la.

— Sua esposa já tem um amante... — Sebastian mal controlou o alívio ao saber que Julie não o traía.

— Cujas funções específicas seriam dar-me um filho. Como teve quatro anos para tentar, a inexistência de um resultado prova...

— Vim procurá-lo exatamente por esse motivo. Foram quatro anos, mas tive apenas alguns dias para passar junto com sua esposa.

— Eu cometi um grave erro de cálculo e pretendo corrigi-lo. Não previ um relacionamento tão longo, certo de que você a engravidaria durante sua primeira estada em Paris. Se isso não acontecesse, a ligação, ainda recente, se desfaria naturalmente, sem grandes dramas. Obviamente, essa foi a falha do meu plano, e suas visitas só irão agravar a situação. Nosso acordo está cancelado.

Sebastian fitou os olhos de um azul pálido e sem emoções, esperando que seu olhar

refletisse a mesma astúcia fria e inescrupulosa.

— E então o que fará, *monsieur*? Pretende abordar sua esposa com a linguagem crua de um cavaliço para dizer-lhe o que deseja dela? Escolherá um homem e depois lhe dará ordens para que se submeta à humilhante função de égua procriadora? Ou pretende arquitetar uma nova farsa obrigatoriamente demorada, jogando fora o investimento de quatro anos? Garanto-lhe que estará cometendo um novo erro de cálculo. Ela não é uma ficha que se coloca na roleta para ganhar ou perder, Farroux. É uma mulher, com sentimentos e que, por *mero acaso*, me ama. Não pense que será fácil enganá-la de novo, envolvendo-a em outro romance criado por sua mente astuciosa mas incapaz de emoções. *Eu* posso lhe propor um plano com maiores chances de sucesso.

Farroux manteve-se em silêncio e com o mesmo ar de incredulidade.

— A minha vida mudou bastante e agora tenho muito mais tempo livre para dedicar-me ao lazer, principalmente porque a guerra entre nossos países terminou. Deixe-me levar sua esposa para passar alguns meses na Inglaterra. Uma visita à família materna justificaria uma estada mais longa.

— Não estou interessado em justificativas e sim em resultados concretos. Que lucro essa viagem me traria?

— Exatamente o que deseja, *monsieur*. Um herdeiro. Apesar de viver em Paris há anos, sua esposa nunca abandonou os rígidos conceitos morais adquiridos na infância e no convento onde estudou, por isso sente-se culpada por estar cometendo adultério. Nem na cama ela se liberta da tensão e do medo, pois sabe que irá encontrar o marido logo depois de deixar o amante. Deve desconfiar de sua excessiva benevolência, mas, mesmo imaginando que conta com sua conivência, sofre por agir contra seus princípios.

— E por acaso um mar entre nós legitimará a traição?

O sorriso de Farroux chegava a ser insultante e Sebastian forçou-se a controlar a raiva até convencê-lo.

— Existe uma teoria, aceita e divulgada há anos, de que uma mulher tensa e com medo frequentemente inibe a concepção. Como nunca passamos mais do que três ou quatro dias juntos, ela não chega a livrar-se do complexo de culpa, o que aumenta a dificuldade. Se voltasse à Inglaterra, onde passou os períodos mais felizes de sua infância, livre das pressões de Paris e com tempo suficiente para sentir-se à vontade em minha companhia... creio que ambos seríamos beneficiados.

O olhar glacial de Farroux, fixo em seu rosto, provocou um início de pânico em Sebastian. O argumento que repetira em voz alta, dezenas de vezes em seu quarto e julgara tão bem arquitetado, perdera toda a força e até a coerência naquela sala. E, se o maldito velho lhe perguntasse por que ele também seria beneficiado, sua resposta enfraqueceria ainda mais o plano que criara para roubar-lhe a esposa.

De costas para a janela, o rosto de Farroux permanecia protegido pela sombra que ocultava sua expressão durante aquele período de angustiante espera. Sebastian, pelo contrário, recebia o sol de frente, permitindo a seu adversário uma clara visão de seu descontrole. Estava com a camisa molhada de suor e censurava-se por ter esquecido que aquele velho ladino não costumava ser derrotado.

Nenhum dos dois queria perder a batalha, rompendo o silêncio tenso, mas Farroux continuava calado por mais um motivo. Juliette se apaixonara por aquele homem e se mantivera fiel durante quatro anos, apesar de todas as tentativas de aproximá-la de um possível substituto para o amante que adorava. Se Ramlin também sabia desse amor, por que sugerira uma viagem com a qual nada lucraria?

Vendo-o a sua frente, pressentia uma urgência, quase um desespero, sob a expressão contida com um esforço perceptível. Por quê? Ele já superara os problemas financeiros, se transformara em um sucesso nos meios do comércio marítimo inglês. E, agora que a Europa toda estava em paz, não havia mais motivos para conseguir o apoio do governo francês. Ramlin também teria se apaixonado e pretendia levar Juliette para a

Inglaterra sem intenção de retornar à França? Essa possibilidade, bastante provável, não lhe causava a menor preocupação. Mardukesnes lhe pertencia legalmente e, quanto à esposa... bastaria revelar-lhe por que motivos esse, Romeu sem escrúpulos a seduzira para destruir-lhe todas as ilusões românticas! De qualquer forma, Guillaume Farroux não conseguira o tão cobiçado poder por acaso e sempre se garantia dos mais inesperados e imprevisíveis obstáculos.

— Está bem, Ramlin. Aceito sua proposta, mas exijo que a duração dessa viagem não ultrapasse três meses e se ela voltar grávida, o objetivo terá sido atingido. A sugestão deve partir de você, e quando Juliette mencionar uma possível visita à família materna, eu a incentivarei a ir.

Mal contendo o alívio, Sebastian levantou-se, ansioso por escapar daquela tortura.

— Espere! Quero dar-lhe minha permissão por escrito antes que saia desta sala. — A voz de Farroux revelava a eficiência de um advogado tratando de assuntos em que não estava envolvido. — Sente-se, por favor. Não levarei mais do que dois minutos para redigi-la.

Farroux hesitou por um instante e depois, com a rapidez de longos anos de prática, colocou no papel o acordo que não pretendia aceitar apenas verbalmente.

"Neste segundo dia de Germinal do ano X da República, eu, Guillaume Farroux, estabeleço aqui os termos de meu acordo com Sebastian Ramlin.

Em troca da soma de quatro mil luíses de ouro, fornecida por mim sob a forma de uma ordem bancária com a data de 19 de Frimário do ano VI da República e a promessa de usar a influência de meu cargo para que a companhia de comércio marítimo do já mencionado Sebastian Ramlin obtivesse maior sucesso em águas pertencentes à França, ele concordou em prestar-me o serviço de engravidar minha esposa, Marie-Louise Juliette, e também em aceitar na renúncia de seus direitos de paternidade sobre o filho gerado, que será reconhecido legalmente como meu legítimo herdeiro.

Por nenhum outro motivo além da efetiva consumação deste acordo, permito que minha esposa partilhe de sua companhia na Inglaterra durante o período de três meses, a terminar no terceiro dia de Messidor do ano X da República, também conhecido como 23 de julho de 1802.

Assinado, selado e aceito pelas duas partes participantes do acordo e na presença de ambos.

Guillaume Farroux. Sebastian Ramlin."

Após reler rapidamente o documento, Farroux sorriu satisfeito e o entregou a Sebastian. Como advogado, sabia que aquele papel não possuía o menor valor legal por falta de testemunhas, mas tinha a vantagem de servir-lhe como garantia contra uma possível traição.

E, a julgar pela palidez crescente no rosto de Ramlin ao ler o documento, Guillaume envaideceu-se de ter, mais uma vez, previsto e prevenido sua sobrevivência. Aquele precaução fora tomada com um atraso de quatro anos mas... antes tarde do que nunca, porque ele pressentira o perigo muito próximo.

## CAPÍTULO XII

Os jardins do Tivoli atraíam turistas de toda a Europa pela beleza natural e por seu magnífico parque de diversões. Crianças e adultos, casais de idade ou jovens namorados, parisienses sofisticados ou rústicos camponeses do interior dividiam sua fascinada atenção entre os impecáveis e multicoloridos canteiros e as barraquinhas que anunciavam atrações únicas.

Naquela manhã, havia mais um casal entre as dezenas de parzinhos enamorados e de mãos dadas que percorriam as aléias de alvo cascalho. Sebastian comparava a beleza da amada com as rubras tulipas, que se sobressaíam na profusão de flores do incomparável jardim. O ambiente, sempre festivo, era o cenário perfeito para a euforia que Julie já não conseguia conter.

— Eu sempre quis vir aqui com você, Sebastian. Anne-Marie zombava de mim, dizendo que suas visitas rápidas demais mal davam tempo para trocarmos algumas palavras e passar algumas horas na cama.

Irradiando alegria, Julie pensou que a amiga, tão orgulhosa de seu mundanismo, esquecera-se de levar em conta a importância vital dos caprichos do destino. Quem poderia prever essa reviravolta em sua vida, a inesperada felicidade de passar o verão inteiro com Sebastian na Inglaterra? Nesse exato momento, Babette estaria fazendo suas malas, preocupada com a patroa que, há dois dias, não conseguia comer nem dormir. Se a zelosa criada soubesse que ela se nutria apenas de alegria!

Um balão vermelho, escapando das mãos de uma criança, flutuava em liberdade, alçando-se no céu muito azul do início da primavera. Os gritos do menino interromperam o devaneio de Julie, que fitou a mancha rubra desaparecendo a distância.

— É exatamente assim que estou me sentindo, querido! Leve como o ar e voando em direção ao paraíso.

— Não vá desaparecer justamente agora, Julie!

— Nem pense nisso! Hoje à noite Guillaume me entregará o passaporte e nada se compara ao milagre que se realizará para nós. Três meses juntos! É tão maravilhoso que chego a ficar com medo. Meu marido não sabe que você está em Paris e preciso prestar muita atenção em minhas palavras ou demonstrarei o quanto me sinto feliz! Só peço a Deus que ele não mude de ideia!

— Não há motivos para que Guillaume suspeite de sua alegria, Julie. Fique tranquila que tudo dará certo.

— Mas foi fácil demais, Sebastian! Apenas manifestei o desejo de ir à Inglaterra e ele insistiu que eu ficasse por todo o verão, como se fosse um fato banal em nossa vida e perfeitamente compreensível.

— E não é natural que você queira visitar sua família?

— Minha avó morreu há cinco anos e tenho uma tia solteira, Emma Allingham, uma criatura insuportável, e tio Thomas. Ele e a esposa sempre sentiram ciúme da predileção de vovó por mim e incitavam seus filhos a falar mal de papai só para me magoar. Interrompemos nossa correspondência, já bastante irregular, devido às dificuldades causadas pela Revolução, e perdemos o contato. Só Elizabeth Margrave, uma amiga fiel,

justificaria essa visita, pois sempre recebo suas cartas afetuosas, mas Guillaume não sabe disso e pensa que sinto saudade da família.

— Nem imagina como me sinto grato por esse milagre.

— Pelo consentimento de Guillaume para essa viagem?

— Não, querida. Pela sua fidelidade a um amante negligente. Prometo-lhe que nunca mais se sentirá solitária e abandonada.

Julie custou a criar coragem para perguntar o que Sebastian quisera exprimir com palavras pouco claras.

— Está dizendo que não nos separaremos mais?

— Se for esse o seu desejo, amor.

Aquela resposta deixou Julie ainda mais inquieta. Sebastian estaria sugerindo bigamia, concubinato ou simplesmente a deserção do teto conjugal?

— Viveremos juntos sem a proteção da Lei e exilados da sociedade?

— Viveremos juntos protegidos por um casamento legal, Julie.

— Então, por que partir amanhã sem comunicar essa decisão a Guillaume? É preciso iniciar o processo do divórcio e tenho de lhe dizer...

— Não! — interrompeu Sebastian quase com violência. — Antes disso, quero que você me conheça melhor. Existem alguns aspectos de minha vida que talvez a choquem demais.

Assustada, Julie pressentiu algo sombrio oculto pela expressão tensa de Sebastian. Seu olhar revelava tanta angústia que ela tentou amenizar a gravidade daquele assunto.

— Eu já sei que foi um jogador, conheceu centenas de mulheres e agiu como um rapaz um tanto libertino, mas isso pertence ao passado. Acreditei no que me contou sobre sua vida, inclusive de nunca ter se casado, mas voltarei a perguntar-lhe... É tudo verdade, Sebastian?

— A mais absoluta verdade, Julie.

— E nunca me traiu?

— Juro que não.

— Por acaso... cometeu algum crime que conseguiu esconder e...

— Não é nada disso, Julie. Peço-lhe apenas que confie em mim e espere até chegarmos à Inglaterra. Irá conhecer o homem que realmente sou e então lhe direi tudo.

— Por que não agora? Eu confio em você aqui ou na Inglaterra!

— Não poderia suportar se a perdesse por uma tolice.

Julie já se vira em situações semelhantes, quando Sebastian demonstrava uma teimosia inabalável, e decidiu desistir daquela discussão inútil. Ela o perdoaria por qualquer crime que tivesse cometido, portanto não havia necessidade de insistir. Muito em breve surgiria o momento ideal para que voltassem a conversar sobre o assunto. Só quisera aliviar-lhe a angústia, e o efeito fora desastroso.

— Não fique triste, querida. — Ele notou a perturbação de Julie e tentou recuperar a alegria que ambos haviam perdido. — Eu te amo demais, você é tudo que preciso para ser o homem mais feliz do mundo. E, na Inglaterra, teremos tempo de sobra para falar sobre o passado e, acima de tudo, planejar nosso futuro.

Esforçando-se para não pensar na sombra que pairava sobre eles, Julie lembrou-se de um dos motivos de sua vinda ao parque. Queria conhecer a vidente, tão elogiada por Anne-Marie, e que se transformara na sensação dos salões parisienses. Apesar de todos saberem que ela não viera do Egito e sim da Martinica, como criada de Josephine, acreditavam piamente em suas predições sobre o futuro.

— Você quer mesmo entrar? — perguntou Sebastian, quando ela parou diante de uma suntuosa tenda egípcia. — Acredita nessas tolices, Julie?

— Não, mas deve ser divertido.

Sem dúvida, o ambiente sugeria os mistérios do Oriente. Lamparinas mal clareavam a sugestiva tenda forrada com preciosos tapetes sobre os quais tinham sido jogadas

almofadas de seda. Julie não chegou a sentar-se, pois uma jovem com trajes de odalisca conduziu-a à famosa madame Hatshepsut.

— Respire fundo, minha filha — murmurou a vidente, coberta por véus dourados que deixavam à mostra apenas seus olhos imensos, realçados por khol. — Junto com o ar, os deuses da manhã, do dia e da noite ocuparão seu espírito.

Depois de murmurar uma litania de palavras incompreensíveis, a vidente começou a girar o corpo, erguendo os braços enquanto fitava Julie com um olhar sem expressão.

— Vejo água... um mar revolto...

Todas as videntes falavam sobre mares, mas, como Julie atravessaria o canal da Mancha na manhã seguinte, a visão apenas confirmava uma realidade.

— E um homem... moreno, forte, que seu coração deseja prender. Na mão direita, tem os frutos da luz e na esquerda os das trevas. Você escolherá o alimento... da mão errada e por isso o desprezará. Ele sofrerá demais e o pecado...

Irritada, Julie não conseguiu mais prestar atenção nas palavras da vidente, que agora considerava uma impostora. Já não bastava convencer Sebastian que nunca o abandonaria? Teria de discutir também com os deuses da manhã, do dia e da noite? Sem dúvida, madame Hatshepsut repetia essas mesmas palavras para todas as jovens, sabendo que adoravam sentir-se mulheres fatais, destruidoras de corações. Ela não pretendia estragar seu dia acreditando em tolices.

— O que ela lhe revelou? — perguntou Sebastian, que a esperava fora da tenda.

— Um amontoado de besteiras! Vou comer o fruto da mão errada e causar muito sofrimento. Nesse ponto, parei de ouvir o que ela falava porque percebi minha tolice em ter acreditado nas loucuras de Anne-Marie. E você?

— Achei que ela criou um cenário perfeito, mas também ouvi as mesmas besteiras. Muita água... — ele imitou a voz da vidente. — "E alguém que o protege em segredo. Terá alegrias e tristezas..." Paguei dez francos para saber que dirigi minha vida até hoje sem noção de nada porque não contava com a preciosa ajuda de madame... Bem, esqueci como se chama essa maravilha e não pretendo lembrar-me nunca mais.

— Não soube mais nada sobre seu futuro?

— Ah! Ela disse-me para levar meu amor a tomar um sorvete e não pensar mais em mistérios que são indecifráveis.

A viagem de Paris a Londres foi uma das mais exaustivas que Sebastian já fizera. O percurso até Calais levou quatro horas porque a carruagem quebrou e, em consequência desse atraso, tiveram de dormir em um vilarejo cuja hospedaria rústica não podia acomodar todos os passageiros.

À travessia do canal da Mancha, sempre difícil, superou as piores expectativas. O vento, inesperadamente violento para o mês de abril, desviou o navio da rota e eles só chegaram a Dover após dez horas de mar revolto e ondas gigantescas. Sebastian estava habituado a viagens mais atribuladas, mas Julie ficou enjoada e chegou à Inglaterra à beira de um colapso.

Sebastian tinha planejado ficar alguns dias em sua casa de Park Lane porque Julie não conhecia Londres. Ela, porém, não estava em condições de caminhar pela cidade antes de passar ao menos uma semana descansando. E só havia um lugar ideal para recuperar as energias. Bryony Manor.

A antiga mansão em estilo Tudor, de tijolos rosados e janelas amplas, simbolizava uma esperança na vida de Sebastian. Ele comprara Bryony Manor em uma rara fase de otimismo, escolhendo-a para ser o lar de Julie.

Cecil criticara asperamente a escolha, apontando os inúmeros problemas daquela aquisição impulsiva. A propriedade, pequena demais, não daria lucros satisfatórios, a casa precisava de reformas e o estilo era muito despojado. Mas Sebastian vira apenas a beleza do lugar e o cuidado que os donos daquela graciosa mansão campestre haviam tido para não destruir a simplicidade e o encanto de uma época romântica e dedicada ao



amor.

A casa, de três andares, fora erguida bem no centro da propriedade, sobre uma suave colina. A construção harmoniosa sugeria serenidade, permanência e, para Sebastian, o início de uma família, tradições e continuidade. Via Julie tomando chá no terraço, crianças correndo nos gramados ou brincando no riacho junto ao bosque, confiantes por conhecerem suas origens e por viverem no lar onde tinham nascido.

Assim como a casa fora comprada para abrigar Julie, as reformas também tinham sido planejadas visando proporcionar-lhe um ambiente perfeito: um estúdio com janelas voltadas para o norte, bem iluminado para permitir que se dedicasse à pintura, uma sala de música com um piano que viera da melhor loja de Londres e a saleta íntima para os momentos preciosos, partilhadas apenas pela família. O último andar pertenceria às crianças e o segundo, com dois banheiros bem equipados, seria o reino de um casal apaixonado.

A reconstrução já terminara havia mais de um ano, mas Sebastian, apesar de suas frequentes visitas, nunca dormira em Bryony Manor. Também não mencionara as reformas da casa a Julie, dizendo-lhe apenas que comprara uma propriedade próxima à Epping Forest.

Quando a carruagem deixou a estrada rural para entrar na alameda de Bryony Manor, Julie, que dormira durante toda a viagem, acordou, ansiosa por ver a casa de Sebastian. Ao abrir a janela, sentiu o aroma único das flores silvestres inglesas que sua avó a ensinara a conhecer.

— Não avisei os criados de nossa chegada — disse ele, antes de descer para abrir os portões de ferro trabalhado. — Mas garanto-lhe que não ficará com fome. Sempre há comida de sobra em uma fazenda.

Julie mal o ouviu, fascinada com as árvores centenárias que se erguiam ao lado da alameda. Então, após uma curva, avistou Bryony Manor sobre a colina e, intuitivamente, soube por que ele escolhera aquela casa, o lar de seus sonhos.

— Ah, querido. Quero ficar aqui para sempre.

Três dias no campo seriam suficientes para descansar, antes de iniciarem os passeios e visitas que haviam programado. Então, passou-se uma semana, mais uma e perderam a noção do tempo, envolvidos por um encantamento que nenhum dos dois desejava romper.

O ritmo plácido dos dias sem compromissos, dedicados a uma convivência que jamais haviam partilhado, os transformou em quase eremitas. Não faziam nem recebiam visitas, falavam apenas com os poucos criados necessários para cuidar de Bryony Manor e só passeavam por lugares onde sabiam que não encontrariam os vizinhos. A preciosidade de seus momentos de intimidade era mantida, cuidadosamente preservada.

Todas as manhãs, Julie tinha o prazer de acordar na cama de Sebastian e, antes de saírem para cavalgar, tomavam o desjejum em uma saleta muito clara com portas de veneziana que se abriam para os gramados. Os passeios a cavalo nunca tinham destino certo. Sebastian levou-a a conhecer toda a fazenda e as trilhas românticas que cruzavam a centenária floresta de Epping. Só voltavam para casa na hora do almoço, ansiosos por saborear a típica comida inglesa preparada pela sra. Pettersley.

Então, chegava a hora de usufruir um luxo, de valor inestimável e seu mais precioso tesouro: o tempo para amar. A liberdade de sentir as horas passarem sem que logo precisassem separar-se transformou o ato de amor. Não havia pressa nem ânsia de consumarem seus desejos urgentes. A paixão podia ser saboreada como um prazer único e sempre renovado na perfeição de cada carícia.

Um pouco antes do entardecer, os dois saíam para passear a pé e voltavam, na hora do chá, Julie com os braços cheios de flores campestres e Sebastian carregando cestas de framboesas silvestres. É o dia ainda lhes reservava tantos prazeres! Com uma expressão de serena felicidade, ela o encantava com mais um de seus talentos: a música.

No período que precedia o jantar — minutos ou horas? —, o som melodioso do piano alegrava todos os recantos de Bryony e fluía, através das portas e janelas, para os campos azulados com a chegada da noite.

Às vezes, uma das melodias tocadas por Julie entristecia Sebastian por seu tom plangente.

— É uma fuga de Bach, querido. Uma obra-prima musical.

— Concorde que seja linda, mas é muito sombria. Toque algo mais alegre ou mais romântico.

— Não pensei em trazer minhas partituras. É difícil tocar de memória.

Um dos passeios programados por Sebastian durante a estada frustrada em Londres tinha sido levar Julie à Hatchard's, a melhor e mais célebre loja para músicos da Inglaterra e, na opinião dele, de toda a Europa.

— Então, toque o que quiser, amor. — Ele foi até o piano e envolveu-a em seus braços. — Quando nos casarmos, você terá estantes repletas de partituras para transformar essa casa em um mundo musical, será uma artista, com seu estúdio, criando as aquarelas que cobrirão todas as paredes das salas, colherá flores silvestres para enfeitar centenas de vasos e... se não estiver ocupada demais... poderá me dar o maior dos prazeres, querida... ser a mãe dos meus filhos.

Julie estava quase certa que o sonho partilhado pelos dois era uma realidade. A claridade rósea da aurora se infiltrava através das cortinas quando ela acordou e, fitando o rosto de Sebastian, sereno durante o sono, pensou que logo poderia partilhar o maravilhoso segredo ainda guardado em seu coração. Embora considerasse fruto de sua imaginação fértil, pressentia que concebera um filho na primeira noite passada no hotel em Paris, logo após a chegada dele. Seus corpos haviam se unido com uma paixão nascida do desejo reprimido por longos meses e haviam se amado com uma ânsia incontida. Também fora naquele encontro que notara o desespero e a angústia nos olhos onde sempre vira apenas amor.

O que perturbaria a paz de espírito de Sebastian? Ele tentara falar sobre o assunto nos jardins do Tivoli mas recuara antes de se abrir. Naquele dia, sentira muito medo, mas a tranquilidade de Bryony Manor os defendia de todas as ameaças do mundo. E se a tensão retornasse quando soubesse que iam ter um filho?

Talvez fosse melhor esperar até ter certeza absoluta, e embora seu corpo revelasse mudanças significativas e sentisse uma aura de paz e confiança que a transformava em uma mulher segura de sua força. Sonhando com a felicidade, Julie adormeceu novamente e, quando despertou, Sebastian já não estava a seu lado.

Atônita, percebeu que dormira até as onze horas e, indo diretamente para o quarto de vestir, colocou o traje de montaria. Esperava que a sra. Pettersley tivesse guardado seu desjejum, pois pretendia percorrer a propriedade a cavalo e não podia perder tempo. A pressa levou-a a prender os cabelos apenas com uma fita de veludo e a descer as escadas correndo. Só parou ao ouvir a voz de Sebastian avisando Megan para não tirar a mesa.

— Não é preciso, Sebastian — disse, entrando precipitadamente na sala. — Eu quero cavalgar e... por que não me acordou, querido? íamos...

Só então Julie notou a presença de um estranho e calou-se, embaraçada. Sebastian puxou a cadeira para que ela sentasse, mas o desconhecido demorou muito a levantar-se, a fim de cumprimentá-la. Um silêncio tenso tomou conta do ambiente, e até Megan, ingênua e muito jovem, percebendo que havia algo errado, deixou os pratos no aparador e saiu rapidamente.

— Sinto muito por não tê-los avisado de minha chegada. Não sabia que estava com um visitante, Sebastian. Creio que interrompi uma conversa importante.

— É claro que não interrompeu nada. Este é meu sócio, Edward Cecil. Ned.. apresento-lhe Julie Farroux.

— Madame Farroux... — Ele beijou-lhe a mão com dignidade, mas sem mencionar que sentia prazer em conhecê-la.

Alto e elegante, Cecil usava terno e colete, contrastando com as roupas campestres de Sebastian e a simplicidade de Julie. O olhar que a percorreu da cabeça aos pés, embora não demonstrasse desprezo, foi quase ofensivo, e ela sentiu-se mal por estar causando uma primeira impressão pouco satisfatória.

— O intruso sou eu, madame. — Ele continuava em pé e com um sorriso nos lábios, embora a voz revelasse seu esforço para ser cortês.

— Sebastian merece estas férias que vem sendo adiadas por muito tempo e eu não o perturbaria aqui se...

Com um sorriso de desculpas, ele calou-se, deliberadamente, demonstrando que a presença de Julie o constrangia e não discutiria o assunto diante dela.

Pela primeira vez desde sua chegada à Bryony, Julie foi obrigada a admitir que se colocara em uma situação ambígua e vulnerável ao vir para a casa de Sebastian. Até aquele dia, convivera com os criados e os meeiros da propriedade que a tratavam com um respeito afetuoso. Mas Edward Cecil e eles pertenciam ao mesmo nível social e seu olhar de avaliação demonstrara uma curiosidade maldosa, como se lhe perguntasse qual era a sua posição junto do amigo. A interrogação, embora muda, tinha sido deliberada e com o intuito de forçá-la a se definir. Passara de amante a mulher mantida, era aventureira ou aproveitadora? Porque, sem dúvida alguma, jamais seria uma noiva!

— Esperarei por Sebastian no escritório enquanto toma seu café da manhã, madame Farroux. Talvez então a senhora me permita alguns minutos, muito breves, para discutir assuntos profissionais e extremamente graves com meu sócio.

Curvando-se diante dela, Cecil caminhou para a porta, mas, antes de abri-la, a voz enfurecida de Sebastian o deteve.

— Depois você pode ir para o inferno, mas agora vai ficar aqui, Ned! Ponha logo para fora o osso que está parado em sua garganta, entendeu? Sei que continua furioso comigo, por isso não precisa medir as palavras tentando ser cortês quando mal controla a raiva. Não há nada que Julie não possa ouvir. — Sebastian voltou-se para ela, a fim de explicar a situação. — Eu me esqueci completamente de uma reunião de negócios, querida. Não se tratava de um assunto de importância vital, mas como isso nunca aconteceu, Ned...

— Não se tratava de um assunto vital? — Apoiando as mãos na mesa, Cecil inclinou-se sobre Sebastian. — E desde quando o capitão de um dos nossos navios deixou de ser importante?

— Eu fiz a escolha antes de partir de Londres. — A voz de Sebastian mantinha-se controlada. — E também preparei todos os papéis.

— E tinha de estar presente para dar-lhe as instruções e entregar-lhe o cargo... pessoalmente!

Julie olhou para os dois homens que se enfrentavam, decididos a não recuar. Os trajes urbanos de Cecil, elegantes e formais, davam-lhe uma aparência de poder e autoridade que evidentemente não provocava nenhuma sensação de inferioridade em Sebastian, sem gravata e com uma camisa de algodão de mangas arregaçadas.

— Foi tão difícil assim orientar o capitão Chatsworth? — Sebastian sorria, descontraído. — Apenas instruiu um homem que já fez essa viagem mais de dez vezes com segurança e sucesso! Não seja melodramático, Ned! A instrução e a entrega do cargo são meras formalidades. Ou será que seu braço é curto demais para alcançá-lo do outro lado da mesa e dar-lhe os papéis?

— O problema não é esse. A tripulação de nossos navios sempre foi sua atribuição, não minha.

— Concorro plenamente, Ned. Você tem razão, como já admiti antes, e volto a pedir-lhe desculpas. Entretanto, o erro já foi cometido. O que mais posso lhe dizer?

— Apenas convencer-me de que essa negligência não é um sinal de seu comportamento no futuro. Construímos um império e devo admitir que você contribuiu com a maior parcela, mas... perde-se uma fortuna tão facilmente, quanto se ganha. Só espero que, enquanto brinca de senhor rural, não deixe a fama subir a sua cabeça.

— Ora, Ned. Você me conhece bem demais para imaginar um absurdo desses.

— Ah, conheço mesmo. — Suspirando, Cecil fitou Julie com um olhar frio e determinado. — Não foi a fama que subiu a sua cabeça, não é?

Finalmente Sebastian perdeu o controle e, levantando-se da mesa, encarou o amigo com uma expressão de fúria.

— Seu intrometido! Não ouse...

— Sr. Cecil... — Julie interrompeu-o, também levantando-se. — Eu me sentiria muito mal se provocasse um atrito entre dois amigos como vocês.

— Julie! Por favor, deixe que eu e Cecil...

— Se Sebastian negligenciou seus deveres em Londres — continuou Julie, ignorando a interrupção dele —, presumo por suas palavras que tenha sido por minha...

— Fique fora desta discussão, mulher.

— ...culpa, mas prometo-lhe não causar mais problemas desse tipo, embora tenha sido um ato involuntário. Eu não sabia desse compromisso. Ele não deixará de cumprir suas obrigações profissionais... pelo menos por qualquer atitude de minha parte.

Sem olhar mais para nenhum dos dois, Julie saiu da sala, sendo seguida por Sebastian. Antes de conseguir alcançá-la, passou pelo vestíbulo e seu gritos foram ouvidos na casa inteira.

— Julie! Volte imediatamente! — Finalmente, ele segurou-a pelo braço. — Não admito que me tratem com uma criança! Nem Cecil nem você tem esse direito!

— E eu não admito ser tratada como seu... ponto fraco, um brinquedo novo que distrai o bom menino quando ele devia estar fazendo seus deveres de casa! — Julie soltou o braço como se o toque das mãos dele lhe provocassem repulsa. — Eu percebi o significado oculto de seus sorrisos, entendi a insinuação contida em suas palavras, meu caro! "Ela é apenas meu passatempo para distrair o tédio deste verão. Fique tranquilo, não seja um estraga-prazeres, e deixe que eu me divirta um pouco porque não é nada sério!" E como ousa me expulsar da discussão como fez? Nunca, nunca mais se atreva a repetir esse insulto!

— E você pode trocar de roupa — explicou Sebastian, empurrando-a para dentro do quarto. — Nada de sair para cavalgar hoje. Trate de descansar um pouco, controlar sua crise de histeria e tentar recompor-se. Então voltaremos a discutir esse assunto.

"Controle sua crise de histeria! Fique fora dessa discussão, mulher! Nada de sair para cavalgar, hoje!"

As palavras ofensivas continuavam ecoando na mente de Julie enquanto ela esporeava o cavalo na direção do bosque. Seus cabelos voavam ao vento, que também levava suas manifestações de fúria.

Ah, ela ia cavalgar, sem dúvida! E o quanto mais rápido possível para longe daquela casa! Que audácia, que grosseria indesculpável! Como ousava repreendê-la diante de um estranho? E depois dizer como se comportar e dar-lhe ordens sobre o que dizer?

Julie só recuperou a capacidade de raciocinar quando perdeu de vista a casa, ao entrar no bosque sombreado. O silêncio da natureza e a dócil égua castanha eram os ouvintes ideais e os únicos com quem poderia desabafar.

— Talvez ele apenas tenha perdido a cabeça e falado sem pensar. Afinal, foi o sr. Cecil que me ofendeu, com suas insinuações. Não é verdade, Cora? — Julie sorriu para a égua, que balançou a cabeça, como se a apoiasse. — Mesmo assim, não agiu com a polidez de um cavalheiro e não devia ter gritado comigo. Sua obrigação agora é pedir

desculpas. Mas... será que errei ao falar quando devia me calar? Não! Ficou evidente demais que *eu*, apenas eu, havia causado o problema entre eles! E o que me restava? Ficar muda com um sorriso idiota nos lábios? Comportar-me como a boneca de porcelana, cega, surda e muda, que eles me julgam ser?

O relincho de Cora incentivou Julie a prosseguir.

— O pior é que sempre agi assim... A boneca de Sebastian! Sempre a sua disposição, pronta para lhe dar prazer, esperando com paciência e sem reclamar quando me deixava de lado para resolver assuntos mais sérios. Uma odalisca aguardando o desejo de seu senhor? Não pode ser verdade, Cora! Ele me ama muito, mais do que a própria vida. Não foi isso que me disse? Portanto, o culpado foi o sr. Cecil, que me considera uma má influência porque afastei seu sócio dos negócios. Por isso ele perdeu a cabeça!

Após quase duas horas de desesperada batalha consigo mesma, Julie desistiu de encontrar uma solução e sentiu o estômago se contrair de fome. Arrependia-se de sua impulsividade ao recusar o café da manhã e, a julgar pelo tempo que perdera dando vazão a sua fúria, o almoço devia estar sendo servido. Decidida a voltar para casa, ela saiu do bosque e, para sua surpresa, estava em uma região desconhecida, bem próxima de uma aldeia. Como perdera a noção de direção, foi até a praça do vilarejo para dar água a Cora, e pedir uma orientação. Um velho solícito aconselhou-a a seguir a trilha ao longo das árvores e logo chegaria em Babbing Brooks Come, onde havia uma encruzilhada que a levaria a Bryony.

Confiante em sua capacidade de orientar-se, Julie recomeçou o caminho de volta. Ela cavalgou por horas, procurando a tal encruzilhada, e começava a entardecer quando, acidentalmente, avistou Bryony Manor. Tensa, faminta e ainda enfurecida, entregou a égua a Tom, estranhando que os cavaleiros não estivessem na cocheira, deixando apenas um garoto de doze anos para tomar conta de tudo.

— A senhora voltou! — Ele mal continha o entusiasmo. — Ainda bem! Olhe! Não há nenhum cavalo porque foram todos procurá-la. O patrão achou que a senhora tinha se perdido.

— Pois se enganou! Custou um pouco, mas achei o caminho.

— O patrão veio para casa duas vezes para ver se a senhora já tinha voltado. Então mandou todos saírem a sua procura.

— Então me encontrarão aqui quando voltarem, Tom.

A ideia de que Sebastian se alarmara com seu desaparecimento provocava-lhe uma intensa satisfação. Agora ele sentiria na pele o sofrimento de imaginar a perda de alguém que se ama! A sra. Pettersley abriu-lhe a porta, revelando seu alívio ao vê-la de volta. Imediatamente ofereceu-se para mandar uma bandeja com o que sobrara do almoço para o quarto de Julie. — Maravilhoso, sra. Pettersley. Estou mesmo faminta!

Sebastian subiu as escadas, dividido entre uma sensação de alívio e a fúria crescente. Tom o recebera na cocheira com a notícia da volta de Julie e a sra. Pettersley lhe dissera que madame estava bem e com muita fome, por isso, lhe mandara servir o jantar no quarto. Imaginara as situações mais trágicas e agradecia a Deus por nada de sério ter acontecido, mas não se conformava com aquela falta de consideração. Como ela pudera provocar-lhe, deliberadamente, tanto sofrimento?

Ao entrar no quarto, percebeu pelo vapor vindo do banheiro e o aroma de flores campestres que Julie acabara de tomar banho e preparava-se para comer o frango enviado pela sra. Pettersley.

— Ah, é você? — A voz dela revelava uma frieza glacial. — Pensei que fosse Megan trazendo o pudim.

Imóvel ao lado da cama, ele sentiu vontade de abraçá-la, demonstrando o alívio por tê-la de volta e, ao mesmo tempo, de sacudi-la pela angústia sofrida naquela tarde. Os dois impulsos, igualmente fortes, o impediam de se mover.

— Se soubesse que era eu e não Megan... teria permitido minha entrada no quarto? Foi isso que quis dizer, Julie?

— Permitir? — Com um olhar de desprezo, ela o fitou, afastando a bandeja. — Esta é sua casa, estes são seus quartos e está falando com sua amante. O direito de permitir ou não sua entrada não é meu privilégio.

— Se quis fazer uma brincadeira... saiba que não achei a menor graça, Julie.

— Então peço-lhe mil perdões, alteza...

— Não continue a agir como uma tola, Julie!

— ...por não ter cumprido meu dever, que é distraí-lo e agradá-lo sempre! Foi imperdoável de minha parte descuidar-me do prazer de meu amo e senhor.

— Pare! Imediatamente! Você está me provocando e...

— ...e não passo de sua...

— Cale a boca, mulher!

— Não sou uma mulher qualquer! Não ouse repetir esse insulto.

Os dois se encaravam com ódio. Sebastian olhava para o corpo esguio de Julie, coberto apenas pela camisola de algodão, e sentiu vontade de rir. Via um bela mulher que desejava ter em seu braços e que, por causa do maldito Cecil, se voltara contra ele.

— Peço que me desculpe, Julie. Por favor... Ela virou o rosto, evitando fitá-lo. — Perdi completamente a cabeça hoje de manhã porque percebi que Cecil estava certo.

Sebastian deu a volta na cama para ver o rosto de Julie e, ao notar o brilho das lágrimas em seus olhos, sentou-se ao lado dela segurando-lhe a mão.

— Você não subiu apenas à minha cabeça, amor. Apoderou-se de meu coração, da minha alma...

— E sente-se envergonhado por me amar — afirmou ela, com desprezo.

— Não! Sinto apenas vergonha de não ter lhe oferecido nada, apenas algumas noites em camas de hotel, quando desejo partilhar minha vida com você. Fiquei com ódio de mim mesmo, tão enojado com minha conduta que descarreguei a raiva... na pessoa errada. Não pretendia ofendê-la, nunca...

Subitamente, Sebastian sentiu que aquele era o momento ideal para revelar a verdade. Respirando fundo, preparou-se para enfrentar a mais dura de suas batalhas, quando ela o envolveu num abraço.

— Oh, querido. Você deu-me tudo que podia. Não tem culpa se eu já era casada, se sua profissão exigia meses no mar, se a guerra não terminava...

Sentindo o corpo de Julie junto ao seu, ele procurou as palavras certas para evitar um choque intenso demais. Todas as desculpas que dera para justificar sua atitude não passavam de mentiras porque, se tivesse agido como um homem de honra, não esconderia a verdade. Precisava contar-lhe naquele momento que fora pago para seduzi-la.

— Prometa que nunca mais brigaremos, querido.

— Vou tentar, Julie. Mas, se nos casarmos...

— Se?

— Quando nos casarmos... — corrigiu ele, chocado com a tristeza que transfigurara o rosto de Julie — surgirão ocasiões em que discutiremos...

— Então o faremos com amor e será fácil para mim. Conheço-o bem demais e seus motivos são sempre honestos e bem-intencionados. Esse é um dos aspectos que mais amo em você.

— Nem sempre... não gostaria que se decepcionasse a meu respeito porém... cometi atos condenáveis e quero...

— Não agora, amor. Eu sei, há muito tempo, que você me seduziu por motivos

bastante... reprováveis.

— Sabe? — Ele sentiu dificuldades para respirar. — Sabe mesmo, Julie?

— É lógico que sim. Um homem que chega em Paris e seduz uma mulher casada sempre tem más intenções. O único motivo para conquistá-la é o desejo, mas não posso censurá-lo porque também foi o meu motivo.

Naquele momento, o sentimento de culpa quase levou Sebastian a perder o controle. Se tivesse sido apenas o desejo que o motivara, não estaria sofrendo tanto agora.

— E eu o encorajei. Apaixonei-me à primeira vista, no instante em que o vi entrar no teatro. — Bocejando, Julie recostou-se no peito amplo de Sebastian. — E a paixão só cresceu, amor. Mas... estou exausta demais para continuar me declarando a você. Foi um dia terrível e felizmente dormiremos em paz.

— Precisa descansar, Julie. Vou tomar um banho...

— E venha para a minha cama. — Ela sorriu sonolenta. — Eu não suportaria nem mais um minuto de discussão, quero esquecer tudo e dormir junto de você.

O olhar de admiração voltara a iluminar o rosto de Julie, aumentando a urgência de Sebastian em revelar-lhe a verdade. Tinha de ser- em Bryony, onde a envolveria com seu amor até acalmar o desespero dela. Ao longo de dias repletos de paixão, aceitaria que o homem aparentemente perfeito possuía graves defeitos. Rodeada de ternura, acabaria desculpando-o.

Ele a trouxera a Bryony certo de que viveriam meses de paixão, mas nunca poderia prever a perfeição dos dias passados ao lado de Julie. No momento em que ambos haviam entrado naquela casa, um encantamento os prendera em sua teia. No entanto, essa magia era frágil e bastaria um deslize para destruí-la. Os acontecimentos provocados por Cecil demonstraram o quanto sofreria se a perdesse.

Precisava sentir-se mais seguro, acreditar na força do amor que os unia antes de romper o encanto. Quando ela confiasse plenamente em sua devoção, quando não existissem mais dúvidas sobre uma união definitiva, então seria o momento ideal para se confessar. Julie estaria fortalecida pela certeza de que se casariam e o perdoada. Então poderia revelar sua vergonha sem medo de perder o valor diante da mulher amada. Queria continuar vendo o olhar de admiração naqueles olhos pelo resto de sua vida.

## CAPÍTULO XIII

O momento ideal para revelar um segredo... Existiriam regras para não errar na escolha? Os minutos passavam com uma lentidão exasperante, transformavam-se em horas, e Sebastian, obcecado pela necessidade de acertar, não conseguia dormir. Ele nunca imaginaria que Julie, serenamente adormecida, também esperasse a ocasião perfeita para confessar-lhe uma verdade ainda guardada em seu coração.

Quando ela acordou, com câibras nas pernas, doloridas por ter cavalgado por muitas horas, tentou massageá-las com gestos suaves para não despertar Sebastian.

— O que houve, Julie?

— Sinto muito tê-lo acordado, querido. Eu passei muitas horas cavalgando e estou

com dor nas pernas.

— Eu ainda não tinha adormecido. Deixe que cuidarei de você, sou um excelente massagista.

Só mais tarde, quando as mãos hábeis de Sebastian tinham conseguido aliviar a tensão muscular, Julie pensou no que ele dissera.

— Você ainda estava acordado, querido? Em que ficou pensando durante tantas horas?

— Acho que nós dois perdemos a noção do tempo. Estamos em Bryony há dois meses e esquecemos de tudo, a não ser de passar os dias partilhando cada minuto de felicidade. Eu não pensei nos meus compromissos profissionais e você também não se lembrou de visitar sua família.

— Dois meses? — completamente relaxada com a massagem a voz de Julie refletia uma calma inalterável. — Foi mesmo tanto tempo, querido? Não se preocupe com o meu esquecimento, porque não tenho a menor pressa para começar a fazer essas visitas entediadas. Mas, a julgar pelo comportamento de Cecil, os seus compromissos são bem mais urgentes. Acha que devemos ir imediatamente para Londres?

— Talvez não seja possível adiar mais essa viagem. Subitamente alerta, Julie sentou-se na cama, colocando as mãos sobre o ventre. "Dois meses!" Embora ainda não houvesse nenhuma evidência visível, já não restavam dúvidas.

— Se não está ansiosa por visitar sua família, eu gostaria de levá-la à Cornualha. Não poderei esquivar-me de passar alguns dias em Londres, ou Cecil será capaz de me matar, mas logo que minha presença o acalmar, quero que conheça Domenico. Você vai adorá-lo, e creio que será uma adoração mútua.

— Mas... ele não é um sacerdote?

— Um monsenhor, querida. Você nunca ignorou esse fato e também sabe que ele é meu pai. Não tem vontade de conhecê-lo?

— É lógico que sim! No entanto... — Ela virou-se na cama, escondendo o rosto de Sebastian. — Sou uma mulher casada e a sua amante. Eu me sentiria muito mal e garanto que ele também não ficaria à vontade diante de um pecado tão grave. Vá visitá-lo e o esperarei em Londres... gastando uma fortuna em compras.

— Domenico nunca foi um padre igual aos outros, e tenho certeza de que não nos censuraria. Mas, como não se sente em condições de enfrentá-lo, eu também não irei. — Ele tomou-a nos braços, beijando levemente os cabelos sedosos. — Não quero ficar longe de você nem um instante.

O momento de Julie chegara. Sua intuição a impelia a aproveitar a calma da noite para oferecer a seu amor o segredo que já a alegrava há dias. Embora não soubesse se iria despertar nele a mesma felicidade intensa, arriscou-se apesar do medo de não ter escolhido a ocasião ideal.

— Sebastian... eu também gostaria de... ficar bem perto de você agora. Estou... vou ter um filho seu.

— Tem certeza? Como... como pode saber?

Com mãos trêmulas, Sebastian tocou o ventre de Julie.

— Ainda não será possível sentir a presença de seu filho porque é muito cedo para isso, mas tenho certeza absoluta. Por enquanto só o meu corpo mudou...

Atônito, Sebastian sentiu que Julie colocava suas mãos sobre os seios dela, mas cheios e muito rijos. Um milagre divino se realizara diante de seus olhos e, como um cego, não vira nada. Sem dúvida tinha notado algumas mudanças, mas julgara serem apenas o efeito de uma vida tranquila, do ar puro dos campos, do sol cáldo do verão e do amor. Pensara em tudo, menos na causa mais óbvia: a gravidez, o motivo que dera a Farroux para essa viagem à Inglaterra! Sua semente germinara no ventre da mulher amada, uma vida fora concebida, mas jamais pertenceria a um velho calculista e desprovido de sentimentos. Era seu filho e essa criança lhe daria a coragem para lutar!



— Quando? Quero dizer... há quanto tempo?

— Eu fiquei tão excitada com a viagem que me esqueci de contar os dias. Então me senti terrivelmente enjoada durante a travessia do canal da Mancha e também não pensei no que essas náuseas violentas poderiam significar. Pelos meus cálculos o bebê foi concebido antes de deixarmos Paris, há mais de dois meses.

— O meu filho... você vai ter um bebê, só nosso!

Um ruído surdo ecoou no quarto, com o som sinistro de um trovão distante.

— Guillaume não pode saber! — declarou ela, com uma inesperada autoridade na voz. — Eu devia ter voltado a Paris para iniciar o processo de divórcio tão logo suspeitei dessa possibilidade. Se ele desconfiar, usará sua influência para impedir a separação. Meu marido conseguiu tudo o que sempre desejou na vida através do casamento com a filha do marquês de Sainte Aube... menos um herdeiro. Oh, meu Deus! Se eu esperar mais um mês, será impossível não perceber meu estado. Tenho de partir amanhã mesmo!

— Se é assim, você não voltará mais e evitará um confronto, querida. Céus! Como pudemos esperar tanto tempo? Mas o importante começa agora... é possível pedir o divórcio sem retornar a Paris e eu irei falar com Guillaume.

Sebastian ouviu novamente o ecoar do trovão, mas a tensão muscular que indicava uma situação de incontrolável nervosismo o impediu de prestar atenção. O seu momento chegara. Ideal ou não, teria de enfrentá-lo e revelar o segredo, porque já esperara demais.

— Não quero que passe por uma situação penosa e talvez até humilhante. Além disso, essa obrigação pertence ao homem, e eu o enfrentarei sozinho. Passarei por Londres rapidamente e seguirei para Dover, mas você pode ficar aqui, ou na casa de sua amiga... onde desejar, porém não irá comigo para ser ofendida por seu marido.

— Mas não tenho medo de enfrentá-lo, Sebastian. Aliás, acho que deveria ser eu quem...

— Não! — Percebendo a aspereza em sua voz, ele tentou controlar a tensão. — Não podemos arriscar nosso futuro, a vida de nosso filho. Se Guillaume olhar para você, desconfiará e tem poder suficiente para bloquear o processo do divórcio.

— Pois então que bloqueie! — Julie ergueu o queixo, numa atitude desafiante que nunca demonstrara antes. — Guillaume não pode me prender em casa, nem me acorrentar. Estamos em 1802 e não na Idade Média. E, se ele impedir o divórcio, viverei com você de qualquer modo!

— Não, Julie. Eu preciso lhe contar algo muito sério e de extrema importância nesse caso. Sei o quanto Guillaume deseja um herdeiro, sempre soube que... — o trovão, agora mais próximo, começava a abafar sua voz já baixa demais. — Desde o primeiro dia, fiquei sabendo porque ele me contou... ele me pediu... Mas o que está acontecendo?

O ruído, que soara como um trovão distante, agora ecoava com insistência e o som, mais alto do que sua voz, vinha da porta de entrada. Sebastian teve a impressão de ouvir alguém gritando e logo pensou em um incêndio. Saltando da cama, acendeu o lampião para encontrar as roupas, pois já não havia dúvidas em sua mente. A seca se prolongara demais e qualquer fagulha provocaria labaredas incontroláveis!

— É melhor eu atender antes que destruam a porta.

Sebastian não mencionara a possibilidade de um incêndio para não alarmá-la desnecessariamente, mas Julie continuava totalmente concentrada nos problemas referentes ao divórcio. Talvez fosse mesmo mais prudente ficar na Inglaterra, pois levaria três dias para chegar a Paris e seu corpo estava mudando com uma rapidez assustadora. Como pedir o divórcio ao marido sem despertar-lhe a suspeita de que ela carregava no ventre o mais cobiçado tesouro e o único ainda fora do alcance da ganância de Guillaume Farroux?

Mas Sebastian era um homem em quem sempre poderia confiar! Ele só desejava o

melhor para o futuro que agora lhes pertenceria. Tinha esperado mais entusiasmo ao revelar-lhe uma notícia tão maravilhosa e surpreendera-se com seu nervosismo e uma hesitação momentânea. Talvez fosse efeito da surpresa e da felicidade. Não lhe pedira para ser a mãe dos seus filhos? Então, por que insistira, quase desesperadamente, em poupá-la, impedindo que se encontrasse com Guillaume? Por que tanta ansiedade? Ele voltou ao quarto mais rapidamente do que Julie esperava, assustando-a com a palidez excessiva.

— É Domenico. Ele está muito mal e quer que eu vá até lá para... — a voz de Sebastian tremia. — Não me pediria isso se...

A sra. Jenkins mandou uma mensagem para Londres e Cecil enviou Jared até aqui com a notícia.

A angústia na voz de Sebastian comoveu Julie, que sentiu uma necessidade urgente de demonstrar seu apoio. A relutância em visitar um padre enquanto não se arrependia de viver em pecado já não importava.

— Eu irei com você, querido — declarou, levantando-se da cama. — Quero ajudá-lo a...

— Não temos mais tempo. Eu irei a cavalo e usarei o de Jared, que está acostumado a percorrer longas distâncias. Preciso chegar o mais rápido possível! Com pude negligenciá-lo assim?

— Então diga-me o que devo fazer para ajudá-lo.

— Jared é funcionário de nossa firma em Londres e passará esta noite aqui. Conte tudo a sra. Pettersley, que cuidará dele até Pim levá-lo de volta. Mas nada disso importa, querida. Só lhe peço que me espere aqui. Por favor, mantenha a serenidade e em breve estarei de volta. Quando eu chegar à Cornualha, mandarei uma carta e... deseje-me boa viagem, amor.

Depois de abraçar Julie, ele ainda hesitou antes de sair.

— Por favor, espere por mim. — A voz de Sebastian era suplicante. — Não faça nada antes de minha volta e... cuide do nosso filho!

O tempo parou de passar em Bryony após a partida de Sebastian. Julie sentiu-se abandonada, e o prazer daquelas semanas mágicas deixaram de ser uma realidade para se transformar em um sonho que fora abruptamente interrompido. Ela tentava reagir, convencendo-se de que sua depressão logo passaria, mas não conseguia afastar um pressentimento perturbador. O destino lhe armara mais uma cilada e, com um único golpe, arrancara de sua vida a felicidade infinita do momento presente e as esperanças de um futuro de amor. Estava novamente presa à angústia das intermináveis esperas.

Como pudera pensar que aquela tortura de viver sempre aguardando a volta de Sebastian tivesse terminado para sempre? Bastara um mensageiro surgido das trevas da noite e perdera novamente as esperanças. Nada no mundo era permanente, nada era real... a não ser a criança crescendo em seu ventre. Ninguém alteraria o ritmo da natureza por um capricho ou em função de compromissos inadiáveis.

Sebastian lhe implorara para permanecer na Inglaterra, sem tomar providências além de pedir que esperasse por sua volta. Ela queria cumprir esse desejo do homem que amava com uma paixão infinita, mas, a cada dia, custava-lhe um esforço maior continuar passiva. Embora passeasse todos os dias, sentia a solidão crescer. Tentou encontrar livros que a distraíssem, mas na biblioteca só havia os antigos livros de Sebastian, usados no seminário, compêndios de navegação, astronomia e correntes marítimas. Nem um único romance!

E o isolamento se agravava porque não conhecia ninguém em Bryony Manor. Não era convidada para os eventos sociais e sentia uma falta imensa de suas conversas com Anne-Marie e Josephine. Sem a presença de Sebastian, o riacho límpido, as flores do campo e as framboesas silvestres perderam todo o encanto.

Talvez não notasse a lentidão das horas se ocupasse parte desses dias para dar

notícias suas aos parentes maternos, uma tarefa que adiará durante os dois meses mágicos ao lado de Sebastian.

Depois de passar um longo tempo fitando as páginas em branco, concluiu que, se não pretendia abrir seu coração, nada teria a relatar. Como não poderia falar sobre o filho sem admitir publicamente quem era o pai, não havia motivo para escrever cartas! Nove longos dias de interminável espera tinham se passado, quando chegou a tão ansiada carta de Sebastian.

*"Minha querida Julie,*

*Domenico está morrendo e o acompanharei até o último passo de sua jornada na terra. O médico afirmou que o fim não tarda a chegar e, diante de tanto sofrimento e dor, peço a Deus que abrevie essa tortura e o abençoe com uma morte rápida, mas, ao mesmo tempo, rezo para não perdê-lo. Coloquei uma cama em seu quarto para que ele me veja ao abrir os olhos e fale quando tiver forças. A maior parte do tempo, porém, seguro as mãos frágeis de um velho que dorme, derrotado pela doença.*

*Espero que consiga decifrar minha letra, distorcida pela má posição de escrever sobre um colchão. Não quero sair do quarto nem por um instante. Como Domenico dormirá por cerca de uma hora, decidi informá-la sobre as providências a serem tomadas em relação a tudo que foi interrompido por minha súbita partida. Tentei organizar uma lista de prioridades. Preciso informar Ned de meu endereço atual e tenho de ir a Londres para resolver os problemas negligenciados por tanto tempo. Ficarei alguns dias na cidade e então retornarei à Cornualha para regularizar os problemas referentes ao testamento de Domenico.*

*Só mandarei outra carta quando souber o dia de minha chegada em Londres, e então você irá esperar-me na casa de Park Lane. Voltaremos juntos para a Cornualha e sua presença me reconfortará durante minha penosa tarefa.*

*Sinceramente seu, Sebastian"*

Descontrolada pela frustração, Julie amassou a carta mal escrita, contendo o impulso de jogá-la na cesta de lixo. Sebastian não mencionava a inadiável viagem a Paris e aparentemente o encontro com Guillaume deixara de ser urgente!

Relembrando seu olhar ao se despedirem, admitiu que todos os problemas tinham perdido a importância diante da morte do pai. E envergonhava-se de sua reação egoísta. Compreendia a agonia de Sebastian e sabia da impossibilidade de empreender uma viagem tão longa em seu estado. Não havia como evitar a separação. Mas, até quando poderia esconder a gravidez? A inquietação e o pânico acabaram por dominá-la.

Um velho talvez levasse semanas agonizando, mas a vida nova que crescia em seu ventre não esperaria por uma data conveniente para se revelar ao mundo. Ela não podia esperar mais.

Depois de avisar aos criados que partiria na manhã seguinte, escreveu uma carta a Sebastian, já no vestíbulo e com as malas prontas.

*"Meu amor,*

*Não consigo continuar passiva, sem tomar uma atitude que resolva nosso problema. Amanhã estarei partindo para Londres com destino a Paris.*

*Meu coração ficará com você na Cornualha, mas não posso deixar à mercê do acaso um assunto tão importante quanto o futuro de nosso filho. Asseguro-lhe que Guillaume não terá como desconfiar do meu estado e, para garantir isso, não posso perder um único dia. Sem saber da verdade, não encontrará motivos para impedir nossa união, pois insistirei que pretendo passar o resto de minha vida a seu lado, divorciada ou não!*

*Quando você receber esta carta, eu terei, com a ajuda de Deus, dado a notícia a*

*Guillaume. Provavelmente estarei na casa de Anne-Marie, porque não ficarei sob o mesmo teto que ele. Portanto, não se preocupe comigo, amor. Quase morri de saudade, mas a decisão de agir e lutar por nosso futuro renovou minhas energias e, embora preferisse contar com sua presença, sei que esta é a melhor solução. Não sou mais uma criança e, como uma mulher madura, serei capaz de enfrentar qualquer situação e resolver qualquer problema, principalmente porque carrego no coração a certeza de seu amor e no ventre a prova de nossa união apaixonada.*

*Prometo que lhe enviarei uma carta logo depois de ter comunicado a Guillaume o meu pedido de divórcio. Lembra-se que me pediu para confiar em você? Eu lhe faço o mesmo pedido. Por favor, acredite que será melhor agir do meu modo. Apesar de tudo, devo a vida a esse homem, e o mínimo que posso oferecer-lhe em troca de um presente tão valioso é dar-lhe pessoalmente essa notícia.*

*Até o nosso próximo encontro, meu adorado futuro marido, ficarei contando o minutos que faltam para nos unirmos pelo resto da vida.*

*Sua apaixonada Julie."*

Em uma ensolarada manhã de verão, Domenico sentiu a dor que prenunciava a morte. Era a terceira crise e, embora o médico Adam Bolan acreditasse que repouso e boa alimentação dariam resultados positivos, ele aceitara o aviso divino. Cada amanhecer o encontrava mais debilitado e só continuava a resistir contra o sono derradeiro porque ainda tinha esperanças de que il piccolo chegasse antes do fim.

A proximidade da morte transformara seu rosto em uma máscara sombria, mas ele não se rendia, reagindo à dor e lutando para ganhar tempo. Quando sentia que estava prestes a ceder à tentação de se entregar ao Pai, retornava ao passado que nunca perdia o poder de alertá-lo sobre a necessidade de se manter vivo. Via, ouvia e falava...

Velas acesas com suas chamas oscilando ao vento que entrava na capela de pedra fria. A fisionomia amarga da viúva, ereta e vestida de preto da cabeça aos pés. O caixão...

— *Deus a abençoe, Tizzi. Perdoe-me mas preciso partir antes de a maré mudar.*

— *Você veio para a missa, um presente que eu não esperava, Domenico.*

*Enquanto caminhavam até o cais, ela aproveitou os únicos minutos de isolamento e permitiu que o coração falasse.*

— *Como está ele? É parecido com algum dos meus filhos?*

— *Com seus outros filhos? — A ironia passou despercebida. — Agora que completou catorze anos, é possível notar uma ligeira semelhança com você nessa idade. Mas, sem dúvida, herdou sua vontade férrea, Tizzi.*

*Ela não revelava emoção alguma, o rosto impenetrável como os das imagens de pedra esculpida da capela. Dera à luz catorze filhos e só oito sobreviveram ao primeiro ano de vida. Sem dúvida, Sebastiano representava uma dessas crianças que Deus lhe tirara tão cedo.*

— *Agora já não existe nenhum motivo para ocultar a verdade. Um grupo vestido de negro saía da capela e caminhava na direção da casa. Fingindo observá-los, Domenico ganhou tempo até encontrar as palavras certas.*

— *Ele pensa que perdeu os pais logo após seu nascimento. Irá odiá-la se descobrir que você o abandonou deliberadamente.*

— *Não quer contar-lhe, não é? Pois bem... o ódio de um filho será a punição que mereço.*

— *Não pensou na punição que ele sofrerá... sem merecer? E por que o golpe brutal tem de ser desferido por minhas mãos?*

— *Você é o padre, Domenico. Você o criou, amou-o como um pai e sabe o que é*

*melhor para ele. Você tomará também essa decisão e eu a aceitarei.*

O som das ondas que acompanhara aquela conversa transformou-se em uma sucessão de ruídos dissonantes, muito próximos, e afastaram o passado. Vozes e passos soavam a seu lado, só não ouvia il piccolo, e por isso precisava continuar a luta. Tentou tomar o caldo que lhe ofereciam, mas o único alimento ainda necessário era a presença do seu menino. E lhe restavam tão poucos minutos de vida...

No entanto, passara dezoito anos sem revelar a Sebastião suas verdadeiras origens. No passado, acreditara que a verdade não mudaria a vida da criança criada por ele. Agora se arrependia do tempo perdido e lhe daria o último presente. Após anos de mentiras, evasões e dissimulação, queria ser perdoado, não por Deus, que o acolheria com Sua misericórdia, mas por Sebastião. Alcançaria essa graça ou morreria pecando por omissão?

A voz da sra. Jenkins tentava animá-lo, afirmando que Sebastian chegaria a qualquer minuto e precisava alimentar-se para esperá-lo. Domenico não queria gastar suas forças explicando que era Deus quem o mantinha vivo, abençoando-o com uma última visão do filho adorado e o tempo necessário para contar-lhe tudo. Poderia deixar uma carta, mas desejava tanto transmitir essa notícia pessoalmente!

— Pai? — Padre mio?

Domenico revivera tantos anos em tão poucos dias que perdera a capacidade de avaliar a passagem das horas. Às vezes abria os olhos à noite, outras pela manhã, e em sua mente conversara com il piccolo diariamente e já não sabia quando ele estava ou não ao seu lado.

— Pai? Estou aqui. Eu cheguei, padre mio.

Abrindo os olhos com relutância, por medo de estar novamente sonhando, Domenico viu o rosto querido flutuando a sua frente. Só após algum tempo, quando o rosto continuou nítido, acreditou que Sebastian estava mesmo em casa. Grazie a Dio! Ele chegara antes!

Depois de sentir os braços de Sebastian o envolverem e deixar suas mãos já frias entre as dele, Domenico reuniu as forças para cumprir a última missão.

— Esta casa... Eu gostaria que ficasse para você, mas... pertence à Cúria Romana, figlio. Entretanto, tudo o que possuo será seu.

— Por favor, não vamos falar sobre isso, pai. Você está se esgotando e eu não pretendo ir embora. Temos muito tempo.

— Eu já esgotei o meu, figlio. A verdade sobre o seu nascimento... Tenho de contar-lhe agora. Esperei demais, foi um erro...

A dificuldade para continuar respirando impediu Domenico de prosseguir. Fechando os olhos, começou a luta contra a dor, pedindo a Deus só mais alguns minutos.

— Tome o remédio que o dr. Bolan receitou, pai. A sra. Jenkins me disse que se recusa a tomá-lo e...

Com um gesto de negação, Domenico recusou mais uma vez. Precisava de lucidez, e o ópio contido no remédio perturbaria sua mente. Depois que completasse a derradeira tarefa, haveria tempo para tomar todos os entorpecentes que aliviarium suas dores.

— Eu o enganei deliberadamente, figlio.

Sebastian teve de aproximar-se ainda mais para poder ouvir a voz quase sussurrante de Domenico.

— Sua mãe não morreu e você nunca soube a verdade sobre ela. Era minha prima e uma amiga de infância que sempre continuou merecendo minha amizade.

O dom para a diplomacia, sempre aplaudido em sua vida de sacerdote, desaparecera no momento em que mais precisava desse talento. Perdera a sutileza, não encontrava as palavras certas e só lhe restavam os fatos, sem disfarces que amenizassem o golpe.

— Você era filho ilegítimo, e ela pediu-me para criá-lo porque não podia revelar a

verdade ao marido. Não é meu filho, como sempre pensou, Sebastian. Seu pai nunca soube de sua existência, e o sobrenome que usa, Ramolino, é o mesmo de sua mãe quando solteira. O marido morreu há dez anos e eu estava livre para contar-lhe tudo e devia ter tomado essa decisão, mas hesitei. A cada ano que passava, sentia a dificuldade crescer e, para justificar minha covardia, diminuía a importância desse fato. Mas a verdade precisa ser dita, sempre é importante, sempre...

Sebastian nunca ignorara que seu sobrenome inglês derivava de Ramolino. O fato de sua mãe ainda estar viva não o interessava mais, porque a considerara morta durante toda sua vida. Só se importava com o esforço de Domenico, um desperdício desnecessário de forças diante de revelações sem importância.

— Você é o pai que eu amo. Sempre me considere seu filho, e os detalhes não significarão nada para mim. Descanse um pouco, padre mio. Conversaremos mais tarde.

— Não... Sua mãe... Ela não é um detalhe. A sua prosperidade... o motivo de tanta sorte é Letizia Ramolino, esposa de Cario. É capaz de me perdoar, figlio!

— Não há nada a perdoar, pai. Eu te amo e isso basta.

A expressão de alívio durou muito pouco no rosto de Domenico, que logo voltou a demonstrar a mesma ansiedade.

— Vá procurá-la... em Paris. Está tudo no meu testamento. Ela dirá quem é seu pai... Um francês que não conheci... Mas não importa, ele...

— Ela também não é mais importante, pai.

A voz dura de Sebastian revelou a Domenico qual fora seu erro. Os nomes não significavam nada para ele, por isso precisava ainda de mais um esforço. Ele tinha de compreender... Tinha de saber!

— Cario di Buonaparte — murmurou Domenico, já quase sem forças.

E Sebastian continuava calado, sem demonstrar que reconheceria o nome.

— Figlio mio... por amor a mim, ouça-me com atenção. — Ele respirou fundo, e a dor intensa assustou-o por acreditar que seria a última, mas ainda conseguiu falar: — Você tem oito irmãos. O mais próximo de sua idade... chama-se Napoleão... Napoleão di Buonaparte.

## CAPÍTULO XIV

A surpresa de Babette ao atender à porta e encontrar sua patroa de volta da viagem foi seguida por tantas outras que ela começou a imaginar se aquela mulher decidida seria mesmo a suave madame Farroux ou abrira a casa para uma desconhecida,

— Oh, madame! Seja bem-vinda! Só a esperávamos em...

— Obrigada, Babette. Eu imagino que estejam surpresos. — Julie avançou pelo vestíbulo com uma rapidez que deixou Babette e Jacques atônitos. — Realmente, voltei antes do previsto porque dois meses na Inglaterra... — Como não pensara na desculpa que daria aos criados, mudou de assunto. — O sr. Farroux já chegou? Não, claro que não! Só costuma vir para casa às sete e ainda são cinco horas, não é? Terei tempo para tomar um banho, portanto... Jacques! Pode deixar as malas aí mesmo e ir cuidar da água quente. Depois dessa terrível viagem, só quero a paz de meu quarto e repousar sem ser perturbada.

Julie começou a subir as escadas, imaginando o estado de choque dos criados. Ao chegar de viagem, não se fazia nada antes de abrir as malas para guardar as roupas nos lugares certos. Ela, pelo contrário, retornava ao lar e queria retirar o que ainda restava em seus armários. Seria um trabalho rápido, se Babette a ajudasse, porém não poderia mencionar o assunto aos criados sem antes falar com Guillaume.

— Avisem-me quando o sr. Farroux chegar — gritou ela do alto da escada, assustando ainda mais os criados. — Se eu estiver dormindo, me acordem, por favor!

Então Julie entrou no quarto que ocupara durante tantos anos e sentiu-se uma intrusa. As capas de tecido grosso sobre os móveis aumentavam a impressão de abandono. Abrindo as janelas para admirar Paris, um de seus poucos prazeres em oito anos de um casamento baseado em falsidades, olhou apenas de relance para a bela vista da cidade que não se importava em perder. Seu novo mundo teria horizontes mais amplos.

Conseguiria descansar após os dois dias exaustivos da viagem entre Londres e Paris, se a tensão não a impedisse até de permanecer sentada. Ouvia os passos de Babette e Jacques enchendo a enorme tina de madeira com água quente e sentiu saudade de Bryony, onde bastavam abrir as torneiras! Estava ficando mal-acostumada!

— O banho está pronto, madame.

— Obrigada, Babette. Eu a chamarei quando terminar.

A decepção nos olhos da criada, que se preparara para ouvir o relato da viagem, preocupou Julie.

— Não fique magoada, por favor. Eu viajei dois dias rodeada por pessoas estranhas, preciso ficar sozinha. Logo o sr. Farroux chegará e não terei mais tempo. Entenda minha necessidade de solidão, Babette. Prometo que a chamarei para ajudar-me a sair do banho.

Percebendo que a criada não se conformara com aquela explicação, Julie trancou a porta para evitar uma surpresa desagradável. Seu corpo já mudara muito e não podia correr riscos que ameaçassem o sucesso de seus planos. Há três dias não se via em um espelho grande, e quando foi buscar as toalhas, já despida, viu acidentalmente sua imagem. Em pânico, aproximou-se mais e não conteve uma exclamação de susto.

— Meu Deus! É impossível! Em apenas três dias...

Os seios estavam ainda mais cheios e os mamilos, antes rosados como coral, tinham escurecido. Por um instante, esqueceu dos problemas que essas alterações causariam e pensou em Sebastian. Por quanto tempo suportaria o desejo de senti-lo acariciar seu corpo? E quantos meses restariam para se entregar à paixão antes de o médico proibir-lhes os prazeres do sexo por causa do parto?

— Você é uma criatura despudorada, Julie! — murmurou ela, ao afastar-se do espelho com relutância. — Está grávida, carregando no ventre o fruto do seu pecado e ainda tem coragem de pensar em prazeres proibidos?

Um pecado que não seria absolvido enquanto continuasse casada com Guillaume, um motivo a mais para desfazer com toda a rapidez o contrato feito a sua revelia. Seu pai a enviara ao homem com quem se casaria, e o marido que ela não escolhera, embora tivesse lhe dado seu nome e sua proteção, não transformara a união vazia em um casamento. Agora Julie sabia o que significava uma ligação alicerçada pelo amor e não se sentia com forças para esperar.

Que ironia! A escolha do vestido certo decidiria seu destino? Se usasse uma cor escura e um modelo sem pregas e com babados de renda para disfarçar o volume dos seios, Guillaume pensaria apenas que ela engordara alguns quilos em dois meses de viagem. Não era muito!

Às seis e meia, Julie já se vestira e, recostada na espreguiçadeira, continuava repetindo as palavras que diria ao marido. Iria avisá-lo de que precisavam conversar seriamente e se esforçaria para ter tato e diplomacia, a fim de evitar uma discussão

desagradável. E, acima de tudo, não podia perder a calma ou acabaria revelando o segredo que destruiria seus planos de felicidade.

A voz de Guillaume ecoou no vestíbulo.

Aquele som despertou em Julie uma necessidade irracional de agir cautelosamente. Então, em um momento de percepção mais aguda, ela reconheceu que esse impulso era uma sensação familiar, permanente e sempre provocada pela presença do marido. A reação instintiva se transformara com o passar dos anos em um hábito, tão integrado em sua personalidade que só agora tomava consciência desse comportamento anormal. Nunca fora uma esposa, apenas uma prisioneira! E pensar que precisara ficar dois meses longe de casa e ao lado de Sebastian para, na volta, ouvir a voz de Guillaume e descobrir o seu verdadeiro temperamento!

Ela não era essa mulher que refreava as emoções, com movimentos suaves e contidos, prudente até em seus pensamentos, incapaz de falar sem escolher e pesar cada uma de suas palavras. A criança que se casara com Guillaume fora forçada a crescer entre as paredes de uma cela, encarcerada dentro dessa criatura reprimida. Adaptara-se a uma prisão unicamente para sobreviver. A esposa submissa não tinha a menor semelhança com a verdadeira Julie.

Uma mulher escapara do cárcere que era seu lar, fugindo das muralhas erguidas ao seu redor pelo sofrimento do passado e pelo medo do futuro, para renascer nos campos verdes da Inglaterra. Surgira uma Julie sensual e consciente de seus desejos, capaz de viver as emoções em toda a sua plenitude e amar sem reprimir o delírio da paixão. Ela reconhecia em sua nova personalidade a firmeza, a força necessária para tomar suas próprias decisões, decidir em que momento precisava agir, e por isso assumira a responsabilidade de vir a Paris e enfrentar Guillaume.

Ao ouvir os passos dele subindo a escada, Julie não perdeu tempo prendendo os cabelos ainda úmidos. Não pretendia desperdiçar nem um segundo. Chegara a hora de quebrar os grilhões e, respirando fundo, encheu-se de coragem para enfrentá-lo.

— Juliette! — Ele parou, surpreso por encontrá-la tão cedo. — Vi suas malas no vestíbulo... O que houve?

Julie esperou que o marido chegasse até o patamar da escada para responder.

— Nada além... de uma decisão que tomei. Precisamos conversar, Guillaume. É urgente e de extrema importância... Poderíamos ir para seu escritório?

Enquanto o acompanhava até a saleta sombria e sem enfeites, Julie ainda não se recuperara do choque que sentira diante da velhice do marido.

— Sente-se, Juliette. — Ele acomodara-se atrás da escrivaninha, com a atitude de um professor que concede seu precioso tempo a uma aluna medíocre. — É visível que nada de grave aconteceu. Está corada, mais gorda...

— Guillaume, eu... — ela o interrompeu, ansiosa por livrar-se daquela situação penosa. — Eu tenho um amante. Sinto muito por enganá-lo assim, mas... encontrei alguém...

— Sebastian Ramlin.

Guillaume não fizera uma pergunta e, diante dessa afirmação, Julie sentiu-se extremamente aliviada. Sem dúvida, o marido já desconfiara há muito tempo de sua traição, portanto não teria de explicar todo o caso.

— Estamos apaixonados e vamos nos casar, Guillaume. Eu sinto muito. Jamais esquecerei tudo o que fez por mim, mas quero iniciar logo o processo de divórcio para podermos marcar a data...

— Não há por que pedir-me desculpas, Juliette. Aliás, também não existe nenhuma necessidade de pedir-me o divórcio. Nosso casamento foi excessivamente insatisfatório para você e nunca neguei-lhe a liberdade de procurar uma compensação para essas falhas, desde que fosse discreta. Compreende o que estou dizendo, não?

— Eu comecei a entender suas intenções há algum tempo, Guillaume. Entretanto,



não estou me referindo a distrações para aliviar meu tédio e sim a um amor verdadeiro. Encontrei o homem ao lado de quem quero passar o resto dos meus dias. Nós desejamos partilhar uma vida, não viver horas roubadas.

— Está bem. — A expressão dele não se alterara e a voz também se mantinha calma. — É evidente que não posso impedi-la de exercer direitos concedidos por lei. E sua atitude demonstra que sabe quais os recursos ao seu alcance.

A rápida aquiescência de Guillaume alarmou Julie. Acabara se convencendo de que, após o choque inicial, o marido veria a impossibilidade de negar-se a lhe dar o divórcio, mas esperara um mínimo de resistência. Por que ele não insistira, antes de consentir? Por que estava sendo tão fácil?

Aproveitando o silêncio perplexo de Julie, Guillaume analisou mais atentamente as mudanças em sua esposa. Os contornos de seu rosto ainda mais suaves transmitiam a glória serena de uma madona, e o corpo sugeria a fecundidade de uma jovem fértil, prestes a frutificar. Ele esperava que fosse verdade, mas, mesmo se os sinais não significassem uma gravidez, chegara a hora de destruir Sebastian Ramlin.

— Imagino que vá viver na Inglaterra e entendo seu desejo de mudar, porque a França sempre será um lugar com lembranças mágicas para você. — Extremamente calmo, ele falava olhando para as próprias mãos. — Também compreendo que a perspectiva de uma união com Ramlin seja atraente sob todos os pontos de vista. Em resumo, respeito sua decisão e não pretendo opor-me nem criar problemas.

— Eu lhe agradeço a compreensão, Guillaume. — Julie nem tentou disfarçar seu alívio. — Muito obrigada.

— Entretanto continuarei a me interessar por você, quero que tenha uma vida feliz. Para isso, preciso certificar-me se sabe tudo que deve saber sobre seu futuro marido... antes de dar esse passo tão sério.

— É lógico que sei! Conheço Sebastian há mais de quatro anos, durante os quais o vi...

— Tomei conhecimento de todos os encontros, cara Juliette. Só que... eu o conheço há mais tempo ainda.

— Você? É impossível!

— Foi através de mim que ele a conheceu.

— Não é verdade! — Erguendo-se, Julie inclinou-se sobre a escrivaninha do marido. — Nos encontramos uma noite na ópera, por mero acaso, quando...

— Não — ele a interrompeu friamente. — Não foi por mero acaso. Só Deus sabe o quanto eu daria para lhe poupar esse aborrecimento, minha querida Juliette. Cheguei a acreditar que você nunca precisaria saber, mas para seu próprio bem e do seu filho, sinto-me obrigado a falar, por maior que seja o sofrimento.

— Falar o quê? — O olhar de Julie refletia desafio e hostilidade. — E saber o quê!

— Sebastian Ramlin concordou em conhecê-la porque eu lhe pedi. Tente ser racional, sim? Nós dois tínhamos problemas que exigiam soluções urgentes. Ele precisava de dinheiro e influência política para facilitar suas especulações no comércio marítimo e evitar a falência. Eu podia ajudá-lo. Eu precisava de um herdeiro. Ele podia ajudar-me.

— Não é importante. — Julie não reagiu com a violência esperada. — As circunstâncias que tenham ou não motivado nosso primeiro encontro não significam nada. Nós estamos apaixonados.

— Fizemos um acordo. — Guillaume perdeu a paciência. Julie não entendera porque se recusava a abrir os olhos para a realidade. Na verdade, havia previsto essa reação e, embora preferisse não chocá-la mais do que o necessário por causa da possível gravidez, ela estava pedindo para ser magoada. — Nesse acordo, ele se dispunha a seduzi-la até que se comprovasse uma gravidez, e então eu usaria minha influência para ajudá-lo. Nós dois imaginamos que você ficaria grávida durante aquela

primeira estada de vinte dias em Paris e, quando nada aconteceu, foi preciso continuar tentando. Aliás, a sugestão dessa viagem à Inglaterra partiu de Sebastian.

— Eu não acredito em uma única palavra dessa história, Guillaume. — Embora lívida, Julie ainda não se descontrolara. — É tudo mentira!

— Infelizmente, só lhe resta acreditar, minha cara. Ramlin estava com algum tempo livre de compromissos e convenceu-me de que, depois de quatro anos sem sucesso, ele conseguiria cumprir o acordo se tivesse um período mais longo a seu lado e, acima de tudo, na Inglaterra, onde você passou os momentos mais felizes de sua vida.

— É mentira! Mentira! — Finalmente perdendo o controle, Julie começou a gritar e cobriu os ouvidos com as mãos. — Não quero ouvir mais nada, nem uma só palavra!

Guillaume levantou-se de sua poltrona, como sempre no momento certo e, segurando os pulsos de Julie, forçou-a a tirar as mãos dos ouvidos.

— E desta vez ele conseguiu, não é?

Empurrando-o com violência, Julie soltou-se das mãos do marido e o fitou com ódio. Se no início ficara apenas revoltada com a maldade de Guillaume, agora não controlava uma fúria que jamais sentira antes. Ereta, com os punhos cerrados erguidos diante do peito e olhos brilhantes como labaredas, ela o enfrentava com a força que só uma mãe possuiria.

— Creio que sua atitude já seja uma resposta suficiente, mas devo insistir em ouvir suas palavras. Vai ter um filho?

— Sim! Estou grávida e você jamais terá essa criança, Guillaume Farroux! É meu filho... e de Sebastian, entendeu bem? Nenhum truque sujo de um advogado velhaco e diabólico irá arrancar dos pais o fruto legítimo de seu amor! Não há nada que possa tramar para mudar essa realidade. Nada!

Subitamente Guillaume recuou, chocado com a explosão de raiva de Julie, que sempre demonstrara uma calma inalterável até nos momentos mais trágicos. Por alguns instantes, se deixara contagiar pela fúria da esposa, embora odiasse cenas dramáticas. Agora, felizmente, conseguira recuperar o controle.

— Tem toda a razão, Juliette. Não existe nada que eu possa fazer neste caso. No entanto, repito que continuo disposto a criar essa criança como um filho legítimo e meu único herdeiro. E você? Continua disposta a confiar o seu futuro a um homem que a enganou deliberadamente? Um conquistador profissional que a seduziu por dinheiro?

— É evidente que não! — Julie ficara um pouco mais calma após o desabafo. — Vou confiar minha vida a Sebastian Ramlin e, francamente, cansei de ouvir suas mentiras absurdas a respeito dele.

Sorrindo, Guillaume aproximou-se da escrivaninha. Apesar de dizer que não ouviria mais as suas mentiras, Julie não saíra do escritório. Agora que o auge da crise fora ultrapassado, ele daria o golpe de misericórdia!

— Entendo sua relutância em acreditar nas minhas palavras, Juliette. Como já lhe disse antes, faria tudo para lhe poupar esse sofrimento e sinto muito por não poder evitar uma situação que causará danos irreparáveis. Se ao menos eu tivesse previsto que esse relacionamento fosse ficar tão sério! Infelizmente, é tarde demais para lamentar um erro, e só desejo provar-lhe que não menti.

Depois de retirar um envelope da gaveta que trancava sempre a chave, Guillaume colocou-o sobre a escrivaninha, recuando lentamente em direção à porta.

— Não posso mais protegê-la da verdade. Aqui está a prova e, como você é responsável por si mesma e por seu filho, tem o dever de lê-la antes de dar um passo muito sério, do qual poderá se arrepender. Vou deixá-la sozinha. Depois que chegar a alguma conclusão sobre este assunto, aceitarei sua decisão.

Imóvel, Julie o viu sair do escritório e só então voltou a sentar-se. Sem forças nas pernas, ela se mantivera em pé apoiando-se à escrivaninha, apenas para não revelar, diante do marido, seu estado de total descontrole. Agora o documento incriminador estava

diante de seus olhos, um simples envelope branco, idêntico a milhares de outros. Nas costas, o lacre do carimbo oficial de Guillaume Farroux manchara, com o rubro vívido do sangue, a alvura do papel. Virando-o de frente, ela não encontrou o nome que imaginara, só a palavra "Confidencial",

O breve contato com o papel provocou-lhe náuseas, e Julie recuou, ficando o envelope com o olhar de uma criança apavorada pelos monstros criados por sua imaginação. Como podia duvidar do amor de Sebastian? Ele a adorava e tinha dignidade demais para se envolver em uma trama tão infame. E Guillaume não merecia seu ódio, apenas compaixão e desprezo por ter se desmoralizado tanto, levado pelo desespero de perder aquela oportunidade única de conseguir o ansiado herdeiro.

Por que não pensara nisso antes? O seu marido sempre fora capaz de manipular astuciosamente as pessoas, mas nunca chegara a envolvê-la nas armadilhas criadas por sua mente diabólica. Até agora... até deparar-se com uma situação insustentável. Ele queria a criança e tentaria o mais hediondo dos crimes para vencer essa batalha. O tal documento não devia passar de um truque sujo, e se amedrontara sem motivo. Confiante, Julie abriu o envelope.

As palavras não ocupavam nem a metade da folha, mas ela foi direto ao final, sem olhá-las, para verificar as assinaturas. Não teve dúvidas sobre a autenticidade, pois conhecia a letra de Sebastian melhor do que a de Guillaume. Certa de que não houvera falsificação, leu o documento, do começo ao fim, sem chorar ou se entregar ao desespero.

Afinal, uma folha de papel não teria o poder de alterar o rumo de sua vida ou destruir a felicidade que sonhara se não fosse confirmada pelas palavras de Sebastian. Precisava ouvi-lo antes de tirar conclusões errôneas e, enquanto o esperava, o filho receberia os cuidados necessários. Pela criança, manteria a calma, se alimentaria bem e tentaria dormir bastante, como se o seu mundo não estivesse prestes a desabar de um momento para o outro.

— Vamos ver! — murmurou Julie, enquanto guardava o documento novamente no envelope. — Basta esperar e tudo se esclarecerá.

Mas, escondido no fundo de seu coração, o medo começava a crescer e um pressentimento lhe dizia que já vira demais e nunca apagaria de sua mente aquelas palavras infames.

Com a carta na mão, Julie saiu do escritório. No andar inferior, as portas da sala de jantar estavam abertas e chegava até ela o som de porcelana e cristal sendo colocados sobre a mesa. Ouvia também a voz fina de Babette, cantando enquanto trabalhava. Naquela noite, nem tentaria forçar-se à comparecer ao jantar, porque, além da presença de Guillaume, que lhe provocaria náuseas, não conseguiria comer. Mesmo lembrando-se da necessidade de alimentar o filho, sentia-se incapaz de enfrentar a rotina da qual acreditara ter fugido para sempre.

Os criados tinham suas ocupações e, àquela hora, mal lhes sobrava tempo para atenderem à porta. Assim, precisaria esperar até o final da refeição para pedir-lhes que levassem suas malas para o quarto. Afinal, ainda não escapara da prisão...

## CAPÍTULO XV

### Cornualha

Ele morreu com a mesma dignidade e altivez que sempre caracterizara sua vida. O homem bonito, de aparência aristocrática e talentos raros, que poderia ter sido um dos Príncipes da Igreja e abandonara a brilhante e promissora carreira pelo amor de uma criança, jamais se arrependera da escolha e tinha uma expressão de felicidade no rosto etéreo quando sorriu, pela última vez, ao filho de seu coração. Naquela tarde de julho, Domenico partiu junto com o sol que desaparecia no horizonte. A aurora iluminaria novamente o mundo, mas o pai e amigo que aconselhara e confortara Sebastian não mais retornaria.

Domenico já completara sessenta e seis anos e acreditava ter realizado sua missão na Terra. Sebastian, porém, não estava preparado. Sempre fora incapaz de pensar na inevitável morte do único pai que conhecera. Como tantos outros filhos, ele perdeu o contato com a realidade, fugindo para um mundo onde as recordações felizes aumentavam a intensidade de seu complexo de culpa. Quantas vezes se esquecera de demonstrar seu amor? Por que o visitara tão pouco nos últimos anos? Como pudera negligenciá-lo tanto? Precisaria de tempo e solidão para conformar-se com essa perda irreparável. No entanto, o mundo não respeitava sua dor nem a barreira que tentara erguer ao seu redor, exigindo que assumisse seus compromissos.

Julie o esperava em Bryony e carregava no ventre um fruto do amor. Cecil o aguardava em Londres e contava com sua presença para tomar decisões urgentes. Ao seu redor, os criados de Floríscombe o encaravam como crianças desamparadas à espera de uma orientação sua a respeito do funeral.

— O monsenhor deixou por escrito como ele gostaria de ser enterrado, master Seb — explicou a sra, Jenkins, com o rosto molhado por lágrimas que não cessavam de correr. — As instruções devem estar entre seus papéis particulares.

Só no dia seguinte, depois de ter iniciado os preparativos para o funeral e já na carruagem a caminho de Londres, Sebastian lembrou-se da revelação de Domenico.

Então, ele e Napoleão tinham a mesma mãe?

E essa mulher fora a força oculta responsável por seu sucesso! Ainda estava entorpecido demais para analisar com frieza essa surpreendente descoberta, embora não o suficiente para ignorar a ironia da situação. A única maneira encontrada para admitir os laços de sangue que os unia não tinha sido uma demonstração de afeto e sim de um materialismo frio mas, inegavelmente, magnânimo. Esse reconhecimento, mantido no mais absoluto segredo, lhe proporcionara triunfos, glórias e uma fortuna tão grande que o transformara em um dos homens mais ricos da Inglaterra. Sem dúvida, deveria sentir-se grato a essa Letizia, a mãe que o rejeitara ainda bebê e nunca mais o procurara, e ela despertava-lhe tanta afeição quanto a tagarela passageira sentada a seu lado na carruagem, uma completa desconhecida!

Em Somerset, Sebastian enviou uma mensagem a Julie, avisando-a de que viesse a seu encontro em Londres. Ao entrar no escritório em Blackfriars, sua primeira providência foi pedir a Jared que partisse imediatamente para Bryony a fim de buscá-la. Só depois dirigiu-se à sala do sócio.

— Deus do céu, Seb! — exclamou Cecil, quando viu o amigo à porta de seu escritório. — Você está com uma aparência assustadora. Sente-se, vou servir-lhe um conhaque...

Sebastian continuou encostado no batente da porta, cansado demais para explicar que não dormia há muitas noites, e, embora sua mente estivesse sobrecarregada de problemas, sentia-se arrasado, desprovido de qualquer reação emotiva, e só o desejo de rever Julie o mantinha em pé. Até a voz, inexpressiva e sem alterações no tom, demonstrava um esgotamento físico e espiritual que o distanciava da realidade.

— Domenico morreu. Virei ao escritório amanhã para pôr em dia os assuntos mais urgentes. Não quero conhaque, só ir para casa tomar um banho e descansar.

— Sinto muito, Seb. — Cecil colocou o braço nos ombros do amigo. — Eu o acompanharei no enterro, mas... você não devia ter feito esta viagem exaustiva. Por que não ficou lá até o dia do funeral? Não há nada de urgente.

— Terei de ficar na Cornualha por algum tempo após o enterro. Sou o executor do testamento, por isso achei melhor aproveitar esses poucos dias livres e vir até o escritório.

— Por favor... não aumente meu complexo de culpa, Seb. Não sabe como me arrependo por ter provocado aquela situação desagradável em Bryony. Foi uma atitude indesculpável de minha parte e a indicação de Chatsworth não passava de um pretexto, como logo percebeu. Tudo corre às mil maravilhas aqui no escritório, portanto esqueça-se deste problema. A sra. Farroux é uma mulher fina e... entendo por que ficou tão apaixonado. Eu jamais deveria interferir em sua vida particular, mas estava preocupado com seu estado de espírito e... ainda não criou coragem para contar-lhe a verdade, não é?

— Não.

— Então vá depressa para casa e descanse, rapaz. Tem de acabar de vez com essa agonia e pôr em ordem sua vida sentimental.

Na carruagem a caminho de casa, Sebastian esqueceu-se da exaustão e do sono para pensar em Julie, ansiando pelo conforto de sua presença, que não tardaria. Jared levaria menos de uma hora para chegar a Bryony e, se ela ainda fosse arrumar as malas, chegaria no máximo às sete da noite. Mas, como já a prevenira, certamente estaria pronta para partir.

Certo de que haveria tempo para barbear-se, tomar um banho e talvez até uma hora para descansar, Sebastian assustou-se quando ouviu alguém batendo à porta. Ainda nem fizera a barba, mas sua ansiedade de rever Julie era tanta que chegou ao vestíbulo antes de seu valete, George Farnham. Para sua surpresa, encontrou Jared, suado, coberto de poeira e tentando disfarçar a irritação por ter viajado inutilmente. A sra. Farroux partira de Bryony havia dois dias!

Só após três dias de interminável angústia, ele recebeu a carta que Julie enviara para a Cornualha.

"Quando você receber esta carta, eu terei, com a ajuda de Deus, dado a notícia a Guillaume..."

E certamente Deus a ajudaria a não viver mais em pecado! A estas horas, Julie já estaria sabendo de todos os detalhes daquele vergonhoso acordo. A angústia de não ter criado coragem para confessar a verdade desaparecera, deixando em seu lugar uma sensação de fracasso e um pressentimento sinistro. Agora, só lhe restava escrever a sua versão, sem tentar diminuir sua culpa nem justificar seus erros, e suplicar pelo perdão.

"Errei por covardia, guardando esse segredo tempo demais porque sentia medo. Só Deus sabe quantas vezes comecei a falar e recuei, ao imaginar a repulsa transfigurando seu rosto que sempre refletiu apenas amor. Eu voltava ao assunto e, então, a certeza de que a perderia roubava-me a coragem.

Não tentarei me desculpar. Sinto-me desprezível e sem moral ao me lembrar de que aceitei a infame proposta de Farroux, mas, se por dignidade eu recusasse, nunca a teria

conhecido. Sinto-me ainda mais vil pela falta de hombridade em não confessar a verdade quando descobri o que você significava em minha vida. Talvez nunca saiba o quanto eu a amo, porque não existem palavras com o poder de expressar um sentimento inextinguível. Imploro-lhe que saiba perdoar. Irei provar-lhe a força da minha paixão assim que termine de cuidar dos negócios de Domenico. Suplico-lhe que me espere... com paciência e com o coração ainda meu."

E, no entanto, essa situação que o apavorava também lhe trouxera uma sensação de alívio. Agora já não havia lugar para hesitações e dúvidas: ou Julie o perdoava ou o rejeitava. Infelizmente, não receberia tão cedo a sentença que o absolveria ou o condenaria, mas, ao menos, não fora ele quem a agredira com a brutalidade dos fatos.

Durante três semanas após o funeral de Domenico, Sebastian tratou de todos os detalhes referentes ao testamento com a eficiência incansável de uma máquina. Havia contas a pagar, pequenos legados e objetos pessoais a distribuir entre os criados, uma casa em Bath para vender, enfim, inúmeros detalhes que ocupavam sua atenção. A tristeza da perda e a preocupação com Julie permaneciam suspensas, à espera do momento em que cumprisse seu último dever filial.

## Paris

— Não pretendo comunicar-lhe minha decisão final enquanto Sebastian não me contar a sua versão dos fatos.

A voz de Julie, extremamente calma, não revelava a angústia provocada pelas trágicas revelações da noite anterior. Se Sebastian não conseguisse convencê-la de que Guillaume mentira, ela o afastaria de sua vida para sempre. Sofreria muito, mas, sem dúvida, seria mais fácil do que perdoar aquela desprezível traição.

Também sentia-se enojada com a atitude do marido, que se rebaixara a ponto de oferecer o corpo da própria esposa a qualquer homem disposto a possuí-la até gerar um filho. Mas Julie não amava Guillaume, não partilhava seu leito e poderia viver naquela casa sem nunca ser obrigada a vê-lo. Ele queria apenas o direito legal de paternidade, representado por uma simples assinatura em um papel oficial e, no caso de não se unir a Sebastian, teria de concordar ou seu filho não teria um pai.

A vida de Julie se transformou em uma longa espera. A primeira notícia a chegar deveria ser de Sebastian, o único capaz de restituir-lhe a felicidade ameaçada ou destruir-lhe as últimas ilusões. Só depois desse momento de decisão ela saberia onde nasceria seu filho, na França ou na Inglaterra. De qualquer forma, teria de enfrentar dias intermináveis e noites de insônia, mas queria passá-los sozinha. Lembrando-se de uma velha cadeira de balanço guardada no porão, pediu a Babette que a colocasse na saleta ao lado de seu quarto.

Ali, Julie escreveu a mensagem mais curta e áspera de sua vida: "Você seduziu-me por dinheiro? Venha e se explique pessoalmente". Ali conseguia dominar o pânico que frequentemente se avolumava em seu peito. Tinha de haver uma explicação racional! Dois homens fazendo um acordo que dispunha de seu corpo para atingirem seus objetivos? Impossível! A ideia lhe provocava um mal-estar tão intenso que evitava pensar nesse assunto, senão deixaria de comer e dormir. Agora não podia mais descuidar-se da saúde, precisava nutrir o filho que, apesar de ainda estar sem pai, já era seu.

Se ela desejasse companhia, bastaria avisar Anne-Marie ou Josephine, mas continuava evitando que as amigas soubessem de sua volta a Paris. Não queria ver ninguém enquanto ignorasse onde e com quem iria viver, e Sebastian não chegaria antes de um mês. Por sorte, a vinda do bebê a distraía, impedindo-a de permanecer presa ao círculo vicioso de seus pensamentos.

O dr. La Salle veio vê-la e confirmou a gravidez. Deu-lhe conselhos sobre as

atividades do cotidiano que deviam ou não ser alteradas e indicou-lhe uma excelente parteira, Marie Soubire.

— Não deve cavalgar, madame. Caminhar é um excelente exercício e benéfico para mulheres grávidas. Se tiver qualquer dúvida, pergunte a Marie Soubire. Se achar que se trata de um problema mais grave, mande me chamar.

Na semana seguinte, Julie conheceu a parteira, uma mulher alta que inspirava respeito e obediência total.

— É o primeiro, não? Deve nascer no fim de novembro e, embora ainda seja um pouco cedo, talvez eu possa contratar já uma ama-de-leite. Ou pretende amamentar o bebê?

— Eu gostaria de amamentá-lo ou, pelo menos, tentar.

— Ótimo! Não existe nada igual ao leite materno. Meus parabéns pela decisão e pelo filho, madame.

Claudine também foi chamada para fazer roupas apropriadas à gravidez e vinha todas as manhãs com novos modelos, amostras de tecido e vestidos, prontos ou precisando de uma última prova.

Apesar de tantas distrações, Julie não conseguia evitar que seus pensamentos se voltassem sempre para o angustiante problema de sua vida.

Durante as noites, sempre difíceis de passar, ela sentia medo, temendo que Sebastian não chegasse nunca para afastar as nuvens sombrias e o desespero crescente. Se Guillaume tivesse dito a verdade, o acordo fora cumprido e todas as juras de amor e promessas de casamento não passavam de mentiras com o intuito de mantê-la apaixonada até que um filho fosse gerado. Então, ele não voltaria mais a Paris. Para que o faria, se podia evitar uma confrontação penosa?

Com insistência, lembrava-se da tarde passada nos jardins do Tivoli. Sebastian insistira que tinha algo muito grave a lhe confessar. Também se inquietava ao analisar fatos inquestionáveis: quando o conhecera, Sebastian estava em má situação financeira e a mudança para o sucesso absoluto chegava a ser... milagrosa. À beira de uma crise de nervos, Julie sentava-se na cadeira de balanço, disposta a esperar seis semanas, nem um dia a mais. E bastaria olhá-lo para saber se estava diante de uma vítima ou um algoz!

Um mês se passara, agosto se aproximava e Julie permanecia decidida a esperar mais duas semanas. Quando Guillaume mencionou a escolha da data para a costumeira temporada de verão em Mardukesnes, comunicou-lhe que não tinha intenções de ir. Ficaria em Paris.

— Mas... dentro de quatro dias estaremos em agosto, querida. Como Julie, Guillaume também evitava qualquer contato e só eram obrigados a se ver durante o jantar, para evitar que os criados percebessem a situação tensa. Fora uma exigência dele, mas a única, porque mudara seu modo de tratar a esposa, fugindo dos assuntos que poderiam provocar uma explosão de fúria semelhante a do dia de sua volta ao lar.

— Não existe agosto, Guillaume. Aqui na França, temos o final de Termidor e a primeira parte do Frutidor.

A voz, dura e hostil, ecoou na sala perturbando Guillaume, que detestava cenas diante dos criados.

— Esse é um detalhe secundário, querida. Nós nunca deixamos de passar uma temporada em Mardukesnes durante o verão. O que as pessoas irão dizer se eu for e você ficar sozinha... em seu estado?

— Provavelmente repetirão o que sempre disseram quando eu comparecia desacompanhada a todo tipo de reunião social-, porque você sempre precisava resolver problemas da maior importância! Desta vez os papéis se inverteram e eu tenho assuntos importantes que me obrigam a ficar em Paris.

— Todos sabem que a gravidez altera o comportamento das mulheres e você está realmente muito nervosa, Juliette. — Ele falava sem tirar os olhos do prato, mas em voz

alta para ser ouvido pelos criados. — Um mês no campo seria benéfico para sua saúde, porém... podemos discutir este assunto depois do jantar.

— Não há nada mais a discutir.

A atitude de Julie, desafiante e hostil, impediu Guillaume de tentar convencê-la ou evitar que saísse da sala antes do término do jantar. Conhecendo o valor da paciência, ele decidiu não tocar mais naquele assunto, certo de que bastaria esperar e a situação se resolveria sem brigas.

Na manhã seguinte, quando Julie retornou de seu passeio, Babette avisou-a que o sr. Ramlin a esperava no salão e queria saber se devia servir café ou licores. Sem preocupar-se em responder, ela entregou Ton-Ton à criada e correu para dentro de casa.

Encostado ao batente da janela, Sebastian revelava todo o sofrimento das últimas semanas. Estava pálido e com olheiras profundas. Julie o tomou nos braços com a ternura de quem consola uma criança triste. Como pudera esquecer que a morte de Domenico significava a perda de toda a família? Preocupada com seus próprios problemas, não pensara nas angustiantes noites de vigília ao lado do pai moribundo, no desespero final ou na exaustão causada pela penosa tarefa de distribuir os objetos pessoais de um ente querido.

— Sinto ter demorado tanto, amor — murmurou ele, beijando os cabelos de Julie. — Não pude vir antes.

A felicidade por estar novamente envolvida pelos braços de Sebastian lhe deu a resposta que esperava. Passara quatro semanas torturantes, mas agora sabia que ele a amava, e a certeza provocou as lágrimas que não viera. O pranto convulsivo durou alguns minutos. Só quando Julie recuperou o controle, desvencilhou-se.

— Sinto muito, querido.

— Mas... por quê?

— Por ter chorado. — Com um sorriso meigo, ela tocou a camisa de Sebastian, molhada por suas lágrimas. — Por ter duvidado de você. Por ter acreditado, mesmo que por uma fração de segundos, nas mentiras de Guillaume. Por ter imaginado que aquela monstruosidade pudesse ser verdade.

Sebastian teve a sensação de que o mundo desabava ao seu redor. Aquela recepção apaixonada não significava uma reconciliação. Julie ainda não recebera sua carta, não lera a confissão de seus erros, nem o pedido de perdão. Ela ainda esperava ouvi-lo negar as mentiras de Guillaume!

Que Deus o ajudasse...

— Ah, meu amor! Nem pode imaginar o pesadelo que tenho vivido nesta casa. A sordidez de Guillaume chegou a ponto de forjar um documento falso, uma declaração infame de que você aceitou dinheiro para me engravidar. E, nesse papel nojento, um crime contra sua honra, havia até a sua assinatura... falsa, é claro. Mas... era tão parecida, Sebastian.

Descontrolada, Julie cobriu o rosto com as mãos. Quando voltou a encarar Sebastian, seus olhos imploravam pela resposta que lhe devolveria a felicidade.

— É lógico que você nunca... nem teria vindo a minha casa se fosse verdade, não é? Ou será que viria de qualquer modo? Eu preciso ouvir a sua resposta, Sebastian. Fale, por favor! Basta me dizer que não há uma única palavra verdadeira naquele papel.

— É verdade, Julie. Eu escrevi uma carta para você... contando tudo o que houve e...

— Sebastian?

Angustiado, ele não teve coragem de encarar Julie. O rosto delicado exprimia o desespero de uma criança abandonada por todos e incapaz de compreender o que estava acontecendo com ela. Como agir agora? Levava muito tempo para escolher as palavras mais suaves e persuasivas para colocar em sua carta. Não conseguiria lembrar-se do que escrevera e, diante daquele olhar suplicante, mal podia organizar as ideias!



— Foi verdade. — Desesperado, ele decidiu ser direto. — Quando tudo aconteceu, eu não podia imaginar que iria me apaixonar por você. E só Deus sabe o quanto te amo, Julie. Eu nunca mentiria sobre esse sentimento que significa tudo para mim. Você é a minha vida.

Julie recuou e, ao fitá-lo, já não havia em seu rosto o sorriso suplicante, a expressão de abandono ou o ar de perplexidade. Os olhos cor de mel já não refletiam emoção alguma além de uma frieza glacial.

— Eu me arrependi daquele maldito acordo no instante em que a conheci. Tem de acreditar em mim, Julie!

— Acreditar em você? — Ela deu uma gargalhada amarga. — Eu nunca mais poderia acreditar em uma só palavra sua.

— Julie! Tentei contar-lhe a verdade centenas de vezes, mas acabava perdendo a coragem antes de entrar realmente no assunto. Eu a amava demais para correr o risco de perdê-la e por isso recuava. Mas nunca menti, nunca!

Novamente a gargalhada amarga ecoou na sala, mesclando desespero, ódio e desprezo. Sebastian sentiu vontade de chorar ao lembrar-se do riso melodioso de sua doce Julie.

— Pelo amor de Deus, querida. Sem seu amor, a vida perderá todo o sentido. Para mim, você significa...

— Quatro mil luíses! Para você eu significo apenas um punhado de moedas... de ouro, é claro. Ah! Esqueci-me dos lucros obtidos através de certas medidas de proteção para que seus navios pudessem navegar sem perigo pelo Mediterrâneo. Não sei se é pouco ou se é muito, nem que eu tinha um preço, mas este é o meu valor!

Julie o enfrentava com a fúria de um anjo vingador, implacável e sem piedade. Em silêncio, Sebastian ouvia as acusações contra as quais não tinha como se defender.

— Agora entendo por que você sempre encontrava tempo para vir ao meu encontro, apesar das exigências de seu trabalho. Ainda que tivesse apenas cinco ou seis dias de folga entre uma viagem e outra, conseguia chegar até Paris só para me ver. Sebastian Ramlin, um ator perfeito! Acho que já lhe disse isso uma vez, não? Eu nunca desconfiei que toda aquela paixão fosse fingimento. Entreguei-me sem pensar que me prestava a uma farsa, representada em camas de hotel, em Marduquesnes. E Bryony? Como marcou em sua agenda... esse compromisso? Importância vital, o herdeiro! Louvo o seu esforço, lutou arduamente para atingir seu objetivo porque... valeu a pena, não? Conseguiu o que tanto desejava e hoje é um homem muito, muito rico. Não pense que não notei seu sucesso milagroso em uma época de guerra e quando ninguém mais conseguia furar o bloqueio além de suas embarcações.

— Eu lhe imploro, Julie. Não foi isso que aconteceu. O meu sucesso profissional não tem nada a ver com o acordo. Você é a minha vida! Acha que eu poderia fazer algo tão...

— O que você não pode mesmo fazer é negar a verdade. Não há nada que tenha o poder de mudar os fatos, portanto... vá embora desta casa.

Sebastian fechou os olhos, tentando desesperadamente encontrar um argumento que o redimisse. O parentesco com Napoleão Bonaparte! Impossível! Não poderia violar essa confiança de Domenico e, mesmo se apenas sugerisse algum elo que o ligasse a uma família no poder, seria julgado arrogante e continuaria um mentiroso porque não tinha a liberdade de oferecer provas. Além disso, acima de tudo, não queria ouvir novamente aquela gargalhada que o arrasava. Quando voltou a encarar Julie, ela colocara as mãos sobre o ventre como se desejasse proteger a nova vida de tantas indignidades.

Uma mulher de postura majestosa o enfrentava com o queixo erguido num gesto de desafio. Sebastian a vira se transformar diante de seus olhos: uma criança inocente com o olhar refletindo admiração, uma jovem apaixonada, sem medo de demonstrar seus desejos, e agora a mãe, com segurança e força para lutar por seu filho. E fora ele quem

lhe guiara os passos da virgindade à maternidade, portanto nada mudaria o fato de que Julie sempre lhe pertenceria, como o bebê ainda por nascer.

Mas Sebastian recusava-se a implorar. Não era o orgulho que o impedia de suplicar o perdão e sim a consciência de sua culpa. Agira contra seus princípios morais sem nunca ignorar que, algum dia, pagaria o preço de seu crime contra a inocência.

Ele queria dizer-lhe que escrevera uma carta, que Guillaume só lhe entregara uma ordem bancária e nunca usara sua influência para ajudá-lo. Ansiava por merecer uma segunda oportunidade de provar seu valor, mas tivera muito tempo para corrigir seu erro e falhara. Falhara milhares de vezes e agora seria inútil pedir perdão. Porém, ainda havia um argumento, o derradeiro.

— Você vai ter o meu filho, Julie.

— Não, meu caro. Engana-se redondamente porque a criança que cresce em meu ventre não é sua. — A voz glacial não revelava raiva, amargura e nem mesmo ressentimento. — Guillaume pagou por um filho, pelo herdeiro que sempre quis.— Você foi bem remunerado por seus serviços e, agora que cumpriu o acordo, sua colaboração já não é mais necessária. Está dispensado.

Sebastian saiu da casa de Julie com um andar hesitante, pisando cautelosamente nas pedras irregulares do pátio, como se qualquer movimento rápido pudesse romper o precário equilíbrio de seu corpo. Caminhou ao lado do rio, sentindo o vento frio do sul, e uma folha de jornal, lançada ao ar pela passagem de um coche, caiu sobre seus pés. Só quando abaixou-se para retirá-la, notou que seus punhos estavam cerrados.

Ele precisava de tempo para pensar e talvez uma conversa com Domenico o ajudasse... Então lembrou-se que já não lhe restava esse consolo. Na verdade, perdera tudo o que possuía. Um lar onde o esperava o único pai que considerava verdadeiramente seu, a mulher amada, e já não tinha, há muito tempo, honra, dignidade ou moral. Seu exterior talvez continuasse o mesmo, mas não passava de um invólucro dentro do qual não havia mais nada.

— Amanhã, quem sabe — murmurou ele, entrando num parque deserto. — Talvez amanhã eu vá conhecer minha mãe.

Sebastian sabia que aquela visita não o transformaria novamente em um ser humano completo, mas prometera a Domenico que iria. Não lhe negaria o último pedido. Se dependesse de sua vontade, não iria vê-la, não queria olhar o rosto de uma mulher que o rejeitara e nunca tentara reparar esse erro, mesmo quando os empecilhos já haviam deixado de existir. Mas ouvia a voz frágil e quase sem forças repetindo-lhe o endereço... Place Poivre... Pla-ce Poivre...

Esgotado, Sebastian pegou o primeiro coche que passava, ansioso por esconder-se em seu quarto. O trânsito estava difícil e os ruídos entravam pelas janelas do veículo. Sobrepujando os sons dissonantes, ele ouvia a voz serena de Domenico.

"Quem tempera a comida com fel, não pode queixar-se do gosto amargo, figlio. Você sofrerá mais do que eu porque nunca aprendeu a dissimular. Será muito mais difícil..."

Só agora Sebastian descobrira como seria duro suportar a punição de seu erro.

## CAPÍTULO XVI

A casa na Place Poivre destacava-se das demais por sua simplicidade quase rústica. As outras retratavam em suas fachadas o requinte único da arquitetura francesa, mas não tinham jardins a sua volta nem portões que as ligassem a um amplo terreno lateral, onde ficavam as cavalariças e a garagem de coches. Sem dúvida, aquela propriedade valia uma fortuna!

Com um sorriso irônico nos lábios, Sebastian tentou imaginar quais seriam suas reações naquele momento se ainda fosse um homem capaz de se emocionar. Ia encontrar, pela primeira vez, a mulher que lhe dera a vida, e ela chamava-se Letizia Bonaparte, mãe de Napoleão, o homem mais poderoso da França e possivelmente da Europa. Por certo não estaria avaliando o valor da casa, apreensivo e nervoso diante da importância daquela visita. Como não tinha mais nada, nem sentimentos, essa perda total significava a indiferença a tudo.

A criada que o atendeu, morena e falando algum dialeto italiano incompreensível para Sebastian, sorriu ao olhar para o cartão de visitas e conduziu-o até um amplo salão. Sozinho, ele examinou, sem muito interesse, os móveis de cerejeira, as poltronas e sofás forrados de seda rosa e uma harpa dourada. Antecipando uma longa espera, foi até as portas de veneziana que davam acesso a um terraço sombreado por um toldo verde e para o jardim dos fundos.

Um homem alto examinava as rosas em um canteiro não muito distante. Apesar dos cabelos brancos, sua postura ereta revelava uma vida dedicada ao Exército e a vitalidade de alguém mais jovem. Após algum tempo, ele pressentiu que estava sendo observado e, ao virar-se, avistou Sebastian no terraço. Com um sorriso, atravessou o jardim mancando acentuadamente e entrou na sala para cumprimentar o visitante.

— Você só pode ser Sebastian Ramlin. — O sorriso alargou-se. — Jean-Paul Diderot, às suas ordens. Sou um velho amigo de madame Bonaparte. Por favor, sente-se. Ela não deve demorar... É a rainha da pontualidade.

Depois que Diderot acomodou-se em uma poltrona com uma banquetta para apoiar a perna, Sebastian sentou a sua frente. Entre eles havia um tabuleiro de xadrez cujas peças indicavam uma partida já iniciada.

— A minha visita impediu-o de continuar seu jogo, senhor?

— Oh, não! As peças não foram recolocadas no lugar, mas essa partida dificilmente será terminada. Letizia teve uma febre alta e o médico recomendou-lhe repouso. Seu filho Joseph veio visitá-la e achou que um jogo de xadrez a distrairia, mas, como pode ver, ela logo perdeu o interesse. — A voz de Diderot revelava a afeição carinhosa de um velho apaixonado. — Madame considera uma perda de tempo a maioria dos jogos de salão.

— Então é uma senhora que não se interessa por passatempos frívolos. — Sebastian pouco se importava com os gostos particulares de Letizia Bonaparte e fizera um comentário apenas para manter a conversa.

— Entendeu-me mal, rapaz. Ela não é do tipo desmancha-prazeres! Letizia gosta de

dançar, adora música, principalmente óperas, e aprecia reuniões sociais. Talvez seu passatempo predileto sejam as leituras e debates, em especial sobre política, mas também aprecia um bom romance. Simplesmente não tem paciência com...

— Com o que não tenho paciência, Jean-Paul?

Ao ouvir a voz com forte sotaque italiano soar às suas costas, Sebastian levantou-se para cumprimentá-la.

— Com jogos de xadrez, Letizia. — Diderot também ergueu-se, com a ajuda da indispensável bengala. — Eu estava distraído o rapaz, enquanto ele esperava por você. Agora, deixarei os dois a sós para poderem conversar com mais intimidade.

Após beijar a mão de Letizia, Diderot saiu da sala e Sebastian finalmente olhou com mais atenção para a mulher a sua frente. Os olhos castanhos, grandes e luminosos, eram o único traço bonito no rosto oval, de pele clara. Mas, embora baixa, sua postura majestosa provocava a impressão de maior estatura e de força espiritual.

— Madame... — Ele curvou-se diante de Letizia.

— Sebastião...

A situação seria constrangedora se Sebastian não estivesse se sentindo com um espectador diante de atores desempenhando seus papéis. Embora já previsse que o encontro com a mãe não lhe despertaria nenhuma emoção, surpreendeu-se com sua indiferença ao tocar a mão de Letizia.

— Agradeço-lhe por ter escrito... e por ter vindo.

— Era o mínimo que eu podia fazer por Domenico.

— Ah, o meu pobre Domenico! Tantos anos naquela terrível Inglaterra... e teve de ser enterrado lá!

— Ele amava a Inglaterra, madame. — Involuntariamente, a voz de Sebastian soou fria e desafiante. — E foi enterrado de acordo com suas próprias instruções.

— É claro, desculpe-me. A falta de compreensão é exclusivamente minha. Você também ama a Inglaterra?

Sebastian sentiu dificuldade para encontrar uma resposta. A sua vida fora privada, para sempre, de todas as formas de amor!

— A Inglaterra significava o lugar para onde eu sempre voltava no fim das minhas viagens, foi o meu lar enquanto podia refugiar-me em Floriscombe. Quanto a amar... era Domenico que eu amava.

— Ele ocupava um lugar muito especial também no meu coração. — A voz dela demonstrava que as palavras de Sebastian a haviam ofendido. — Mandeí rezar várias missas por sua alma. Sabe que a Igreja foi oficialmente restabelecida na França, não? O povo sofreu muito durante esse período trágico em que não podiam contar com o conforto da religião. Mas meu filho conseguiu fazer um acordo com o Papa, graças a Deus!

O sorriso de Sebastian revelava ironia e frieza. Letizia chamava Napoleão de "meu filho" e o tratava com a formalidade destinada a pessoas desconhecidas!

Por um instante, o rosto de Letizia demonstrou seu embaraço diante da gafe que cometera, mas logo recuperou o controle. Ainda hesitante, sorriu para Sebastian.

— Vamos até o jardim? Eu gostaria de mostrar-lhe minhas rosas. Rosália deixará os nossos refrescos no terraço para quando voltarmos do passeio.

Letizia esperou até que se afastassem da casa para falar, em voz baixa, sobre o passado.

— Domenico era um primo distante, que vivia em Siena, e, por ser filho único, sempre passava as férias na casa de meus pais. Eu o considerava um irmão, mas gostava dele muito mais do que dos meus. Adorava sua alegria contagiante, suas brincadeiras, sempre inteligentes, e por não ser cruel como os outros meninos.

— Domenico nunca foi capaz de um único ato de crueldade. Parando diante de uma roseira, Letizia tocou as pétalas aveludadas de um botão que começava a desabrochar.

— Tente entender... Não havia a possibilidade de escolha. Meu marido nunca

suspeitou da minha traição e, se soubesse que sua dignidade fora maculada pelo adultério da esposa, morreria de vergonha ou, se fosse mais violento, talvez me matasse, como tantos outros teriam feito. Você não pode imaginar o que significava viver na Córsega naquela época...

Enquanto falava sobre os costumes medievais de sua ilha, Letizia revivia uma fase terrível e angustiante de sua vida. Conduzindo-o até um banco à sombra das bétulas, ela manteve as mãos firmemente cruzadas em seu colo, lutando contra o desejo de tocar o rosto do filho. Então, já sem forças para resistir, deslizou os dedos sobre a pele morena e foi envolvida por uma emoção intensa demais. Tinha sido difícil contar a verdade a Nabullione, anos atrás, e não imaginara que sofreria ainda mais ao revelar suas fraquezas a Sebastiano, tão frio e distante.

Como censurá-lo por essa atitude hostil? Que direito tinha de se queixar? Só agora encontrara o fruto de seu pecado e admirava a beleza daquele homem que nunca a consideraria uma mãe. Muito mais alto e mais atraente que os outros, Sebastiano herdara o físico perfeito de Jean-Paul, de pernas longas e ombros largos. Mas, quem prestasse atenção nos olhos e na boca, veria o irmão de Nabu, o seu filho mais amado.

— Eu havia me reconciliado com Cario e voltado para casa havia sete meses, por isso meu marido acreditou que você tivesse nascido prematuramente. Mas... só um cego não veria que um bebê tão saudável e forte só podia ter nove meses completos! Letizia olhou para o filho a procura de algum sinal de emoção, mas o rosto que a fitava continuava frio e indiferente.

— Você ainda não tinha completado quatro semanas de vida quando Cario foi enviado para a França em uma missão temporária. Eu sabia que precisava tomar uma atitude antes de sua volta, ou logo a verdade ficaria evidente. Só Domenico conhecia meu segredo, e veio de Roma para buscá-lo.

Como esperar alguma emoção de Sebastiano, se lhe afirmava que o abandonara deliberadamente? No entanto, ele tinha o direito de saber a verdade sobre suas origens e Letizia não se intimidaria com aquela ausência total de sentimentos!

— Dois dos meus filhos nasceram mortos e três morreram antes de completar um ano. Quando Cario voltou, no fim do outono, acreditou novamente nas minhas palavras... Você não tinha sobrevivido como os outros cinco. Era a única solução...

— E uma solução astuciosa, sem dúvida.

Descontrolada, ela deu-lhe um tapa no rosto. Sebastian suportou a agressão sem mover um músculo ou tocar o local atingido pela mão de Letizia.

— Foi desespero! Oh, Deus! Se você soubesse o que significa essa palavra! — Abaixando a cabeça, Letizia suspirou, angustiada. — Por favor, desculpe-me. Admito que sou impulsiva demais... Tenho a mão pesada e a língua afiada. Quem recebeu o maior parcela da minha raiva foi Nabu, o mais terrível dos meninos, e só Pauline conseguiu ser ainda pior! Quando meu marido morreu...

— E seu amante francês... o meu pai? — ele a interrompeu, controlando a vontade de encerrar logo aquela conversa penosa para os dois. — Também morreu?

— Mas... — Letizia o fitou, perplexa. — Seu pai é o general Diderot, o homem com quem você estava conversando quando entrei na sala. Ele não disse nada?

Mais uma informação para o seu diário, um dado sem nenhum significado emocional. "Meu pai é o general Jean-Paul Diderot."

Então, ele pensou em seu filho ainda se formando no ventre materno, uma mescla das qualidades e defeitos do homem e da mulher que o haviam gerado. Em seu sangue já estaria presente essa herança maldita, passada de uma geração a outra? Seria possível que, no futuro, esta cena terrível se repetisse? Depois de trinta anos, Julie apresentada um homem maduro ao pai, um velho que só lhe despertava indiferença? Diria... "seu pai é Sebastian Ramlin", um eco perfeito das palavras de Letizia? Uma sensação penosa, idêntica à que tivera ao ser agredido pela mãe, voltou a inquietá-lo.

— Eu queria que Domenico lhe contasse a verdade logo após a morte de Cario. Você estava com catorze anos e ainda me restava a felicidade de acompanhar o final de sua adolescência. Mas ele foi contra a minha ideia, disse que você me odiaria por tê-lo abandonado e... estava certo, como sempre. Dio mio... como eu ansiava por vê-lo, Sebastiano! E não custaria... — Subitamente ela endireitou os ombros. — Basta! Chega de lamentos! Se só mereço seu ódio, será essa a minha punição. No entanto, não odeie seu pai porque lhe revelei que tinha um filho há muito pouco tempo.

— Eu não a odeio, madame. Infelizmente... não sinto nada, absolutamente nada. Vim vê-la para agradecer-lhe por ter intercedido junto ao Primeiro Cônsul a meu favor. Sua ajuda permitiu que eu triunfasse, e hoje sou um homem muito rico. Era só isso que eu queria lhe dizer.

Mas Letizia viu dor nos olhos onde só notara frieza. Sebastiano estava desorientado, sofrendo com a perda do homem que considerava seu pai. A verdade era amarga, e ela reconhecia agora o quanto seu filho amara e fora amado por Domenico. A mãe que nunca existira para a criança não existiria na vida do homem. E como imaginar que encontraria um lugar no coração do filho se só se revelara há um mês?

Nabullione viria jantar em sua casa, ansioso para conhecer o irmão, mas Letizia não ousava pedir-lhe que ficasse. A expressão de Sebastiano mostrava ansiedade em ir embora, em terminar logo aquela tortura. Só lhe restava agir como uma anfitriã polida e, depois de oferecer-lhe algo para beber, aceitar suas apressadas despedidas.

— Rosália já preparou o chá e uma limonada gelada. Espero que goste de bolo...

Sebastian também levantou-se do banco, mas não a seguiu. A sensação indefinível crescera assustadoramente, como uma onda monstruosa que ameaçava arrastá-lo para o fundo do mar. Ele tentou controlar essa reação que não compreendia, porém não encontrava forças.

Ao virar-se para trás, Letizia viu a luta do filho. Se tentasse consolá-lo agora, abraçando-o, ambos perderiam o controle e acabariam chorando. E o orgulho de Sebastiano comparava-se ao de Nabullione, que preferiria morrer a derramar uma lágrima na frente da mãe. Desviando o olhar, ela fingiu que arrancava folhas secas de uma roseira, falando sobre assuntos triviais a fim de dar-lhe tempo para dominar as emoções.

— Seus negócios estão bem? Meu filho está ansioso por conhecê-lo e conversar sobre alguns aspectos do comércio marítimo...

— Seu filho? Seu filho? — ele a interrompeu, descontrolado. — E eu? O que sou eu, madame? Simplesmente o seu pecado?

A voz agoniada e o olhar de desespero, tão semelhantes aos de Nabu, foram a última gota. Letizia não se conteve mais e, correndo para o filho, abraçou-o com infinita ternura.

— Mio figlio... Sebastiano, caro mio...

Ele permaneceu envolvido pelo abraço da mãe e ambos choravam por algo muito precioso e perdido para sempre. Mas ela soluçava junto com um filho e Sebastiano reconhecia, com uma sensação de profunda amargura, que estava chorando nos braços de uma desconhecida.

## CAPÍTULO XVII

Charles Louis Jules Farroux nasceu em uma noite chuvosa no fim de outubro. Chegava ao mundo cinco semanas antes de estar preparado para deixar a segurança do ventre materno, um bebê frágil e sem forças que iniciou sua primeira luta árdua ao tentar respirar.

O parto fora previsto para a segunda quinzena de novembro, e Julie não tomou conhecimento de um mal-estar crescente, que atribuiu à má digestão, até a situação se agravar. Guillaume a esperava no patamar da escada para entrarem juntos na sala de jantar, quando a viu curvar-se e, agarrando-se ao balaústre, soltar um grito de dor. Chamou Babette para ajudar a patroa e, enquanto Jacques saiu para procurar a parteira, ele mesmo foi avisar o médico.

Marie Soubire estava em sua casa quando Jacques chegou para buscá-la. Se ele não a tivesse encontrado e conduzido à casa dos Farroux em menos de vinte minutos, Julie talvez não sobrevivesse. O parto foi rápido demais e, quando o dr. La Salle chegou, uma hora depois, a parteira já cuidara da mãe, mas ainda lutava desesperadamente para manter o bebê respirando.

O médico lançou um único olhar para a minúscula criança, com a pele azulada pela falta de oxigênio e considerou-a um caso perdido. O importante no momento era cuidar da mãe, que, ao contrário do filho, estava sem febre e aparentemente saudável. La Salle estava constrangido, pois teria de dar as péssimas notícias à mãe.

— O bebê nasceu antes da hora e é pequeno demais até para um prematuro de sete meses. — Enquanto falava, ele embebeu, um lenço de linho com éter. — Sinto dizer-lhe que deve se preparar para o pior, mas nem por isso precisa continuar com dores. Respire fundo, sim?

Julie sentiu que ele apertava o lenço em seu nariz e, reunindo as últimas forças, empurrou-lhe o braço com uma violência inesperada. Imediatamente alerta e fora de si de raiva, ela ergueu-se sozinha na cama. Como preparar-se para o pior? O bebê já nascera havia uma hora e Marie Soubire não mencionara essa possibilidade! Tinha dito que era um menino e em breve o colocaria em seus braços. Com que direito aquele médico idiota, que chegara tarde demais para o parto, condenava seu filho à morte?

— Quero vê-lo! Quero que o tragam para mim.

— Seria menos doloroso se não o visse, madame. Agora, seja sensata e respire fundo.

— Marie! — Julie não imaginara que teria forças para gritar tão alto. — Traga o meu filho agora!

— Sim, madame. Eu o levarei dentro de alguns instantes. Deixe-me limpar a garganta dele, sim?

De algum lugar próximo de sua cama, vinha a voz de Guillaume.

— Por Deus! Não fique balançando a cabeça na minha frente, La Salle. Faça alguma coisa!

— Meu caro Farroux, acalme-se. Só posso dizer-lhe que sinto muito, porque não há nada a ser feito. Os pulmões do bebê não estão desenvolvidos o suficiente para...

— Tolices! Ele tem unhas e cabelos! Talvez seja pequeno demais, mas logo

crescerá.

— Não creio que exista essa possibilidade, Farroux. Seu filho nasceu com menos de sete meses.

— Isso eu já sei!

Desde que conhecera Guillaume, Julie nunca o vira perder o controle ou alterar a voz. Pela primeira vez, percebia que o marido nem se esforçava para conter a raiva ou evitar os gritos de fúria que ecoavam no quarto.

— Se ele fosse um bebê sem problemas eu não precisaria de você aqui, La Salle. Chamei-o justamente porque é preciso salvar o meu filho e não para ouvi-lo pronunciar sua sentença de morte!

— Eu sou um médico, meu caro, e ainda não aprendi a fazer milagres. Agradeça a Deus por sua mulher ter resistido bem ao parto em vez de pedir algo fora de nosso alcance. Ela é jovem, saudável e logo lhe dará outro filho... se você não provocar uma crise de desespero na pobre coitada justamente numa hora tão crítica. Quanto ao menino... se sobreviver a esta noite, talvez haja uma tênue possibilidade de mantê-lo vivo. Entretanto, trata-se de uma chance em mil, pois é evidente que enfraquece a olhos vistos!

Além da lamparina ao lado de sua cama, não havia nenhuma outra luz no quarto, e Julie não conseguia ver nem o marido nem o médico. As vozes, porém, ficavam mais altas a cada minuto.

— Marie Soubire não tem a mesma opinião, La Salle.

— E eu acho que ela está apenas prolongando o sofrimento de vocês dois desnecessariamente. Seus esforços são inúteis e só criam expectativas falsas. Seria melhor deixar o bebê no berço, porque não há nada a ser feito.

— Fora daqui! Saia já desta casa, La Salle!

Julie não prestou mais atenção nos gritos de Guillaume, porque Marie lhe entregava o bebê, envolvido em uma manta de lã fina.

— Vamos tentar tudo, madame. O bebê ainda está vivo, portanto esqueça o que o médico disse. Mas precisaremos ajudar o pobrezinho.

— Ele tem de se alimentar... Devo tentar amamentá-lo?

— De modo algum! Iria sufocá-lo. Lhe daremos leite, gota a gota.

— Fique com ela, Marie — pediu Guillaume, que retornara ao quarto. — Eu pagarei o que você pedir.

— É lógico que passarei esta noite aqui, mas... tenho um outro parto e não tardará. Não saberão onde me encontrar a não ser que eu avise onde estou.

— Há alguém que possa substituí-la?

— Sim, mas...

— Então peça-lhes que o faça. Você não perderá o pagamento e eu mandarei mensageiros para avisar quem for preciso. Só lhe imploro que fique! Salve meu filho e receberá uma quantia que lhe permitirá deixar de trabalhar!

O berço do bebê foi colocado entre a cama de Julie e um colchão, onde dormiria Marie Soubire. Naquela noite, Charles Louis parou de respirar três vezes, mas as duas mulheres lutaram para retirar o muco que bloqueava a garganta da criança e depois a parteira soprava o ar de seus pulmões para os do menino.

Quando o sol nasceu, a respiração, embora ainda fosse difícil, já não inspirava grandes cuidados. Orientada por Marie Soubire, Julie aprendeu a alimentar o filho com gotas de leite, implorando-lhe que engolisse.

— Ele está engolindo um pouco e é tão pequenino que não precisa de muito para se alimentar.

— Como pode saber? Eu só vejo o leite escorrendo de sua boca!

— Porque já troquei as fraldas dele duas vezes, madame.

— Quando? — Atônita, Julie acreditou que estava sendo enganada. — Fale a verdade, Marie! Quando?



— Madame estava dormindo.

— Devia ter me acordado! Você não fechou os olhos nem por um minuto e se nós duas dormirmos ao mesmo tempo...

— Isso não acontecerá. Bebette vem me trazer café a cada quinze minutos, e eu já estou acostumada a passar noites a fio ao lado de mães e bebês. Além disso, nenhuma parteira de Paris possui a minha habilidade, madame. Seu filho vai sobreviver! Será demorado e por isso precisa descansar... Tem um longo caminho a sua frente.

Na verdade, Julie comparou seu longo caminho com um túnel interminável, onde não podia ver a claridade que indicava o final das trevas. Não tinha tempo nem forças para receber visitas, pois minuto a minuto e hora após hora, dedicava-se a manter a vida ainda precária de seu filho. Dias e noites se fundiam e o tempo se dividia em alimentar e limpar o bebê. Após cinco dias de luta, o rostinho perdeu a coloração azulada, assumindo um tom rosado que indicava o início de um progresso.

Um pouco mais aliviada, Julie finalmente teve tempo de ler a correspondência que se acumulara. Babette, sempre metódica, separara as cartas em cestinhas de palha de acordo com os dias em que haviam chegado. A primeira fora a de Anne-Marie.

"Fui visitá-la e Babette contou-me tudo sobre você e o perigo que o bebê está correndo. Tenho ido a sua casa todos os dias para saber notícias suas e de seu filhinho. Estou rezando pelos dois, querida Julie."

A carta seguinte foi uma surpresa para Julie, que não esperava essa atenção de Josephine. Não via os Bonaparte desde que haviam mudado do palácio de Luxembourg para o mais imponente e suntuoso palácio das Tulherias. Depois do caso com o capitão Charles, Napoleão começara a desconfiar de todas as amigas que frequentavam suas casas e não as recebia com muita simpatia. Além disso, agora ela era a esposa de um poderoso chefe de Estado e suas recepções tinham de obedecer a padrões determinados pelos ministros de seu marido. Entretanto, aquela mulher afetuosa não esquecera a amiga e suas palavras revelavam um profundo carinho.

"Coragem, Julie querida! E meus parabéns pelo nascimento de seu primeiro filho. O meu lindo Eugene, hoje um soldado forte e valoroso, também nasceu com sete meses e amanhã celebrará seu vigésimo primeiro aniversário. Portanto, não ouça o que os médicos dizem e se recupere bem depressa porque sinto muita falta de nossos encontros para o desjejum!"

A mensagem de Josephine dera um novo alento a Julie. Naquela mesma tarde, ela estava alimentando o bebê sem usar o conta-gotas. Molhava o dedo no leite e o colocava na boca do filho, tentando estabelecer um contato físico e transmitir-lhe suas forças quando sentiu algo diferente. Os lábios de Charles Louis se firmaram, fazendo um movimento de sucção. A surpresa foi logo seguida por uma felicidade tão intensa que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Marie! Venha ver! Ele está sugando meu dedo!

— Tem certeza, madame?

— Absoluta! É um milagre... eu...

— Não perca mais tempo, menina! — O sorriso de Marie Soubire refletia seu entusiasmo. — Trate de amamentar esse pobrezinho que deve estar morrendo de fome.

No sexto dia após seu nascimento, Charles Louis começou a chorar bem alto, exigindo que o alimentassem. O som ecoava pela casa como uma música celestial, alegrando todos que não podiam mais dormir em paz!

## CAPÍTULO XVIII

1803

A Place Poivre significava o adeus definitivo a Paris. Nenhum laço prendia Sebastian à cidade que lhe roubara sua única e verdadeira família, representada por Julie e o pequeno ser que haviam gerado por amor. Essa perda irreparável não poderia ser compensada nem por uma centena de Bonaparte! O desejo de cumprir o último pedido de Domenico motivara sua visita a Letizia e, por um breve momento, tinha chorado nos braços de uma estranha. Lágrimas partilhadas não a transformaram em sua mãe, mas o descontrole emocional ajudou-o a enfrentar uma trágica verdade. A sensação de estar desprovido de emoções resultara do choque e não passava de um período de repouso, um prelúdio do terrível sofrimento que se desencadeara e jamais terminaria.

Sebastian entregou-se de corpo e alma ao trabalho, o único remédio que conhecia para ajudá-lo a não pensar na dor. Ele tinha decidido voltar às viagens marítimas, mas a Petúnia crescera muito e Cecil não conseguia assumir sozinho os compromissos em terra. Resignou-se a permanecer em Londres, acompanhando cada detalhe do prodigioso crescimento da empresa e, conseqüentemente, de sua fortuna.

O objetivo de Sebastian não fora aumentar os lucros da empresa e sim esgotar suas energias no trabalho. E, realmente, voltava para casa tão exausto que não pensava em nada além de dormir. Semana após semana recebia as cartas de Letizia, lembrando-o de seus laços familiares, mas, depois de lê-las com os olhos pesados de sono, jogava-as na cesta de lixo. Embora nunca as respondesse, continuavam a chegar durante todo o outono, o inverno e o início da primavera, insistindo em uma visita a Paris, um pedido sempre ignorado por ele.

Só quando não foi impossível ignorar a gravidade de um incidente internacional, Sebastian conformou-se em retornar àquela cidade, e dessa visita forçada resultou seu primeiro encontro com o irmão.

No dia vinte de maio, o Celestine aportou em Le Havre. O capitão Chatsworth quebrara a perna durante a viagem e precisava de cuidados médicos. Quando ele e os dois marinheiros que carregavam sua maca pisaram em terra firme, foram recepcionados por soldados que lhes deram ordem de prisão.

O oficial apenas cumpria ordens dos altos funcionários do governo em Paris, mas a tripulação, que estivera por oito dias em pleno mar e ignorava o reinício da guerra entre a França e a Inglaterra, não se conformou com essa arbitrariedade. Entretanto, de nada lhes adiantou protestar, pois o próprio Napoleão decretara que se prendessem todos os ingleses em solo francês.

Depois de uma rigorosa inspeção, o Celestine recebeu permissão para retornar à Inglaterra, mas sem o capitão e os dois marinheiros que haviam descido do navio. Ao receber a notícia em Londres, Sebastian não concordou com a opinião geral de que a sorte milagrosa da Petúnia-Companhia Mercantil tinha mudado. Quatro dias depois, a mãe o recebeu de braços abertos em sua casa na Place Poivre, onde jurara nunca mais voltar. Embora fosse um decati, dia de repouso na França, o Primeiro Cônsul consentiu em atendê-lo em Malmaison, seu refúgio de fins de semana. Letizia trabalhara com uma

rapidez inacreditável, pois, menos de duas horas após sua chegada, um criado o conduziu ao escritório de Napoleão. Ela conseguiu seu objetivo: o primeiro encontro dos dois irmãos!

— Tudo já foi resolvido — disse Napoleão no instante em que Sebastian entrou em seu escritório, como se estivessem reiniciando uma conversa interrompida minutos atrás. — Soube do incidente ontem à noite, pouco antes de deixar o palácio das Tulherias. Os dois marinheiros já estão viajando para a Inglaterra e seu capitão só ficou na França para esperar que solde o osso de sua perna. Aliás, isso não irá demorar, porque ele foi entregue aos cuidados de um excelente médico.

Com os cotovelos apoiados sobre a escrivaninha, Napoleão olhou de relance para a porta onde seu ajudante-de-ordens permanecia de plantão.

— Não temos mais nada a resolver hoje, Creuse. Está dispensado.

Quando a porta se fechou, após a saída do oficial, Napoleão recostou-se na cadeira, com um suspiro de alívio. Então começou a falar, com frases curtas e sem desperdiçar seu tempo com rodeios.

— Um tenente novo. Seguia minhas ordens, é claro. Já ocorreram vários atentados contra minha vida, mas não se pode evitá-los. E eu não posso supervisionar todos os oficiais deste país, mesmo em se tratando... de sua imunidade diplomática.

— Eu não espero esse privilégio e nunca o pedi, senhor. — Sebastian mantinha-se formal e distante. — Entretanto, sou-lhe muito grato por ter agido prontamente.

Em questão de segundos, o comportamento de Napoleão se transformou radicalmente. Deixando de lado a atitude rígida de um militar, deu a volta na escrivaninha, com uma expressão afetuosa e um sorriso maroto.

— Não foi tão terrível como pensava. Vir ao meu encontro, Sebastião!

Surpreso, Sebastian ficou sem reação ao ser efusivamente abraçado por Napoleão, que continuava a sorrir de satisfação.

— Você não ficou para jantar na casa de mamãe no último verão e eu tinha sido convidado especialmente para conhecê-lo. Então pensei em um modo de encontrar meu irmão cabeça-dura e... imaginei que o veria se ele precisasse de mim.

Sebastian fora à procura de Napoleão para desincumbir-se de uma missão que terminara antes mesmo de começar. Sentiu-se desorientado e percebeu também que sua atitude formal não resistiria por muito tempo ao contagiante calor humano daquele homem. Embora ainda lutasse para manter a distância entre eles, não conseguiu conter o riso.

— Está me dizendo que o incidente foi... planejado, senhor? Prendeu meus homens apenas para me obrigar a vir vê-lo?

— Sente-se, sente-se. — Incapaz de falar devagar, ele voltou a acomodar-se atrás da escrivaninha. — Não fique me chamando de "senhor" ou eu acabo perdendo a paciência, o que não é nada difícil. Sou Nabullione ou Nabu, se estiver com pressa! Mas o trabalho antes da diversão, certo? Você precisa de um passaporte francês, pois há quatro anos tem os privilégios de um cidadão sem o documento oficial. Tomarei as medidas necessárias amanhã cedo, quando voltar a Paris. Vá buscá-lo nas Tulherias, após duas da tarde, com o capitão Valois.

— Eu sou um cidadão inglês.

As palavras de Sebastian provocaram um olhar de irritação, logo controlado por Napoleão, que continuou a anotar o pedido do passaporte em sua agenda.

— Então terá mais do que eu, irmão! Cidadania dupla é uma grande vantagem!

Levantando-se novamente da cadeira, Napoleão começou a andar pelo escritório, falando sem parar sobre tarifas alfandegárias, rotas comerciais marítimas e terrestres, bloqueios navais e problemas financeiros em períodos de guerra.

Sebastian impressionou-se com o conhecimento profundo demonstrado por Napoleão sobre problemas extremamente complicados. E ficou perplexo ao tomar

conhecimento da trama bem urdida, que lhe proporcionara lucros espantosos sem nenhum indício de que alguém o protegia.

— Como conseguiu essa proeza? Ainda não era nem Primeiro Cônsul!

— Aquela ridícula petúnia na bandeira de seus navios ajudou muito. E, embora eu não passasse de um soldado, tinha mais poder do que você imagina. — Napoleão deu um sorriso amargo. — Pelo menos eu sabia quem eram meus inimigos e todos os outros obedeciam minhas ordens, sem tentar discutir os méritos da questão.

— E por quê? Por que tanto esforço por minha causa? Nós nem nos conhecíamos.

— Famiglia — disse Napoleão, como se a resposta fosse óbvia demais.

— No momento, estou lhe devendo um favor. Gostaria de retribuir, mas não tenho ideia...

— Seja meu irmão, Sebastiano. Ah! E proteja sempre a reputação da mama.

Domenico também lhe fizera esse pedido e não lhe custava nada manter o segredo de sua origem. Agir como um irmão já não seria uma tarefa tão fácil, pois pertenciam a países constantemente em guerra. Entretanto, sentia que estava se deixando fascinar por Napoleão.

— Podemos tentar... desde que os deveres de irmão não envolvam política.

— Ah! Pensa que o seu sucesso não teve nada a ver com política, Sebastiano?

— Eu nunca carreguei armas nem munições em meu navios. Minhas mercadorias não destroem vidas.

— É incrível. A nossa família demonstrou vocação para a política ou para a vida militar. Acho espantoso que um de nós tenha nascido amando o mar.

— Não foi bem assim...

Já sem resistir à envolvente simpatia de Napoleão, Sebastian contou-lhe sobre sua fuga do seminário e, enquanto falava, surpreendia-se por estar mencionando fatos que nunca revelara a ninguém. E, durante todo o tempo ouvia a frase do irmão... "um de nós", palavras que simbolizavam a união familiar.

O ambiente ficou muito mais descontraído quando ambos começaram a relatar suas travessuras na infância e na adolescência. Logo conversavam como dois irmãos que se haviam reunido após uma breve separação. Sebastian já nem lembrava que estava falando com o homem mais poderoso da Europa.

Um sino ecoou, indicando a hora do jantar, e Napoleão conduziu Sebastian à sala de refeições. Letizia o avisara de que seria convidado e preparava-se para uma reunião formal. Nunca teria imaginado que na saleta ao lado do escritório ficava uma pequena mesa onde apenas três pessoas jantariam com simplicidade.

Os rumores sobre a vida de Napoleão mencionavam um luxo faustoso. O Primeiro Cônsul estava restaurando hábitos imperiais! Josephine tinha quatro damas de companhia e oito criadas de quarto! Os ajudantes de Bonaparte vestiam-se com togas de veludo!

— Ele pensa que é um imperador! — dissera Cecil, há menos de uma semana, após ler uma notícia do London Times. — Em vez de escrever para o primeiro-ministro Pitt, mandou a carta diretamente para o rei, referindo-se aos franceses como súditos, imagine!

E Sebastian encontrara apenas um homem de camisa amassada, franco a ponto de ser rude, mas alegre e muito humano. Chegara a Malqnaison disposto a não simpatizar com Napoleão e não tivera forças para resistir. Vendo-o parado à porta do terraço, olhando para Josephine, que cruzava o jardim, ele sentiu que o irmão também sabia amar e se dedicar a uma mulher.

Estranho irmão... Como Letizia, ele dava a impressão de ser mais alto por sua postura majestosa e presença marcante. Mãe e filho tinham os olhos brilhantes que refletiam paixões intensas e, embora ela não houvesse despertado nenhum sentimento de ligação afetiva, Sebastian não conseguia olhá-lo para Napoleão sem admitir uma profunda simpatia.

— Venha, querida. Quero apresentar-lhe Sebastiano, um irmão que reencontrei há pouco.

Sebastian notou a surpresa, rapidamente controlada, na expressão de Josephine. E evidente que ela não fora informada de sua existência, mas conseguiu recebê-lo como se o conhecesse havia anos.

— Meu querido Sebastiano! Eu nunca sei quando meu marido está brincando comigo, mas basta olhar para você e não restam dúvidas.

O desembaraço de Josephine merecia elogios! Dando um braço para o marido e outro para Sebastian, caminharam juntos até a mesa.

— Bonaparte! Por que nunca me contou?

— Este meu irmão é um Ramolino, Josephine.

Não havia nenhum criado para servi-los e, depois de beijar a testa da esposa, Napoleão sentou-se à cabeceira da mesa.

— Nós gostamos de passar o fim de semana na mais completa descontração, sem criados nos rodeando como mosquitos importunos! — Josephine estendeu a cesta de pão a Sebastian. — Sirva-se, que logo trarão a sopa, e não fique parado, Bonaparte. Sirva seu pobre irmão de vinho antes que ele morra de sede.

— Talvez já não se lembre, mas Ramolino é o sobrenome de solteira de minha mãe. O resto da família irá conhecer Sebastiano mais tarde, só que eu o apresentarei como um amigo. Apenas você, querida, merece a minha confiança e pode saber a verdade. O problema complica-se porque ele representa um pecado de minha mãe... é meu meio-irmão.

Enrubescendo, Josephine abaixou a cabeça. Ela demonstrava a emoção de quem acabara de receber um presente de valor incalculável. Só então Sebastian lembrou-se que Julie mencionara o ódio de Letizia em relação à nora e compreendeu a atitude de Napoleão. Ele estava recompensando a esposa por ter suportado a hostilidade de sua família.

— Sebastiano... Quer mesmo ajudar-me? A Marinha inglesa está me perturbando com sua persistência e preciso de um almirante de alto nível. O que acha de pensar sobre minha oferta?

— Sinto muito, mas não preciso nem pensar. Meu talento resume-se a escapar de batalhas no mar e não em provocá-las.

— Bem, pelo menos você é honesto e vai direto ao assunto. É possível que se considere mesmo um inglês?

— Nem pelo sangue nem pelo local de nascimento. Entretanto, foi o meu único lar, triunfei na Inglaterra e hoje sou uma pessoa de certo destaque...

— Pois não é à Inglaterra que deve agradecer, meu caro. Quantos ingleses com a mesma profissão que você estão agora no fundo do mar? Só dois homens são responsáveis por seu sucesso e ambos se encontram nesta sala. Eu por ter preparado seu caminho e você, por sua coragem de continuar navegando com embarcações sem armas.

— Foi realmente uma ajuda excepcional pela qual agradeço, Napoleão. No entanto, nunca pedi que me protegesse e não espero outras manifestações de...

— Ora! Já esqueceu por que veio me procurar? Sebastian admitiu a derrota com um sorriso. Não hesitara em utilizar-se de um parentesco que significava poder para libertar a tripulação do *Celestine*. Infelizmente, a guerra entre seus países dificultava o relacionamento familiar e preferia não comprometer-se mais. Descobrira algo que só os muitos ricos sabem: depois de um certo ponto, o dinheiro se multiplica constantemente, inalterado pelas guerras ou por mudanças políticas. Mas descobrira também que encontrara um homem capaz de agir como um verdadeiro irmão e não queria perder ou abusar dessa ligação preciosa.

— Você tem razão. É muito fácil pedir favores e garanto-lhe que o fato não se

repetirá. Não devemos fazer nada que vá contra os interesses de nossos países. Em troca de toda a ajuda que recebi no passado, serei seu irmão, alguém em quem poderá confiar sem medo. Não agirei a favor da Inglaterra, mas também não a trairei.

— Então, o que pretende fazer por mim?

Apesar do sorriso malicioso, Sebastian sabia que Napoleão tinha um objetivo e ele lhe devia um favor.

— Talvez dinheiro, desde que o use para gastos pessoais?

— Trate de encontrar algo melhor, mano. De acordo com os jornais ingleses, eu tenho mais dinheiro em meu cofres particulares do que existe nos bancos de toda a França.

— Bem, não há muito que eu possa fazer...

— Gosto deste irmão! — Ele sorriu para Josephine. — Acho que é o único capaz de falar a verdade na minha frente. Bem, vamos deixar o jogo empatado, você não me deve nada. Céus! Pensar que tenho um meio-irmão, meio francês, meio corso e com ares de inglês! É espantosa essa mistura!

O sorriso de Josephine trouxe subitamente a penosa lembrança de Julie. Sebastian recebera tantas cartas onde ela falava sobre tudo, inclusive da esposa de Napoleão, que se sentia como se já a conhecesse. E a recordação da mulher que amara e perdera tirou-lhe a alegria. Estaria bem? E o filho ou filha? A criança já devia estar com dois ou três meses e tão perto dali!

Controlando as emoções, Sebastian tentou não pensar que o seu filho já vivia e ele nunca o vira. Jamais superaria a dor de não poder carregá-lo, como também nunca conseguiria apagar a imagem de Julie, gravada a fogo em seu coração. E, a sua frente, estava Josephine, uma grande amiga da mulher que sempre amaria. Sem dúvida ela teria muitas notícias para lhe dar e, jurava a si mesmo que, antes de levantar-se da mesa, saberia tudo sobre os meses de separação!

## CAPÍTULO XIX

### Ilha de Saint-Louis 1803

Ao completar quatro meses, Charles Louis se transformara em uma criança robusta e saudável, que surpreendia os pais com sua precocidade. Dificilmente se acreditaria que aquele garotinho cheio de energia tivesse sido um bebê prematuro desenganado pelo médico. A vida de todos girava em torno do menino que a coragem e a persistência de duas mulheres salvaram da morte.

E, sem dúvida, ninguém se maravilhava mais com o filho do que Guillaume. Realizara seu maior desejo e tinha um herdeiro, mas não havia contado com o encantamento de ser pai. Milagrosamente, ele remoçara, revelando um entusiasmo quase juvenil, um calor humano que nunca possuía, e tentava demonstrar a Julie sua gratidão por um presente que superava suas maiores expectativas. Como nunca aprendera a expressar afetividade, suas manifestações de carinho chegavam a ser comoventes; vinham de um homem que se sentia plenamente feliz pela primeira vez na vida. Através

de Charles Louis, uma paixão partilhada pelo casal, formou-se em elo entre marido e mulher que apenas viviam sob o mesmo teto só porque um contrato de casamento vazio os obrigava a permanecer juntos.

Mas Guillaume já estava com setenta e nove anos e a fase de euforia e vigor não poderia durar. Cinco dias antes do primeiro aniversário de Charles, ele morreu tranquilamente durante o sono.

Como viúva de um destacado membro do governo francês, Julie não teve tempo para pensar na morte do marido por vários dias. O funeral com a pompa devida a um político ilustre, cartas de agradecimento pela presença de personagens de renome no enterro e na missa, visitas oficiais de condolências e cerimônias póstumas glorificando as qualidades de Guillaume Farroux, o jurista, não permitiam que a viúva refletisse sobre seus próprios sentimentos diante daquela perda.

Na noite anterior ao seu primeiro encontro com Pascal Hiver, o advogado que cuidava dos negócios de Guillaume, Julie ficou acordada, pensando no marido. Embora não chorasse, lamentava a morte dele mais do que previra. Tinha se esforçado para dominar o ressentimento e a raiva, a fim de levarem uma vida ao menos suportável, já que continuariam juntos. Só agora percebia que realmente o perdoara dos erros passados.

Guillaume fora extremamente generoso com ela, chegando ao extremo de dar-lhe o poder de única curadora de suas propriedades, uma rara prova de confiança. Evidentemente, as terras outrora pertencentes aos Sainte Aube tinham passado às mãos do marido através de Julie, mas, em todos os casamentos, as esposas perdiam o direito sobre os bens que possuíam quando solteiras. Guillaume nunca lhe pedira nada além de um filho, e sem dúvida a usara para atingir esse objetivo. Também só agora percebia a personalidade complexa daquele homem que não via mal algum em manipular a vida das pessoas. Uma falha de caráter ou quem sabe um modo de sobreviver a um mundo hostil?

Apesar dessa característica que ela reprovava, Guillaume a salvara da guilhotina e se esforçara ao máximo para ajudar seu pai. Jamais se esqueceria dessa prova de bondade, como também lembraria sempre que o marido nunca fora mesquinho, cruel ou ciumento. Embora quase o tivesse abandonado sem a menor hesitação para viver com Sebastian, não o odiava mais.

Mas, se desculpara os erros do marido, jamais perdoaria Sebastian. Ele quebrara seu coração e destruíra seus sonhos, transformando-a em uma mulher que nunca mais acreditaria no amor. No último verão, ainda ousara vir a sua casa exigindo ser recebido para conhecer o filho. Julie não perdera tempo com evasivas e, em vez de usar o recurso cortês de dizer que não estava, mandara-lhe um bilhete ríspido e sem rodeios: "Não tente, nunca mais, aproximar-se de mim ou de meu filho, nem por carta nem pessoalmente."

Julie o culpava porque não tinha a menor dúvida de que nunca mais amaria outro homem. Estava com vinte e cinco anos e sua única perspectiva de futuro seria criar o filho sem a ajuda de um marido. Sentindo que essas recordações reavivavam a amargura e o ódio, ela voltou seus pensamentos para Charles Louis. O único sentimento indestrutível e do qual não abriria mão era o amor materno.

E, por um capricho do destino, fora abençoada com um filho de cabelos dourados e olhos verdes que não se parecia em nada com o verdadeiro pai. Charles herdara todos os traços da avó materna, a mãe que Julie mal chegara a conhecer. Aquele menino não pertencia a Sebastian, nem pertencera a Guillaume. Era apenas seu!

Fora a própria Julie quem escolhera Pascal Hiver para ser seu advogado. Embora o tivesse considerado jovem demais, logo admitiu que qualquer jurista seria um verdadeiro adolescente se comparado a Guillaume. O pai de Anne-Marie desfizera suas últimas dúvidas ao afirmar que ele demonstrara ser excepcionalmente brilhante e entendia profundamente de todas as áreas da advocacia.

Nos últimos anos, as medidas que regulavam os direitos e obrigações de

proprietários de terras haviam sido radicalmente alteradas, e ninguém conhecia melhor do que Pascall Hiver quais as funções de um curador. Além disso, a esposa dele se dedicara à difícil tarefa de expor, em livros, panfletos e conferências, as injustiças cometidas contra as mulheres que não recebiam a necessária defesa das leis, arcaicas e ainda medievais.

Confiante em sua escolha, Julie recebeu o simpático advogado que passara uma semana examinando a situação dos vários investimentos de Guillaume. Pascal Hiver foi recebido no escritório e colocou sobre a escrivaninha as nove pastas que continham todos os papéis relativos a esses assuntos.

— Já leu o testamento, madame?

— Sim, ontem à noite. — Ela entregou-lhe o documento com um sorriso seguro. — Tinha de me preparar para o nosso encontro de hoje, não é?

— Sem dúvida. Então agora podemos resumir com mais clareza sua situação, certo? A senhora terá uma renda anual de trezentos mil francos pelo resto da vida... sem nenhuma cláusula condicional. Isso significa que não a perderá, mesmo se voltar a se casar.

Pascal olhou para Julie a fim de verificar se não havia nenhuma dúvida para que ele pudesse prosseguir.

— Existem alguns terrenos e casas em áreas próximas a Paris, mas a propriedade de valor mais significativo é o castelo de Marduquesnes, com sua grande extensão de terra, e esta casa. As duas propriedades foram legadas ao filho, Charles Louis, e serão administrados pela senhora até que ele complete vinte e um anos. No caso... — Ele tossiu para disfarçar o embaraço. — Bem, no caso de o herdeiro morrer antes de atingir a maioridade, todas estas propriedades passam a pertencer à família Farroux.

Na noite anterior, Julie se detivera naquela cláusula do testamento que a perturbava demais. Não queria nem pensar na morte do filho, porém como nada era impossível, ressentia-se com a passagem de sua herança para as mãos dos parentes de Guillaume. Felizmente, a família Farroux, grande e muito unida, não morava em Paris, mas ela era obrigada a suportá-los todos os anos durante os meses de verão que passava em Marduquesnes. Os mais velhos, embora demonstrassem que a consideravam uma intrusa, ainda mantinham um certo respeito à antiga tradição, porque, afinal, estavam convivendo com uma Sainte Aube!

Os mais jovens a desprezavam sem disfarces. Todos haviam prosperado com a Revolução, embora nenhum conseguisse ascender tanto como Guillaume. O esplendor de Marduquesnes provocava-lhes uma inveja incontrolável, e Julie simbolizava tudo o que nunca possuiriam. Uma aristocrata, de sangue azul, que devia ter sido guilhotinada, representava um obstáculo entre eles e um castelo sobre o qual se julgavam com direitos de propriedade concedidos por lei. A violência da maldade dos Farroux a amedrontava, e sofria ao imaginá-la dirigida contra seu filho. Se os parentes do marido descobrissem a existência dessa cláusula no testamento, não haveria mais um momento de paz em sua vida!

— É necessário que os Farroux leiam ou sejam informados sobre todos os detalhes deste documento, em especial, sobre esta cláusula, monsieur Hiver?

— Não, madame. A lei só exige que a senhora o cumpra com fidelidade.

— E se eu morrer antes de meu filho atingir a maioridade?

— Nesse caso, a tutela do herdeiro será entregue à família Farroux, madame.

— Então... acho melhor sobreviver até Charles completar vinte e um anos. Infelizmente, não posso afirmar que confio nos parentes de meu marido!

— Compreendo perfeitamente suas dúvidas, madame. Agora que decidiu cuidar de sua saúde para manter a tutela de seu filho, vamos tratar de assuntos mais agradáveis. Acho que seria uma boa ideia se a senhora contratasse um consultor financeiro, alguém de extrema confiança, é claro. Terá uma renda excepcionalmente grande para administrar. Só de Marduquesnes receberá três milhões de francos anuais.



— Desculpe-me monsieur Hiver, mas acho que se enganou. Talvez essa quantia represente a soma de outras propriedades com a de Marduquesnes, sobre o qual tenho uma noção bastante clara. Em anos de grandes lucros, a renda nunca ultrapassou dois milhões de francos.

— É incrível! Terei mesmo cometido algum engano? Perturbado, Hiver começou a verificar cada uma das pastas com a contabilidade de Marduquesnes, desde o ano em que Guillaume assumira a posse da propriedade. Finalmente satisfeito, ele voltou a sentar-se diante de Julie.

— Sinto-me bastante aliviado, em lhe dizer que não me enganei, madame. Nos últimos cinco anos, a renda ultrapassou três milhões e... Ah! Agora entendo! A senhora descontou a soma enviada para o Exterior.

— Para o Exterior? — Julie o fitou, desnorteada. — E por que... Como?

— Agora as remessas foram interrompidas, é claro. Mas, até o ano passado, um milhão de francos era transferido, através de um banco holandês, para a conta de Charles Sainte Aube, em Londres. Tratava-se de seu pai, não?

— Impossível! Meu pai morreu durante o Terror.

Hiver não compreendeu a reação de Julie. Ele encontrara Sainte Aube, apenas em uma ocasião, quando Farroux lhe pedira para ir pessoalmente a Londres a fim de entregar a quantia anual do marquês em moedas de ouro, porque surgira algum problema com o banco. Recentemente, soubera por clientes vindos da Inglaterra que ele morreria pouco antes de poder retornar à França. Isso acontecera havia menos de dois anos.

Entretando, Hiver hesitou antes de insistir no assunto, assustado com a situação bastante delicada. Será que madame Farroux sofria de alucinações? Essa hipótese não o convencia, pois, além de estar completamente controlada, o velho Farroux jamais entregaria a uma mulher com problemas psicológicos a responsabilidade de administrar suas propriedades. Mas, por algum motivo incompreensível, ninguém a informara sobre os fatos. Embora o desagradasse muito, teria de elucidá-la a esse respeito.

Então pensou em uma saída perfeita! Em vez de contar-lhe a verdade, deixaria que ela a descobrisse sozinha!

— Seu marido mantinha a correspondência pessoal nesta casa, madame?

— Não. Ele preferia usar o cofre de um banco, que foi aberto após sua morte. Depois que os funcionários verificaram tudo, enviaram-me várias pastas que guardei aqui no escritório.

— Então acho que deveríamos examinar toda a correspondência... juntos, madame.

Não se perde uma convicção guardada com carinho durante anos, de um instante para o outro, mesmo diante de provas de demonstram a sua falsidade. A súbita revelação perturbou Julie a tal ponto que pediu ao advogado para adiarem, por alguns dias, a discussão daquele assunto. Precisava de tempo e solidão para reler muitas vezes os documentos que destruíam suas últimas ilusões sobre os seres humanos. Agora tudo ficara muito claro e começava a revoltar-se por ter sido manipulada como um fantoche!

O amoroso pai só existira em sua mente iludida. Charles Sainte Aube nunca se preocupara com a segurança da filha. Na verdade, a obrigara a enfrentar grandes riscos apenas para garantir a posse de suas propriedades. Tudo não passara de um jogo entre dois homens sem escrúpulos! Charles apostara que os Bourbon restaurariam a monarquia e ele voltaria a ser o senhor de Marduquesnes, porque Farroux jamais teria filhos. Guillaume apostara na permanência da República e na manutenção da posse da propriedade, já planejando aceitar um herdeiro gerado pelo amante da esposa.

A mentira sobre a morte do pai tivera a intuito de chocá-la reduzindo à total submissão, provocada pelo sofrimento. Aliás, essa tática fora discutida detalhadamente nas cartas!

Ele nunca pensara, nem por um segundo, em seu sofrimento? Não se preocupara com o fato de que jamais voltaria a ver a filha? E por que se perturbaria? Charles Sainte

Aube estava vivendo como um milionário na segurança da Inglaterra, pois Guillaume, o cúmplice daquela traição infame, continuava a mantê-lo em uma vida de luxo!

Sua renda anual, que julgara generosa, agora se transformara em uma quantia desprezível. E, além dessa ninharia, ela não tinha direito a mais nada. Até mesmo a casa onde viveria pertencia ao filho, que lhe concederia o privilégio de partilhá-la! Subitamente, a sua situação tornou-se intolerável e seu ódio foi tão intenso que decidiu lutar contra os homens inescrupulosos, capazes de tudo para lucrar, até mesmo capazes de destruir a vida de uma jovem!

Julie passou quatro dias preparando-se para a luta, e só então chamou novamente Pascal Hiver.

— Eu decidi ler com mais atenção as obras de sua esposa, monsieur Hiver. E concluí que posso até apresentar-me diante de um tribunal para provar a veracidade das denúncias feitas por ela. Fui usada vergonhosamente, como uma peça num jogo de alto risco e grandes lucros por meu pai e como uma égua procriadora por meu marido. Ambos abusaram de minha integridade física e moral apenas para aumentar suas fortunas. Não pretendo tolerar nem mais um dia de escravidão.

— Compreendo sua revolta e seu desejo de independência, madame. Mas até a maioridade de seu filho terá em suas mãos uma fabulosa quantia que, se for bem investida...

— Quero contestar a validade do testamento!

— Mas... em que pretende basear essa contestação, madame?

— E se Marduquesnes e esta casa não pertencessem a Guillaume e sim a meu pai, monsieur?

— Então teríamos um motivo para contestar. Entretanto, eu vi os títulos de propriedade em nome de Farroux.

— Então ouça esta frase, que me inspirou a tomar esta decisão: "se um filho resultar da consumação desse casamento..."

— Sinto muito, mas não entendi seu raciocínio, madame.

— O meu casamento nunca foi consumado. Farroux estava com setenta anos quando nos casamos e meu filho é...

— Sim, sim! Agora compreendo — ele a interrompeu, para evitar que se humilhasse expondo detalhes de sua intimidade. Mesmo assim, Farroux reconheceu o filho e nomeou-o legalmente seu herdeiro. Qualquer juiz...

— Espere! Não está bastante claro que, no caso de não haver um filho, a posse da propriedade reverteria a Charles Sainte Aube ou a seus herdeiros?

Hiver entendia agora que rumo aquela jovem impetuosa pretendia tomar e tentava prever os possíveis problemas a serem contornados.

— Seu pai morreu sem deixar um testamento, madame?

— É o mais provável, mas, como pode ver, ele cercou-se de precauções para manter-me impossibilitada de descobrir a verdade. Talvez tenha até se casado na Inglaterra, porém pelo que conheço a respeito de meu pai, devo ser ainda a sua única herdeira. Será possível conseguir essas informações, monsieur Hiver?

— Financeiramente não existe problema algum. No entanto, insisto em pedir-lhe que pense mais sobre o assunto, madame. Julga prudente ou sensato contestar o testamento baseando-se nesses fatos? Acho bastante difícil provar, após a morte do cônjuge, que um casamento de nove anos nunca foi consumado. E também devo avisá-la que sofreria a terrível humilhação de expor sua intimidade diante de um tribunal. Seu marido foi um respeitado membro do governo e a vida conjugal que partilharam será devassada sem a menor consideração por...

— Monsieur Hiver!

Ao erguer a cabeça para fitá-la, Hiver ficou chocado com a expressão de ódio implacável no rosto delicado de Julie Farroux.

— Eu pouco me importo em desperdiçar uma fortuna e muito menos em perder minha reputação. Quanto à necessidade de provas concretas... eis aqui uma evidência irrefutável.

Com um sorriso triunfante, ela entregou um papel ao advogado.

O choque ao ler o documento transfigurou o rosto sempre calmo de Hiver. Não podia acreditar em seus próprios olhos! Um acordo entre o marido e o amante, onde um oferecia dinheiro e influência e o outro a própria virilidade com o objetivo de gerar um filho? À primeira vista, aquela prova dava à Julie Farroux um argumento extremamente forte que nenhum juiz conseguiria ignorar. Havia problemas, sem dúvida. Um dos participantes já morrera e o outro, a julgar pelo nome, era um inglês e portanto inacessível às exigências das leis francesas. Como convencê-lo a depor? Ou mesmo a assinar uma declaração onde confirmasse sua paternidade?

A mente de Hiver pesava a avaliava os prós e os contras daquele papel infame. Não fora assinado por nenhuma testemunha além dos dois participantes do acordo, o que o invalidaria legalmente, mas juiz algum ficaria indiferente ao ultraje cometido contra um mulher decente! A perspectiva de enfrentar uma batalha excitante começava a entusiasamá-lo.

— Eu gostaria de pensar sobre as nossas chances de vencer esse processo, madame. Preciso de alguns dias e de todos os documentos relativos ao caso.

— Leve tudo o que quiser, monsieur. — Julie sorriu ao notar o brilho de excitação nos olhos de Pascal Hiver. — O importante é verificar qual caminho que iremos seguir.

— Também darei ordens a um investigador bastante discreto para verificar se o sr. Charles Sainte Aube voltou a se casar durante a estada na Inglaterra.

— Como já lhe disse, ele teve dezenas de amantes, mas acho que preferia morrer a dividir sua fortuna, monsieur Hiver.

— Estou apenas sendo cauteloso, madame. É sempre prejudicial concluir sem analisar a fundo o problema, mas... creio que temos um caso com grandes possibilidades de se transformar em um sucesso sem precedentes nos anais judiciais da França!

## CAPÍTULO XX

A amizade de um dos mais poderosos estadistas da Europa, que encheria de vaidade ou despertaria a ganância da maioria dos homens, teve um significado profundo para Sebastian. Em poucas horas, ele realizara um sonho que julgara impossível: pertencer a uma família, ter um irmão!

Nada poderia romper o elo que se formara. A honra exigia a manutenção do segredo e ninguém jamais saberia que laços de sangue os uniam. Um canal separava seus países, constantemente em guerra, obrigando-os a se comportarem com formalidade. Contudo, estes seriam apenas obstáculos aparentes. Os dois haviam restabelecido a indescritível união da fraternidade. Para Sebastian, essa ligação preciosa transcendia fronteiras, transcendia a força mítica do poder ou conflitos políticos. Mesmo se a Europa continuasse a se enfrentar nos campos de batalha, eles manteriam viva através de cartas a insuperável felicidade de serem irmãos.

A alegria de seu encontro com Napoleão fora completada com a colaboração de Josephine. Através dela soubera que já era pai! A descoberta de que possuía um irmão e um filho tinham-lhe dado um novo alento, e Sebastian retornou à Inglaterra menos frustrado pela recusa categórica de Julie em recebê-lo.

Se a esperança voltara a iluminar sua vida, o amor também poderia renascer no coração de Julie. Agora conseguia acreditar que a separação não significava um rompimento definitivo e sim um desentendimento temporário. Com tempo e persistência, reconquistaria a mulher amada e o filho, mas não pretendia esperar muito. Angustiava-se ao pensar que a reconciliação se realizasse tarde demais e ele, idoso e embaraçado como Diderot, sentisse vergonha de dizer "Eu sou seu pai" a um homem adulto e indiferente.

*Família.* O verdadeiro significado dessa palavra lhe fora ensinado em Malmaison por um homem que não se envergonhava de revelar seus sentimentos. Aprendera com Napoleão que os laços familiares formavam-se de paixão e renúncia, amor e ódio e muitas vezes ciúmes destrutivos e perdões inesperados, mas sempre sobreviviam, porque o elo, precioso e único, era mais forte do que desavenças temporárias.

Sebastian ficara tão empolgado com as emoções demonstradas sem disfarces pelo irmão e pelo carinho de Josephine ao contar-lhe os detalhes do nascimento de Charles Louis, que perdera a capacidade de agir racionalmente. Saiu de Malmaison certo de que transmitiria a Julie os mesmos sentimentos e, por precipitação e insensatez, agravara sua situação. Ela negara-se a recebê-lo, e só forçando a entrada, como um malfeitor, conseguiria ver seu filho. Embora a frustração fosse intensa, conseguiu recuperar a lucidez, percebendo que apenas a sutileza lhe abriria as portas. Em sua próxima tentativa, se apresentaria com a arte de um diplomata! E também não podia se esquecer de que Guillaume Farroux, apesar da idade avançada, continuava sendo um adversário que não devia subestimar. O velho astuto jamais abriria mão do herdeiro sem luta e, enquanto ele possuísse algum direito sobre a criança, Julie não o abandonaria.

A primeira providência de Sebastian ao retornar a Londres foi procurar o auxílio de advogados. Na Inglaterra, a lei comum não lhe dava direitos de considerá-la sua mulher? Também não contaria com a proteção legal para reclamar a paternidade de uma criança, comprovando que fora gerada por ele? Suas dúvidas porém, provocaram respostas decepcionantes. "Um contrato? E na França? Ah! As leis francesas são extremamente complexas, sr. Ramlin!"

O caso apresentado por Sebastian apresentava dificuldades tão grandes que até os mais famosos juristas ingleses evitavam se definir, aconselhando-o apenas a ter paciência. Através de minuciosas pesquisas talvez se encontrasse algum precedente jurídico que fornecesse bases sólidas para um processo. Entretanto, a lentidão da estrutura legal exasperava-o, e ele reconhecia que nunca aprendera a ser paciente!

A sua urgência não apressava ninguém, e Sebastian ocupava o tempo de espera escrevendo a Julie. As cartas repetiam suas juras de amor, a angústia do remorso, o sofrimento da solidão e insistiam na súplica final, o perdão de seu erro. Nunca mereceram uma única resposta.

Evidentemente, podia-se culpar a guerra entre a França e a Inglaterra pela irregularidade da correspondência entre os dois países. Nunca se sabia se, por algum ponto do caminho, os mensageiros haviam perdido a vida. No entanto, Sebastian acreditava que suas cartas estivessem chegando a Paris e sendo interceptadas por Guillaume. Tentou o recurso extremo de escrever para o endereço particular de Anne-Marie, mas também não obteve nenhum resultado. Finalmente, foi obrigado a admitir que Julie não tinha a menor intenção de sequer abrir os envelopes nos quais reconhecesse sua letra, rasgando-os ainda fechados. Por que aquele velho diabólico não morria de uma vez?

Após meses de cartas sem resposta, opiniões legais indefinidas e ambíguas, ele

chegou a um ponto de desespero que começou a pensar em rapto, assassinato, enfim, qualquer loucura para conseguir ver Julie e o filho pessoalmente e implorar a dádiva de uma segunda chance. Já não lhe restava nenhuma saída a não ser as mais violentas, quando um advogado desconhecido, Pascal Hiver, escreveu-lhe oferecendo-lhe a oportunidade que já desistira de esperar. Em seu rebuscado francês de jurista, deu-lhe uma das melhores notícias recebidas nos últimos meses.

Finalmente, o diabólico Farroux morrerá! Na verdade, sua morte ocorrera, alguns meses atrás, mas só agora a viúva decidira iniciar o processo para contestar o testamento do marido com base no casamento não consumado e na verdadeira paternidade de Charles Louis. Bastaria uma declaração feita em cartório com duas testemunhas para invalidar os direitos de Guillaume sobre as propriedades dos Sainte Aube.

Sebastian não deixaria escapar de suas mãos essa oportunidade única, e assegurou a Pascal Hiver que um testemunho pessoal teria muito mais força, dispondo-se a declarar a verdade diante de um tribunal. Quando ele terminou a carta de resposta ao advogado, seu valete já fizera suas malas. Estava de partida para Paris!

— *Monsieur* Ramlin! — Babette não disfarçou a alegria ao revê-lo. — Há quanto tempo não vem a Paris! Madame foi passar a manhã com madame Seurat, mas deve estar de volta a qualquer momento. Ela ficará feliz com sua visita.

Apesar de mais confiante em seu sucesso, Sebastian não partilhava do otimismo de Babette. Dando uma desculpa vaga para não esperar por madame Farroux no salão, permaneceu no pátio, onde a veria no instante em que descesse da carruagem. Só entraria na casa de Julie se ela o convidasse e, como talvez ainda não tivesse chegado esse momento, conversariam ali mesmo.

Quando a carruagem chegou, poucos minutos depois, Sebastian mal continha a excitação. Não via Julie há dois anos, tempo suficiente para que o ódio tivesse diminuído. O marido, que alimentava sua raiva, finalmente morrerá, e por certo ela estaria mais acessível, talvez até pronta para perdoá-lo. Além disso, precisava dele. O apelo feito através da carta do advogado só podia ser um sinal disfarçado de que lhe estendia o ramo de oliveira, pedindo paz!

A mulher que desceu da carruagem destruiu as ilusões de Sebastian. Dois anos haviam apenas mudado a aparência: o implacável anjo vingador, com olhos brilhando de ódio e desprezo, se transformara em uma estátua de gelo, de expressão glacial e indiferente. Após dar um aceno de cabeça, indicando a uma lacaios que carregasse seus pacotes, Julie ignorou sua presença, voltando-se para a jovem babá com uma criança nos braços.

— *Bonjour, monsieur.* — A jovem colocou o menino no chão e, sem imaginar que estivesse prestes a presenciar uma batalha, deixou-o livre para se aproximar do estranho.

Com os olhos brilhando de curiosidade e um sorriso tímido, o menino loiro segurou-se à casaca de Sebastian, que, esquecendo-se de todos os problemas ainda por resolver, abaixou-se e retribuiu o cumprimento daquela criança encantadora.

— Leve-o para casa, Betty — ordenou Julie em inglês e num tom áspero. — Imediatamente!

A jovem precisou puxar o menino do pátio, mas a voz de sua patroa exigia obediência absoluta. Mal ela entrou, Julie postou-se diante da porta, barrando a passagem de Sebastian.

— Ele é lindo. — Sebastian tentou controlar a emoção nítida em sua voz. — Um menino cativante...

— Dispensio sua opinião.

— Vim vê-la porque Pascal Hiver comunicou-me que precisa de meu testemunho.

— Então veio ao endereço errado — replicou ela, começando a fechar a porta.

A boa vontade, mantida por Sebastian à custa de muito esforço, chegou ao fim. Descontrolado, ele segurou a porta, impedindo-a de negar-lhe o acesso àquela casa.

Julie nunca o vira antes tão dominado pela raiva que transformava o rosto atraente em uma máscara de fúria. E, em vez de assustar-se, sentiu o aroma tão conhecido de seu creme de barba e... flores silvestres nos campos dourados pelo sol do verão em Bryony Manor.

Ao avistá-lo antes de a carruagem entrar no pátio, revivera com a mesma intensidade do primeiro dia a dor, a humilhação e a angústia da traição de Sebastian. Enfurecida com a audácia daquele descarado que voltava a impor sua presença, só refreara o impulso de agredi-lo por causa do filho e da babá.

Agora, para seu desespero, o seu controle cedeu à onda de desejo que a envolvia. Há dois anos tirara esse homem de seu coração! Não era possível desejar quem se odeia tanto! Sem dúvida seu corpo a traía porque vivia em castidade e Sebastian, atraente demais, atrairia qualquer mulher. Mas teria forças para dominar o físico, porque nunca mais seria manipulada por um homem!

— Não adianta fugir de realidade, Julie. Se quer minha cooperação, tem de me tratar ao menos com civilidade. — A voz dele revelava uma determinação ameaçadora. — Já estive na casa de Hiver e sei que a vitória de seu caso depende unicamente de um fato: a prova de que sou o verdadeiro pai do seu filho.

Julie não podia contestar essa verdade penosa. Só conseguiria invalidar o testamento com uma declaração de Sebastian de que Charles Louis era seu filho e não de Guillaume Farroux. Ela o deixaria entrar em sua casa, mas apenas para usá-lo, como fora usada no passado!

— Então diga logo o que quer!

Sebastian olhou para o vestíbulo, onde Julie parara, sem intenção de permitir que ele ultrapassasse os limites de um recinto reservado a estranhos.

— Em primeiro lugar, quero maior privacidade do que a de um vestíbulo. Não sou um entregador de pacotes ou um desconhecido que não merece sua consideração ou cortesia.

Em silêncio, Julie conduziu-o ao escritório de Guillaume, acreditando que teria mais forças para enfrentá-lo se o recebesse no aposento onde ainda pairava a lembrança do sofrimento causado pela traição de Sebastian.

— Então? Agora já tem privacidade e eu... não tenho tempo. Explique-se logo. O que quer?

Sebastian ia falar quando Julie tirou a capa. Seus olhos percorreram o corpo moldado pelo vestido de tecido leve. Ela ainda conservava as linhas esbeltas, mas a fragilidade quase etérea dera lugar a curvas voluptuosas. O uso da cor cinza indicava o segundo estágio de luto. Iria comportar-se como uma viúva inconsolável ou continuaria a agir com a dureza de uma mulher que não conseguia perdoar?

— Quero entregar-lhe isto. — Ele colocou uma chave sobre a escrivaninha. — Serve para abrir um cofre alugado em seu nome em Bruni Marhouac, o meu banqueiro em Paris, onde foi colocada a soma de dez mil lises em ouro.

— Eu e meu filho não estamos à venda.

Enchendo-se de paciência, Sebastian preparou-se para enfrentar a obstinação de Julie.

— Estou apenas pagando uma dívida. Guillaume deu-me quatro mil lises ao efetuarmos um acordo em que entrei sob falsos pretextos. Nunca tive intenção de fornecer-lhe um herdeiro e sim roubar a mulher dele. Portanto, devolvo a quantia acrescida dos juros de cinco anos.

— Astucioso mas falso! — interrompeu Julie. — Você ganhou milhões, ficou rico.

— Cale a boca! — explodiu ele, novamente à beira do descontrole total. — O seu marido não fez nada além de colocar quatro mil lises em minha conta bancária, entendeu? Ele nunca moveu um dedo para ajudar-me profissionalmente, e eu só vinha a Paris a fim de vê-la, não para beneficiar-me com as influências daquele velhaco!

— Por favor... poupe-me o tédio e o asco que suas mentiras provocam em mim. Não sou mais a garota ingênua que você enganava com facilidade.

— Já notei a mudança e talvez esteja madura o suficiente para ser informada sobre a verdade dos fatos. Guillaume Farroux não cumpriu sua parte no contrato porque só o faria após ter certeza de que conseguiria a parte dele... o herdeiro. Devo meu sucesso a uma conexão familiar que ignorei até a morte de Domenico. — Sebastian percebeu, pela expressão desdenhosa de Julie, que ela não acreditava em suas palavras. — Sou parente dos Bonaparte.

A gargalhada cínica e amarga que Sebastian temia ouvir foi a única resposta a sua afirmação.

— Trata-se de um parentesco distante, mas ajudou-me a...

— Mas é claro! — ela o interrompeu, sorrindo zombeteiramente. — Hoje em dia... quem não é parente de Napoleão? Por mais distante que fosse o parentesco, você conseguiria aproveitar-se disso e lucrar muito... como lucrou através do contrato com Guillaume! Eu o conheço bem, sei que não existe ninguém tão inescrupuloso, imoral e disposto a qualquer infâmia para satisfazer sua ganância desenfreada!

A reação de Julie provocou uma fúria em Sebastian que ele chegou a assustar-se com a violência de suas emoções. Violara um segredo e fora ridicularizado! Incapaz de se controlar, agarrou-a pelos braços, sacudindo-a até que os grampos se soltaram, libertando a longa cabeleira sedosa.

— Bruxa maldosa! Está usando esse documento pelo qual me condenou com a mesma falta de escrúpulos de que me acusa! — Ele a manteve presa, apesar dos esforços que Julie fazia para libertar-se. — Eu podia ter mentido! Você praticamente implorou para que eu negasse tudo e então seria a minha palavra contra a de Guillaume. Sem dúvida acreditaria em mim, mas contei-lhe a verdade porque a amava e julguei que seu amor fosse infinito e capaz de perdoar. Errei por confiar em você, mas, se insistir em me provocar, jurarei agora que a assinatura foi falsificada.

— Tire suas mãos de mim!

— De modo algum! Não antes de...

— De quê? Por Deus, diga logo o que quer de mim!

Como revelar que só desejava amá-la, ter de volta o respeito e a admiração do passado, recuperar a razão de viver, partilhar com ela a antiga paixão?

— Quero meu filho.

Ao ouvir a própria voz, deformada pela raiva, Sebastian tomou conhecimento de seu total descontrole. Jamais tocara uma mulher com violência e suas mãos haviam marcado a pele clara dos braços de Julie. No passado, os problemas desapareciam quando seus corpos se tocavam e a paixão explodia envolvendo-os em ondas de prazer. Talvez, se pudesse amá-la novamente, as barreiras se desfariam e reencontrariam um caminho sem ódios.

Sentindo que ele não mais a prendia, Julie afastou-se, com a respiração alterada de raiva. Sebastian porém percebeu o desejo naqueles olhos dourados, controlado apenas pela determinação em odiá-lo.

— Quero muito de você, mas, antes de tudo, quero amá-la de novo. Agora!

Julie lutou contra o desejo de ceder às sensações que quase a impediam de raciocinar. Mas ainda lhe restava um mínimo de lucidez. Olhando para a chave sobre a escrivaninha, sorriu cinicamente.

— Por que não? Afinal, é um pedido insignificante diante de dez mil luíses de ouro!

Sebastian controlou o impulso de agredi-la por agir com tanto cinismo e seguiu-a até o quarto, evitando qualquer comentário que a levassem a mudar de opinião.

Com gestos rápidos, Julie se despiu diante dele, sem desviar o olhar nem demonstrar timidez ou ansiedade. Foi Sebastian que não suportou olhá-la, percebendo em cada gesto dela o intuito de magoá-lo ainda mais. Quando sua doce amada aprendera

a ser tão cruel? Onde estava a meiguice e a ternura que haviam conquistado seu coração?

Ele quase recuou, dispensando-a do sacrifício de se entregar a um homem que odiava, mas, ao fitá-la novamente, o desejo retornou com uma intensidade incontrolável. Julie o esperava, deitada na cama, e o corpo nu que ele possuía com tanta paixão se oferecia às suas carícias. No instante em que a tocou, desapareceu a mulher cruel e amarga, disposta a destruí-lo e viu apenas a jovem sensual, ávida por seu amor.

Julie entregou-se sem reservas, retribuindo com a mesma paixão as carícias ardentes de Sebastian. Entregando-se ao prazer, ela ainda teve um instante de lucidez e acreditou que estava usando-o para satisfazer seus desejos. Fechando o coração à ternura, cedeu ao delírio físico.

Quando os dois repousavam, lado a lado, saciados e envoltos pela serenidade da paixão consumada, Sebastian sentiu-se e, novamente feliz. Julie o amava! Mulher alguma fingiria com tanta perfeição o desejo e o prazer e muito menos aquela jovem que jamais aprendera a dissimular suas emoções. O ato sexual lhe dera a resposta pela qual ansiava: ela continuava apaixonada!

— Case comigo, amor — murmurou ele, beijando os cabelos de Julie. — A lei é lenta demais e não conseguirei suportar um outro ano angustiante como o que passei. Deixe tudo nas mãos dos advogados e venha comigo para a Inglaterra, com nosso filho. Você é tudo que eu desejo.

— Casamento? — Ela espreguiçou-se, com um sorriso nos lábios. — Nunca mais me unirei a um homem. Jamais me submeterei novamente à dominação masculina. Criarei meu filho sozinha. Não preciso de ajuda. Se está disposto a jurar que é pai dele, talvez o juiz lhe conceda direitos de visita, mas não entendo do assunto e acho melhor consultar Pascal Hiver. Além disso, só posso lhe dizer que você seria o último homem no mundo com quem me casaria!

O rosto calmo e inteligente de Pascal Hiver refletia uma mescla de tristeza pela insensatez com que os seres humanos destruíam suas chances de felicidade. O homem pálido e de voz atormentada a sua frente causava-lhe pena. Quando ele terminou de contar-lhe seus problemas, o advogado suspirou, sem ânimo para enfrentar um dilema insolúvel.

— Por mais que eu desejasse ajudá-lo, meu poder não chega a tanto, rapaz. Minha função resume-se a aconselhar os clientes, não a insistir que tomem determinadas decisões. Compreendo a sua situação, mas tente entender o outro lado do problema, sim? Na verdade, madame Farroux não teria nada a ganhar com um casamento, em especial se conseguirmos invalidar o testamento. Quanto ao filho, supostamente seu... se você negar a validade da assinatura estará também abrindo mão da paternidade da criança. E, nesse caso, tribunal algum aceitaria suas petições exigindo direitos de pai.

Imóvel, Sebastian cravava as unhas na palma das mãos, lutando contra a perda de controle.

— E se eu confirmar a validade da assinatura, perderei a chance de convencê-la a aceitar uma reconciliação. Entende que é minha única arma?

Pascal Hiver já ouvira tantas vezes os seus clientes usarem essa palavra, tão fora do contexto em situações que envolvem sentimentos e sempre a considerara de uma ironia amarga.

— Está falando sobre problemas afetivos, meu caro. Eu não tenho conhecimentos profundos a esse respeito.

O casamento de Pascal Hiver, embora não fosse uma união romântica, sempre lhe dera apenas as alegrias de uma ligação afetiva entre duas pessoas sensatas com os



mesmos ideais e dispostas a viver em harmonia. Na verdade, agradecia a Deus por ter lhe poupado o sacrifício de suportar uma grande paixão. Vira, através de clientes e amigos, o que essa emoção devastadora podia provocar. Pessoas sensatas e de boa índole se transformavam em criaturas vingativas, capazes de trair e mentir sem remorsos. Diante dele estava um homem apaixonado e, embora jamais revelasse qualquer detalhe particular de um processo, Sebastian possuía uma simpatia contagiante que despertava o desejo de ajudá-lo. Além disso, seu testemunho significava o sucesso ou fracasso do caso de madame Farroux. Portanto, a necessidade de auxiliá-la justificaria sua quebra de confiança.

— Madame Farroux tem motivo de sobra para revoltar-se. Ela foi usada inescrupulosamente por homens em quem confiava, mas não está tomando essa atitude apenas por vingança. Os termos do testamento colocam a herança de seu filho em perigo. Se o menino morrer antes de completar vinte e um anos, tudo o que pertenceu ao marido passará para a família dele. Se a mãe morrer antes da maioridade do herdeiro, os mesmos Farroux assumirão a tutela de Charles Louis. E, segundo minha cliente, não merecem confiança, são gananciosos e mal-intencionados.

— E se ela conseguir invalidar o testamento?

— Madame será a única herdeira de tudo. E, caso tenha sucesso, pretende vender todas as propriedades em solo francês e mudar-se para a Inglaterra.

Pascal calou-se para observar as expressões que Sebastian não conseguia disfarçar: dúvida, surpresa, interesse, incredulidade e até uma ligeira esperança.

— Sem dúvida a presença dela e do filho na Inglaterra facilitará a concessão de direitos de visita. E talvez até consiga a reconciliação.

— Acho essa mudança impraticável, sr. Hiver. Os dois países estão em guerra. Como seria possível transferir uma fortuna imensa da França para a Inglaterra?

— A guerra é sem dúvida um obstáculo, mas facilmente contornável. Existem bancos especializados em transferências de grandes somas de um país para o outro. Eu a colocarei em contato com Herr Rothschild, de Frankfurt, que tem parentes em Londres. Ele já efetuou, sempre com sucesso, transações desse tipo.

— Então, só me resta esperar — disse Sebastian, levantando-se. — Meu testemunho será necessário apenas quando for marcada a data da audiência diante do juiz, não é?

Pascal Hiver franziu a testa, preocupado. Não podia deixar aquela testemunha vital para o caso de madame Farroux sair de seu escritório sem um único documento por escrito.

— Seria quase impossível prever essa data devido ao acúmulo de processos em andamento, monsieur Ramlin. Entretanto, como já lhe expliquei, sua declaração feita em meu escritório, diante de duas testemunhas idôneas, será o suficiente para que tenhamos a prova necessária.

— Sinto muito, sr. Hiver. Só lhe darei essa declaração quando tiver em mãos também a minha prova por escrito. Quero direitos de visita para ver meu filho, pelo menos todas as vezes que eu estiver na França!

— Aconselharei madame Farroux a concordar com seu pedido. — Hiver já tentava encontrar um meio de conciliar os dois sem provocar o recuo de Sebastian. — Sabe que só posso sugerir, não é?

— Então acrescente a sua "sugestão" que ela só terá a minha declaração se concordar com o meu "pedido"! Quando poderá me dar uma resposta?

— Em uma ou duas semanas, monsieur. Como surgirão vários pontos de atrito e será necessária uma concordância mútua, sugiro que contate seu advogado ou, se preferir, dê-me o nome e o endereço.

— Prefiro que se comunique diretamente comigo. Sebastian não pretendia transformar a vida de seu filho em uma batalha entre advogados. Entretanto, já percebera

que não resolveria o problema em poucos dias, como imaginara.

— Acha mesmo que ela irá mudar-se para a Inglaterra, sr. Hiver?

— Se vencer o processo, monsieur. — Hiver suspirou. — Foi uma decisão que eu desaprovei, mas madame está decidida a deixar definitivamente a França. Mencionei os problemas provocados pela guerra, mas, na verdade, essas pendências judiciais demoram anos e talvez quando terminar tudo a paz já tenha voltado a reinar entre nossos países...

Sebastian partiu de Paris na primavera de 1804. A invalidação do testamento poderia demorar mais de um ano para ser levado aos tribunais e, até esse dia, ele não precisaria estar presente para depor. Além disso, Julie não pretendia ceder em nada antes que a lei a forçasse a permitir as visitas paternas.

Em sua viagem de volta a Londres, Sebastian tentava se convencer de que seu filho teria no máximo três anos se o processo demorasse além do previsto e Julie insistisse em se manter hostil. Mesmo nesse caso, Charles Louis ainda seria uma criança e ambos poderiam estabelecer laços profundos através de uma convivência constante. A visão rápida do menino o comovera, mas não conseguia lembrar-se dos detalhes daquele rostinho vivo e não queria perder a lembrança de momentos que, por serem raros, se tornavam mais preciosos. Precisava gravá-los de algum modo!

"Toda pessoa culta mantém um diário", dissera Cecil havia anos, e praticamente obrigara Sebastian a imitá-lo. Até então, ele só anotava, tom o mínimo de palavras possíveis, os eventos mais marcantes e, após a morte de Domenico, havia apenas uma frase: "Encontrei N. e J. em Malmaison. A tripulação do Celestine e Chatsworth foram liberados".

A decisão de escrever tudo a respeito do filho foi uma das várias resoluções que Sebastian tomou durante a última etapa de sua viagem de Paris a Londres. Ia ocupar-se com os problemas da Petúnia, mas não mergulharia no trabalho com a mesma intensidade de antes nem continuaria a viver como um eremita. Voltaria a frequentar a sociedade e, se os olhos azuis de Lizzie ainda demonstrassem a mesma paixão, tentaria provar a si mesmo que Julie Farroux não era a única mulher no mundo!

Aos vinte e sete anos, Lizzie Carlsmare continuava rejeitando as frequentes propostas de casamento, sem preocupar-se com a escandalosa reputação provocada, merecidamente, pela constante troca de amantes e pela curta duração de seus relacionamentos.

Sebastian não tivera problemas para receber as atenções da atraente loira, que nunca perdera as esperanças de atraí-lo para sua cama. Mal imaginava que fora escolhida apenas por que ele não estava disposto a esforçar-se para seduzir uma mulher e Lizzie deixara bem claro o seu desejo de incluí-lo em sua longa lista de amantes, sem perder tempo com os rituais da conquista.

Infelizmente, a falta de ardor transformava aquele relacionamento em uma tarefa penosa para Sebastian. Nem uma vida social intensa, uma amante sedutora e sensual ou horas de trabalho exaustivo o ajudavam a não pensar na mulher cuja lembrança o atormentava dia e noite.

Em agosto, ele conseguiu esquecer até da existência de Julie, diante de um acontecimento que em breve se transformaria em um evento histórico. Um mensageiro particular entregou-lhe uma carta, onde foi informado, meses antes de o resto do mundo saber, da grande mudança que ocorreria na França. As palavras de Napoleão despertaram em Sebastian emoções profundas e contraditórias.

"Não ignoro o que falam sobre mim na Inglaterra, mas a França realmente necessita da restauração da monarquia. Dei ao povo todas as liberdades essenciais para uma vida com dignidade e fartura, restaurei a ordem, ofereci a prosperidade e devolvi as glórias que só existiram no período áureo de Carlos Magno. Mas, se eu morrer, a luta entre facções adversárias transformará o país em um caos tão brutal como o do Reino do Terror. Só

sendo rei poderei garantir a passagem hereditária do poder dentro da ordem e da paz.

Os dados já foram lançados e o jogo ganho! O Papa virá de Roma para me ungir e todas as grandes potências da Europa estarão presentes à cerimônia da coroação, em dezembro. Só a Suécia, a Rússia e sua maldita ilhota recusam-se a reconhecer-me como rei. Tentei chegar a um acordo de paz com a Inglaterra, mas seria obrigado a fazer tantas concessões que perdi a paciência.

Portanto, quem lhe escreve não é o lunático ávido pelo poder ridicularizado nos jornais ingleses, mas seu calmo e bastante cansado irmão. Se a cerimônia não fosse pública e você tão inglês, eu o convidaria a estar presente em Notre-Dame para partilhar comigo esse momento solene. No entanto, não o colocarei na situação embaraçosa de recusar o pedido de um imperador. Sei que a sua ausência não significará falta de amor."

Comovido, Sebastian apressou-se a escrever, pois o mensageiro só partiria quando tivesse em mãos a resposta.

"O seu convite me comove e me envaidece, além de despertar um imenso orgulho por tê-lo como irmão. Mas, usando suas próprias palavras, será uma cerimônia pública que me causaria problemas posteriores. Agradeço-lhe por compreender tão bem minha situação."

Após a partida do mensageiro, Sebastian releu a carta de Napoleão. Através de laços de sangue, ele partilhava com o irmão um momento único na História. Um mero soldado, nascido na Córsega em uma família plebeia, seria o imperador da França! E ele guardaria para sempre a emoção daquele momento para, algum dia no futuro, transmitir ao filho o orgulho que devia sentir de suas origens.

## CAPÍTULO XXI

1806

Estava realmente acontecendo! Era verdade! O vento forte do mar enfunava as velas do navio, afastando-o do pequeno porto holandês que desaparecia a distância. Segurando com mais firmeza a mão do filho, que queria correr pelo convés, Julie sentiu um alívio infinito e a exaltação resultante da vitória após uma longa luta.

Diante da impossibilidade de conseguir uma passagem para Inglaterra em qualquer porto em território francês, Julie partira para a Holanda, onde também encontrara dificuldades inesperadas para atingir seu objetivo. Havia uma quantidade absurda de licenças especiais a serem obtidas, um número exasperante de formulários intermináveis a serem preenchidos e depois de tanto trabalho apenas alguns recebiam a permissão do embarque.

Julie porém contava com alguns trunfos: sua mãe nascera na Inglaterra, sua fortuna impressionava até os burocratas mais pomposos e o fascínio de seus olhos castanhos possuía um forte poder de persuasão. Após seis semanas, um tempo recorde para esses casos, recebeu o papel com o carimbo oficial do governo holandês e finalmente iniciava a travessia do mar do Norte! Haarlem já ficara para trás e, se o tempo continuasse bom, chegaria a Ipswich na manhã seguinte.

Por sorte, o filho, que não parara um só instante o dia todo, agora se distraía observando os marinheiros subindo nos mastros para prender as velas. Ela insistira que Dora fosse descansar algumas horas e, agarrando com mais força a mão do menino, pensou sobre o significado daquele momento. A viagem em direção ao futuro a transportava de volta ao passado.

Ela chegara a Paris, seguindo as ordens do pai, aos quinze anos, uma criança ingênua que dependia de Guillaume para sobreviver. Agora partia da França, por vontade própria, uma mulher muito rica e independente que não admitiria homens em sua vida. Com exceção do pequenino que segurava sua mão, claro!

Com cabelos loiros, olhos verdes e já vestido como um garoto inglês, seu filho não era mais uma criança francesa.

— Temos de chamá-lo de Lewis, querido.

O menino continuava absorto demais com as manobras dos marinheiros para ouvi-la e Julie não insistiu. O vento, frio demais para o mês de junho, poderia significar uma tormenta? Ela tentou considerar o pequeno trecho por mar como um fato banal, mas, mesmo sem tempestade ou os perigos inevitáveis da guerra, aquela travessia nunca seria um acontecimento sem importância. Iniciava uma viagem para sua nova vida e muito antes do que imaginara. Estaria preparada?

Pascal Hiver, tão arguto em todas as suas previsões, enganara-se redondamente em relação às datas. O seu caso não demorara anos como ele antecipara, pois, em dezoito meses, tudo fora resolvido. Estava em dezembro e a França celebrava o primeiro aniversário da coroação do imperador Napoleão. A inflação tinha sido dominada, os salários subiam mais do que os preços, o império revelava uma prosperidade milagrosa e todas as áreas administrativas haviam sido remodeladas, com a eficiência substituindo a corrupção. Até o Poder Judiciário funcionava com uma rapidez inédita!

Em janeiro, quando os franceses comemoraram a entrada do ano de 1806, retornando ao calendário gregoriano após catorze anos sob uma arbitrária divisão de meses criada pelos revolucionários, Julie recebeu o chamado para a audiência preliminar. Quatro semanas depois ela celebrou, em família, a deliberação do juiz. A sentença fora dada sem que houvesse novas audiências nem escândalos nos jornais, porque o julgamento tinha sido a portas fechadas. O testamento foi considerado sem validade, entregando-lhe a posse de sua herança por direito. O processo, tão temido, terminara, mas a guerra com a Inglaterra persistia.

Pascal Hiver não escondera suas preocupações.

— Tem certeza absoluta de que ainda quer mudar-se para a Inglaterra, madame? Entendeu que precisará vender todas as suas propriedades antes de partir, não? Também perderá para sempre o direito de possuir qualquer bem imobiliário em solo francês se emigrar para uma nação inimiga. Além disso, a economia da França apresenta perspectivas bem mais promissoras do que as da Inglaterra.

— O senhor me indicou excelentes assessores financeiros e por isso devo-lhe agradecer de coração, monsieur. Já os consultei e soube que nada me impede de adquirir propriedades naquele país. Tenho dinheiro suficiente para comprar uma boa fatia da Inglaterra! O nosso dinheiro está forte, o deles muito fraco e com o preço das terras abaixo do normal. Tudo corre a meu favor!

Embora não sentisse a confiança demonstrada, Julie sabia que só voltaria a ser feliz quando saísse da França, deixando para trás as recordações amargas. Mas a fina espuma das ondas a lembrava das flores de cerejeira no Bois de Boulogne e a tristeza de Anne-Marie, uma das únicas alegrias de sua vida que seria sacrificada em sua fuga de um passado trágico.

Na carruagem aberta, Anne-Marie era o retrato da alegria primaveril. Mas o chapéu leve com flores delicadas e o vestido de organdi amarelo apenas acentuavam a tristeza de sua expressão.

— Não consigo compreendê-la, Julie. Existem mais de mil motivos para que você continue vivendo na França e nenhum para ir embora. Sei de apenas um que justificaria sua mudança para a Inglaterra e nós duas não ignoramos qual seja! Ainda tem coragem de jurar que odeia Sebastian?

— Já lhe disse que não o odeio mais, Anne-Marie. Eu simplesmente não sinto nada, absolutamente nada por esse homem. Entendeu? E também sabe que prefiro não discutir esse assunto porque ele foi afastado de minha vida para sempre, portanto, não influenciaria minha decisão.

— Você é mesmo teimosa! Agora ele vem a Paris todos os meses. Como pode dizer que o afastou?

— Ele vem para cá com um único objetivo: ver Louis. Fui forçada a conceder-lhe o direito de visitar o filho para ter a prova que invalidaria o testamento. Aceitei porque precisava vencer, mas saio de casa ou me tranco em meu quarto quando sei que ele está para chegar. É evidente que agirei assim também na Inglaterra. Não pretendo vê-lo nunca mais!

— Então, por que vai? — Anne-Marie agarrou o braço da amiga, sem disfarçar a angústia. — Por que levar Charles Louis para viver em um país protestante? Ele crescerá sem noção de quem realmente é e nem mesmo terá direito de votar!

— Então o colocarei em uma escola protestante e ele mudará de religião. E, por favor, não o chame mais de Charles. O nome dele é Louis!

— Mas você sempre...

— E será Lewis quando estivermos na Inglaterra.

A rispidez de Julie desencadeou as lágrimas que Anne-Marie tentava conter.

— Mardukesnes pertenceu durante séculos a sua família — insistiu ela, soluçante. — Não se sente culpada por estar roubando de seu filho a herança e as tradições que lhe pertencem por direito de nascença?

— Ora, que tolice! — Julie tentou demonstrar alegria e animar a amiga. — Você nem imagina as ofertas que recebi por Mardukesnes. Verdadeiras fortunas, Anne-Marie. Irei vender minha propriedade por uma soma fantástica e comprarei terras por um preço ínfimo na Inglaterra. Louis terá uma herança dezenas de vezes maior e mais valiosa do que aquele castelo velho! Eu juro!

— Pouco me importam os seus juramentos! E também não entendo por que ficou tão sem graça, falando só em dinheiro, terras e bobagens desse tipo! Vou morrer de saudade quando você for embora, querida. Ultimamente, quase não vejo mais Josephine, a não ser naquelas recepções formais onde todos disfarçam bocejos de tédio. Nunca mais terei alguém em quem possa confiar, contar meus segredos!

— Deus do céu, Julie! A França é seu lar!

Infelizmente nem todos os lares eram felizes, e para Julie a vida na França fora uma sucessão de tristezas, tragédias e decepções terríveis. As únicas lembranças felizes que conservaria de seu país seriam os momentos vividos ao lado do filho, e Louis a acompanharia para onde ela fosse!

Percebendo que argumento algum convenceria a amiga, Julie abraçou-a, tentando, por meio de promessas, compensar sua ausência.

— Prometo que lhe escreverei todos os dias, Anne-Marie. E, assim que esta guerra terminar, você irá me visitar e eu virei a Paris fazer compras. Nossa amizade continuará tão intensa como se não estivéssemos em países diferentes!

Julie levou seis meses pra tomar todas as providências necessárias a uma mudança tão radical. Passou esse período escrevendo para seus amigos ingleses a fim de comunicar-lhes seus planos. Os problemas que dificultavam a correspondência entre os dois países em guerra não afetavam os clientes do sr. Rothschild, que lhes proporcionava

todo tipo de facilidades. As cartas de Julie, enviadas sob os cuidados do banco dele, em Frankfurt, chegavam a Londres e as respostas desejadas alcançavam Paris com a mesma rapidez surpreendente.

A sua querida amiga de escola, Elizabeth Magrave, agora lady Percy, contou-lhe que seu marido, sir William Percy, decidira aumentar sua fortuna investindo em propriedades no campo. "Donos de tecelagens e indústrias de todos os ramos estão em péssimas condições financeiras", escrevera ela.

"São forçados a hipotecar ou até mesmo a vender por qualquer preço magníficas residências rodeadas por parques porque a guerra os impede de exportar seus produtos."

Julie só pediu à amiga que lhe encontrasse uma bela casa em Londres porque tentaria realizar um sonho: viver em Clarendon, onde passara os únicos momentos felizes de sua infância. Soubera que a propriedade fora arrendada após a morte de sua avó, com exceção de uma parte reservada por tio Allingham para John, seu filho mais novo. Também ouvira dizer que esse jovem, um estróina sem juízo, acabaria hipotecando todas as terras da família e certamente as perderia.

Imaginando que tantos anos de guerra também deveriam ter afetado a família Allingham, Julie escreveu ao tio contando-lhe sobre seus planos e sugerindo discretamente que talvez ela pudesse investir sua fortuna em ouro nas propriedades da própria família.

A resposta do tio não deixava lugar para dúvidas. Clarendon não estava e nunca estaria à venda, nem mesmo para alguém da família. Todavia, sendo filha de sua irmã Louise, Julie sempre seria bem recebida na Inglaterra. Ele não tinha dúvidas de que logo a sobrinha encontraria uma mansão campestre esplêndida por não existir o problema de preço. "Aconselho-a porém a escolher algo pequeno e em caráter temporário, pois não demorará a encontrar um marido. Sendo a única herdeira do pai e do marido, não lhe faltarão pretendentes. Certamente você não pretende esgotar-se resolvendo os problemas administrativos de uma propriedade que, além de difíceis demais para uma mulher, não são uma atividade feminina aceitável."

A carta do tio provocou-lhe as reações mais contraditórias. Divertiu-se ao perceber que ele não mudara nada durante todos aqueles anos, mas também se indignara com sua benevolência insultante. Agia como se fosse o próprio rei George, concedendo-lhe a honra de asilar-se na Inglaterra! Além disso, o pobre idiota continuava cego à realidade, acreditando que as mulheres não passavam de bibelôs sem inteligência. Até aquele momento Julie se surpreendia com a facilidade com que aprendera a tomar decisões e dirigir a sua própria vida.

Ela não se considerava tão tola a ponto de desprezar por completo algumas qualidades masculinas. Pascal Hiver, o sr. Roths, Child e outros consultores, embora a houvessem orientado com muita perícia, tinham sido bem pagos por seus serviços. Pretendia contratá-los como assessores, mas manteria sempre o controle nas suas mãos, porque não mudara sua opinião sobre os homens: se relaxasse a vigilância, tentariam enganá-la. A mentira e a traição, acreditava, eram parte integrante de suas personalidades facilmente corruptíveis.

A aparição de Dora no convés interrompeu seus devaneios e subitamente Julie notou que já escurecera e o vento esfriara muito. A primeira chamada para o jantar já soara e os três apressaram-se na direção da sala de refeições. O dia fora exaustivo e só Louis ainda não estava com vontade de retirar-se para o camarote. Mas, embora o menino insistisse no assunto enquanto comia, adormeceu no instante em que pousou a cabeça no travesseiro.

— Se ainda quiser voltar para o salão, fique à vontade, Dora. Eu permanecerei com ele até você voltar.

— Muito obrigada, madame. Prefiro dormir. Estou morta de cansaço e esse balanço do navio deixa-me ainda mais sonolenta.

— Então, boa noite. Espero que Louis acorde mais tarde, amanhã.

Julie entrou no camarote ao lado e suspirou aliviada por finalmente estar livre de multidões, agitação e da curiosidade inesgotável do filho. Se não tivesse Dora para ajudá-la, não aguentaria a exaustão daquele dia interminável. Por sorte, conseguira contratar a jovem quando ainda era possível encontrar governantas vindas da Inglaterra. Agora que o conflito se prolongava indefinidamente, a pobre garota por pouco não se ajoelhou a seus pés para agradecer-lhe pela bênção de retornar ao país natal.

Os lençóis estavam gelados e Julie tremia de frio na cama estreita e dura da cabine. Pelo menos seria apenas por uma noite. Logo dormiriam em sua nova casa, em Londres, com lareiras em todos os quartos. Elizabeth encontrara uma magnífica mansão em Mayfair e contratara criados que aguardavam sua chegada.

O preço fora muito alto, mas valera a pena? Julie gastara uma fortuna com advogados, investigadores particulares e custos judiciais que a teriam arruinado se não ganhasse o processo. Infelizmente, o custo real não se referia a um soma em dinheiro e sim a um sacrifício pessoal: para vencer, tivera que partilhar Lewis com Sebastian! Essa decisão lhe causara alguns dias de hesitação e angústia. A sua independência compensaria esse sacrifício? E será que Sebastian gostava do filho, como insistia em afirmar? Ou encontrara apenas um outro modo de torturá-la?

Não tinha a menor dúvida de que Sebastian continuaria a visitar o filho regularmente e, invariavelmente, quando se aproximava o dia marcado pelo juiz, Julie sentia uma profunda angústia. Não precisava vê-lo, nem mesmo ouvir sua voz, só por saber que ele estava por perto, perdia a tranquilidade. Lewis aumentava seu desespero, apegando-se ao pai sobre quem não parava de falar por quase uma semana após cada encontro.

Um dia ele se referira a Sebastian como "papai" e, controlando o ódio, Julie explicara ao filho que não se dirigisse desse modo ao sr. Ramlin. No entanto, como manter o controle das emoções de uma criança que ficava sozinha e à mercê do encanto daquele homem?

Julie sentia o desespero crescer só em pensar no futuro. Era tão fácil conquistar o amor de uma criança! E por que seu filho não cederia ao fascínio irresistível de Sebastian se ela, muito mais velha, não tivera forças para lutar contra tanta sedução?

Durante muito tempo, a vida de Julie tinha sido dedicada a resolver incontáveis problemas. Os detalhes do processo, que mudavam dia a dia, a administração de Mardukesnes e depois as providências necessárias para desfazer-se de uma propriedade extensa a mantiveram ocupada demais para pensar. As horas livres, passadas ao lado do filho, só lhe traziam alegrias e conseguira convencer-se de que enfim atingira a felicidade. Possuía tudo o que desejara e sentia-se satisfeita e plenamente realizada.

Agora já não podia mais fugir das dúvidas inquietantes sobre o futuro. Lewis completara três anos e demonstrava uma necessidade de independência bastante precoce e perturbadora. Já não corria para seus braços nem gostava de ser abraçado como uma criança. Dentro de cinco ou seis anos, ele iria para a escola e Julie ficaria sozinha. O que faria de seus dias vazios? Como preencheria seu tempo? Com amantes temporários? Ou um marido que só se casaria com ela por interesse? Seu tio mencionara que sua riqueza atrairia pretendentes e recusava-se a pensar nessa possibilidade repulsiva e semelhante demais a seu primeiro casamento.

Sozinha no camarote, após tantos meses com a mente voltada para a resolução de problemas sérios, Julie já não tinha mais nada a decidir a não ser sua própria vida. A sensação de angústia que mantivera sob controle crescia em seu peito, dominando-a por completo. Com o rosto enfiado no travesseiro, liberou o pranto que conservara aprisionado em seu coração desde quando lhe fora revelada a infame traição de Sebastian. Agora, na escuridão de uma cabine de um navio que cruzava o canal em direção a seu futuro incerto, só lhe restava admitir uma verdade, negada até para si

própria. Mentira a Anne-Marie!

Sem dúvida poderia culpar Sebastian pelo resto da vida, acreditar que não passava de um aventureiro sem escrúpulos, um homem guiado pela ganância e um mentiroso como ele mesmo confessara. Mas seu coração rebelde continuaria seguindo seus impulsos e agindo com insensatez. Infelizmente, recusava-se a esquecer um amor impossível.

Na manhã seguinte, a alegria de chegar à Inglaterra suplantou a angústia e Julie desembarcou sorrindo. Com Lewis entre ela e Dora, pisou no solo inglês em um ensolarado dia de verão. Os gritos estridentes das gaivotas serviam de coro às incessantes perguntas do filho.

Julie tentava responder enquanto se aproximavam do prédio da alfândega, mas mal prestava atenção às perguntas à medida que o pânico crescia. Por toda a parte viam-se soldados e oficiais, além dos funcionários que começavam a examinar os papéis. Com as mãos trêmulas, ela reuniu os passaportes e os documentos necessários para ser aceita como residente na Inglaterra. Se alguma dessas declarações fosse considerada insatisfatória ou se faltasse um único carimbo, seria obrigada a voltar para a França e todo o seu dinheiro já fora transferido para um banco em Londres. Ficaria sem um centavo, sem um teto, sem...

Ela o viu cruzando a multidão, mais alto que os outros, os cabelos negros agitados pelo vento. Dora estava segurando Lewis, mas o garoto conseguiu soltar-se e correr ao encontro do pai.

— Você veio, papai! Veio mesmo!

A primeira reação de Julie foi de incredulidade. Como Sebastian descobrira em que navio viriam e qual porto onde chegariam? Há dois dias nem ela sabia. Então, emoções poderosas demais tiraram-lhe as forças. Ódio e alívio lutavam em seu coração, obrigando-a a esforçar-se para manter uma atitude indiferente.

— O que está fazendo aqui?

— Ora! Pensei que fosse evidente! — respondeu Sebastian, envolvendo Lewis possessivamente em seus braços. — Vim receber meu filho, é claro!

## CAPÍTULO XXII

### Pocket Hathaway — Berkshire (Junho de 1814)

Sempre minuciosa, Julie passava as manhãs no seu escritório verificando as despesas familiares, e as daquele verão contrariavam seus princípios de economia, inculcados na infância e jamais perdidos. Quarenta libras para o alfaiate de Lewis e cem para Clemente de Londres, gastas apenas com o guarda-roupa para a viagem até Paris? Nunca fora tão esbanjadora, mas não se arrependia da extravagância. A França e a Inglaterra finalmente haviam assinado um acordo, a paz voltara a reinar entre os dois países e ela ansiava por ver Paris florida, visitar os amigos e encontrar, talvez, a serenidade.

Lewis já fizera seus exames de admissão para Eton, mas as aulas só começariam



em setembro. Anne-Marie escrevia cartas diárias implorando que fosse visitá-la. Paris, Croissy e depois o vale do Loire, para mostrar ao filho o castelo de seus antepassados...

Sem dúvida a solução ideal para acalmar uma perturbadora inquietação que crescia de modo alarmante.

Suspirando, Julie começou a notar as despesas do livro de contabilidade. Não encontrara em Paris a resposta que procurava.

Ela mal reconhecera sua cidade. Durante os dez anos sob o governo de Napoleão, Paris ficara mais linda, porém deixara de ser o lugar onde vivera. Além disso, haviam ocorrido outras mudanças ainda mais profundas. A monarquia dos Bourbon fora restaurada, o imperador Bonaparte, exilado, e por toda a parte viam-se soldados com uniformes da Inglaterra, da Rússia e da Áustria. Julie não sentira a sensação reconfortante de um retorno ao lar e sim uma profunda nostalgia pelo passado para sempre perdido.

Ao menos Anne-Marie continuava a mesma. Agora mãe de cinco filhos e um pouco mais gorda, não perdera a alegria contagiante e o incorrigível romantismo da juventude. Aquele reencontro, que devia ter proporcionado apenas a felicidade de rever uma amiga querida, também reavivara as dúvidas angustiantes que Julie julgara ter solucionado havia anos.

Ele tentara iniciar uma nova vida na Inglaterra. Renovara sua amizade com a antiga companheira de escola, Elizabeth Percy, decidida a criar raízes na propriedade vizinha de sua amiga. O pequeno Tom Percy logo se transformara no maior amigo de Lewis. O mundo de Julie se resumia ao filho e às responsabilidades de administrar sua imensa fortuna, uma existência sem grandes problemas. Entretanto, não se sentia como se tivesse retornado ao lar feliz de sua infância, e a viagem a Paris também não lhe provocara essa sensação de pertencer à cidade em que vivera por tantos anos.

Sua estada na França foi interrompida pela morte súbita de Josephine. Julie não suportou continuar em Paris após perder aquela amiga que tanto lhe ensinara. Visitara-a em Malmaison alguns dias antes de receber a notícia de que ela morrera, e os momentos passados ao lado daquela mulher espetacular continuavam muito vivos e angustiantes em sua memória.

Esforçando-se para afastar a tristeza, Julie concentrou-se na paisagem que avistava pela janela. Estava em Pocket Hathaway, com carneiros brancos espalhados pelos pastos distantes, bosques frondosos e gramados muito verdes que rodeavam a magnífica mansão. Tentara desesperadamente criar um verdadeiro lar! Tinham voltado da França quando os lilases ainda floresciam e, ao aspirar seu perfume doce, sentia um outro aroma que evocava com uma dolorosa nitidez seu último encontro com Josephine.

Reclinada em um divã, com o rosto corado de febre, a ex-imperatriz ainda vivia em Malmaison, em condições precárias. Sem um centavo, dependia da benevolência dos vencedores da guerra para sobreviver. Apesar de doente, insistira em entreter a amiga, esgotando as poucas energias que lhe restavam. Depois de mostrar-lhes os quadros da antiga galeria e a estufa com flores raras, só desistira de ir ao jardim porque Julie praticamente a forçara a voltar para o quarto e descansar.

— Água de flor de laranjeira — murmurou ela, quando a criada lhe entregou um copo. — Bonaparte sempre acreditou piamente que esse líquido inofensivo tivesse o dom milagroso de curar todas as doenças do mundo!

O esgotamento e a menção do nome querido desencadearam as dolorosas confissões de Josephine. Abriu seu coração a Julie, falando sobre sua infelicidade, sobre a crueldade desnecessária do divórcio e a solidão que a desesperava.

— Pelo menos a nova imperatriz deu-lhe o filho que ele desejava tanto. Sinto-me feliz por Bonaparte e espero que não o impeçam de ver o menino.

Erguendo-se do divã, Josephine forçou-se a sorrir e demonstrar uma energia inexistente.

— Desculpe-me, querida. Percebo que a entristeci com minhas desventuras. Não devia ter sequer tocado nesse assunto penoso. Quero que volte dentro de um ou dois dias, com seu filho, quando estarei me sentindo melhor e serei a Josephine de sempre. Sem dúvida, logo me informarão sobre a situação que me foi reservada e então pedirei permissão para visitar Bonaparte. Quem pode adivinhar os desígnios do destino? Ainda nos restam alguns anos e talvez sejam os mais felizes de nossa vida.

A criada, entrando no quarto com um caldo para Josephine, interrompeu momentaneamente a conversa. Mas, tão logo saiu, a ex-imperatriz fitou Julie com um olhar preocupado.

— E você, querida? Contou-me sobre sua vida na Inglaterra como mãe, proprietária de uma fazenda onde cria carneiros e ganha um bom dinheiro. Por que não mencionou o seu estado de espírito? Está feliz? Quando a conheci, você irradiava a euforia de amar, era uma mulher perdidamente apaixonada.

— Essa jovem não existe mais, tudo acabou há muito tempo. Ele me traiu...

— Por Deus, Julie! Bonaparte me traiu tantas vezes! Teve dezenas de amantes, mas sempre voltava para mim, talvez...

— Não foi outra mulher, Josephine. Trata-se de algo... muito mais grave. Ele cometeu uma infâmia que não poderá nunca ser perdoada.

— Nada é imperdoável quando existe amor, Julie.

O aroma de flores de laranjeira e as palavras de Josephine permaneceriam para sempre associadas na mente de Julie. Agora, porém, sentia o perfume dos lilases e o som do baú de Lewis sendo arrastado pela escada.

Afinal, não passariam todo o verão juntos, como Julie planejava. Seu filho completara doze anos e há muito tempo deixara de ser um garotinho que procurava carinho nos braços maternos. Quase da altura da mãe, Lewis não escondia seu desejo de independência nem disfarçava que sentia idêntico entusiasmo em viajar com ela ou com o pai. Suspirando, preparou-se para as despedidas, pois já ouvira passos aproximando-se do escritório.

— Tenho de ir embora, mamãe — exclamou ele, excitado com a partida. — Não irá até a porta dizer-me adeus? Papai vem me buscar com sua carruagem nova puxada pelos mais esplêndidos cavalos negros da Inglaterra! Você precisa ver! Vão nos levar até Liverpool, onde tomaremos o navio para a Irlanda. Então, vamos?

— É uma viagem tão longa! — suspirou Julie, abraçando o filho. — Eu lhe acenarei da janela de seu quarto de brinquedos. Se for até a porta acabarei chorando, filho.

Um tremor nas pálpebras e uma ligeira contração dos lábios foram as únicas reações de Lewis à resposta da mãe. Julie, porém, percebeu que o magoara profundamente.

— Há anos eu não tenho mais um quarto de brinquedos. É minha sala de estudos, lembra-se?

E dentro de algumas semanas seria apenas mais um cômodo sem função em uma casa grande demais para uma mulher sozinha. Quando Lewis fosse para Eton não precisaria de uma sala de estudos.

— É por causa do meu pai, não? Por que você se esconde sempre que ele vem a nossa casa? Odeia-o tanto assim? .

— De modo algum, querido. Eu não odeio seu pai. Ele me perturba porque discordamos sobre tudo e...

— Não faz mal. Eu a procurarei na janela para dizer adeus. Vendo o filho caminhar em direção a porta, Julie conscientizou-se de que não poderia deixá-lo partir magoado com ela. Lewis iria para o haras de Sebastian em Wicklow, depois conheceriam Lake District e finalmente passariam alguns dias velejando. Ficaria semanas longe de casa!

— Está bem, Lewis. — Ela apressou-se a seguir o filho, que já começava a descer as escadas. — Irei com você até a porta.

Sebastian estava parado ao lado da carruagem, rindo-se dos pacotes que a cozinheira tinha amontoado junto com a bagagem.

— Seu baú já foi colocado, mas... — Ele calou-se ao notar Julie logo atrás do filho. — Bom dia, sra. Farroux — com a voz controlada, voltou-se para a cozinheira. — A sra. Dorrit acha que vou matar você de fome, Lewis. Olhe a quantidade de comida que nos preparou!

Julie manteve-se a distância enquanto os dois brincavam com a alegre e rechonchuda cozinheira, mas, quando o filho dirigiu-se para a carruagem, correu para dar-lhe um último abraço.

— São mesmo uns cavalos maravilhosos, querido — murmurou ela ao ouvido do filho. — Divirta-se muito...

— Eu te amo, mamãe. E prometo que não me esquecerei de escrever todos os dias.

Com a falta de desenvoltura de uma criança forçada a cumprimentar um estranho, Julie dirigiu-se a Sebastian.

— Espero que tenham uma boa viagem.

As partidas do filho tinham se transformado em um hábito regular ao qual Julie já se acostumara. Essa viagem, porém, seria muito mais longa e, quando Lewis voltasse, só passaria dois dias em casa antes de ir para Eton. Angustiado, ela lutou para controlar a sensação de abandono e não disfarçou sua alegria ao lembrar-se de que Matthew ainda não fora embora.

Há seis anos, ela contratara Matthew Cullen, para ser tutor de Lewis. O rapaz, que já escrevera alguns livros, precisava de um emprego até ser reconhecido como um bom escritor e demonstrara uma extrema competência ao preparar o garoto para os exames de Eton.

Provavelmente Lewis seria o último garoto a quem ele daria aulas, porque seu nome começava a ser elogiado nos meios literários. Matthew os acompanhara na viagem à França, a fim de entrar em contato com um editor, e Anne-Marie, incorrigível, o considerou o amante ideal para Julie.

— Ele é um tutor, não um sedutor, e além disso seis anos mais novo do que eu, Anne-Marie! Suas ideias continuam sendo absurdas!

— Pois acho mais absurdo manter-se fiel a um homem que você jura ter riscado de sua vida para sempre.

Julie não contestara as palavras de Anne-Marie porque seus motivos jamais convenceriam a amiga. Ela não estava mantendo-se fiel a Sebastian, só não encontrara ninguém para amar! Apesar de muito bonito, Matthew a interessava por sua inteligência brilhante e um talento raro, não por suas possíveis qualidades de amante. Gostava de sua conversa culta e bem informada, além de admirá-lo por ser um dos poucos ingleses com quem convivia, e não a tratava como uma boneca bonita, frágil e reconhecidamente idiota!

— O que acontecerá se Lewis não passar nos exames? — perguntou ela, logo que se sentaram para jantar.

— Estudaríamos dia e noite e ele faria novos exames em fevereiro, mas nem penso nessa hipótese. Sem a menor dúvida, Lewis foi aprovado, pois está bem mais adiantado que seus amigos. Tom Percy tem uma vaga noção do que seja latim e quanto à matemática... é um desastre total!

— Tom Percy não teve a sorte de ser orientado por um tutor que é um gênio!

— Por favor, madame. Não é preciso ser um gênio para ensinar a um garoto brilhante assuntos tão elementares.

Julie reconhecia a inteligência do filho. Também sabia que, com seu excesso de energia física, poderia ser um péssimo estudante se não tivesse uma boa orientação. Matthew Cullen o inspirara a se dedicar aos estudos e por sorte não fora embora quando seus livros começaram a ter sucesso.

— Você nos fez um grande favor ficando com Lewis até os exames, Matthew. Sei

que já não precisa deste emprego há muito tempo, mas meu filho talvez perdesse o estímulo sem sua ajuda.

— Pretendemos manter o contato através de cartas e prometi que irei visitá-lo no colégio.

Julie desviou o olhar para não embaraçar Matthew, que sempre enrubescia ao ser elogiado. Realmente, ele não passava de um garoto, encantador em sua timidez!

— Eu ficarei muito triste ao deixar esta casa.

— Por favor, não fique! Voltará sempre para nos visitar e espero que, mesmo quando for um famoso escritor, continue a nos procurar. Mas insisto que esqueça a tristeza, Matthew. O seu talento é um dom divino e agora poderá dedicar-se a aperfeiçoar essa vocação inata. Escrever é sua paixão.

— Eu tenho outra paixões, madame.

Aquele comentário, como tantos outros, provavelmente não ocultava segundas intenções. De qualquer forma, preferiu não se arriscar, procurando um modo de mudar o rumo da conversa. Anne-Marie afirmara, com a costureira veemência, que Matthew estava apaixonado por Julie, mas a amiga nem sempre acertava em suas previsões românticas!

— É uma mulher fascinante, sra. Farroux.

Sem levantar os olhos do prato, Julie pensou na atitude que deveria tomar. A afirmação de Matthew fora ousada e a mais pessoal que ele já lhe fizera. Teria sido insolente ou apenas permitira que o escritor em seu íntimo usasse suas próprias palavras?

Julie já lera os livros de Matthew e lembrava-se de suas personagens literárias, mulheres de personalidade complexa e fascinante. Eram tão autênticas que só poderiam ter sido criadas se o escritor fosse um profundo conhecedor da alma feminina, e uma vasta experiência nesse campo não combinava com o temperamento ingênuo daquele rapaz sem malícia. Ele vivia há seis anos em sua casa e uma ligação com qualquer jovem do vilarejo não passaria despercebida. Evidentemente, tratava-se apenas do dom criativo!

— Não me considero nada fascinante, Matthew — disse Julie, convicta da ingenuidade dele. — Sou apenas uma viúva sem qualidades fora do normal e talvez uma mãe dedicada demais ao filho.

— Pois eu discordo. Acho excepcional a sua coragem... uma mulher linda e rica que despreza a sociedade à qual pertence.

— Eu vivo como bem entendo! — Inexplicavelmente, as palavras de Matthew haviam despertado uma cólera incontável em Julie. — Eu não desprezo a sociedade e não sou uma de suas personagens complexas que ocultam mágoas antigas no coração! Além disso... minha vida não é da sua conta!

Levantando-se da mesa, Julie correu para o jardim, atônita diante de sua explosão de raiva. Respirou fundo, tentando dominar as emoções tumultuadas enquanto continuava a afastar-se da casa. Só parou ao alcançar o bosque e, repousando a testa no tronco de uma bétula, procurou descobrir o motivo daquele súbito descontrole. Por que se sentira insultada, se Matthew não a ofendera?

A voz dele, calma e suave, aumentou a angústia de Julie, porque não conseguia entender seu comportamento irracional.

— Sinto muito, sra. Farroux. Por favor, perdoe meu comentário, embora eu não o tenha feito com o intuito de censurá-la ou intrometer-me em sua vida.

Sem responder, Julie apressou-se a seguir na direção oposta à que viera, agora correndo de volta para a casa e ouvindo os passos dele muito próximos.

— Não há nada de errado em desprezar a sociedade que sempre é vazia e superficial demais. Respeito-a por isso.

Julie não se detinha, ansiosa por refugiar-se em seu quarto. Já estava chegando ao fim do corredor, quando as súplicas de Matthew para que ela o perdoasse finalmente a

comoveram. Afinal, bastaria desculpá-lo e encerrariam aquele episódio desagradável!

— Por favor, diga-me que me perdoa! Reconheço que sou grosseiro, rústico demais e só um verniz muito superficial encobre meus modos de camponês sem refinamento.

A humildade do pedido de desculpas provocou um intenso complexo de culpa em Julie. Matthew vinha de uma família sem posses, mas comportara-se sempre como um perfeito cavalheiro. A culpa daquela situação constrangedora era apenas dela, que reagira com uma violência desproporcional a um comentário sem intenções ofensivas.

Parada à porta do quarto, Julie lembrou-se que convivera com aquele rapaz por seis anos e muito em breve não o veria mais. Lewis também iria embora e então Sebastian não teria motivos para vir até sua casa. Agora entendia que se descontrolara ao admitir que o encerramento de uma fase de sua vida e a sensação de ter chegado ao fim de um caminho aumentara excessivamente sua sensibilidade já à flor da pele, após a partida do filho. Precisava demonstrar que o perdoara, mas Matthew não parava de falar.

— Não quis dizer que a considerava fascinante como um tipo, uma personagem para usar em meus livros... eu realmente a admiro e...

— Eu sei o que quis dizer, Matthew. Está tudo bem...

Desta vez, Anne-Marie não errara. O pobre rapaz estava realmente apaixonado e ela enteneceu-se diante daquele amor tão ingênuo, quase infantil. Sem pensar, inclinou-se para beijar-lhe o rosto, mas Matthew virou-se a tempo de conseguir que seus lábios se tocassem. O contato foi muito breve e a atitude dele demonstrava embaraço e inexperiência. Julie só não riu para não ofendê-lo ainda mais e conteve o impulso de dizer-lhe que o tutor precisava urgentemente de uma instrutora.

— Os seus braços devem me envolver e não ficar rígidos ao lado de seu corpo, Matthew.

— Se eu os mover, talvez você se arrependa de ter feito essa sugestão. Embora me julgue uma criança, não sou inexperiente como pensa.

— Ora... tem mesmo certeza?

Encantada com a ingenuidade de Matthew, Julie não analisou a origem de suas próprias emoções. Após um longo sono, o desejo despertava em seu corpo e, recusando-se a pensar, não recuou diante das sensações que a envolviam.

— Matthew, querido... você não é um camponês rústico. A sua admirável honestidade o coloca muito acima das aristocratas, que desde cedo aprendem a mentir.

Quando Matthew finalmente ousou tomá-la nos braços, Julie não o repeliu. Há quantos anos não sentia outros lábios buscarem os seus?

— Venha, Matthew... — murmurou ela, conduzindo-o para o quarto.

O desejo, reprimido por tanto tempo, despertou ao toque trêmulo das mãos de Matthew. Ele despiu-a com gestos bruscos, desajeitado como um garoto diante de sua primeira experiência amorosa. Enternecida, Julie tentou auxiliá-lo, seguindo o ritmo de seu corpo que pedia para ser amado. Então, desapareceu o rapaz ingênuo e um homem experiente a levou até a cama.

Infelizmente, Julie só percebeu tarde demais que a experiência e o desejo ardente de Matthew não o transformavam no homem certo. Já não podia deter a paixão que desencadeara nem continuar ignorando a verdade. De olhos fechados, entregara-se a Sebastian, respondia com ardor às carícias de Sebastian... era Sebastian que a possuía!

Quando os corpos saciados repousavam lado a lado, apenas com as mãos se tocando, Julie percebeu que Matthew não pretendia levantar-se, usufruindo em silêncio o contato de suas peles. Ela porém sentia o desconforto aumentar, atingindo um ponto que se tornou intolerável. Ansiosa por ficar sozinha, mencionou vagamente os criados, o amanhecer muito próximo e a necessidade de discrição. Precisava afastá-lo de sua cama, mas também não queria ofendê-lo com uma rejeição brusca demais.

— Ainda faltam muitas horas para a manhã chegar, querida.

— Sei disso mas... se dormirmos...

— Acha que eu conseguiria dormir tendo você ao meu lado? — Ele beijou-a levemente enquanto tocava os seios rijos de Julie. — E depois de tantos anos desejando-a?

Incapaz de controlar-se, ela sentiu que seus músculos ficavam tensos e a garganta se contraía.

— Por favor, Matthew. Acho melhor voltar para o seu quarto agora ou os criados...

O silêncio de Matthew já não significava a paz da paixão saciada. Após uma breve hesitação, ele levantou-se da cama e, vestindo as calças, agarrou o resto de suas roupas jogadas pelo chão. Apesar da luz tênue das velas, Julie cobriu-se com o lençol, subitamente envergonhada de sua nudez.

— Você não agiu com dignidade — disse ele, ainda parado ao lado da cama. — Foi um ato... reprovável...

— Por Deus, Matthew! — exclamou Julie, ansiosa por impedi-lo de prosseguir. — Você é um menino, tem toda a vida à sua frente...

— Não, sra. Farroux. Lewis é um menino. Eu sou um homem de trinta anos e já estou vivendo a minha vida. Esta noite, sua atitude permitiu-me pensar que pudéssemos partilhá-la... deu-me esperanças após anos e anos de amor não correspondido. Amo-a há muito tempo, existe uma afeição profunda que me liga a seu filho e é um sentimento recíproco. Começo a ter sucesso, os críticos me elogiam, meus livros são muito procurados e, embora reconheça que nunca atingirei o seu nível social nem financeiro, acreditei... fui encorajado a sonhar que havia uma possibilidade... — Ele deu de ombros, sem terminar o que dizia. — Mas não se preocupe comigo. Agora sei, não me considero tão idiota a ponto de ignorar evidências tão claras. É Sebastian Ramlin... Acertei, sra. Farroux?

Horrorizada com sua atitude, Julie fechou os olhos.

— Eu disse o nome dele.

— Não, não foi preciso nem dizer, sra. Farroux. Embora aliviada por não ter pronunciado o nome proibido, Julie sentiu-se mal pela crueldade que cometera contra Matthew.

— Sinto muito... não sabe como sinto tê-lo magoado...

— Não se torture por minha causa. — A voz de Matthew não disfarçava nem a dor nem a revolta. — Eu sobreviveréi!

Carregando as roupas como uma trouxa embaixo do braço, ele caminhou até a porta. Antes de abri-la, porém, deteve-se e lançou um último olhar para Julie.

— Infelizmente, não sei se você sobreviverá!

Perturbada pela dor que causara, Julie não prestou muita atenção nas últimas palavras de Matthew. Só depois de a porta se fechar, entendeu o significado daquele comentário, um tiro certo e tão impiedoso quanto a atitude dela naquela noite.

— É mentira! — protestou Julie em voz alta. — Eu já sobrevivi!

Sentando-se na cama, ela ergueu o queixo, num gesto desafiante. Era uma sobrevivente esperta demais, aprendera a não destruir sua vida revivendo os sofrimentos do passado. Há muito tempo já não existia amargura em seu coração e restara apenas a mágoa da melancolia. Lamentava sentir-se ainda vulnerável a uma atração intensa, lastimava a importância do pai na vida de Lewis, impedindo-a de esquecê-lo, e entristecia-se porque Sebastian nunca fora o homem que julgara ser... e por isso agora já não era mais a mesma mulher que ele imaginara conhecer.

"Nada é imperdoável quando existe amor."

Subitamente, a verdade surgiu diante de seus olhos, clara como a luz radiante da manhã. Ela já o perdoara! Não sabia quando, porque fora um ato involuntário, imperceptível e ignorado. Continuara escondendo-se atrás de uma atitude de orgulho ferido que a impedia de admitir a necessidade de perdoar e recusara-se a admitir até a si mesma, mesmo diante de evidências muito claras.

Sebastian brincara com suas emoções e usara seu corpo por dinheiro. O hábito de odiá-lo provocou a invariável reação de revolta, mas Julie forçou-se a dominá-la e admitir que a intenção original de lucrar ou possuí-la fora destruída porque ele se apaixonara. Sim, nunca poderia duvidar que tivesse sido amada. E, infelizmente, esse amor agora pertencia ao passado.

Ele aprendera a viver muito bem sem a mulher que amara, já não se afetava com sua presença. Depois que vendera a companhia de navegação para se transformar em um poderoso senhor de extensas propriedades, levava a vida feliz e despreocupada de um homem atraente, milionário e solteiro!

Tinha amigos, amantes, períodos longos para conviver com o filho, fazendas lucrativas que exigiam sua atenção mas davam-lhe prazer além de dinheiro. Não havia espaços vazios na existência realizada de Sebastian Ramlin!

No entanto, nunca se casara, e deviam existir dezenas de explicações para permanecer solteiro, além daquela que Julie desejava ter sido o motivo dessa decisão.

Talvez... quem sabe ainda restasse uma tênue esperança? No fim do verão, Julie não fugiria mais. Precisava descobrir se ainda poderia encontrar o caminho de volta.

## CAPÍTULO XXIII

### Itália

#### Setembro de 1814

Com as lanternas apagadas e à sombra de uma escuna, o pequeno barco flutuava à espera do vento. O diminuto veleiro, quase um bote de brinquedo, fora escolhido porque um homem conseguiria manejá-lo sem ajuda de ninguém mais. Sebastian o alugara na cidade de Piombino e o deixara amarrado no cais até a meia-noite, quando finalmente embarcara carregando dois sacos de lona suja. Nunca viajara antes com cinquenta mil libras em ouro que lhe pertencessem e não pretendia arriscar-se, despertando a cobiça da tripulação. Por isso enfrentaria o mar sozinho naquela embarcação frágil, para onde só levaria sua preciosa carga quando teve certeza que só encontraria bêbados adormecidos nas velas ao redor do porto.

Agora, com o barco carregado e à espera do vento, ele ouvia os familiares ruídos noturnos do cais. A madeira dos cascos, estalando no silêncio da noite, lembravam com seu tom agudo as alterações na voz de Lewis, não mais musical como a de uma criança. Aquele verão se gravaria em sua mente como uma nostálgica despedida da infância de seu filho.

A intimidade entre eles se intensificara em Lymington na rústica casa à beira do mar. Os dois passavam o dia velejando, Lewis demonstrando a euforia de manejar o barco e Sebastian amando cada minuto de convívio com o filho.

No rosto adolescente de Lewis já se prenunciava o homem que ele seria dentro de poucos anos. Não herdara da mãe os cabelos muito loiros nem olhos verdes, embora tivessem a mesma forma amendoada. Mas o queixo firme, a testa alta e o modo de mover a cabeça lembravam Letizia Bonaparte e seu querido Domenico. No final do dia, os dois voltavam exaustos e felizes para a casa de praia, ansiosos por jantar e permanecer horas no terraço conversando. Sebastian percebeu que o filho tentava criar coragem para

abordar um assunto difícil. Só na última noite, antes de retornarem, Lewis perdeu a timidez.

— Minha mãe não está muito bem ultimamente. Eu pensei que a viagem à França fosse alegrá-la, mas voltou ainda pior! Quando eu for para a escola, perderá a minha companhia e é horrível ficar sozinha... Mas por que não se casa de novo? Não acha que ela poderia, papai?

— É claro que sim. — Sebastian sentiu-se ao mesmo tempo comovido e com raiva da atitude protetora de Lewis. — Nunca lhe perguntou por que não se casava comigo?

— Eu vivia fazendo essa pergunta quando era menor. Depois percebi que só estava perturbando-a e desisti, também porque não conseguia entender as respostas dela! Nunca se refere a você como "pai", só como o "sr. Ramlin".

Subitamente, Lewis voltou a ser uma criança vulnerável, pedindo ansiosamente por palavras reconfortantes.

— Tem certeza? Quero dizer... é mesmo o meu pai?

— Lewis, querido... Lembra-se quando lhe falei sobre os fatos da vida?

— Claro que sim...

— Pois agora acho que precisa saber os "fatos" da "sua" vida, filho. Depois de me ouvir, nunca mais terá dúvidas sobre quem é seu pai.

Enquanto passava uma loção no rosto queimado de sol do filho, Sebastian preparou-se para confessar os erros de seu passado.

— Já não posso lhe esconder um lado meu que não é nada admirável, filho. Realmente cometi um ato indigno contra sua mãe e ela jamais me perdoou. Espero que você consiga, ao menos, entender...

Quando Sebastian terminou seu relato, Lewis o fitou, sem raiva ou choque, revelando apenas uma extrema perplexidade.

— Não vejo onde está o crime, papai! Posso compreender que o meu pai adotivo não o perdoasse porque você não pretendia cumprir o acordo feito com ele. Mas não mentiu a mamãe! O quê, exatamente, ela deveria perdoar?

Sebastian suspirou, incapaz de explicar a um garoto criado dentro dos preceitos mais liberais do protestantismo o significado católico do pecado por omissão.

— Eu devia ter lhe dito a verdade logo no primeiro encontro, Lewis. Depois desse dia, jurava a mim mesmo que ia contar-lhe e nunca criava coragem. De repente, já não havia mais tempo e ela soube de tudo por Guillaume Farroux.

— Mas... é só isso?

— Ela acha que eu a seduzi por dinheiro, jurei amá-la por fingimento e... culpa-me por ter enriquecido logo após conhecê-la através da influência do marido.

— Você não estava fingindo e ficou rico por outros motivos, não foi isso o que disse? Através de um parentesco com alguém na França? Por que não explicou tudo a ela?

— Eu revelei só parte da verdade porque, se entrasse em detalhes a respeito do meu parentesco, estaria quebrando minha palavra.

— Então você jurou que guardaria segredo? — Os olhos de Lewis brilharam, excitados. — É alguém muito importante?

— Sim, sua mãe ficou sabendo de tudo, em termos gerais, há muito tempo... Já se passaram doze anos. Agora já não importa mais, ela apagou o passado de sua vida e me ignora totalmente.

— Acho que você se engana, papai. Ela ainda o ama, tenho certeza!

— E por que você acredita nessa possibilidade?

— Quem disse isso foi meu tutor que, além de muito inteligente, é um ótimo escritor e sabe ver o que existe dentro das pessoas. Sempre achei que Matthew gostava um pouco demais de mamãe, mas ela nunca lhe deu a menor atenção. Aliás, desencoraja qualquer homem que demonstre interesse. Talvez você não esteja se esforçando o suficiente, papai!



— Céus, Lewis! — Sebastian sorriu, com amargura. — Tem ideia de quantas vezes fui a Pocket Hathaway para buscá-lo e levá-lo de volta? Eu já perdi a conta, filho. E o que acontece? Ela sempre se escondeu! No início, Dora o trazia até a porta, depois Matthew, e mesmo assim não desisti. Poderia ter desanimado, mandando apenas minha carruagem, mas insisti, ano após ano, em ir pessoalmente. Portanto, não pense que não me esforcei ao máximo. Então, chega um momento em que perde-se a última esperança e não sobram mais forças nem para tentar....

Lewis permaneceu em silêncio, pensando nas palavras que ouvira. Já não chorava escondido porque seus pais viviam separados nem sentia mais inveja de Tom Percy, como durante tantos anos de sua infância. Nenhum de seus amigos viajava para lugares tão interessantes nem recebia tanta atenção quanto ele. Geralmente passavam férias monótonas, sob os cuidados de governantas e tutores, enquanto o resto da família partia para Londres. Ainda assim, continuava a desejar uma vida normal, morando na mesma casa onde usufruía em conjunto o amor que pai e mãe demonstravam separadamente.

— Matthew Cullem disse que quando eu estiver pronto para treinar no time de Eton, vão me indicar e...

— Pelo amor de Deus! Ainda faltam anos e esse assunto já foi discutido exaustivamente! É hora de dormir, filho.

Sebastian ainda se censurava por ter tratado o filho como um adulto. Entretanto, não existiam livros para orientar os pais e, sem o apoio de uma esposa, ele tentava agir do melhor modo possível. Suas amantes ocasionais, as poucas que haviam durado o suficiente para saber da existência de Lewis, o criticavam por mimá-lo demais. Talvez estivessem certas, pois um menino de doze anos não se atreve a dar conselhos ao pai. O que aquela criança poderia entender de rejeição, da morte lenta das esperanças dia a dia mais frágeis?

Esse problema, porém, teria de ser resolvido em outra ocasião. O vento-leste começara a soprar, chegara a hora de partir para Elba.

As grandes potências da Europa estavam reunidas em Viena para dividir entre si o império conquistado por Napoleão. Rússia, Prússia, Áustria e Inglaterra queriam sua parte no imenso território que finalmente fora arrancado das mãos de um único homem.

*"Ele precisa de você!", escrevera Letizia. "Prometeram-lhe um milhão de francos por ano e esse dinheiro nunca apareceu. Eu lhe entreguei todas as minhas economias, mas não serão suficientes para mantê-lo nem até o final do ano. As despesas daquela maldita ilha ultrapassam em muito os rendimentos insignificantes. Também não permitiram que a esposa e o filho fossem reunir-se a ele. Depois de tudo o que conseguiu, vão forçá-lo a morrer no exílio, esquecido de todos e na mais completa penúria. Se não puder ajudá-lo com dinheiro, ofereça-lhe ao menos o conforto do apoio de um irmão. Ele é um homem vencido, alquebrado pela derrota e pela traição..."*

Letizia continuava a carta enumerando as infâmias, as injustiças, as perdas dolorosas e os sofrimentos da derrota final. Ela apenas desperdiçara papel, porque as quatro primeiras palavras tinham mais força do que qualquer outro apelo.

*Ele precisa de você.*

Sebastian teria ido a Elba antes dessa carta chegar, mas hesitara porque não sabia se sua visita seria apreciada. Nabu não lhe escrevera mais depois da trágica conquista de Moscou e da desesperadora retirada através dos campos gelados da Rússia. Como se sentira um homem que fora forçado a abdicar e perdera um império, o poder, a família, tudo? Ele tentou imaginar as reações do irmão e, sem condições de chegar a uma conclusão, baseou-se em seus próprios sentimentos. Seu único desejo seria solidão!

Os vencedores haviam permitido que Napoleão conservasse o título de imperador, mas seu "império" se reduzira a uma minúscula ilha. Embora conhecesse o Mediterrâneo como a palma de sua mão, Sebastian tivera de consultar o mapa para localizá-la com mais exatidão. Como um pinga de tinta caído por descuido sobre o papel, Elba flutuava

entre a Córsega e a costa da Toscana.

Menos de trinta quilômetros separavam a ilha de Piombino, e o vento-leste, forte e constante, facilitava a travessia. Depois de afastar-se da costa, Sebastian relaxou, recordando-se do último encontro com Napoleão. Os dois tinham se isolado no jardim murado das Tulherias, o santuário privado do imperador, logo após a venda da Petúnia—Companhia Mercantil.

— Mas por quê? O bloqueio não o afeta, Sebastiano. Eu sempre continuaria a defender os seus navios.

— Foi exatamente esse o motivo! Quis poupá-lo de um conflito de interesses.

— Ah... acho que começa a me amar, "irmãozinho". Inesperadamente, Napoleão mudou de assunto e seu olhar já melancólico entristeceu-se mais.

— Fui forçado a divorciar-me, Sebastiano! Você não imagina como ainda sofro com esse ato bárbaro. Eu me sinto um assassino! — Lágrimas corriam pelo rosto de Napoleão. — Mas um imperador precisa de herdeiros... Ah, a minha família ficou feliz, eles sempre odiaram Josephine!

Sebastian compreendeu por que fora chamado. Napoleão estava desesperado e só poderia confiar suas tristezas ao meio-irmão que nunca o criticara em relação à esposa.

— Todos fingem que se compadecem de minha agonia e tentam me convencer da sensatez dessa decisão. "Está apenas cumprindo seu dever com seus súditos, Nabu!" Eu sei que não havia nenhuma outra escolha, mas, aqui no fundo... — Ele bateu no peito, com os punhos cerrados. — Sabe o que é amar uma mulher até a loucura, Sebastiano? Sentir-se tão preso a ela que o fato de magoá-la acaba também com seu coração? Que não tê-la mais significa perder também a si mesmo? E admitir que é preciso tirá-la de sua vida?

Segurando o braço de Napoleão, Sebastian tentou transmitir-lhe sua compaixão.

— Eu sei, Nabu. Sei exatamente o que você está sofrendo agora...

Após uma hora de travessia, as luzes do porto surgiram no horizonte. Arriando as velas, Sebastian remou até uma praia, a leste do Portoferraio, onde esperaria até o amanhecer para então entrar na baía.

Às oito da manhã, ele foi recebido por um cortês oficial portuário que o conduziu a uma charrete. Ladeado por dois guardas, usando o uniforme ainda com a águia de duas cabeças, a insígnia imperial, foi levado até uma mansão no alto da colina, a antiga residência do governador e agora o "palácio" de imperador de Elba.

Napoleão estava em seu escritório, uma sala grande e desprovida de enfeites, examinando algumas plantas abertas sobre sua mesa. Apesar de mais gordo, a pele, embora sem rugas, era de uma palidez doentia.

— Que diabos! — Endireitando as costas com dificuldade, ele não escondeu a alegria ao reconhecer o recém-chegado. — Onde encontraram esse marinheiro mal-encarado? Coloque esses sacos imundos no chão e venha abraçar-me, Sebastian. Não precisa agarrar-se a eles como um refugiado com medo de ser roubado. Perdi um império, não meus amigos leais ou meus fiéis criados.

Sebastian olhou ao seu redor. Parados junto à mesa estavam dois civis, à porta continuaram os guardas que o haviam conduzido até ali, e um criado permanecia perto da janela.

— Sinto muito. A minha bagagem contém documentos confidenciais e só o imperador tem direito de vê-los.

Falando com a costumeira rapidez, Napoleão deu ordens para que todos saíssem da sala.

— Signor Manza e signor Lorico, voltem só amanhã, sim? Vou estudar seus projetos para as melhorias no porto e depois lhes darei a minha resposta. Os guardas estão dispensados e você, Paolo, vá buscar um bom café da manhã para este homem que tem aparência de faminto! — Napoleão sorriu para o velho criado. — Também mande

preparar um banho e avise meu barbeiro que ele terá mais uma barba a fazer além da minha.

Quando finalmente ficaram sozinhos, Sebastian colocou os sacos de lona ao lado de Napoleão, que o fitava com um olhar interrogativo.

— São cinquenta mil libras... em ouro.

— Mas... equivalem a doze milhões de francos! — A voz de Napoleão, baixa e hesitante, revelava seu estado de choque. — Veio para... emprestar-me essa fortuna? É impossível, jamais poderei pagá-lo. Não estou na miséria e você ficará sem um centavo se eu aceitar essa oferta excessivamente generosa!

— Não se trata de um empréstimo, é um presente. Nunca pude lhe dar nada, portanto não me tire esse prazer, Nabu. Juro que não me fará falta.

Napoleão virou-se de costas para o irmão e só voltou a fitá-lo alguns minutos depois, com a fisionomia ainda desfigurada pela emoção.

— Quatrocentos de meus guardas renunciaram a tudo para me acompanhar. Hortênsia deu-me seu colar de brilhantes, mamãe suas economias e você... Dio! Não sabe como seu gesto me comove.

— É apenas dinheiro, Nabu. Infelizmente, foi tudo que consegui reunir em poucos dias, porque, se houvesse mais tempo...

— Por favor, não diga mais nada, Sebastião. Jamais me esquecerei de seu gesto, irmão. Jamais! E aceitarei seu presente para honrar a memória de Josephine.

Sebastian encarou o irmão, procurando algum sinal de que a mente sempre lúcida estivesse sendo afetada pelo exílio. Napoleão pretendia erguer algum monumento extravagante para imortalizar a mulher que tanto amara? Então lembrou-se do célebre Alexandre, o Grande, que construíra uma cidade em memória de seu cavalo, Bucéfalo. Quem ignora que os grandes homens tem mentes complexas demais? Não cabia a ele julgar os caprichos de um gênio.

— O dinheiro é seu, Nabu. Use-o como desejar.

— Vou pagar as dívidas de Josephine.

— Dívidas? — Sebastian não escondeu seu espanto. — Só a renda de Malmaison seria mais do que suficiente para sustentá-la com luxo! Além disso, você lhe dava três milhões de francos por ano.

— Josephine gastava quatro e os avisos começaram a chegar este verão. Acho que descobriram onde me encontrar e todos querem receber. Ela não pagou dezenas de costureiras, floristas, joalheiros, comerciantes de objetos de arte, donos de bufes que contratava para festas luxuosas e algumas quantias, infelizmente muito altas, que emprestou de amigos pessoais.

— E um absurdo! Você tem de ignorar essas dívidas, Nabu! Está exilado, sem recursos... não podem obrigá-lo!

— Provavelmente, não. Entretanto, quero que os parisienses se lembrem dela com afeição. Paris amou Josephine à primeira vista e a chamavam de "a nossa dama das vitórias". Nunca simpatizaram com Marie-Louise... na verdade detestaram a nova imperatriz!

O criado trazendo o desjejum interrompeu a conversa. As bandejas foram colocadas em uma mesa junto à janela e, enquanto Sebastian comia, Napoleão olhava na direção do porto, invisível sob a chuva forte que começara a cair.

— A minha adorada Josephine só tinha dois defeitos. — A voz dele refletia uma intensa nostalgia. — Não conseguia gastar apenas o que possuía e não podia manter-se casta se eu me afastasse por mais de um mês. Céus! Como brigávamos por causa desses dois problemas! O meu defeito talvez fosse não resistir às lágrimas e sempre a perdoava. Também sempre honrei as dívidas que ela assumia.

Com um brilho de lágrimas nos olhos tristes, ele serviu-se de café e voltou a fitar a chuva que envolvia a ilha como uma cortina cinzenta.

— Nosso casamento durou catorze anos e eu me arrependi de muitas decisões e atitudes que tomei durante minha vida. Não é possível construir um império sem cometer erros e lamentá-los depois, concorda? Mas, se eu for obrigado a ficar pelo resto dos meus dias neste inferno, a lembrança dos anos ao lado de Josephine estará comigo, um tesouro de experiências preciosas que guardo no coração.

Com um sorriso melancólico, Napoleão aproximou-se da mesa e passou a mão carinhosamente na cabeça de Sebastian.

— E você, "irmãozinho?" Que lembranças representam o seu tesouro?

Realmente... Que recordações preciosas ele guardaria para sempre em seu coração? Aquela pergunta permaneceu ecoando na mente de Sebastian durante a longa viagem de volta. Para responder, ele teria de avaliar, sem mentir a si mesmo, cada um dos acontecimentos de sua vida.

Lewis seria sempre um tesouro sem preço, o amor entre pai e filho, puro e jamais maculado por mentiras ou dissimulações.

Os raros momentos de convivência com Nabu também permaneceriam guardados em seu coração como o exemplo do amor fraternal, um elo tão forte que vinte anos de guerra entre seus países não conseguiram romper. E só com esse homem, o irmão descoberto tão tarde, Sebastian partilhara seu segredo mais tenebroso, sua tristeza mais intensa: a traição e a perda de Julie.

— Nunca abandone a luta, Sebastião — dissera Napoleão com eloquência na voz e nos gestos. — Se essa mulher está gravada a fogo em seu coração, continue tentando... sempre!

Como insistir se ela estremecia de repulsa ao vê-lo? Se ainda o considerava desprezível?

— Não aceite o não como resposta — diria Nabu. — Use todas as armas, tem de vencer.

O navio já estava subindo o rio Tamisa, e do convés Sebastian via a cidade se aproximando. Depois de tantos dias de concentração só pudera tirar uma conclusão: Nabu não entendia o significado da palavra derrota!

"Se eu for obrigado a ficar pelo resto da vida neste inferno..." Aquela frase sugeria que existiam outras possibilidades além do exílio?

Atravessando a eterna neblina envolvendo Londres, um raio de sol brilhou sobre as águas do rio. Com a mesma rapidez e clareza daquele breve momento de luz, Sebastian enxergou o mundo através dos olhos do irmão. Será que Nabu era o único a considerar a derrota apenas um estado de espírito?

## CAPÍTULO XXIV

A preciosa semente de esperança cresceu sob o sol cáldo do verão. Durante os longos dias de espera, Descobriu que não podia olhar para trás e lamentar seus erros ou perderia as forças. Ainda precisaria percorrer uma penosa caminhada, e cada passo

significaria que estava mais próxima do seu objetivo: a volta de Lewis acompanhado por Sebastian. Então a esperança floresceria ou morreria para sempre.

Diante do mundo, Julie Farroux continuava a ser a mesma mulher calma e responsável, dedicada a uma rotina familiar e inalterável. Ela administrava a propriedade, supervisionando os criados, ia a jantares, oferecia almoços, jogava cartas com os Percy, enfim, cumpria as obrigações que assumira. Em seu íntimo, porém, renascera a jovem romântica que contava os minutos até o final de agosto, sonhando com a felicidade de uma nova vida.

Então Lewis voltou a Pocket Hathaway e sem o pai pela primeira vez desde menino. Ele retornara desacompanhado porque Sebastian estava de partida para a Europa. Aquela alteração de um hábito jamais quebrado provocou em Julie uma reação devastadora. Despira-se de suas defesas durante o verão e o golpe a atingiu com uma intensidade brutal. Só um esforço sobre-humano permitiu-lhe despedir-se do filho sem demonstrar desespero.

— Só faltam treze semanas para o Natal, mamãe — disse Lewis, beijando-a entusiasmado. — E você irá ao colégio no dia de visita dos pais, não é?

— Lógico que sim! — Ela manteve o sorriso até a carruagem que levava o filho desaparecer a distância.

Então começaram os dias de solidão e Julie escondia-se em seu quarto para chorar pela morte da esperança insensata de uma reconciliação. Agora reconhecia a loucura que cometera ao se entregar de corpo e alma a uma fantasia romântica! Desprezara Sebastian durante doze anos, a duração da vida de seu filho, portanto não tinha direito sequer de supor que ele ainda se enternecesse com o amor da juventude distante. Também não podia esperar que seu arrependimento tardio o trouxesse de volta se não lhe escrevera nem mesmo uma carta. O medo da rejeição a impedia de revelar seus sentimentos e, se não criasse coragem para confessar a verdade, o passado devia ser definitivamente esquecido.

Julie já se convencera de que tinha perdido todas as oportunidades quando, um mês após a ida de Lewis para Eton, recebeu uma carta vinda de Londres. Sebastian decidira fazer algumas alterações em seu testamento e queria discutir com ela alguns detalhes referentes ao filho.

"Se não receber nenhuma comunicação avisando-me de que algum compromisso a impedirá de me receber, chegarei a Pocket Hathaway na quinta-feira às onze horas."

Aquela frase permaneceu na mente de Julie durante os três dias de ansiosa expectativa, ora renovando suas esperanças ora provocando-lhe uma profunda depressão. Na quarta-feira, ela passou o dia tentando recuperar a confiança em si mesma. Como Sebastian a veria agora? Ainda a acharia atraente?

Matthew Cullen a considerava uma mulher fascinante. Josephine lhe dissera que continuava tão jovem e bonita como se o tempo não tivesse passado. Até Anne-Marie confessara que ela não aparentava ter trinta e seis anos. No entanto, era essa a sua idade e devia estar madura o suficiente para contentar-se com a vida que escolhera. Por que essa ansiedade juvenil de ser considerada bonita e desejável pelo homem que rejeitara durante doze anos?

Infelizmente, as esperanças nutridas durante o verão haviam renascido e nenhum argumento racional tinha mais força do que os sonhos. Depois de horas de insônia, tentando encontrar as palavras certas para revelar a Sebastian que o perdoara, Julie desistiu de dormir naquela noite. A manhã começava a raiar quando ela se sentou à escrivaninha do quarto, disposta a se concentrar no diário, que, nos últimos meses, se transformara em um mero registro de fatos sem importância. A última folha escrita datava de cinco semanas, o dia da partida de Lewis para o colégio. Sem outra intenção além de distrair-se, ocupando seu tempo, pegou a caneta para colocar no papel a inquietação da espera.

"Vejo a minha cama desfeita, os lençóis amassados e os travesseiros caídos no chão, comprovando a angústia de uma noite de insônia. Não consegui dormir porque amanhã verei Sebastian, e sinto-me tão tola por perder o sono como uma adolescente romântica! Sei que estou transformando uma simples visita em um acontecimento de importância vital, mas... a minha felicidade depende desse encontro!

Coragem, Julie! Afinal, a vida já me colocou diante de situações mais trágicas e não me senti derrotada. Sobrevivi por mais de uma década longe de Sebastian e certamente não morrerei se tiver de passar o resto de minha vida sozinha e sem o amor dele. Escolhi o meu caminho e no entanto... quero fazer uma nova escolha, quero modificar o meu destino!"

Ao olhar as palavras que escrevera, levada por um impulso, Julie se acalmou. Agora compreendia que a decisão de escolher simbolizava a verdadeira mudança em seu íntimo. O resultado de seu encontro com Sebastian importava menos do que a certeza de ter superado uma fase de fuga da realidade. Com ele ou , sem ele recomeçaria a viver... Só que nunca amaria tanto nenhum outro homem.

Às onze em ponto, a criada avisou Julie, já impecavelmente vestida e penteada há mais de uma hora, que o sr. Ramlin acabara de chegar. Antes de entrar na sala, observou sem ser vista a figura alta e atraente parada junto à janela. Sebastian continuava tão sedutor quanto no passado e só os raros fios brancos nas têmporas indicavam a passagem do tempo. Pressentindo uma presença próxima, ele voltou-se para a porta.

— Desculpe-me, mas não ouvi seus passos. Agradeço-lhe por me receber.

— Por favor, sente-se.

Sem a presença de Lewis, os dois sentiam-se nitidamente embaraçados e com dificuldade para manter um diálogo.

— Lewis está se adaptando bem à escola?

— A julgar pelas cartas que me enviou, está adorando. E como foi sua viagem à Europa?

— Bastante agradável.

O silêncio, como uma terceira presença naquela sala, intervinha na conversa, provocando longos minutos de tensão durante os quais os dois tentavam agir com normalidade.

— E você, Julie? Está bem?

Ao entrar na sala, Julie só vira Sebastian a uma certa distância. Agora que estavam próximos, contemplava o rosto onde poucas linhas marcavam a pele sempre dourada. E, no entanto, algo mudara. Ele perdera o ar fascinante de corsário audacioso e seus traços revelava uma nobreza inexistente há doze anos. Sem dúvida, não estava diante do herói romântico por quem se apaixonara ou do sedutor irresistível que cometera uma traição imperdoável. Nem ela era a mesma jovem ingênua e pura; os dois tinham se transformado e a vida os separara irremediavelmente!

— Eu... eu estou bem. — Chocada com a certeza de que não existiria um futuro para eles, Julie olhou a sua volta, procurando urna pasta onde Sebastian tivesse colocado os documentos. — Trouxe os papéis sobre os quais queria conversar comigo?

— Não... — Desviando o olhar, Sebastian falou, quase murmurando: — Bryony. É sobre Bryony.

Julie soubera que, nos últimos sete anos, Sebastian tinha comprado grandes extensões de terra e sem dúvida Bryony já não significava nada diante de propriedades tão importantes e valiosas. Para ela, porém, a simples menção daquele nome mágico despertava lembranças da felicidade perdida.

— Julie? Você iria até lá comigo? — Descontrolado, ele levantou-se abruptamente. — Agora?

Talvez esse fosse o pedido mais doloroso de ser atendido, mas Julie não podia recusar. Algo indefinível a impelia a concordar e, sem fazer perguntas, apanhou o xale e

seguiu-o até a carruagem.

Outubro chegara trazendo a neblina espessa que cobria os campos mesmo durante o dia. No início, Julie sentiu que aquela cortina branca isolando-os do mundo tinha um efeito tranquilizante, mas, após alguns quilômetros percorridos em silêncio, a ansiedade voltou a atormentá-la.

— Por que precisamos ir até Bryony?

— Por favor, Julie... Não me peça para responder agora. Espere, falta tão pouco! Bryony foi escolhido para... Bem, significava muito para mim e só conseguirei falar sobre isso quando chegarmos lá, será mais fácil.

A viagem até Bryony duraria duas horas e Sebastian dirigiu a conversa para outros assuntos, falando das férias com Lewis e sobre a propriedade na Irlanda. Com o passar do tempo, Julie foi se convencendo de que ele procurara um pretexto para se aproximarem e mais uma vez suas esperanças renasceram.

Se ao menos a coragem também retornasse! Ela queria dizer-lhe que já o perdoara e, embora tivesse lutado desesperadamente, nunca deixara de amá-lo. As palavras chegavam a seus lábios e, então o medo da rejeição a impedia de pronunciá-la. Só agora percebia a dificuldade de ultrapassar a barreira que em suas fantasias de verão acreditara ser tão simples de superar.

Ao se aproximarem de Bryony, a neblina tinha aumentado tanto que a casa sobre a suave colina não passava de uma sombra indistinta. Só ao entrarem, Julie sentiu-se de volta ao único lugar em que realmente fora feliz. Recordando com nostalgia cada detalhe, ela seguiu Sebastian, que não se deteve até chegarem à saleta onde sempre tomavam o café da manhã.

A sala íntima, testemunha de manhãs indolentes sem horários ou compromissos, fazia as recordações retornarem com uma intensidade dolorosa.

Só depois de acender a lareira e esperar que a criada lhes trouxesse café, Sebastian sentou-se à mesa em frente de Julie.

— Eu... eu acho difícil começar, mas... bem, por vários motivos, este ano foi um marco que me obrigou a repensar todos os momentos de minha vida e em tantos anos passados sem rumo...

A hesitação de Sebastian quase levou Julie, mais uma vez, a confessar-lhe seus sentimentos. Inexplicavelmente algo na fisionomia dele a impedia de interferir.

— Eu merecia ser punido, por isso não vou nem discutir esse ponto. Preparei e caí em uma armadilha ao me apaixonar pela mulher que concordei em usar.

Com o olhar perdido na distância, Sebastian falava como se estivesse contando uma história irreal, criada apenas por sua imaginação. Julie teve a impressão de que ele decorara aquelas frases, porque também passara semanas procurando as palavras certas, imaginando as situações ideais para se declarar.

— No início, acreditei que fosse uma paixão passageira. Então, com o tempo, o amor aumentava em vez de diminuir e era um sentimento marcado pela minha traição. Como eu desejava que não existissem mais mentiras e vergonha! Sonhava em revelar a verdade, devolvendo a pureza a uma união destinada a durar para sempre. E, no entanto, adiava o momento da confissão por medo de perdê-la. Havia o perigo de ser desprezado por você, o medo da vingança de seu marido, poderoso o suficiente para conseguir que nunca mais nos víssemos e também para me arruinar.

Sebastian olhava a sua frente, sem ver Julie, revivendo novamente os dias de sofrimento e angústia.

— Por medo, calei-me e vivi atormentado por meu segredo durante quatro anos. Só suportava o peso da culpa porque o sentimento que existia entre nós significava o meu tesouro mais precioso e não podia pensar em perdê-lo. Às vezes, eu tentava convencer-me de que você jamais precisaria saber. Seu marido, velho demais, morreria muito em breve, e então ficaríamos livres. Outras vezes acreditava que Farroux havia feito um trato

com o diabo e conseguira a cobiçada imortalidade. A minha vida se transformou em raros e breves momentos de luz e felicidade em uma longa noite de trevas angustiantes.

Seguindo o olhar de Sebastian, que se fixara na janela, Julie só enxergou a neblina. Então, atrás da densa cortina de névoa, ela viu os prados verdes, as flores silvestres e as maçãs que pendiam das árvores. Por toda parte a natureza retratava a fecundidade do verão... como seu corpo preparava-se também para frutificar.

— Bryony simbolizava a esperança para mim. Aqui eu construí o mundo que receberia minha amada, a casa onde partilharíamos nosso amor infinito e algum dia seria nosso lar. Quando não suportei mais a obrigação torturante de mentir e dissimular, enganei o marido dela, convencendo-o de que o acordo não se concluiria na França. Disse-lhe que na Inglaterra haveria paz e privacidade e só se conceberia um filho num ambiente sereno e sem medos. Seria minha última mentira... porque, então, rodeando-a de amor, poderia contar-lhe a verdade. Revelaria minha difícil situação financeira, o encontro com o pai dela...

— Meu pai? — Empalidecendo, Julie o interrompeu. — Você sabia que ele estava vivo?

— Sim, é claro. Eu contaria todos os detalhes junto com meu amor e você compreenderia. — Envolvido demais em suas recordações, Sebastian não notou o choque de Julie. — Então você me perdoaria e...

— Pare, por favor! Não continue...

— Aqui fomos mais felizes do que é possível para os seres humanos. — Ele nem ouviu a interrupção angustiada de Julie. — Eu esperava o momento certo, sempre com o terror de ver a paixão no rosto amado se transformar em repulsa, revolta e decepção. Deixei os dias dourados correrem, ávido por usufruir cada instante de amor até... até a noite em que contou-me sobre o nosso filho. Havia chegado a hora mais temida e, surpreendentemente, perdi o medo e comecei a falar.

Agora Sebastian fitava Julie com firmeza, vendo-a realmente diante dele.

— Você sabe o que aconteceu. Eu ia contar-lhe tudo, estava começando quando Jared chegou com a notícia de Domenico. Se nada houvesse me interrompido... teria me perdoado naquela época?

Ela sentia-se chocada demais para responder. Sebastian soubera, desde o primeiro dia daquele relacionamento, que seu pai estava vivo. Depois de todo o esforço durante o verão para separá-lo dos homens que a haviam usado sem escrúpulos, ele mesmo se condenava a voltar para o inferno onde Julie colocara os outros. Ao ouvi-lo recomendar, estremeceu de medo.

— Domenico morreu antes de sua volta para a França, mas só recebi sua carta muito tarde... tarde demais para mim. Sabia que Guillaume me destruiria, e senti a dor de quem morre em vida. Escrevi-lhe, implorando o perdão. Quando você correu para os meus braços, chorando, acreditei que seu amor tinha sido forte o suficiente e... então percebi que as minhas súplicas não tinham chegado às suas mãos. Tentei repetir as palavras que custei tanto a encontrar e... fui pouco hábil, desajeitado, para convencê-la.

Aquela traição já fora perdoada, pois Julie passara todo o verão preparando-se para reconciliar-se com Sebastian. Só que, agora, havia mais uma traição...

— Sabia que meu pai estava vivo e morando em Londres?

— É lógico! Foi ele que desencadeou esse maldito acordo... — Angustiado, Sebastian cerrou os punhos. — Não! Não posso culpar ninguém além de mim mesmo. Nem seu pai, nem Guillaume.

Levantando-se da mesa, ele começou a andar pela sala, dominado por uma tensão incontrolável.

— Queria saber por que eu a trouxe até aqui, não é? Bryony significava a esperança, e eu destruí minha última oportunidade justamente na casa que construí para partilhar com você. Então achei que seria o lugar ideal para redimir-me... porque não



deixei de amá-la, Julie. Já se passaram doze anos.. Pensei... Deus do céu! Vai desprezar-me pelo resto da vida? Só cometi erros...

— Você acertou também, Sebastian. Tem um filho maravilhoso e construiu sua fortuna. Graças a mim, concorda?

— Então... nunca acreditou mesmo! — Desesperado, Sebastian ajoelhou-se diante de Julie. — Por Deus, ouça-me com atenção! Guillaume nunca ajudou-me em nada. Foi Napoleão quem me protegeu porque somos parentes e muito próximos, mas eu só soube dessa ligação quando Domenico revelou-me a verdade sobre meus pais antes de morrer.

Julie cruzou os braços diante do peito para sufocar a angústia que crescia em seu íntimo.

— Parente de Napoleão? Seja mais claro, por favor.

— Pelo amor de Deus, Julie! Não posso contar, jurei guardar segredo! Você não consegue acreditar em mim sem que eu apresente fatos concretos?

Se ao menos ele não tivesse inventado uma história tão fantástica! Lutara para esquecer o passado, as traições e as mentiras, mas agora... como acreditar nesse absurdo? Seria capaz de usar sua força de vontade e dominar as suspeitas? O amor se baseia em confiança cega e, se não conseguisse aceitar a palavra de Sebastian, o perderia para sempre. Entretanto, estava tão insegura, com tanto medo de ser enganada mais uma vez!

— Eu senti que você estava prestes a me perdoar, Julie. Li em seus olhos quando entrou na sala e vi que ainda me ama. Sei que me ama! No entanto, aqui onde fomos tão felizes, seu olhar voltou a endurecer. Não posso acreditar que o segredo relacionado ao meu nascimento vá nos separar de novo! Volte a me olhar com amor, não deixe os sentimentos dessa manhã morrerem!

— Eu quero acreditar, Sebastian... mas...

Quando ele segurou-lhe as mãos, Julie sentiu que, através do contato, Sebastian tentava transmitir-lhe sua sinceridade. E, sem dúvida, entre tantos pecados cometidos, o mais grave seria sempre a incapacidade de perdoar! Mentiras ou verdades não tinham importância diante de um coração magnânimo, capaz de amar durante anos uma mulher dura e sem caridade. Talvez o parentesco existisse porque já não havia motivos para enganá-la. Só agora sabia como são abençoados por Deus os que acreditavam sem ver!

— Eu... eu vou acreditar em você — declarou Julie, forçando-se a afastar as dúvidas. — Quero acreditar, por isso conseguirei.

— E também... quer ser minha esposa?

— Ah, Sebastian, não há nada que eu deseje tanto!

Nunca o abraço foi tão terno, o contato de seus lábios tão doce. O sofrimento da separação transformava aquele momento em um milagre.

— Eu gostaria de amá-la agora, no nosso quarto, mas desta vez, começaremos pelo primeiro passo! Em duas semanas conseguiremos uma licença especial e eu quero um casamento de verdade, bonito e com música, flores... — O olhar de Sebastian voltava a ter o brilho do corsário ousado e amante de aventuras.

— Enquanto esperamos, precisaremos ir ao colégio contar tudo a Lewis! O que pretende fazer com Pocket Hathaway? Vender ou... céus! Você não tem uma grinalda! Será que minha mãe... não! Não posso envolver ninguém. Oh, Julie! Vou levá-la para sua casa e depois tratarei desses detalhes.

Colocando os dedos sobre os lábios de Sebastian, Julie sorriu. Seu olhar também voltava a ser o da jovem romântica e apaixonada que o via como o herói de seus sonhos.

— Pare de falar, querido. Nós perdemos tanto tempo, passamos anos separados e eu não quero desperdiçar nem mais um minuto ouvindo você decidir detalhes sem a menor importância. Eu me casarei com ou sem música, de grinalda, véu ou talvez uma coroa de flores silvestres, as minhas prediletas. Mas a minha casa não é Pocket Hathaway, nem nunca foi, porque... o único lugar em toda minha vida, que me pertenceu,

o meu verdadeiro lar... é Bryony. Portanto, já estou em casa, amor!

## CAPÍTULO XXV

### Plymouth Agosto de 1815

O desejo de recuperar os anos perdidos de felicidade alterou os planos de Sebastian. A noite da reconciliação foi a primeira a ser novamente partilhada, e Julie recusou-se a obedecer as regras sociais esperando pelo dia do casamento. O resultado, infinitamente precioso, foi Emily Juliette Ramlin!

O sonho de Sebastian, uma filha delicada e bela como a mãe, completara quatro semanas, e foi o motivo da primeira, separação entre os dois apaixonados desde o outubro do reencontro, há um ano. Ele precisava ir a Plymouth, e o médico não permitira que Julie fizesse essa viagem cansativa.

— Juro que voltarei antes do fim da semana — prometeu ele. — E na próxima vez que eu sair de Bryony, você irá comigo, mas para um lugar de acesso mais fácil com estradas mais suaves. Talvez...

Distraindo Julie com planos para futuros passeios, Sebastian evitou mencionar o motivo de sua viagem. Como ela não poderia ver por si mesma, não lhe contou que ia ao encontro do irmão, com medo de destruir o fino verniz de confiança ainda frágil demais.

Em toda a Europa, o navio mais importante do momento era o Bellerophon, porque a bordo estava Napoleão Bonaparte! Duas fragatas flanqueavam a imensa embarcação, como sentinelas. O capitão Maitland, que conhecia Sebastian há vinte anos, permitiu a visita solicitada pelo imperador.

— Eu vivi em Sommerset, bem perto daqui — disse Sebastian, enquanto os guardas se mantinham ao lado dele e de Napoleão no convés.

— Domenico deve ter sido um homem excepcional.

Os dois olhavam para o mar, angustiados demais para se fitarem. Era mais fácil ver a paisagem do que a dor, falar do passado a encarar a dura realidade dos últimos anos.

Nabu fugira da ilha de Elba em fevereiro e navegara para a França, acompanhado por seu pequeno grupo de amigos leais. Ele surpreendera o mundo ao iniciar a conquista pelo sul e retomar Paris e todo o país sem disparar um único tiro. Luís XVIII fugira na calada da noite, deixando as Tulherias ao homem que devolvera ao antigo palácio a glória de abrigar imperadores.

Todos sabiam que a situação não poderia durar, seria impossível vencer o mundo inteiro! Mas Napoleão sempre se orgulhara de enfrentar desafios irrealizáveis e, durante cem dias, a Europa permaneceu em choque à espera de um milagre. Sem dúvida aquele homem fizera um pacto com o diabo! Velhas histórias voltavam a ocupar as primeiras páginas dos jornais. O cardeal que negociara o acordo precisara usar óculos de lentes escuras para suportar o brilho fulminante dos olhos de Bonaparte! O duque de Wellington afirmara que a presença do general em um campo de batalha significava um reforço equivalente a quarenta mil soldados!

Sebastian não acreditava em demônios e sabia através de Letizia que seu irmão não estava nem mesmo com boa saúde; a úlcera no estômago e pedras nos rins provocavam-

lhe dores violentas.

"Ele jamais admite o sofrimento, mas, desde Moscou, mal suporta as dores", escrevera ela, desesperada. "Está sempre tomando remédios fortíssimos!"

A alegria causada pelo nascimento da filha fora marcada pela profunda tristeza que Sebastian sentia diante do sofrimento do irmão e por não dividir com Julie sua herança familiar da qual sempre se orgulharia.

Durante os "Cem Dias", ele se policiara para não mencionar o nome que o mundo todo comentava. Reconhecia o ponto frágil de seu casamento, o perigo que ameaçava destruir sua felicidade: despertar as suspeitas de Julie, perder a confiança da única mulher que amara na vida. Criando uma barreira intransponível ao redor de seu lar, isolara-se das influências externas para recrear sua nova vida com o desvelo de quem cuida de um frágil botão de rosa sem forças para sobreviver às agressões da natureza.

Após a derrota de Napoleão em Waterloo, sentira alívio e tristeza. Seu irmão almejava o impossível e, embora tivesse defeitos, também não possuía poderes sobrenaturais. Tratava-se apenas de um homem que esgotara as forças, as esperanças e seus homens... e agora só lhe restava a coragem.

Erguendo a cabeça, Nabu fitou o irmão com o costumeiro olhar desafiante e ousado.

— Bem... eu tentei! Sofro e lamento os filhos da França que morreram lutando por uma vida melhor, mas não foi um sacrifício inútil. Alguns de meus atos sobreviverão por décadas, talvez séculos depois da minha morte. Espero que se lembrem de mim por ter lhes dado a igualdade entre os homens, leis justas, prosperidade e progresso... ou pelo menos por alguns detalhes de beleza arquitetônica como a Rue-de La Paix.

A resignação de Napoleão provocou uma angústia tão intensa em Sebastian que ele foi obrigado a desviar os olhos do irmão. Em torno do Bellerophon havia inúmeras embarcações, de todos os tamanhos, manejadas pelos curiosos que queriam ver o famoso "Boney". Durante anos, aquele nome aterrorizava as crianças inglesas e amedrontava os adultos.

Agora podiam olhá-lo em segurança como um animal preso em sua jaula. Passavam dias ancorados, à espera da hora em que o "maldito" Bonaparte surgia no convés para fazer sua caminhada diária. Os rostos enraivecidos, binóculos e gritos transformavam a cena em um pesadelo grotesco!

— Vamos para meu camarote, Sebastian. Não quero que sua última lembrança seja a do irmão no picadeiro de um circo, olhado como uma atração ridícula!

Enquanto o acompanhava, Sebastian sentiu que Nabu se despedia dele. Mas não seria possível! Ainda o veria antes da partida!

— Gostaria de tomar um chá? Posso pedir ao grumete que fica de plantão em frente a minha porta. — Napoleão ainda tinha ânimo para zombar de sua própria sorte. — A tripulação tem demonstrado uma cortesia... britânica!

O camarote, embora amplo, era tão quente que, mesmo depois de tirar o casaco, Sebastian continuava suando, e a ideia de um chá o arrepiava.

— Não, obrigado. Eu sempre detestei chá, apesar de ter passando a maior parte de minha vida na Inglaterra.

— Pois eu acho um hábito extremamente civilizado. Aliás, entreguei-me aos ingleses porque, apesar de serem os meus inimigos mais ferrenhos, também sempre foram os mais cavalheirescos! Espero que me enviem a algum lugar não muito terrível, onde eu me sinta bem e possa escrever minhas memórias... antes de morrer, é claro!

Diante do evidente espanto de Sebastian, Nabu deu um sorriso, ao mesmo tempo embaraçado e malicioso.

— Não sabia que meu sonho era ser um escritor? Meu pai enviou-me à academia militar da França porque era gratuita. Eu tinha apenas dez anos, nunca tinha me afastado do lar e muito menos da Córsega. As primeiras palavras que aprendi em francês foram "eu quero ir para casa!" — Então seus olhos brilharam novamente. — E não me saí tão

mal assim na vida de soldado, concorda comigo?

Abismado, Sebastian conscientizou-se de que o irmão ainda não se considerava derrotado. O brilho de aço em seus olhos demonstrava a vontade ainda patente de lutar e, se pusesse as mãos em um navio qualquer, reunisse meia dúzia de homens leais e dispostos a segui-lo, logo teria um exército, e o mundo novamente seria surpreendido! Algum dia Nabu admitiria o fracasso?

— Se eu possuísse um milésimo de sua persistência, teria... — Sebastian calou-se, sofrendo pelos anos perdidos por julgar-se vencido.

— Teria feito o quê, Sebastião? Criado coragem para enfrentar a viúva Farroux e convencê-la a casar-se com você?

— Nós estamos casados desde outubro do ano passado, Nabu.

— Finalmente! Parabéns, Sebastião caro! — Ele segurou as mãos do irmão e o fitou atentamente. — O que houve? O casamento não está sendo maravilhoso como você sonhava?

— Não... creio que quem se decepcionou foi ela, Nabu. Talvez nunca consiga recuperar a confiança em mim depois de tudo o que fiz. Julie sempre nega, mas ainda pensa que Farroux me protegeu durante os anos de bloqueio e que por isso fiquei rico.

— Farroux? Aquele burocrata insignificante? Ora! Um advogado malandro que sempre se gabou de possuir influências além de seu alcance? Aquela raposa velha o enganou com conversa fiada, Sebastião. Não contou a ela que nós somos irmãos e eu sempre protejo meus familiares?

— Jurei a você que nunca diria nada a ninguém, lembra-se?

— Realmente, tinha me esquecido que exigi essa promessa em nosso primeiro encontro. — Napoleão suspirou, preocupado. — Mamãe está com sessenta e seis anos. Acha que algo a magoará depois... disse?

— Eu disse a Julie que tínhamos um parentesco distante. Se lhe revelasse que somos irmãos... por que iria acreditar em mim? Esqueça-se desse assunto, Nabu. Não pretendo mencioná-lo mais, basta estar com ela depois de tantos anos de sofrimento.

— E por que esperou tanto tempo?

— Não estava mais esperando, já tinha desistido até de pensar no assunto. Se não fosse a visita que lhe fiz na ilha de Elba, não tentaria de novo. Somos diferentes, Nabu. Eu geralmente sei quando fui derrotado.

— É estranho... — Ele franziu a testa, perplexo. — A derrota é um conceito abstrato, uma ideia que não consigo compreender completamente. Como se pode saber? — Com movimentos deliberadamente lentos, Napoleão encheu um copo de água. Sua expressão revelava uma intensa concentração. — Quero dar-lhe um presente que faça você nunca mais esquecer-se de mim, Sebastião. A confiança total de sua esposa. Traga-a até aqui e ela ouvirá a verdade dos meus lábios. Acho que assim não haverá mais lugar para dúvidas.

— Mas... ela está a cerca de cem quilômetros daqui e recuperando-se de... bem, temos uma filhinha de um mês.

— Mais uma vez, parabéns, "irmãozinho". — Ele sorriu ao perceber a felicidade de Sebastian ao contar-lhe aquela notícia. — Fico contente por você porque está recuperando o tempo perdido! Espere, deixe-me pensar em um modo mais fácil! O príncipe regente ainda não decidiu como se livrar de mim, colocando-me em uma situação sem saída... o que será bem difícil, concorda? Amanhã à noite, este navio partirá para Portsmouth, onde ficará até sua alteza chegar a uma conclusão sobre o meu destino. Quantos dias precisa para voltar até sua casa e levá-la até onde eu estarei?

— Três dias, no máximo... Talvez dois, se eu partir imediatamente.

— E ela terá condições de fazer a viagem até Portsmouth?

— Sem dúvida. É perto de Bryony e nós estaremos lá a sua espera. Fique com Deus e até breve, Nabu.

Ao aproximar-se da casa, que abrigava sua nova filha, Sebastian viu Julie colhendo rosas no jardim. Aquela visão, tão semelhante a de seus sonhos, provocou-lhe uma onda de pânico. Seria mesmo verdade ou logo despertaria para uma realidade amarga?

O abraço amoroso da esposa acalmou seus temores e restaurou-lhe o ânimo após a exaustiva viagem feita sem interrupções, a não ser para trocar o cavalo.

— Já pode cuidar do jardim? O médico...

— O médico não sabe como estou me sentindo, querido. Nunca fui tão feliz nem tão cheia de vigor em toda a minha vida. Você voltou, Emily deu seu primeiro sorriso e Lewis chegará no fim de semana trazendo um amigo.

Os dois caminharam sem pressa para casa. Julie contava os detalhes dos dias de sua ausência enquanto se dirigiam para o quarto de Emily. Só depois de ver a filha, Sebastian criou coragem para tocar no assunto.

— Sentiu minha falta, querida?

— Quase morri de saudade! Nunca mais irá me deixar sozinha, não é?

— Eu disse que a próxima viagem seria... para onde mesmo?

— Você não disse nada, Sebastian! Tem algum plano imediato?

— Bem... Será que você não vai enjoar se eu lhe pedir para entrar em um navio ancorado?

— Que tolice! É claro que não! Eu só enjoiei...

— Julie... — ele a interrompeu, com uma expressão grave. — O Bellerophon está se dirigindo para Portsmouth e Napoleão gostaria que você o visitasse.

— Ah! — O rosto de Julie perdeu a alegria. — Então foi por isso que precisou viajar? Eu irei, embora ache desnecessário tanto mistério. Por que não me disse que ia vê-lo?

— Fiquei com medo de destruir sua confiança em mim... que ainda não é completa. Mas agora será, eu juro! Partiremos amanhã cedo e, antes do meio-dia, ele lhe revelará toda a verdade. Então, você nunca mais duvidará do que lhe contei. O próprio Napoleão provará que não sou um mentiroso inveterado.

— Por favor, nunca mais diga isso, Sebastian. — Ela tocou-lhe o rosto com meiguice. — Eu te amo exatamente do jeito que é, querido. Não aceitei ser sua esposa e viver toda a minha vida a seu lado? Já não importa mais...

Para Sebastian, a confiança total de Julie ainda significava um objetivo sem o qual não seria completamente feliz.

Nos olhos dela, a resignação e uma tristeza velada demonstravam a existência da última barreira a ser transposta. E, na manhã seguinte, a verdade seria finalmente revelada pelo único homem que poderia fazê-lo.

A angústia impediu Sebastian de tocar naquele assunto durante toda a viagem. Só quando chegaram ao porto e ele viu o Bellerophon ancorado, agarrou a mão de Julie e começou a prepará-la para a revelação agora próxima demais.

— Não é um parentesco distante como lhe disse, querida. Infelizmente, eu jurei manter o segredo por tratar-se de um laço muito próximo. Se soubesse como eu desejava partilhá-lo com você!

Disfarçando as dúvidas, Julie tentou sorrir. Essas histórias misteriosas, com juramentos secretos, lhe despertavam uma profunda incredulidade. Mas, se não fosse verdade, Sebastian não a obrigaria a fazer aquela viagem. Precisava confiar nele!

— Antes de encontrá-lo, quero lhe dizer... que realmente acredito em você, Sebastian.

Enquanto afirmava sua confiança no marido, Julie sentiu que o último vestígio de suspeita se desfazia em seu coração. O veneno que se infiltrara em seu sangue e provocara tanta mágoa finalmente fora eliminado, e ela estava livre, como se as águas claras da chuva tivessem lavado sua alma, levando consigo uma doença maligna.

Sebastian mal a ouvia, concentrado no navio e puxando-a pela mão, com pressa de aproximar-se de um marujo que se mantinha a postos diante da prancha de embarque.

— Por favor, avise o capitão Maitland que tenho permissão para entrar no navio. — Ele entregou uma ordem ao marinheiro. — Só preciso de autorização para levar mais uma pessoa até o camarote do imperador para uma entrevista particular.

— Sinto muito, senhor — o marujo devolveu-lhe a ordem. — O capitão Maitland está em licença especial e o imperador também não se encontra a bordo deste navio. Ontem ele foi transferido para o Northumberland. Olhe!

O marinheiro apontou para a fragata majestosa que se movia lentamente em direção ao mar aberto.

— Santa Helena... É para lá que o levam.

Julie sentiu a mão de Sebastian apertar a sua com violência. O Northumberland já estava com as velas enfunadas e recebendo o vento forte que o conduziria para longe de Portsmouth.

— Não pode ser! Estão partindo agora? E para o Atlântico Sul?

— Exatamente, senhor. — O marinheiro não escondia seu ar triunfante. — "Boney" foi exilado pelo resto de sua vida.

Praticamente arrastando Julie, Sebastian correu pelo cais até encontrar um espaço entre os barcos imensos, de onde pudesse ver o navio que se afastava.

— Nós não nos despedimos...

A voz de Sebastian, chocada e trêmula, comoveu Julie. Desviando o olhar do navio que logo desapareceria a distância, fitou o marido e assustou-se. Ele demonstrava um desespero intenso, como se também estivesse sendo exilado, sofrendo por perder tudo o que amava. Nada, nem as palavras de Napoleão, seriam mais eloquentes do que aquela expressão de profundo sofrimento.

— Você deve tê-lo amado muito, querido.

— Ele é meu irmão... meio-irmão, realmente. Tínhamos a mesma mãe e pais diferentes.

Já sem lugar para dúvidas, Julie sentiu o impacto da tortura que Sebastian devia ter sofrido durante tantos anos. Se ela se angustiara, nos períodos de guerra entre os dois países, por ser franco-inglesa, compreendia agora a angústia do marido. Dividido pela lealdade à Inglaterra e o amor pelo irmão, além do peso trágico de manter um segredo de tanta magnitude. Intuitivamente, assumiu a dor que o envolvia naquele momento.

— Ah, meu amor. — As lágrimas começaram a correr pelo rosto de Julie. — Sei como está se sentindo.

— Santa Helena... — murmurou ele, sem desviar os olhos do navio — a milhares de quilômetros de lugar nenhum...

Repentinamente, ele não suportou mais olhar para a prisão flutuante que levava seu irmão para o exílio e abraçou Julie, protegendo-a do vento forte. Talvez algum dia pudesse visitá-lo? Algo lhe dizia que nunca mais veria o irmão e a voz vinda do seu íntimo soava impiedosamente clara. Era o último adeus... Entretanto, aprendera com Nabu o significado dos laços familiares e também a verdade sobre o conceito de derrota.

— Vou levá-la para conhecer Letizia. — Ele apertou os braços de Julie como se temesse perdê-la. — Vou mostrar-lhe as cartas de Napoleão... não pretendo desistir! Você nunca mais terá motivos para não confiar em mim.

— Por favor, querido, não é preciso. Você jamais precisará provar nada, eu confio totalmente em sua honestidade.

Sebastian continuava chocado demais para ouvi-la.

— Santa Helena... vão acorrentá-lo a uma rocha perdida no meio do oceano Atlântico.

Com um gesto terno, Julie enxugou a lágrima solitária que corria pela face de Sebastian. Queria reconfortá-lo e só lhe ocorria impedir que olhasse para o navio. Tomando o rosto dele entre as mãos, forçou-o a fitá-la.

— Querido... é cruel demais. Não continue se torturando.

Então seus olhos se encontraram e Julie viu no olhar de Sebastian uma luz que o transfigurava. Ele sorria, despedindo-se do passado e regozijando-se com o futuro que a esposa lhe entregara ao demonstrar sua confiança sem reservas.

— Pois eles terão mesmo de acorrentá-lo, Julie, ou logo Nabu os surpreenderá novamente. O meu irmão jamais desiste, e luta até a morte pela realização de seus sonhos. Entre tantas verdades que aprendi a seu lado, essa talvez seja a mais importante. Eu já havia perdido as esperanças de conquistá-la e decidi não me considerar vencido...

O fervor de Sebastian surpreendeu Julie, e ele notou a expressão intrigada da esposa. Finalmente conduzindo-a de volta para a carruagem, sentiu-se livre para partilhar todos os momentos vividos ao lado de um grande homem. Mas essas conversas surgiram mais tarde, porque agora queria recuperar a unidade desfeita pelas mentiras do passado. Há treze anos um amor infinito os ligara, transformando-os em um único ser, e a traição os separara. Voltariam a se pertencer totalmente, sem barreiras.

Com o coração emudecido pela felicidade, Sebastian evitou transmitir um sentimento intenso demais em meras palavras. Estavam de volta ao lar e a um amor mais maduro, tão intenso quanto a paixão da juventude.

## **EPÍLOGO**

A fragata Northumberland, que zarpou de Portsmouth do dia 8 de agosto de 1815, só chegou em outubro a Santa Helena, a desolada ilha onde Napoleão morreu, seis anos após chegar ao exílio final. Os historiadores do passado sempre atribuíram sua morte a problemas de estômago, mas a moderna medicina legista levantou a suspeita de que ele tenha sido envenenado metodicamente com doses de arsênico, a cada dia maiores. Talvez seus captores não acreditassem que o incansável lutador houvesse finalmente aceito a derrota.

Letizia mudou-se para Roma e só morreu em 1836, depois de ter perdido quatro de seus filhos.

Sebastian e Julie, é claro, só viveram na imaginação da autora.

**FIM**